A Cidade e as Serras

Queirós, José Maria Eça de,
1845-1900

Release date: 2006-04-21
Source: Bebook

E□ DE QUEIROZ

A CIDADE E AS SERRAS

PORTO

LIVRARIA CHARDRON

De Lello & Irm□, editores

1901

Todos os direitos reservados

E□ DE QUEIROZ

A CIDADE E AS SERRAS

PORTO

LIVRARIA CHARDRON

De Lello & Irm□, editores

1901

Todos os direitos reservados

Pertence no Brazil o direito de propriedade d'esta obra ao cidad□ Francisco Alves, livreiro editor no Rio de Janeiro, que, para a garantia que lhe offerece a lei n.º 496 de 1 d'Agosto de 1898, fez o competente deposito na Bibliotheca nacional, segundo a determina□o do art. 13.º da mesma Lei.

Porto--Imprensa Moderna

[Figura de E□ de Queir□]

A CIDADE E AS SERRAS

Obras do mesmo auctor:

Revista de Portugal. 4 grossos volumes 12$000

As minas de Salom□. 1 volume $600

Os Maias. 2 grossos volumes 2$000

O crime do padre Amaro. Terceira edi□o inteiramente refundida, recomposta, e differente na f□ma e na ac□o da edi□o primitiva. 1 grosso volume 1$200

O primo Bazilio. Quarta edi□o. 1 grosso volume 1$000

A Reliquia. 1 grosso volume 1$000

O Mandarim. Quarta edi□o. 1 volume $500

Correspondencia de Fradique Mendes. l volume $600

A illustre casa de Ramires. l volume l$000

A CIDADE E AS SERRAS

I

O meu amigo Jacintho nasceu n'um palacio, com cento e nove contos de renda em terras de semeadura, de vinhedo, de corti□ e d'olival.

No Alemtejo, pela Extremadura, atravez das duas Beiras, densas sebes ondulando por collina e valle, muros altos de boa pedra, ribeiras, estradas, delimitavam os campos d'esta velha familia agricola que j□entulhava gr□ e plantava cepa em tempos d'el-rei D. Diniz. A sua quinta e casa senhorial de Tormes, no Baixo Douro, cobriam uma serra. Entre o Tua e o Tinhela, por cinco fartas legoas, todo o torr□ lhe pagava f□o. E cerrados pinheiraes seus negrejavam desde Arga at□ao mar d'Ancora. Mas o palacio onde Jacintho nasc□a, e onde sempre habit□a,

era em Paris, nos Campos Elyseos, n.º 202.

Seu av□ aquelle gordissimo e riquissimo Jacintho a quem chamavam em Lisboa o _D. Gali□_, descendo uma tarde pela travessa da Trabuqueta, rente d'um muro de quintal que uma parreira toldava, escorregou n'uma casca de laranja e desabou no lagedo. Da portinha da horta sahia n'esse momento um homem moreno, escanhoado, de grosso casaco de baet□ verde e botas altas de picador, que, galhofando e com uma for□ facil, levantou o enorme Jacintho--at□lhe apanhou a bengala de cast□ d'ouro que rol□a para o lixo. Depois, demorando n'elle os olhos pestanudos e pretos:

--Oh Jacintho Gali□, que andas tu aqui, a estas horas, a rebolar pelas pedras?

E Jacintho, aturdido e deslumbrado, reconheceu o snr. Infante D. Miguel!

Desde essa tarde amou aquelle bom Infante como nunca am□a, apesar de t□ guloso, o seu ventre, e apesar de t□ devoto o seu Deus! Na sala nobre da sua casa (□Pampulha) pendurou sobre os damascos o retrato do □seu Salvador□, enfeitado de palmitos como um retabulo, e por baixo a bengala que as magnanimas m□s reaes tinham erguido do lixo. Emquanto o adoravel, desejado Infante penou no desterro de Vienna, o barrigudo senhor corria, sacudido na sua sege amarella, do botequim do Z□Maria em Belem □botica do Placido nos Algibebes, a gemer as saudades do _anginho_, a tramar o regresso do _anginho_. No dia, entre todos bemdito, em que a _Perola_ appareceu □barra com o Messias, engrinaldou a Pampulha, ergueu no

Caneiro um monumento de papel□ e lona onde D. Miguel, tornado S. Miguel, branco, d'aureola e azas de Archanjo, furava de cima do seu corcel d'Alter o Drag□ do Liberalismo, que se estorcia vomitando a Carta. Durante a guerra com o □outro, com o pedreiro livre□ mandava recoveiros a Santo Thyrso, a S. Gens, levar ao Rei fiambres, caixas de d□e, garrafas do seu vinho de Tarrafal, e bolsas de retroz atochadas de pe□s que elle ensaboava para lhes avivar o ouro. E quando soube que o snr. D. Miguel, com dois velhos bahus amarrados sobre um macho, tom□a o caminho de Sines e do final desterro--Jacintho _Gali□_ correu pela casa, fechou todas as janellas como n'um luto, berrando furiosamente:

--Tambem c□n□ fico! tambem c□n□ fico!

N□, n□ queria ficar na terra perversa

d'onde partia, esbulhado e escorra□do, aquelle Rei de Portugal que levantava na rua os Jacinthos! Embarcou para Fran□ com a mulher, a snr.^a D. Angelina Fafes (da t□ fallada casa dos Fafes da Avellan); com o filho, o 'Cinthinho, menino amarellinho, mollesinho, coberto de car□os e leicen□s; com a aia e com o moleque. Nas costas da Cantabria o paquete encontrou t□ rijos mares que a snr.^a D. Angelina, esguedelhada, de joelhos na enxerga do beliche, prometteu ao Senhor dos Passos d'Alcantara uma cor□ d'espinhos, de ouro, com as gottas de sangue em rubis do Pegu. Em Bayonna, onde arribaram, 'Cinthinho teve ithericia. Na estrada d'Orleans, n'uma noite agreste, o eixo da berlinda em que jornadeavam partiu, e o nedio senhor, a delicada senhora da casa da Avellan, o menino, marcharam tres horas na chuva e na lama do exilio at□uma aldeia, onde, depois de

baterem como mendigos a portas mudas, dormiram nos bancos d'uma taberna. No □Hotel dos Santos Padres□, em Paris, soffreram os terrores d'um fogo que rebent□a na cavalhari□, sob o quarto de _D. Gali□_, e o digno fidalgo, rebolando pelas escadas em camisa, at□ao pateo, enterrou o p□n□ numa lasca de vidro. Ent□ ergueu amargamente ao c□ o punho cabelludo, e rugiu:

--Irra! □de mais!

Logo n'essa semana, sem escolher, Jacintho _Gali□_ comprou a um Principe polaco, que depois da tomada de Varsovia se mettera frade cartuxo, aquelle palacete dos Campos Elyseos, n.º 202. E sob o pesado ouro dos seus estuques, entre as suas ramalhudas sedas se enconchou, descan□ndo de tantas agita□es, n'uma vida de pachorra e de boa mesa, com alguns

companheiros d'emigra□o (o desembargador Nuno Velho, o conde de Rabacena, outros menores), at□que morreu de indigest□, d'uma lampreia d'escabeche que lhe mand□a o seu procurador em Monte-m□. Os amigos pensavam que a snr.^a D. Angelina Fafes voltaria ao reino. Mas a boa senhora temia a jornada, os mares, as cale□s que racham. E n□ se queria separar do seu Confessor, nem do seu Medico, que t□ bem lhe comprehendiam os escrupulos e a asthma.

--Eu, por mim, aqui fico no 202 (declar□a ella), ainda que me faz falta a boa agua d'Alcolena... O 'Cinthinho, esse, em crescendo, que decida.

O 'Cinthinho cresc□a. Era um mo□ mais esguio e livido que um cirio, de longos cabellos corredios, narigudo, silencioso, encafuado em roupas pretas, muito largas

e bambas; de noite, sem dormir, por causa da tosse e de suffoca□es, errava em camisa com uma lamparina atravez do 202; e os creados na copa sempre lhe chamavam a _Sombra_. N'essa sua mudez e indecis□ de sombra surdira, ao fim do luto do pap□ o gosto muito vivo de tornear madeiras ao torno: depois, mais tarde, com a melada fl□ dos seus vinte annos, brotou n'elle outro sentimento, de desejo e de pasmo, pela filha do desembargador Velho, uma menina redondinha como uma r□a, educada n'um convento de Paris, e t□ habilidosa que esmaltava, dourava, concertava relogios e fabricava chap□s de feltro. No outomno de 1851, quando j□se desfolhavam os castanheiros dos Campos Elyseos, o 'Cinthinho cuspilhou sangue. O medico, acarinhando o queixo e com uma ruga seria na testa immensa, aconselhou que o menino abalasse para o golfo Juan ou para as tepidas areias d'Arcachon.

'Cinthinho por□, no seu af□ro de sombra, n□ se quiz arredar da Therezinha Velho, de quem se torn□a, atravez de Paris, a muda, tard□ha sombra. Como uma sombra, casou; deu mais algumas voltas ao torno; cuspiu um resto de sangue; e passou, como uma sombra.

Tres mezes e tres dias depois do seu enterro o meu Jacintho nasceu.

* * * * *

Desde o ber□, onde a av□espalhava funcho e ambar para afugentar a _Sorte-Ruim_, Jacintho medrou com a seguran□, a rijeza, a seiva rica d'um pinheiro das dunas.

N□ teve sarampo e n□ teve lombrigas. As Letras, a Taboada, o Latim entraram por elle t□ facilmente como o sol por uma

vidra□. Entre os camaradas, nos pateos dos collegios, erguendo a sua espada de lata e lan□ndo um brado de commando, foi logo o vencedor, o Rei que se adula, e a quem se cede a fructa das merendas. Na edade em que se l□Balzac e Musset nunca atravessou os tormentos da sensibilidade;--nem crepusculos quentes o retiveram na solid□ d'uma janella, padecendo d'um desejo sem f□ma e sem nome. Todos os seus amigos (eramos tres, contando o seu velho escudeiro preto, o Grillo) lhe conservaram sempre amizades puras e certas--sem que j□ais a participa□o do seu luxo as avivasse ou fossem desanimadas pelas evidencias do seu egoismo. Sem cora□o bastante forte para conceber um amor forte, e contente com esta incapacidade que o libertava, do amor s□experimentou o mel--esse mel que o amor reserva aos que o recolhem, □maneira das abelhas, com ligeireza,

mobilidade e cantando. Rijo, rico, indifferente ao Estado e ao Governo dos Homens, nunca lhe conhecemos outra ambi□o al□ de comprehender bem as Ideias Geraes; e a sua intelligencia, nos annos alegres de esc□as e controversias, c□culava dentro das Philosophias mais densas como enguia lustrosa na agua limpa d'um tanque. O seu valor, genuino, de fino quilate, nunca foi desconhecido, nem desapreciado; e toda a opini□, ou mera facecia que lan□sse, logo encontrava uma aragem de sympathia e concordancia que a erguia, a mantinha emballada e rebrilhando nas alturas. Era servido pelas cousas com docilidade e carinho;--e n□ recordo que jamais lhe estalasse um bot□ da camisa, ou que um papel maliciosamente se escondesse dos seus olhos, ou que ante a sua vivacidade e pressa uma gaveta perfida emperrasse. Quando um dia, rindo com descrido riso

da Fortuna e da sua Roda, comprou a um sachrist□ hespanhol um Decimo de Loteria, logo a Fortuna, ligeira e ridente sobre a sua Roda, correu n'um fulgor, para lhe trazer quatro centas mil pesetas. E no ceu as Nuvens, pejadas e lentas, se avistavam Jacintho sem guarda chuva, retinham com reverencia as suas aguas at□que elle passasse... Ah! o ambar e o funcho da snr.^a D. Angelina tinham escorra□do do seu destino, bem triumphalmente e para sempre, a _Sorte-Ruim_! A amoravel av□(que eu conheci obesa, com barba) costumava citar um soneto natalicio do desembargador Nunes Velho contendo um verso de boa li□o:

Sabei, senhora, que esta Vida □um rio...

Pois um rio de ver□, manso, translucido, harmoniosamente estendido sobre uma areia macia e alva, por entre arvoredos

fragrantes e ditosas aldeias, n□ offereceria □uelle que o descesse n'um barco de cedro, bem toldado e bem almofadado, com fructas e Champagne a refrescar em gelo, um Anjo governando ao leme, outros Anjos puxando □sirga, mais seguran□ e do□ra do que a Vida offerecia ao meu amigo Jacintho.

Por isso n□ lhe chamavamos □o Principe da Gran-Ventura□!

* * * * *

Jacintho e eu, Jos□Fernandes, ambos nos encontramos e acamaradamos em Paris, nas Esc□as do Bairro Latino--para onde me mand□a meu bom tio Affonso Fernandes Lorena de Noronha e Sande, quando aquelles malvados me riscaram da Universidade por eu ter esborrachado, n'uma tarde de procciss□, na Sophia, a cara

sordida do dr. Paes Pitta.

Ora n'esse tempo Jacintho conceb□a uma Ideia... Este Principe conceb□a a Ideia de que □o homem s□□superiormente feliz quando □superiormente civilisado□. E por homem civilisado o meu camarada entendia aquelle que, robustecendo a sua for□ pensante com todas as no□es adquiridas desde Aristoteles, e multiplicando a potencia corporal dos seus org□s com todos os mechanismos inventados desde Theramenes, creador da roda, se torna um magnifico Ad□, quas□omnipotente, quas□omnisciente, e apto portanto a recolher dentro d'uma sociedade e nos limites do Progresso (tal como elle se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e de Poder... Pelo menos assim Jacintho formulava copiosamente a sua Ideia, quando conversavamos de fins e

destinos humanos, sorvendo bocks poeirentos, sob o toldo das cervejarias philosophicas, no Boulevard Saint-Michel.

Este conceito de Jacintho impressiona os nossos camaradas de cenaculo, que tendo surgido para a vida intellectual, de 1866 a 1875, entre a batalha de Sadowa e a batalha de Sedan, e ouvindo constantemente, desde então, aos technicos e aos philosophos, que fôra a Espingarda-de-agulha que vencêra em Sadowa e fôra o Mestre-de-escóla quem vencêra em Sedan, estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos individuos, como a das nações, se realisa pelo illimitado desenvolvimento da Mechanica e da Erudição. Um d'esses moços mesmo, o nosso inventivo Jorge Carlande, reduzira a theoria de Jacintho, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho, a uma fórma algebrica:

Summa sciencia} X }= Summa felicidade Summa potencia}

E durante dias, do Odeon □Sorbonna, foi louvada pela mocidade positiva a _Equa□o Metaphysica de Jacintho_.

Para Jacintho, por□, o seu conceito n□ era meramente metaphysico e lan□do pelo gozo elegante de exercer a raz□ especulativa:--mas constituia uma regra, toda de realidade e de utilidade, determinando a conducta, modalisando a vida. E j□a esse tempo, em concordancia com o seu preceito--elle se surtira da _Pequena Encyclopedia dos Conhecimentos Universaes_ em setenta e cinco volumes e install□a, sobre os telhados do 202, n'um mirante envidra□do, um telescopio. Justamente com esse telescopio me tornou elle palpavel a sua

ideia, n'uma noite de agosto, de molle e dormente calor. Nos c□s remotos lampejavam relampagos languidos. Pela Avenida dos Campos Elyseos, os fiacres rolavam para as frescuras do Bosque, lentos, abertos, can□dos, transbordando de vestidos claros.

--Aqui tens tu, Z□Fernandes, (come□u Jacintho, encostado □janella do mirante) a theoria que me governa, bem comprovada. Com estes olhos que recebemos da Madre natureza, lestos e s□s, n□ podemos apenas distinguir al□, atravez da Avenida, n'aquella loja, uma vidra□ alumiada. Mais nada! Se eu por□ aos meus olhos juntar os dois vidros simples d'um binoculo de corridas, percebo, por traz da vidra□, presuntos, queijos, boi□s de gel□ e caixas de ameixa s□ca. Concluo portanto que □uma mercearia. Obtive uma no□o; tenho sobre

ti, que com os olhos desarmados v□ s□o luzir da vidra□, uma vantagem positiva. Se agora, em vez d'estes vidros simples, eu usasse os do meu telescopio, de composi□o mais scientifica, poderia avistar al□, no planeta Marte, os mares, as neves, os canaes, o recorte dos golphos, toda a geographia d'um astro que circula a milhares de leguas dos Campos Elyseos. □outra no□o, e tremenda! Tens aqui pois o olho primitivo, o da Natureza, elevado pela Civilisa□o □sua maxima potencia de vis□. E desde j□ pelo lado do olho portanto, eu, civilisado, sou mais feliz que o incivilisado, porque descubro realidades do Universo que elle n□ suspeita e de que est□privado. Applica esta prova a todos os org□s e comprehendes o meu principio. Emquanto □intelligencia, e □felicidade que d'ella se tira pela incan□vel accumula□o das no□es, s□te peco que compares Renan e o Grillo... Claro □portanto que nos

devemos cercar de Civilisa□o nas maximas propor□es para gosar nas maximas propor□es a vantagem de viver. Agora concordas, Z□Fernandes?

N□ me parecia irrecusavelmente certo que Renan fosse mais feliz que o Grillo; nem eu percebia que vantagem espiritual ou temporal se c□ha em distinguir atravez do espa□ manchas n'um astro, ou atravez da Avenida dos Campos Elyseos presuntos n'uma vidra□. Mas concordei, porque sou bom, e nunca desalojarei um espirito do conceito onde elle encontra seguran□, disciplina e motivo de energia. Desabotoei o collete, e lan□ndo um gesto para o lado dos caf□ e das luzes:

--Vamos ent□ beber, nas maximas propor□es, _brandy and soda_, com gelo!

Por uma conclus□ bem natural, a ideia de

Civilisação, para Jacintho, não se separava da imagem de Cidade, d'uma enorme Cidade, com todos os seus vastos orgãos funccionando poderosamente. Nem este meu super-civilisado amigo comprehendia que longe de Armazens servidos por tres mil caixeiros; e de Mercados onde se despejam os vergeis e lezirias de trinta provincias; e de Bancos em que retine o ouro universal; e de Fabricas fumegando com ancia, inventando com ancia; e de Bibliothecas abarrotadas, a estalar, com a papelada dos seculos; e de fundas milhas de ruas, cortadas, por baixo e por cima, de fios de telegraphos, de fios de telephones, de canos de gazes, de canos de fezes; e da fila atroante dos omnibus, tramways, carros, velocipedes, calhambeques, parelhas de luxo; e de dois milhões d'uma vaga humanidade, fervilhando, a offegar, atravez da Policia, na busca dura do pão ou sob a illusão do gozo--o homem do seculo

XIX podesse saborear, plenamente, a delicia de viver!

Quando Jacintho, no seu quarto do 202, com as varandas abertas sobre os lilazes, me desenrolava estas imagens, todo elle crescia, illuminado. Que crea□o augusta, a da Cidade! S□por ella, Z□Fernandes, s□por ella, p□e o homem soberbamente affirmar a sua alma!...

--Oh Jacintho, e a religi□? Pois a religi□ n□ prova a alma?

Elle encolhia os hombros. A religi□! A religi□ □o desenvolvimento sumptuoso de um instincto rudimentar, commum a todos os brutos, o terror. Um c□ lambendo a m□ do dono, de quem lhe vem o osso ou o chicote, j□constitue toscamente um devoto, o consciente devoto, prostrado em rezas ante o Deus que distribue o c□ ou o

inferno!... Mas o telephone! o phonographo!

--Ahi tens tu, o phonographo!... S□o phonographo, Z□Fernandes, me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de s□ pensante e me separa do bicho. Acredita, n□ ha sen□ a Cidade, Z□Fernandes, n□ ha sen□ a Cidade!

E depois (accrescentava) s□a Cidade lhe dava a sensa□o, t□ necessaria □vida como o calor, da solidariedade humana. E no 202, quando considerava em redor, nas densas massas do casario de Paris, dois milh□s de s□es arquejando na obra da Civilisa□o (para manter na natureza o dominio dos Jacinthos!) sentia um socego, um conchego, s□comparaveis ao do peregrino, que, ao atravessar o deserto, se ergue no seu dromedario, e avista a longa fila da caravana marchando, cheia de

lumes e de armas...

Eu murmurava, impressionado:

--Caramba!

Ao contrario no campo, entre a inconsciencia e a impassibilidade da Natureza, elle tremia com o terror da sua fragilidade e da sua solid□. Estava ahi como perdido n'um mundo que lhe n□ fosse fraternal; nenhum silvado encolheria os espinhos para que elle passasse; se gemesse com fome nenhuma arvore, por mais carregada, lhe estenderia o seu fructo na ponta compassiva d'um ramo. Depois, em meio da Natureza, elle assistia □subita e humilhante inutilisa□o de todas as suas faculdades superiores. De que servia, entre plantas e bichos--ser um Genio ou ser um Santo? As searas n□ comprehendem as _Georgicas_; e f□a

necessario o socorro ancioso de Deus, e a invers□ de todas as leis naturaes, e um violento milagre para que o lobo de Agubio n□ devorasse S. Francisco d'Assis, que lhe sorria e lhe estendia os bra□s e lhe chamava □meu irm□ lobo□! Toda a intellectualidade, nos campos, se esterilisa, e s□resta a bestialidade. N'esses reinos crassos do Vegetal e do Animal duas unicas func□es se mant□ vivas, a nutritiva e a procreadora. Isolada, sem occupa□o, entre focinhos e raizes que n□ cessam de sugar e de pastar, suffocando no calido bafo da universal fecunda□o, a sua pobre alma toda se engelhava, se reduzia a uma migalha d'alma, uma fagulhasinha espiritual a tremeluzir, como morta, sobre um naco de materia; e n'essa materia dois instinctos surdiam, imperiosos e pungentes, o de devorar e o de gerar. Ao cabo de uma semana rural, de todo o seu s□ t□ nobremente composto

s□restava um estomago e por baixo um phallus! A alma? Sumida sob a besta. E necessitava correr, reentrar na Cidade, mergulhar nas ondas lustraes da Civilisa□o, para largar n'ellas a crosta vegetativa, e resurgir re-humanisado, de novo espiritual e Jacinthico!

E estas requintadas metaphoras do meu amigo exprimiam sentimentos reaes--que eu testemunhei, que muito me divertiram, no unico passeio que fizemos ao campo, □bem amavel e bem sociavel floresta de Montmorency. Oh delicias d'entremez, Jacintho entre a Natureza! Logo que se afastava dos pavimentos de madeira, do macadam, qualquer ch□ que os seus p□ calcassem o enchia de desconfian□ e terror. Toda a relva, por mais crestada, lhe parecia re□mar uma humidade mortal. De sob cada torr□, da sombra de cada pedra, receava o assalto de lacraus, de viboras,

de f□mas rastejantes e viscosas. No silencio do bosque sentia um lugubre despovoamento do Universo. N□ tolerava a familiaridade dos galhos que lhe ro□ssem a manga ou a face. Saltar uma sebe era para elle um acto degradante que o retrogradava ao macaco inicial. Todas as fl□es que n□ tivesse j□encontrado em jardins, domesticadas por longos seculos de servid□ ornamental, o inquietavam como venenosas. E considerava d'uma melancolia funambulesca certos modos e f□mas do S□ inanimado, a pressa esperta e v□dos regatinhos, a careca dos rochedos, todas as contors□s do arvoredo e o seu resmungar solemne e tonto.

Depois d'uma hora, n'aquelle honesto bosque de Montmorency, o meu pobre amigo abafava, apavorado, experimentando j□esse lento mingoar e sumir d'alma que o tornava como um bicho

entre bichos. S□desannuviou quando penetramos no lag□o e no gaz de Paris--e a nossa vittoria quasi se despeda□u contra um omnibus retumbante, atulhado de cidad□s. Mandou descer pelos Boulevards, para dissipar, na sua grossa sociabilidade, aquella materialisa□o em que sentia a cabe□ pesada e vaga como a d'um boi. E reclamou que eu o acompanhasse ao theatro das Variedades para sacudir, com os estribilhos da _Femme □Papa_, o rumor importuno que lhe fic□a dos melros cantando nos choupos altos.

Este delicioso Jacintho fizera ent□ vinte e tres annos, e era um soberbo mo□ em quem reapparec□a a for□ dos velhos Jacinthos ruraes. S□pelo nariz, afilado, com narinas quasi transparentes, d'uma mobilidade inquieta, como se andasse fariscando perfumes, pertencia □ delicadezas do seculo XIX. O cabello

ainda se conservava, ao modo das □as rudes, crespo e quasi lanigero: e o bigode, como o d'um Celta, cahia em fios sedosos, que elle necessitava aparar e frizar. Todo o seu fato, as espessas gravatas de setim escuro que uma perola prendia, as luvas de anta branca, o verniz das botas, vinham de Londres em caixotes de cedro; e usava sempre ao peito uma fl□, n□ natural, mas composta destramente pela sua ramalheteira com petalas de fl□es dessemelhantes, cravo, azalea, orchidea ou tulipa, fundidas na mesma haste entre uma leve folhagem de funcho.

* * * * *

Em 1880, em Fevereiro, n'uma cinzenta e arripiada manh□de chuva, recebi uma carta de meu bom tio Affonso Fernandes, em que, depois de lamenta□es sobre os seus setenta annos, os seus males

hemorroidaes, e a pesada gerencia dos seus bens □que pedia homem mais novo, com pernas mais rijas□--me ordenava que recolhesse □nossa casa de Gui□s, no Douro! Encostado ao marmore partido do fog□, onde na v□pera a minha Nini deix□a um espartilho embrulhado no _Jornal dos Debates_, censurei severamente meu tio que assim cortava em bot□, antes de desabrochar, a fl□ do meu Saber Juridico. Depois n'um Post-Scriptum elle accrescentava--□O tempo aqui est□lindo, o que se p□e chamar de rosas, e tua santa tia muito se recommenda, que anda l□pela cozinha, porque vai hoje em trinta e seis annos que cas□os, temos c□o abbade e o Quintaes a jantar, e ella quiz fazer uma sopa dourada□.

Deitando uma acha ao lume, pensei como devia estar boa a sopa dourada da tia Vicencia. Ha quantos annos n□ a provava,

nem o leit□ assado, nem o arroz de f□no da nossa casa! Com o tempo assim t□ lindo, j□as mimosas do nosso pateo vergariam sob os seus grandes cachos amarellos. Um peda□ de c□ azul, do azul de Gui□s, que outro n□ ha t□ lustroso e macio, entrou pelo quarto, alumiou, sobre a poida tristeza do tapete, relvas, ribeirinhos, malmequeres e fl□es de trevo de que meus olhos andavam agoados. E, por entre as bambinellas de sarja, passou um ar fino e forte e cheiroso de serra e de pinheiral.

Assobiando um _fado_ meigo tirei debaixo da cama a minha velha mala, e metti solicitamente entre cal□s e piugas um Tratado de Direito Civil, para aprender emfim, nos vagares da aldeia, estendido sob a faia, as leis que regem os homens. Depois, n'essa tarde, annunciei a Jacintho que partia para Gui□s. O meu camarada recuou com um surdo gemido de espanto

e piedade:

--Para Gui□s!... Oh Z□Fernandes, que horror!

E toda essa semana me lembrou solicitamente confortos de que eu me deveria prover para que pudesse conservar, nos ermos silvestres, t□ longe da Cidade, uma pouca d'alma dentro d'um pouco de corpo. □Leva uma poltrona! Leva a _Encyclopedia Geral_! Leva caixas de aspargos!...□

Mas para o meu Jacintho, desde que assim me arrancavam da Cidade, eu era arbusto desarraigado que n□ reviver□ A magoa com que me acompanhou ao comboio conviria excellentemente ao meu funeral. E quando fechou sobre mim a portinhola, gravemente, supremamente, como se cerra uma grade de sepultura, eu quasi

solucei--com saudades minhas.

Cheguei a Gui□s. Ainda restavam fl□es nas mimosas do nosso pateo; comi com delicias a sopa dourada da tia Vicencia; de tamancos nos p□ assisti □ceifa dos milhos. E assim de colheitas a lavras, crestando ao sol das eiras, ca□ndo a perdiz nos matos geados, rachando a melancia fresca na poeira dos arraiaes, arranchando a magustos, serandando □candeia, ati□ndo fogueiras de S. Jo□, enfeitando presepios de Natal, por alli me passaram docemente sete annos, t□ atarefados que nunca logrei abrir o Tratado de Direito Civil, e t□ singelos que apenas me recordo quando, em v□peras de S. Nicolau, o abbade cahiu da egua □porta do Braz das C□tes. De Jacintho s□recebia raramente algumas linhas, escrevinhadas □pressa por entre o tumulto da Civilisa□o. Depois, n'um Setembro muito quente, ao lidar da

vindima, meu bom tio Affonso Fernandes morreu, t quietamente, Deus seja louvado por esta gra, como se cala um passarinho ao fim do seu bem cantado e bem voado dia. Acabei pela aldeia a roupa do luto. A minha afilhada Joanninha casou na matan do porco. Andaram obras no nosso telhado. Voltei a Paris.

II

Era de novo Fevereiro, e um fim de tarde arripiado e cinzento, quando eu desci os Campos Elyseos em demanda do 202. Adiante de mim caminhava, levemente curvado, um homem que, desde as botas rebrilhantes at□□ abas recurvas do chap□ d'onde fugiam anneis d'um cabello crespo, re□mava elegancia e a familiaridade das coisas finas. Nas m□s, cruzadas atraz das costas, cal□das d'anta branca, sustentava uma bengala grossa com cast□ de crystal. E s□quando elle parou ao port□ do 202 reconheci o nariz afilado, os fios do bigode corredios e sedosos.

--Oh Jacintho!

--Oh Z□Fernandes!

O abra□ que nos enla□u foi t□ alvoro□do que o meu chap□ rolou na lama. E ambos murmuravamos, commovidos, entrando a grade:

--Ha sete annos!...

--Ha sete annos!...

E, todavia, nada mud□a durante esses sete annos no jardim do 202! Ainda entre as duas aleas bem areadas se arredondava uma relva, mais lisa e varrida que a l□d'um tapete. No meio o vaso corinthico esperava Abril para resplandecer com tulipas e depois Junho para transbordar de margaridas. E ao lado das escadas limiares, que uma vidra□ria toldava, as duas magras Deusas de pedra, do tempo de D. Gali□, sustentavam as antigas lampadas de globos foscos, onde j□silvava o gaz.

Mas dentro, no peristillo, logo me surprehendeu um elevador installado por Jacintho--apesar do 202 ter s□ente dois andares, e ligados por uma escadaria t□ doce que nunca offend□a a asthma da snr.^a D. Angelina! Espa□so, tapetado, elle offerecia, para aquella jornada de sete segundos, confortos numerosos, um divan, uma pelle d'urso, um roteiro das ruas de Paris, prateleiras gradeadas com charutos e livros. Na antecamara, onde desembarcamos, encontrei a temperatura macia e tepida d'uma tarde de Maio, em Gui□s. Um creado, mais attento ao thermometro que um piloto □agulha, regulava destramente a bocca dourada do calorifero. E perfumadores entre palmeiras, como n'um terrasso santo de Benares, esparziam um vapor, aromatisando e salutarmente humedecendo aquelle ar delicado e

superfino.

Eu murmurei, nas profundidades do meu assombrado s□:

--Eis a civilisa□o!

Jacintho empurrou uma porta, penetramos n'uma nave cheia de magestade e sombra, onde reconheci a Bibliotheca por trope□r n'uma pilha monstruosa de livros novos. O meu amigo ro□u de leve o dedo na parede: e uma cor□ de lumes electricos, refulgindo entre os lavores do tecto, alumiou as estantes monumentaes, todas d'ebano. N'ellas repousavam mais de trinta mil volumes, encadernados em branco, em escarlate, em negro, com retoques d'ouro, hirtos na sua pompa e na sua auctoridade como doutores n'um concilio.

N□ contive a minha admira□o:

--Oh Jacintho! Que deposito!

Elle murmurou, n'um sorriso descorado:

--Ha que l□, ha que l□...

Reparei ent□ que o meu amigo emmagrecera: e que o nariz se lhe afil□a mais entre duas rugas muito fundas, como as d'um comediante can□do. Os anneis do seu cabello lanigero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de marmore bem polido. N□ frisava agora o bigode murcho, cahido em fios pensativos. Tambem notei que corcovava.

Elle ergu□a uma tape□ria--entramos no seu gabinete de trabalho, que me inquietou. Sobre a espessura dos tapetes sombrios os nossos passos perderam logo o som, e como a realidade. O damasco das

paredes, os divans, as madeiras, eram verdes, d'um verde profundo de folha de louro. S□as verdes envolviam as luzes electricas, dispersas em lampadas t□ baixas que lembravam estrellas cahidas por cima das mesas, acabando de arrefecer e morrer: s□uma rebrilhava, n□a e clara, no alto d'uma estante quadrada, esguia, solitaria como uma torre n'uma planicie, e de que o lume parecia ser o pharol melancolico. Um biombo de laca verde, fresco verde de relva, resguardava a chamin□de marmore verde, verde de mar sombrio, onde esmoreciam as brazas d'uma lenha aromatica. E entre aquelles verdes reluzia, por sobre peanhas e pedestaes, toda uma Mechanica sumptuosa, apparelhos, laminas, rodas, tubos, engrenagens, hastes, friezas, rigidezas de metaes...

Mas Jacintho batia nas almofadas do divan,

onde se enterr□a com um modo can□do que eu n□ lhe conhecia:

--Para aqui, Z□Fernandes, para aqui! □necessario reatarmos estas nossas vidas, t□ apartadas ha sete annos!... Em Gui□s, sete annos! Que fizeste tu?

--E tu, que tens feito, Jacintho?

O meu amigo encolheu mollemente os hombros. Viv□a--cumprira com serenidade todas as func□es, as que pertencem □materia e as que pertencem ao espirito...

--E accumulaste civilisa□o, Jacintho! Santo Deus... Est□tremendo, o 202!

Elle espalhou em torno um olhar onde j□n□ faiscava a antiga vivacidade:

--Sim, ha confortos... Mas falta muito! A humanidade ainda est□mal apetrechada, Z□Fernandes... E a vida conserva resistencias.

Subitamente, a um canto, repicou a campainha do telephone. E emquanto o meu amigo, curvado sobre a placa, murmurava impaciente □_Est□l□--Est□l□_□, examinei curiosamente, sobre a sua immensa mesa de trabalho, uma estranha e miuda legi□ de instrumentosinhos de nickel, d'a□, de cobre, de ferro, com gumes, com argolas, com tenazes, com ganchos, com dentes, expressivos todos, de utilidades misteriosas. Tomei um que tentei manejar--e logo uma ponta malevola me picou um dedo. N'esse instante rompeu d'outro canto um □tic-tic-tic□ a□dado, quasi ancioso. Jacintho acudiu, com a face no telephone:

--V□ahi o telegrapho!... Ao p□do divan. Uma tira de papel que deve estar a correr.

E, com effeito, d'uma red□a de vidro posta n'uma columna, e contendo um apparelho esperto e diligente, escorria para o tapete, como uma tenia, a longa tira de papel com caracteres impressos, que eu, homem das serras, apanhei, maravilhado. A linha, tra□da em azul, annunciava ao meu amigo Jacintho que a fragata russa _Azoff_ entr□a em Marselha com avaria!

J□elle abandon□a o telephone. Desejei saber, inquieto, se o prejudicava directamente aquella avaria da _Azoff_.

--Da _Azoff_?... A avaria? A mim?... N□! □uma noticia.

Depois, consultando um relogio monumental que, ao fundo da Bibliotheca,

marcava a hora de todas as Capitaes e o curso de todos os Planetas:

--Eu preciso escrever uma carta, seis linhas... Tu esperas, n□, Z□Fernandes? Tens ahi os jornaes de Paris, da noite; e os de Londres, d'esta manh□ As Illustra□es al□, n'aquella pasta de couro com ferragens.

Mas eu preferi inventariar o gabinete, que dava □minha profanidade serrana todos os gostos d'uma inicia□o. Aos lados da cadeira de Jacintho pendiam gordos tubos acusticos, por onde elle decerto soprava as suas ordens atrav□ do 202. Dos p□ da mesa cord□s tumidos e molles, colleando sobre o tapete, corriam para os recantos de sombra □maneira de cobras assustadas. Sobre uma banquinha, e reflectida no seu verniz como na agua d'um po□, pousava uma Machina-de-escrever: e adiante era

uma immensa Machina-de-calcular, com fileiras de buracos d'onde espreitavam, esperando, numeros rigidos e de ferro. Depois parei em frente da estante que me preoccupava, assim solitaria, □maneira d'uma torre n'uma planicie, com o seu alto pharol. Toda uma das suas faces estava repleta de Diccionarios; a outra de Manuaes; a outra de Atlas; a ultima de Guias, e entre elles, abrindo um folio, encontrei o Guia das ruas de Samarkande. Que macissa torre de informa□o! Sobre prateleiras admirei apparelhos que n□ comprehendia:--um composto de laminas de gelatina, onde desmaiavam, meio-chupadas, as linhas d'uma carta, talvez amorosa; outro, que erguia sobre um pobre livro brochado, como para o decepar, um cutello funesto; outro avan□ndo a bocca d'uma tuba, toda aberta para as vozes do invisivel. Cingidos aos umbraes, liados □ cimalhas, luziam

arames, que fugiam atrav□ do tecto, para o espa□. Todos mergulhavam em for□s universaes, todos transmittiam for□s universaes. A Natureza convergia disciplinada ao servi□ do meu amigo e entr□a na sua domesticidade!...

Jacintho atirou uma exclama□o impaciente:

--Oh, estas pennas electricas!... Que secca!

Amarrot□a com colera a carta come□da--eu escapei, respirando, para a Bibliotheca. Que magestoso armazem dos productos do Raciocinio e da Imagina□o! Alli jaziam mais de trinta mil volumes, e todos decerto essenciaes a uma cultura humana. Logo □entrada notei, em ouro n'uma lombada verde, o nome de Adam Smith. Era pois a regi□ dos Economistas. Avancei--e percorri, espantado, oito metros de Economia Politica. Depois

avistei os Philosophos e os seus commentadores, que revestiam toda uma parede, desde as esc□as Pre-socraticas at□□ esc□as Neo-pessimistas. N'aquellas pranchas se acastellavam mais de dois mil systemas--e que todos se contradiziam. Pelas encaderna□es logo se deduziam as doutrinas: Hobbes, em baixo, era pesado, de couro negro; Plat□, em cima, resplandecia, n'uma pellica pura e alva. Para diante come□vam as Historias Universaes. Mas ahi uma immensa pilha de livros brochados, cheirando a tinta nova e a documentos novos, subia contra a estante, como fresca terra d'alluvi□ tapando uma riba secular. Contornei essa collina, mergulhei na sec□o das Sciencias Naturaes, peregrinando, n'um assombro crescente, da Orographia para a Paleontologia, e da Morphologia para a Crystallographia. Essa estante rematava junto d'uma janella rasgada sobre os

Campos Elyseos. Apartei as cortinas de velludo--e por traz descobri outra portentosa rima de volumes, todos de Historia Religiosa, de Exegese Religiosa, que trepavam montanhosamente at□aos ultimos vidros, vedando, nas manh□ mais candidas, o ar e a luz do Senhor.

Mas depois rebrilhava, em marroquins claros, a estante amavel dos Poetas. Como um repouso para o espirito esfalfado de todo aquelle saber positivo, Jacintho aconcheg□a ahi um recanto, com um divan e uma mesa de limoeiro, mais lustrosa que um fino esmalte, coberta de charutos, de cigarros d'Oriente, de tabaqueiras do seculo XVIII. Sobre um cofre de madeira lisa pousava ainda, esquecido, um prato de damascos seccos do Jap□. Cedi □seduc□o das almofadas; trinquei um damasco, abri um volume; e senti estranhamente, ao lado, um zumbido,

como de um insecto de azas harmoniosas. Sorri □id□ que fossem abelhas, compondo o seu mel n'aquelle massi□ de versos em fl□. Depois percebi que o susurro remoto e dormente vinha do cofre de mogne, de parecer t□ discreto. Arredei uma _Gazeta de Fran□_; e descornitei um cord□ que emergia de um orificio, escavado no cofre, e rematava n'um funil de marfim. Com curiosidade, encostei o funil a esta minha confiada orelha, afeita □singeleza dos rumores da serra. E logo uma Voz, muito mansa, mas muito dicidida, aproveitando a minha curiosidade para me invadir e se apoderar do meu entendimento, susurrou capciosamente:

--...□E assim, pela disposi□o dos cubos diabolicos, eu chego a verificar os espa□s hypermagicos!...□

Pulei, com um berro.

--Oh Jacintho, aqui ha um homem! Est□aqui um homem a fallar dentro d'uma caixa!

O meu camarada, habituado aos prodigios, n□ se alvoro□u:

--□o Conferen□phone... Exactamente como o Theatrophone; s□ente applicado □ esc□as e □ conferencias. Muito commodo!... Que diz o homem, Z□Fernandes?

Eu considerava o cofre, ainda esgazeado:

--Eu sei! Cubos diabolicos, espa□s magicos, toda a sorte de horrores...

Senti dentro o sorriso superior de Jacintho:

--Ah, □o coronel Dorchas... Li□es de Metaphysica Positiva sobre a Quarta

Dimens□... Conjecturas, uma massada! Ouve l□ tu hoje jantas commigo e com uns amigos, Z□Fernandes?

--N□, Jacintho... Estou ainda enfardelado pelo alfaiate da serra!

E voltei ao gabinete mostrar ao meu camarada o jaquet□ de flanella grossa, a gravata de pintinhas escarlates, com que ao domingo, em Gui□s, visitava o Senhor. Mas Jacintho affirmou que esta simplicidade montesina interessaria os seus convidados, que eram dois artistas... Quem? O auctor do _Cora□o Triplo_, um Psychologo Feminista, d'agudeza transcendente, Mestre muito experimentado e muito consultado em Sciencias Sentimentaes; e Vorcan, um pintor mythico, que interpret□a ethereamente, havia um anno, a symbolia rapsodica do cerco de Troia, n'uma vasta

composi□o, _Helena Devastadora_...

Eu co□va a barba:

--N□, Jacintho, n□... Eu venho de Gui□s, das serras; preciso entrar em toda esta civilisac□, lentamente, com cautella, sen□ rebento. Logo na mesma tarde a electricidade, e o conferen□phone, e os espa□s hypermagicos e o feminista, e o ethereo, e a symbolia devastadora, □excessivo! Volto □anh□

Jacintho dobrava vagarosamente a sua carta, onde mettera sem rebu□ (como convinha □nossa fraternidade) duas violetas brancas tiradas do ramo que lhe floria o peito.

--□anh□ Z□Fernandes, tu vens antes d'almo□, com as tuas malas dentro d'um fiacre, para te installares no 202, no teu

quarto. No Hotel s□ embara□s, priva□es. Aqui tens o telephone, o teatrophone, livros...

Acceitei logo, com simplicidade. E Jacintho, embocando um tubo acustico, murmurou:

--Grillo!

Da parede, recoberta de damasco, que subitamente e sem rumor se fendeu, surdio o seu velho escudeiro (aquelle moleque que viera com _D. Galli□_), que eu me alegrei de encontrar t□ rijo, mais negro, reluzente e veneravel na sua tesa gravata, no seu collete branco de bot□s de ouro. Elle tambem estimou v□ de novo □o si□Fernandes□. E, quando soube que eu occuparia o quarto do av□Jacintho, teve um claro sorriso de preto, em que envolveu o seu senhor, no contentamento

de o sentir emfim reprovido d'uma familia.

--Grillo, dizia Jacintho, esta carta a Madame de Oriol... Escuta! Telephona para casa dos Tr□es que os espiritistas s□est□ livres no domingo... Escuta! Eu tomo uma douche antes de jantar, tepida, a 17. Fric□o com malva-rosa.

E cahindo pesadamente para cima do divan, com um bocejo arrastado e vago:

--Pois □verdade, meu Z□Fernandes, aqui estamos, como ha sete annos, n'este velho Paris...

Mas eu n□ me arredava da mesa, no desejo de completar a minha inicia□o:

--Oh Jacintho, para que servem todos estes instrumentosinhos? Houve j□ahi um desavergonhado que me picou. Parecem

perversos... S□ uteis?

Jacintho esbo□u, com languidez, um gesto que os sublimava.--Providenciaes, meu filho, absolutamente providenciaes, pela simplifica□o que d□ ao trabalho! Assim... E apontou. Este arrancava as pennas velhas; o outro numerava rapidamente as paginas d'um manuscripto; aquell'outro, al□, raspava emendas... E ainda os havia para collar estampilhas, imprimir datas, derreter lacres, cintar documentos...

--Mas com effeito, accrescentou, □uma s□ca. Com as molas, com os bicos, □ vezes magoam, ferem... J□me succedeu inutilisar cartas por as ter sujado com dedadas de sangue. □uma massada!

Ent□, como o meu amigo espreit□a novamente o relogio monumental, n□ lhe quiz retardar a consola□o da douche e da

malva-rosa.

--Bem, Jacintho, j□te revi, j□me contentei... Agora at□□anh□ com as malas.

--Que diabo, Z□Fernandes, espera um momento... Vamos pela sala de jantar. Talvez te tentes!

E, atrav□ da Bibliotheca, penetramos na sala de jantar,--que me encantou pelo seu luxo sereno e fresco. Uma madeira branca, laccada, mais lustrosa e macia que setim, revestia as paredes, encaixilhando medalh□s de damasco c□ de morango, de morango muito maduro e esmagado: os aparadores, discretamente lavrados em flor□s e rocalhas, resplandeciam com a mesma lacca nevada: e damascos amorangados estofavam tambem as cadeiras, brancas, muito amplas, feitas para a lentid□ de gulas delicadas, de gulas

intellectuaes.

--Viva o meu Principe! Sim senhor... Eis aqui um comedoiro muito comprehensivel e muito repousante, Jacintho!

--Ent janta, homem!

Mas j eu me come va a inquietar, reparando que a cada talher correspondiam seis garfos, e todos de feitios astuciosos. E mais me impressionei quando Jacintho me desvendou que um era para as ostras, outro para o peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para as fructas, outro para o queijo! Simultaneamente, com uma sobriedade que louvaria Salom , s dois copos, para dois vinhos:--um Bordeus rosado em infusas de crystal, e Champagne gelando dentro de baldes de prata. Todo um aparador por vergava,

sob o luxo redundante, quasi assustador d'aguas--aguas oxigenadas, aguas carbonatadas, aguas phosphatadas, aguas esterilisadas, aguas de saes, outras ainda, em garrafas bojudas, com tratados therapeuticos impressos em rotulos.

--Santissimo nome de Deus, Jacintho! Ent□ □ ainda o mesmo tremendo bebedor d'agua, hein?... _Un aquatico_! como dizia o nosso poeta chileno, que andava a traduzir Klopstock.

Elle derramou, por sobre toda aquella garrafaria encarapu□da em metal, um olhar desconsolado:

--N□... □por causa das aguas da Cidade, contaminadas, atulhadas de microbios... Mas ainda n□ encontrei uma b□ agua que me convenha, que me satisfa□... At□soffro s□e.

Desejei ent conhecer o jantar do Psychologo e do Symbolista--tra do, ao lado dos talheres, em tinta vermelha, sobre laminas de marfim. Come va honradamente por ostras classicas, de Marennes. Depois apparecia uma sopa d'alcachofras e ovas de carpa...

-- bom?

Jacintho encolheu desinteressadamente os hombros:

--Sim... Eu n tenho nunca appetite, j ha tempos... J ha annos.

Do outro prato s comprehendi que continha frangos e tubaras. Depois saborearíam aquelles senhores um filete de veado, macerado em Xerez, com gel de noz. E por sobremeza simplesmente

laranjas geladas em ether.

--Em ether, Jacintho?

O meu amigo hesitou, esbo□u com os dedos a ondula□o d'um aroma que s'evola.

--□novo... Parece que o ether desenvolve, faz afflorar a alma das fructas...

Curvei a cabe□ ignara, murmurei nas minhas profundidades:

--Eis a Civilisa□o!

E, descendo os Campos Elyseos, encolhido no paletot, a cogitar n'este prato symbolico, considerava a rudeza e atolado atrazo da minha Gui□s, onde desde seculos a alma das laranjas permanece ignorada e desaproveitada dentro dos gomos sumarentos, por todos aquelles

pomares que ensombram e perfumam o valle, da Roqueirinha a Sandofim! Agora por□, bemdito Deus, na convivencia de um t□ grande iniciado como Jacintho, eu comprehenderia todas as finuras e todos os poderes da Civilisa□o.

E, (melhor ainda para a minha ternura!) contemplaria a raridade d'um homem que, concebendo uma id□ da Vida, a realisa--e atrav□ d'ella e por ella recolhe a felicidade perfeita.

Bem se affirm□a este Jacintho, na verdade, como Principe da Gran-Ventura!

III

No 202, todas as manh□, □ nove horas, depois do meu chocolate e ainda em chinelas, penetrava no quarto de Jacintho. Encontrava o meu amigo banhado, barbeado, friccionado, envolto n'um roup□ branco de pello de cabra do Thibet, diante da sua mesa de toilette, toda de crystal, (por causa dos microbios) e atulhada com esses utensilios de tartaruga, marfim, prata, a□ e madreperola que o homem do seculo XIX necessita para n□ desfeiar o conjuncto sumptuario da Civilisa□o e manter n'ella o seu Typo. As escovas sobretudo renovavam, cada dia, o meu regalo e o meu espanto--porque as havia largas como a roda massi□ d'um carro sabino; estreitas e mais recurvas que o alfange d'um mouro; concavas, em f□ma de telha alde□ ponteagudas em feitio de

folha de hera; rijas que nem cerdas de javali; macias que nem pennugem de r□a! De todas, fielmente, como amo que n□ desdenha nenhum servo, se utilisava o meu Jacintho. E assim, em face ao espelho emmoldurado de folhedos de prata, permanecia este Principe passando pellos sobre o seu pello durante quatorze minutos.

No emtanto o Grillo e outro escudeiro, por traz dos biombos de Kioto, de sedas lavradas, manobravam, com pericia e vigor, os apparelhos do lavatorio--que era apenas um resumo das machinas monumentaes da Sala de Banho, a mais estremada maravilha do 202. N'estes marmores simplificados existiam unicamente dois jactos graduados desde _zero_ at□_cem_; as duas duchas, fina e grossa, para a cabe□; a fonte esterilisada para os dentes; o repuxo borbulhante para

a barba; e ainda bot□s discretos, que, ro□dos, desencadeavam esguichos, cascatas cantantes, ou um leve orvalho estival. D'esse recanto temeroso, onde delgados tubos mantinham em disciplina e servid□ tantas aguas ferventes, tantas aguas violentas, sahia emfim o meu Jacintho enxugando as m□s a uma toalha de felpo, a uma toalha de linho, a outra de corda entran□da para restabelecer a circula□o, a outra de s□a frouxa para repolir a pelle. Depois d'este rito derradeiro que lhe arrancava ora um suspiro, ora um bocejo, Jacintho, estendido n'um divan, folheava uma Agenda, onde se arrolavam, inscriptas pelo Grillo ou por elle, as occupa□es do seu dia, t□ numerosas por vezes que cobriam duas laudas.

Todas ellas se prendiam □sua sociabilidade, □sua civilisa□o muito

complexa, ou a interesses que o meu Principe, n'esses sete annos, cre□a para viver em mais consciente commun□ com todas as func□es da Cidade. (Jacintho com effeito era presidente do Club da _Espada e Alvo_; commanditario do Jornal o _Boulevard_; director da _Companhia dos Telephones de Constantinopla_; socio dos _Bazares unidos da Arte Espiritualista_; membro do _Comit□ de Inicia□o das Religi□s Esotericas_, etc.) Nenhuma d'estas occupa□es parecia por□ aprazivel ao meu amigo--porque, apesar da mansid□ e harmonia dos seus modos, frequentemente arremessava para o tapete, n'uma rebelli□ de homem livre, aquella Agenda que o escravisava. E n'uma d'essas manh□ (de vento e neve), apanhando eu o livro oppressivo, encadernado em pellica, de um carinhoso tom de rosa murcha--descobri que o meu Jacintho devia depois do almo□ fazer uma visita na

rua da Universidade, outra no Parque Monceau, outra entre os arvoredos remotos da Muette; assistir por fidelidade a uma vota□o no Club; acompanhar Madame d'Oriol a uma exposi□o de leques; escolher um presente de noivado para a sobrinha dos Tr□es; comparecer no funeral do velho conde de Malville; presidir um tribunal de honra n'uma quest□ de roubalheira, entre cavalheiros, ao ecart□.. E ainda se acavallavam outras indica□es, escrivinhadas por Jacintho a lapis:--□Carroceiro--Five-oclock dos Ephrains--A pequena das _Variedades_--Levar a nota ao jornal...□ Considerei o meu Principe. Estirado no divan, d'olhos miserrimamente cerrados, bocejava, n'um bocejo immenso e mudo.

Mas os affazeres de Jacintho come□vam logo no 202, cedo, depois do banho. Desde as oito horas a campainha do

telephone repicava por elle, com impaciencia, quasi com colera, como por um escravo tardio. E mal enxugado, dentro do seu roup□ de pello de cabra do Thibet ou de grossas pyjamas de pelucia c□ d'ouro-velho, constantemente sahia ao corredor a cochichar com sujeitos t□ apressados, que conservavam na m□ o guarda-chuva pingando sobre o tapete. Um d'esses, sempre presente (e que pertencia decerto aos _Telephones de Constantinopla_), era temeroso--todo elle chupado, tisnado, com maus dentes, sobra□ndo uma enorme pasta sebenta, e dardejando, d'entre a alta gola d'uma pelissa poida, como da abertura d'um covil, dous olhinhos t□vos e de rapina. Sem cessar, inexoravelmente, um escudeiro apparecia, com bilhetes n'uma salva... Depois eram fornecedores d'Industria e d'Arte; negociantes de cavallos, rubicundos e de paletot branco;

inventores com grossos rolos de papel; alfarrabistas trazendo na algibeira uma edi□o □unica□, quasi inverosimil, de Ulrich Zell ou do _Lapidanus_. Jacintho circulava estonteado pelo 202, rabiscando a carteira, repicando o telephone, desatando nervosamente pacotes, sacudindo ao passar algum embuscado que surdia das sombras da antecamara, estendia como um trabuco o seu memorial ou o seu catalogo!

Ao meio dia, um tam-tam argentino e melancholico ressoava, chamando ao almo□. Com o _Figaro_ ou as _Novidades_ abertas sobre o prato, eu esperava sempre meia hora pelo meu Principe, que entrava n'uma rajada, consultando o relogio, exhalando com a face mo□a o seu queixume eterno:

--Que massada! E depois uma noite

abominavel, enrodilhada em sonhos... Tomei sulforal, chamei o Grillo para me esfregar com therebentina... Uma s□ca!

Espalhava pela mesa um olhar j□farto. Nenhum prato, por mais engenhoso, o seduzia;--e, como atrav□ do seu tumulto matinal fumava incontaveis cigarretes que o resequiam, come□va por se encharcar com um immenso copo d'agua oxygenada, ou carbonatada, ou gazoza, misturada d'um cognac raro, muito caro, horrendamente adocicado, de moscatel de Syracusa. Depois, □pressa, sem gosto, com a ponta incerta do garfo, picava aqui e al□ uma lasca de fiambre, uma febra de lagosta;--e reclamava impacientemente o caf□ um caf□de Moka, mandado cada mez por um feitor do Dedjah, fervido □turca, muito espesso, que elle remexia com um pau de canella!

--E tu, Z□Fernandes, que vaes tu fazer?

--Eu?

Recostado na cadeira, com delicias, os dedos mettidos nas cavas do collete:

--Vou vadiar, regaladamente, como um c□ natural!

O meu sollicito amigo, remexendo o caf□com o pau de canella, rebuscava atrav□ da numerosa Civilisa□o da Cidade uma occupa□o que me encantasse. Mas apenas suggeria uma Exposi□o, ou uma Conferencia, ou monumentos, ou passeios, logo encolhia os hombros desconsolados:

--Por fim nem vale a pena, □uma s□ca!

Accendia outra das cigarretes russas, onde rebrilhava o seu nome, impresso a ouro na

mortalha. Torcendo, n'uma pressa nervosa, os fios do bigode, ainda escutava, □porta da Bibliotheca, o seu procurador, o nedio e magestoso Laporte. E emfim, seguido d'um criado, que sobra□va um ma□ tremendo de jornaes para lhe abastecer o coup□ o Principe da Gran-Ventura mergulhava na Cidade.

* * * * *

Quando o dia social de Jacintho se apresentava mais desafogado, e o c□ de Mar□ nos concedia caridosamente um pouco de azul agoado, sahiamos depois d'almo□, a p□ atrav□ de Paris. Estes lentos e errantes passeios eram outr'ora, na nossa edade de Estudantes, um gozo muito querido de Jacintho--porque n'elles mais intensamente e mais minuciosamente saboreava a Cidade. Agora por□, apesar da minha companhia, s□lhe davam uma

impaciencia e uma fadiga que desoladoramente destoava do antigo, illuminado extasi. Com espanto (mesmo com d□, porque sou bom, e sempre me entristece o desmoronar d'uma cren□) descobri eu, na primeira tarde em que descemos aos Boulevards, que o denso formigueiro humano sobre o asphalto, e a torrente sombria dos trens sobre o macadam, affligiam o meu amigo pela brutalidade da sua pressa, do seu egoismo, e do seu estridor. Encostado e como refugiado no meu bra□, este Jacintho novo come□u a lamentar que as ruas, na nossa Civilisa□o, n□ fossem cal□das de gutta-percha! E a gutta-percha claramente representava, para o meu amigo, a substancia discreta que amortece o choque e a rudeza das cousas. Oh maravilha! Jacintho querendo borracha, a borracha isoladora, entre a sua sensibilidade e as func□es da Cidade!

Depois, nem me permittiu pasmar diante d'aquellas dourejadas e espelhadas lojas que elle outr'ora considerava como os □preciosos museus do seculo XIX□...

--N□ vale a pena, Z□Fernandes. Ha uma immensa pobreza e seccura d'inven□o! Sempre os mesmos flor□s Luiz XV, sempre as mesmas pelucias... N□ vale a pena!

Eu arregalava os olhos para este transformado Jacintho. E sobretudo me impressionava o seu horror pela Multid□--por certos effeitos da Multid□, s□para elle sensiveis, e a que chamava os □sulcos□.

--Tu n□ os sentes, Z□Fernandes. Vens das serras... Pois constituem o rijo inconveniente das Cidades, estes sulcos! □um perfume muito agudo e petulante que uma mulher larga ao passar, e se installa

no olfacto, e estraga para todo o dia o ar respiravel. □um dito que se surprehende n'um grupo, que revela um mundo de velhacaria, ou de pedantismo, ou de estupidez, e que nos fica collado □alma, como um salpico, lembrando a immensidade da lama a atravessar. Ou ent□, meu filho, □uma figura intoleravel pela preten□o, ou pelo mau-gosto, ou pela impertinencia, ou pela rellice, ou pela dureza, e de que se n□ p□e sacudir mais a vis□ repulsiva... Um pavor, estes sulcos, Z□Fernandes! De resto, que diabo, s□ as pequeninas miserias d'uma Civilisa□o deliciosa!

Tudo isto era especioso, talvez pueril--mas para mim revelava, n'aquelle chamejante devoto da Cidade, o arrefecimento da devo□o. N'essa mesma tarde, se bem recordo, sob uma luz macia e fina, penetramos nos centros de Paris, nas ruas

longas, nas milhas de casario, todo de cali□ parda, erri□do de chamin□ de lata negra, com as janellas sempre fechadas, as cortininhas sempre corridas, abafando, escondendo a vida. S□tijolo, s□ferro, s□argamassa, s□estuque: linhas hirtas, angulos asperos: tudo secco, tudo rigido. E dos ch□s aos telhados, por toda a fachada, tapando as varandas, comendo os muros, Taboletas, Taboletas...

--Oh, este Paris, Jacintho, este teu Paris! Que enorme, que grosseiro bazar!

E, mais para sondar o meu Principe do que por persuas□, insisti na fealdade e tristeza d'estes predios, duros armazens, cujos andares s□ prateleiras onde se apilha humanidade! E uma humanidade impiedosamente catalogada e arrumada! A mais vistosa e de luxo nas prateleiras baixas, bem envernisadas. A relles e de

trabalho nos altos, nos desv□s, sobre pranchas de pinho n□, entre o p□e a tra□...

Jacintho murmurou, com a face arripiada:

--□feio, □muito feio!

E accudiu logo, sacudindo no ar a luva de anta:

--Mas que maravilhoso organismo, Z□Fernandes! Que solidez! Que produc□o!

Onde Jacintho me parecia mais renegado era na sua antiga e quasi religiosa affei□o pelo Bosque de Bolonha. Quando mo□, elle construira sobre o Bosque theorias complicadas e consideraveis. E sustentava, com olhos rutilantes de fanatico, que no Bosque a Cidade cada tarde ia retemperar salutarmente a sua for□, recebendo, pela presen□ das suas

Duquezas, das suas Cortez□, dos seus Politicos, dos seus Financeiros, dos seus Generaes, dos seus Academicos, dos seus Artistas, dos seus Clubistas, dos seus Judeus, a certeza consoladora de que todo o seu pessoal se mantinha em numero, em vitalidade, em func□o, e que nenhum elemento da sua grandeza desapparecera ou deperecera! □Ir ao Bois□ constituia ent□ para o meu Principe um acto de consciencia. E voltava sempre confirmando com orgulho que a Cidade possuia todos os seus astros, garantindo a eternidade da sua luz!

Agora, por□, era sem fervor, arrastadamente, que elle me levava ao Bosque, onde eu, aproveitando a clemencia d'Abril, tentava enganar a minha saudade d'arvoredos. Emquanto subiamos, ao trote nobre das suas egoas lustrosas, a Avenida dos Campos-Elyseos

e a do Bosque, rejuvenescidas pelas relvas tenras e fresco verdejar dos rebentos, Jacintho, soprando o fumo da cigarrete pelas vidra□s abertas do coup□ permanecia o bom camarada, de veia amavel, com quem era doce philosophar atrav□ de Paris. Mas logo que passavamos as grades douradas do Bosque, e penetravamos na Avenida das Acacias, e enfiavamos na lenta fila dos trens de luxo e de pra□, sob o silencio decoroso, apenas cortado pelo tilintar dos freios e pelas rodas vagarosas esmagando a areia,--o meu Principe emmudecia, mollemente engilhado no fundo das almofadas, d'onde s□despegava a face para escancarar bocejos de fartura. Pelo antigo habito de verificar a presen□ confortadora do □pessoal, dos astros□, ainda, por vezes, apontava para algum coup□ou vittoria rodando com rodar rangente n'outra arrastada fila--e murmurava um nome. E

assim fui conhecendo a encaracolada barba hebraica do banqueiro Ephraim; e o longo nariz patricio de Madame de Tr□es abrigando um sorriso perenne; e as bochechas flacidas do poeta neo-platonico Dornan, sempre espapado no fundo de fiacres; e os longos band□ pre-raphaelitas e negros de Madame Verghane; e o monoculo defumado do director do _Boulevard_; e o bigodinho vencedor do Duque de Marizac, reinando de cima do seu phaeton de guerra; e ainda outros sorrisos immoveis, e barbichas □Renascen□, e palpebras amortecidas, e olhos farejantes, e pelles empoadas d'arroz, que eram todas illustres e da intimidade do meu Principe. Mas, do topo da Avenida das Acacias, recome□vamos a descer, em passo sopeado, esmagando lentamente a areia; na fila vagarosa que subia, calhambeque atraz de landau, vittoria atraz de fiacre, fatalmente

reviamos o binoculo sombrio do homem do _Boulevard_, e os band furiosamente negros de Madame Verghane, e o ventre espapado do neo-platonico, e a barba talmudica, e todas aquellas figuras, d'uma immobilidade de cera, super-conhecidas do meu camarada, recruzadas cada tarde atrav de revividos annos, sempre com os mesmos sorrisos, sob o mesmo p d'arroz, na mesma immobilidade de cera; ent Jacintho n se continha, gritava ao cocheiro:

--Para casa, depressa!

E era pela Avenida do Bosque, pelos Campos-Elyseos, uma fuga ardente das egoas a quem a lentid sopeada, n'um roer de freios, entre outras egoas tambem d'ellas super-conhecidas, lan vam n'uma exaspera o comparavel de Jacintho.

Para o sondar eu denegria o Bosque:

--J□n□ □t□ divertido, perdeu o brilho!...

Elle acudia, timidamente:

--N□, □agradavel, n□ ha nada mais agradavel; mas...

E accusava a friagem das tardes ou o despotismo dos seus affazeres. Recolhiamos ent□ ao 202, onde, com effeito, em breve embrulhado no seu roup□ branco, diante da mesa de crystal, entre a legi□ das escovas, com toda a electricidade refulgindo, o meu Principe se come□va a adornar para o servi□ social da noite.

E foi justamente numa d'essas noites (um sabado) que n□ passamos, n'aquelle quarto t□ civilisado e protegido, por um

d'esses brutos e revoltos terrores como s□os produz a ferocidade dos Elementos. J□tarde, □pressa (jantavamos com Marizac no Club para o acompanhar depois ao _Lohengrin_ na Opera) Jacintho arrocheava o n□da gravata branca--quando no lavatorio, ou porque se rompesse o tubo, ou se dessoldasse a torneira, o jacto d'agua a ferver rebentou furiosamente, fumegando e silvando. Uma nevoa densa de vapor quente abafou as luzes--e, perdidos n'ella, sentiamos, por entre os gritos do escudeiro e do Grillo, o jorro devastador batendo os muros, esparrinhando uma chuva que escaldava. Sob os p□ o tapete ensopado era uma lama ardente. E como se todas as for□s da natureza, submettidas ao servi□ de Jacintho, se agitassem, animadas por aquella rebelli□ da agua--ouvimos roncos surdos no interior das paredes, e pelos fios dos lumes electricos sulcaram faiscas

amea□doras! Eu fugira para o corredor, onde se alargava a nevoa grossa. Por todo o 202 ia um tumulto de desastre. Diante do port□, attrahidas pela fumarada que se escapava das janellas, estacionava policia, uma multid□. E na escada esbarrei com um reporter, de chap□ para a nuca, a carteira aberta, gritando sofregamente □se havia mortos?□

Domada a agua, clareada a bruma, vim encontrar Jacintho no meio do quarto, em ceroulas, livido:

--Oh Z□Fernandes, esta nossa industria!... Que impotencia, que impotencia! Pela segunda vez, este desastre! E agora, apparelhos perfeitos, um processo novo...

--E eu encharcado por esse processo novo! E sem outra casaca!

Em redor, as nobres s□as bordadas, os brocateis Luiz XIII, cobertos de manchas negras, fumegavam. O meu Principe, enfiado, enchugava uma photographia de Madame d'Oriol, d'hombros decotados, que o jorro bruto macul□a d'empolas. E eu, com rancor, pensava que na minha Gui□s a agua aquecia em seguras panellas--e subia ao meu lavatorio, pela m□ forte da Catharina, em seguras infusas! N□ jantamos com o duque de Marizac, no Club. E, na Opera, nem saboreei Lohengrin e a sua branca alma e o seu branco cysne e as suas brancas armas--entallado, aperreado, cortado nos sovacos pela casaca que Jacintho me emprest□a e que rescendia estonteadoramente a flores de Nessari.

* * * * *

No domingo, muito cedo, o Grillo, que na

v□pera escald□a as m□s e as trazia embrulhadas em s□a, penetrou no meu quarto, descerrou as cortinas, e □beira do leito, com o seu radiante sorriso de preto:

--Vem no _Figaro_!

Desdobrou triumphalmente o jornal. Eram, nos _Echos_, doze linhas, onde as nossas aguas rugiam e espadavam, com tanta magnificencia e tanta publicidade, que tambem sorr□ deleitado.

--E toda a manh□ o telephone, si□Fernandes! exclamava o Grillo, rebrilhando em ebano. A quererem saber, a quererem saber... □Est□l□ Est□escaldado?□ Paris afflicto, si□Fernandes!

O telephone, com effeito, repicava, insaciavel. E quando desci para o almo□, a

toalha desapparecia sob uma camada de telegrammas, que o meu Principe fendia com a faca, enrugado, rosnando contra a □massada□. S□desannuviou, ao ler um d'esses papeis azues, que atirou para cima do meu prato, com o mesmo sorriso agradado com que de manh□sorriramos, o Grillo e eu:

--□do Gran-Duque Casimiro... Rat□ amavel! Coitado!

Saboreei, atrav□ dos ovos, o telegramma de S. Alteza. □O que! o meu Jacintho inundado! Muito chic, nos Campos-Elyseos! N□ volto ao 202 sem boia de salva□o! Compassivo abra□! Casimiro...□ Murmurei tambem com deferencia:--□Amavel! Coitado!□ Depois, revolvendo lentamente o mont□ de telegrammas que se alastrava at□ao meu copo:

--Oh Jacintho! Quem □esta Diana que incessantemente te escreve, te telephona, te telegrapha, te...?

--Diana?... Diana de Lorge. □uma cocotte. □uma grande cocotte!

--Tua?

--Minha, minha... N□! tenho um bocado.

E como eu lamentava que o meu Principe, senhor t□ rico e de t□ fino orgulho, por economia d'uma gamella propria chafurdasse com outros n'uma gamella publica--Jacintho levantou os hombros, com um camar□ espetado no garfo:

--Tu vens das serras... Uma cidade como Paris, Z□Fernandes, precisa ter cortez□ de grande pompa e grande fausto. Ora para

montar em Paris, n'esta tremenda carestia de Paris, uma cocotte com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavallos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete, a sua publicidade, a sua insolencia, □necessario que se aggremiem umas poucas de fortunas, se forme um syndicato! Somos uns sete, no Club. Eu pago um bocado... Mas meramente por Civismo, para dotar a cidade com uma cocotte monumental. De resto n□ chafurdo. Pobre Diana!... Dos hombros para baixo nem sei se tem a pelle c□ de neve ou c□ de lim□.

Arregalei um olho divertido:

--Dos hombros para baixo?... E para cima?

--Oh para cima tem p□d'arroz!... Mas □uma s□ca! Sempre bilhetes, sempre

telephones, sempre telegrammas. E tres mil francos por mez, al□ das flores... Uma massada!

E as duas rugas do meu Principe, aos lados do seu afilado nariz, curvado sobre a salada, eram como dous valles muito tristes, ao entardecer.

Acabavamos o almo□, quando um escudeiro, muito discretamente, n'um murmurio, annunciou Madame d'Oriol. Jacintho pousou com tranquillidade o charuto; eu quasi me engasguei, n'um sorvo alvoro□do de caf□ Entre os reposteiros de damasco c□ de morango ella appareceu, toda de negro, d'um negro liso e austero de Semana Santa, lan□ndo com o regalo um lindo gesto para nos socegar. E immediatamente, n'uma volubilidade docemente chalrada:

--□um momento, nem se levantem! Passei, ia para a Magdalena, n□ me contive, quiz v□ os estragos... Uma inunda□o em Paris, nos Campos-Elyseos! N□ ha sen□ este Jacintho. E vem no _Figaro!_ O que eu estava assustada, quando telephonei! Imaginem! Agua a ferver, como no Vesuvio... Mas □d'uma novidade! E os estofos perdidos, naturalmente, os tapetes... Estou morrendo por admirar as ruinas!

Jacintho, que n□ me pareceu commovido, nem agradecido com aquelle interesse, retom□a risonhamente o charuto:

--Est□tudo secco, minha querida senhora, tudo secco! A belleza foi hontem, quando a agua fumegava e rugia! Ora que pena n□ ter ao menos cahido uma parede!

Mas ella insistia. Nem todos os dias se

gozavam em Paris os destro□s d'uma inunda□o. O _Figaro_ cont□a... E era uma aventura deliciosa, uma casa escaldada nos Campos-Elyseos!

Toda a sua pessoa, desde as plumasinhas que frisavam no chap□ at□□ponta reluzente das botinas de verniz, se agitava, vibrava, como um ramo tenro sob o boli□ do passaro a chalrar. S□o sorriso, por traz do v□ espesso, conservava um brilho immovel. E j□no ar se espalh□a um aroma, uma do□ra, emanadas de toda a sua mobilidade e de toda a sua gra□.

Jacintho no emtanto cedera, alegremente: e pelo corredor Madame d'Oriol ainda louvava o _Figaro_ amavel, e confessava quanto tremera... Eu voltei ao meu caf□ felicitando mentalmente o Principe da Gran-Ventura por aquella perfeita fl□ de Civilisa□o que lhe perfumava a vida.

Pensei ent□ na apurada harmonia em que se movia essa fl□. E corri vivamente □ante-camara, verificar diante do espelho o meu penteado e o n□da minha gravata. Depois recolhi □sala de jantar, e junto da janella, folheando languidamente a _Revista do Seculo XIX_, tomei uma attitude de elegancia e d'alta cultura. Quasi immediatamente elles reappareceram: e Madame d'Oriol, que, sempre sorrindo, se proclamava espoliada, nada encontr□a que recordasse as agoas furiosas, ro□u pela mesa, onde Jacintho procurava, para lhe offerecer, tangerinas de Malta, ou castanhas geladas, ou um biscouto molhado em vinho de Tokai.

Ella recusava com as m□s guardadas no regalo. N□ era alta, nem forte--mas cada prega do vestido, ou curva da capa, cahia e ondulava harmoniosamente, como

perfei□es recobrindo perfei□es. Sob o v□ cerrado, apenas percebi a brancura da face empoada, e a escurid□ dos olhos largos. E com aquellas s□as e velludos negros, e um pouco do cabello louro, d'um louro quente, torcido fortemente sobre as pelles negras que lhe orlavam o pesco□, toda ella derramava uma sensa□o de macio e de fino. Eu teimosamente a considerava como uma fl□ de Civilisa□o:--e pensava no secular trabalho e na cultura superior que necessit□a o terreno onde ella t□ delicadamente brot□a, j□desabrochada, em pleno perfume, mais graciosa por ser fl□ d'esfor□ e d'estufa, e trazendo nas suas p□alas um n□ sei qu□de desbotado e de ante-murcho.

No emtanto, com a sua volubilidade de passaro, chalrando para mim, chalrando para Jacintho, ella mostrava o seu lindo espanto por aquelle mont□ de

telegrammas sobre a toalha.

--Tudo esta manh□ por causa da inunda□o?... Ah, Jacintho □hoje o homem, o unico homem de Paris! Muitas mulheres n'esses telegrammas?

Languidamente, com o charuto a fumegar, o meu Principe empurrou para a sua amiga o telegramma do Gran-duque. Ent□ Madame d'Oriol teve um _ah!_ muito grave e muito sentido. Releu profundamente o papel de S. A. que os seus dedos acariciavam com uma reverencia gulosa. E sempre grave, sempre s□ia:

--□brilhante!

Oh, certamente! n'aquelle desastre tudo se pass□a com muito brilho, n'um tom muito Parisiense. E a deliciosa creatura n□ se podia demorar, porque fizera marcar um

logar na egreja da Magdalena para o serm□!

Jacintho exclamou com innocencia:

--Serm□?... □j□a esta□o dos serm□s?

Madame d'Oriol teve um movimento de carinhoso escandalo e d□. O qu□ pois nem na austera casa dos Tr□es dera pela entrada da quaresma? De resto n□ se admirava--Jacintho era um turco! E, immediatamente celebrou o pr□ador, um frade dominicano, o P□e Granon! Oh d'uma eloquencia! d'uma violencia! No derradeiro serm□ pr□ara sobre o amor, a fragilidade dos amores mundanos! E tivera coisas d'uma inspira□o, d'uma brutalidade! Depois que gesto, um gesto terrivel que esmagava, em que se lhe arrega□va toda a manga, mostrando o bra□ n□, um bra□ soberbo, muito branco, muito forte!

O seu sorriso permanecia claro sob o olhar que negrej□a dentro do v□ negro. E Jacintho, rindo:

--Um bom bra□ de director espiritual, hein? Para vergar, espancar almas...

Ella acudiu:

--N□! infelizmente o P□e Granon n□ confessa!

E de repente reconsiderou--aceitava um biscouto, um c□ice de Tokai. Era necessario um cordial para affrontar as emo□es do P□e Granon! Ambos nos precipit□amos, um arrebatando a garrafa, outro offerecendo o prato de bonbons. Franzio o v□ para os olhos, chupou □pressa um bolo que ensop□a no Tokai. E como Jacintho, reparando casualmente no chap□

que ella trazia, se curv□a com curiosidade, impressionado, Madame d'Oriol apagou o sorriso, toda seria, ante uma cousa seria:

--Elegante, n□ □verdade?... □uma crea□o inteiramente nova de Madame Vial. Muito respeitoso, e muito suggestivo, agora na Quaresma.

O seu olhar, que me envolvera, tambem me convidava a admirar. Approximei o meu focinho de homem das serras para contemplar essa crea□o suprema do luxo de Quaresma. E era maravilhoso! Sobre o velludo, na sombra das plumas frizadas, aninhada entre rendas, fixada por um pr□o, pousava delicadamente, feita de azeviche, uma Cor□ de Espinhos!

Ambos nos extasiamos. E Madame d'Oriol, n'um movimento e n'um sorriso que derramou mais aroma e mais claridade,

abalou para a Magdalena.

O meu Principe arrastou pelo tapete alguns passos pensativos e molles. E bruscamente, levantando os hombros com uma determina□o immensa, como se deslocasse um mundo:

--Oh Z□Fernandes, vamos passar este Domingo n'alguma cousa simples e natural...

--Em qu□

Jacintho circumgirou os olhares muito abertos, como se, atravez da Vida Universal, procurasse anciosamente uma cousa natural e simples. Depois, descan□ndo sobre mim os mesmos largos olhos que voltavam de muito longe, can□dos e com pouca esperan□:

--Vamos ao Jardim das Plantas, v□ a girafa!

IV

N'essa fecunda semana, uma noite, recolhiamos ambos da Opera, quando Jacintho, bocejando, me annunciou uma festa no 202.

--Uma festa?...

--Por causa do Gran-Duque, coitado, que me vai mandar um peixe delicioso e muito raro que se pesca na Dalmacia. Eu queria um almo□ curto. O Gran-Duque reclamou uma ceia. □um barbaro, besuntado com litteratura do seculo XVIII, que ainda acredita em ceias, em Paris! Reuno no domingo tres ou quatro mulheres, e uns dez homens bem typicos, para o divertir. Tambem aproveitas. Folheias Paris n'um resumo... Mas □uma massada amarga!

Sem interesse pela sua festa, Jacintho n□ se affadigou em a comp□ com relevo ou brilho. Encommendou apenas uma orchestra de Tziganes (os Tziganes, as suas jalecas escarlates, a melancolia aspera das Czardas ainda n'esses tempos remotos emocionavam Paris): e mandou, na Bibliotheca, ligar o Theatrophone com a Opera, com a Comedia-Franceza, com o Alcazar e com os Buffos, prevendo todos os gostos desde o tragico at□ao picaro. Depois no domingo, ao entardecer, ambos visitamos a mesa da ceia, que resplandecia com as velhas baixellas de D. Gali□. E a faustosa profus□ de orchideas, em longas sylvas por sobre a toalha bordada a s□a, enroladas aos fructeiros de Saxe, trasbordando de crystaes lavrados e filagranados d'ouro, espalhava uma t□ fina sensa□o de luxo e gosto, que eu murmurei:--□Caramba, bemdito, seja o dinheiro!□ Pela primeira vez, tambem,

admirei a copa e a sua installa□o abundante e minuciosa--sobretudo os dois ascensores que rolavam das profundidades da cozinha, um para os peixes e carnes aquecido por tubos d'agua fervente, o outro para as saladas e gelados revestido de placas frigorificas. Oh, este 202!

□ nove horas, por□, descendo eu ao gabinete de Jacintho para escrever a minha boa tia Vicencia, em quanto elle fic□a no toucador com o man□uro que lhe polia as unhas, passamos n'esse delicioso palacio, florido e em gala, por bem corriqueiro susto! Todos os lumes electricos, subitamente, em todo o 202, se apagaram! Na minha immensa desconfian□ d'aquellas for□s universaes, pulei logo para a porta, trope□ndo nas trevas, ganindo um _Aqui d'Elrei_! que tresandava a Gui□s. Jacintho em cima berrava, com o

man□uro agarrado □ pyjamas. E de novo, como serva ralassa que recolhe arrastando as chinellas, a luz resurgiu com lentid□. Mas o meu Principe, que descera, enfiado, mandou buscar um engenheiro □Companhia Central da Electricidade Domestica. Por precau□o outro creado correu □mercearia comprar pacotes de velas. E o Grillo desenterrava j□dos armarios os candelabros abandonados, os pesados casti□es archaicos dos tempos inscientificos de D. Gali□: era uma reserva de veteranos fortes, para o caso pavoroso em que mais tarde, □ceia, falhassem perfidamente as for□s bisonhas da Civilisa□o. O Electricista, que acudira esbaforido, afian□u por□ que a Electricidade se conservaria fiel, sem outro amuo. Eu, cautelosamente, soneguei na algibeira dous c□os de estearina.

A Electricidade permaneceu fiel, sem

amuos. E quando desci do meu quarto, tarde (porque perdera o collete de baile e s□depois d'uma busca furiosa e praguejada o encontrei cahido por traz da cama!), todo o 202 refulgia, e os Tziganes, na antecamara, sacudindo as guedelhas, atiravam as arcadas d'uma valsa t□ arrastadora que, pelas paredes, os immensos Personagens das tape□rias, Priamo, Nestor, o engenhoso Ulysses, arfavam, boliam com os p□ venerandos!

Timidamente, sem rumor, puxando os punhos, penetrei no gabinete de Jacintho. E fui logo acolhido pelo sorriso da condessa de Treves, que, acompanhada pelo illustre historiador Danjon (da Academia Franceza), percorria maravilhada os Apparelhos, os Instrumentos, toda a sumptuosa Mechanica do meu super-civilisado Principe. Nunca ella me parecera mais magestosa do que

n'aquellas s□as c□ de a□fr□, com rendas cruzadas no peito □Maria-Antonietta, o cabello crespo e ruivo levantado em rolo sobre a testa dominadora, e o curvo nariz patricio, abrigando o sorriso sempre luzidio, sempre corrente, como um arco abriga o correr e o luzir d'um regato. Direita como n'um solio, a longa luneta de tartaruga acercada dos olhos miudos e turvamente azulados, ella escutava deante do Graphophono, depois deante do Microphono, como melodias superiores, os commentarios que o meu Jacintho ia atabalhoando com uma amabilidade penosa. E ante cada roda, cada mola, eram pasmos, louvores finamente torneados, em que attribuia a Jacintho, com astuta candura, todas aquellas inven□es do Saber! Os utensilios misteriosos que atulhavam a mesa d'ebano foram para ella uma inicia□o que a enlevou. Oh, o □numerador de paginas□! oh, o □collador

d'estampilhas□! A caricia demorada dos seus dedos seccos aquecia os metaes. E supplicava os endere□s dos fabricantes para se prover de todas aquellas utilidades adoraveis! Como a vida, assim apetrechada, se tornava escorregadia e facil! Mas era necessario o talento, o gosto de Jacintho, para escolher, para □crear!□ E n□ s□ao meu amigo (que o recebia com resigna□o) ella offertava o fino mel. Affagando com o cabo da luneta o Telegrapho, achou a possibilidade de recordar a eloquencia do Historiador. Mesmo para mim (de quem ignorava o nome) arranjou junto do Phonographo, e □erca de □vozes d'amigos que □doce colleccionar□, uma lisonjasinha redondinha e lustrosa, que eu chupei como um rebu□do celeste. Boa casaleira que vae atirando o gr□ aos frangos famintos, a cada passo, maternalmente, ella nutria uma vaidade. Sofrego d'outro

rebu□do, acompanhei a sua cauda sussurrante e c□ d'a□fr□. Ella par□a deante da Machina-de-contar, de que Jacintho j□lhe fornecera pacientemente uma explica□o sapiente. E de novo ro□u os buracos d'onde espreitam os numeros negros, e com o seu enlevado sorriso murmurou:--□Prodigiosa, esta prensa electrica!...□

Jacintho accudiu:

--N□! N□! Esta □..

Mas ella sorria, seguia... Madame de Treves n□ comprehendera nenhum apparelho do meu Principe! Madame de Treves n□ attendera a nenhuma disserta□o do meu Principe! N'aquelle gabinete de sumptuosa Mechanica ella s□ente se occup□a em exercer, com proveito e com perfei□o, a Arte de Agradar. Toda ella era

uma sublime falsidade. N□ escondi a Danjon a admira□o que me penetrava.

O facundo Academico revirou os olhos bogalhudos:

--Oh! e um g□to, uma intelligencia, uma seduc□o!... E depois como se janta bem em casa d'ella! Que caf□... Mulher superior, meu caro senhor, verdadeiramente superior!

Deslisei para a bibliotheca. Logo □entrada da erudita nave, junto da estante dos Padres da Egreja onde alguns cavalheiros conversavam, parei a saudar o director do _Boulevard_ e o Psychologo-feminista, o auctor do _Cora□o Triple_, com quem na v□pera me familiaris□a ao almo□, no 202. O seu acolhimento foi paternal: e, como se necessitasse a minha presen□, reteve na sua m□ illustre, rutilante de anneis, com

for□ e com gula, a minha grossa palma serrana. Todos aquelles senhores, com effeito, celebravam o seu Romance, a _Coura□_, lan□do n'essa semana entre gritinhos de g□o e um quente rumor de saias alvoro□das. Um sobretudo, com uma vasta cabe□ arranjada □Van Dick e que parecia posti□, proclamava, al□do na ponta das botas, que nunca penetr□a t□ fundamente, na velha alma humana, a ponta da Psychologia Experimental! Todos concordavam, se apertavam contra o Psychologo, o tratavam por □mestre□. Eu mesmo, que nem sequer entrevira a capa amarella da _Coura□_, mas para quem elle voltava os olhos pedinch□s e famintos de mais mel, murmurei com um leve assobio:--□uma delicia!□

E o Psychologo, reluzindo, com o labio humido, entalado n'um alto collarinho onde se enroscava uma gravata □1830,

confessava modestamente que dissec□a todas aquellas almas da _Coura□_ com □algum cuidado□, sobre documentos, sobre peda□s de vida ainda quentes, ainda a sangrar... E foi ent□ que Marizac, o duque de Marizac, notou, com um sorriso mais afiado que um lampejo de navalha, e sem tirar as m□s dos bolsos:

--No emtanto, meu caro, n'esse livro t□ profundamente estudado ha um erro bem estranho, bem curioso!...

O Psychologo, vivamente, atir□a a cabe□ para traz:

--Um erro?

Oh, sim, um erro! E bem inesperado n'um mestre t□ experiente!... Era attribuir □esplendida amorosa da _Coura□_, uma duqueza, e do gosto mais puro,--_um

collete de setim preto_! Esse collete, assim preto, de setim, apparecia na bella pagina de analyse e paix□ em que ella se despia no quarto de Ruy d'Alize. E Marizac, sempre com as m□s nos bolsos, mais grave, appellava para aquelles senhores. Pois era verosimil, n'uma mulher como a duqueza, esthetica, pre-raphaelitica, que se vestia no Doucet, no Paquin, nos costureiros intellectuaes, um collete de setim preto?

O Psychologo emmudecera, colhido, trespassado! Marizac era uma t□ suprema auctoridade sobre a roupa intima das duquezas, que □tarde, em quartos de rapazes, por impulsos idealistas e anceios d'alma dolorida--se p□m em collete e saia branca!... De resto o director do _Boulevard_ condemn□a logo sem piedade, com uma experiencia firme, aquelle collete, s□possivel n'alguma

mercieira atrazada que ainda procurasse effeitos de carne nedia sobre setim negro. E eu, para que me n julgassem alheio coisas dos adulterios ducaes e do luxo, acudi, mettendo os dedos pelo cabello:

--Realmente, preto, s se estivesse de lucto pesado, pelo pae!

O pobre mestre da _Coura_ succumbira. Era a sua gloria de Doutor em Elegancias-Femininas desmantelada--e Paris suppondo que elle nunca vira uma duqueza desatacar o collete na sua alcova de Psychologo! Ent, passando o len sobre os labios que a angustia ressequira, confessou o erro, e contrictamente o attribuiu a uma improvisa o tumultuosa:

--Foi um tom falso, um tom perfeitamente falso que me escapou!... Com effeito! absurdo, um collete preto!... Mesmo por

harmonia com o estado da alma da duqueza devia ser lilaz, talvez c□ de reseda muito desmaiada, com um frouxo de rendas antigas de Malines... □prodigioso como me escapou! Pois tenho o meu caderno de entrevistas bem annotadas, bem documentadas!...

Na sua amargura, terminou por supplicar a Marizac que espalhasse por toda a parte, no Club, nas salas, a sua confiss□. F□a um engano de artista, que trabalha na febre, vasculhando as almas, perdido nas profundidades negras das almas! N□ repar□a no collete, confundira os tons... E gritou, com os bra□s estendidos para o director do _Boulevard_:

--Estou prompto a fazer uma rectifica□o, n'uma _interview_, meu caro mestre! Mande um dos seus redactores... □anh□ □ dez horas! Fazemos uma _interview_,

fixamos a c□. Evidentemente □lilaz... Mande um dos seus homens, meu caro mestre! □tambem uma occasi□ para eu confessar, bem alto, os servi□s que o _Boulevard_ tem feito □ sciencias psychologicas e feministas!

Assim elle supplicava, encostado □estante, □ lombadas dos Santos Padres. E eu abalei, vendo ao fundo da Bibliotheca Jacintho que se debatia e se recusava entre dous homens.

Eram os dois homens de Madame de Treves--o marido, conde de Treves, descendente dos reis de Candia, e o amante, o terrivel banqueiro judeu, David Ephraim. E t□ enfronhadamente assaltavam o meu Principe que nem me reconheceram, ambos n'um aperto de m□ molle e vago me trataram por □caro conde□! N'um relance, rebuscando

charutos sobre a mesa de limoeiro, comprehendi que se tramava a _Companhia das Esmeraldas da Birmania_, medonha empreza em que scintillavam milh□s, e para que os dous confederados de bolsa e d'alc□a, desde o come□ do anno, pediam o nome, a influencia, o dinheiro de Jacintho. Elle resistira, n'um enfado dos negocios, desconfiado d'aquellas esmeraldas soterradas n'um valle da Asia. E agora o conde de Treves, um homem esgrouviado, de face rechupada, erri□da de barba rala, sob uma fronte rotunda e amarella como um mel□, assegurava ao meu pobre Principe que no Prospecto j□preparado, demonstrando a grandeza do negocio, perpassava um fulg□ das _Mil e Uma noites_. Mas sobretudo aquella excava□o de esmeraldas convidava todo o espirito culto pela sua ac□o civilisadora. Era uma corrente de id□s occidentaes, invadindo,

educando a Birmania. Elle acceit□a a direc□o por patriotismo...

--De resto □um negocio de joias, de arte, de progresso, que deve ser feito, n'um mundo superior, entre amigos...

E do outro lado o terrivel Ephraim, passando a m□ curta e gorda sobre a sua bella barba, mais frisada e negra que a d'um Rei Assyrio, affian□va o triumpho da empreza pelas grossas for□s que n'ella entravam, os Nagayers, os Bolsans, os Saccart...

Jacintho franzia o nariz, enervado:

--Mas, ao menos, est□ feitos os estudos? J□se provou que ha esmeraldas?

Tanta ingenuidade exasperou Ephraim:

--Esmeraldas! Est□claro que ha esmeraldas!... Ha sempre esmeraldas desde que haja accionistas!

E eu admirava a grandeza d'aquella maxima--quando appareceu, esbaforido, desdobrando o len□ muito perfumado, um dos familiares do 202, Todelle (Antonio de Todelle), mo□ j□calvo, d'infinitas prendas, que conduzia Cotillons, imitava cantores de Caf□Concerto, temperava saladas raras, conhecia todos os enredos de Paris.

--J□veio?... J□c□est□o Gran-Duque?

N□, S. Alteza ainda n□ cheg□a. E Madame de Todelle?

--N□ poude... No soph□.. Esfolou uma perna.

--Oh!

--Quasi nada... Cahiu do velocipede!

Jacintho, logo interessado:

--Ah! Madame de Todelle anda j□de velocipede?

--Aprende. Nem tem velocipede!... Agora, na quaresma, □que se applicou mais, no velocipede do padre Ernesto, do cura de S. Jos□ Mas hontem, no Bosque, z□, terra!... Perna esfolada. Aqui.

E na sua propria c□a, com a unha, vivamente, desenhou o esfol□. Ephraim, brutal e serio, murmurou:--□Diabo! □no melhor sitio!□ Mas Todelle nem o escut□a, correndo para o director do _Boulevard_, que se avan□va, lento e barrigudo, com o seu monoculo negro semelhante a um pacho. Ambos se collaram contra uma

estante, n'um cochichar profundo.

Jacintho e eu entramos ent□ no bilhar, forrado de velhos couros de Cordova, onde se fumava. Ao canto d'um divan, o grande Dornan, o poeta neo-platonico e mystico, o Mestre subtil de todos os rithmos, espapado nas almofadas, com um dos p□ sob a c□a gorda, como um Deus indio, dois bot□s do collete desabotoados, a papeira cahida sobre o largo decote do collarinho, mamava magestosamente um immenso charuto. Ao p□d'elle, tamb□ sentado, um velho que eu nunca encontr□a no 202, esbelto, de cabellos brancos em anneis passados por traz das orelhas, a face coberta de p□de arroz, um bigodinho muito negro e arrebitado, find□a certamente alguma historia de bom e grosso sal--porque deante do divan, de p□ Joban, o supr□o Critico de Theatro, ria com a calva escarlate de g□o, e um mo□ muito

ruivo (descendente de Colygny), de perfil de periquito, sacudia os bra□s curtos como azas, e gania: □delicioso! divino!□ S□o poeta idealista permanecera impassivel, na sua magestade obesa. Mas, quando nos acercamos, esse Mestre do rythmo perfeito, depois de soprar uma farta fumarada e me saudar com um pesado mover das palpebras, come□u n'uma voz de rico e sonoro metal:

--Ha melhor, ha infinitamente melhor... Todos aqui conhecem Madame Noredal. Madame Noredal tem umas immensas nadegas...

Desgra□damente para o meu regalo Todelle invadiu o bilhar, reclamando Jacintho com alarido. Eram as senhoras que desejavam ouvir no Phonographo uma aria da Patti! O meu amigo sacudiu logo os hombros, n'uma surda irrita□o:

--Aria da Patti... Eu sei l□ Todos esses rolos est□ em confus□. Al□ d'isso o Phonographo trabalha mal. Nem trabalha! Tenho tres. Nenhum trabalha!

--Bem! exclamou alegremente Todelle. Canto eu a _Pauvre fille_... □mais de ceia! _Oh, la pauv', pauv', pauv'_...

Travou do meu bra□, e arrastou a minha timidez serrana para o sal□ c□ de rosa murcha, onde, como Deusas n'um circulo escolhido do Olympo, resplandeciam Madame d'Oriol, Madame Verghane, a princeza de Carman, o uma outra loura, com grandes brilhantes nas grandes farripas, e d'hombros t□ n□s, e bra□s t□ n□s, e peitos t□ n□s, que o seu vestido branco com bordados d'ouro pallido parecia uma camisa, a escorregar. Impressionado, ainda retive Todelle, rugi

baixinho:--□Quem □□ Mas j□o festivo homem correra para Madame d'Oriol, com quem riam, n'uma familiaridade superior e facil, Marizac (o duque de Marizac) e um mo□ de barba c□ de milho e mais leve que uma penugem, que se balou□va gracilmente sobre os p□, como uma espiga ao vento. E eu, encalhado contra o piano, esfregava lentamente as m□s, amassando o meu embara□, quando Madame Verghane se ergueu do soph□onde conversava com um velho (que tinha a Gran-Cruz de Santo Andr□, e avan□u, deslizou no tapete, pequena e nedia, na sua copiosa cauda de velludo verde-negro. T□ fina era a cinta, entre os encontros fecundos e a vastid□ do peito, todo n□ e c□ de nacar, que eu receava que ella partisse pelo meio, no seu lento ondular. Os seus famosos band□ negros, d'um negro furioso, inteiramente lhe tapavam as orelhas; e, no grande aro d'ouro que os circumdava, reluzia uma

estrella de brilhantes, como na fronte dos anjos de Boticelli. Conhecendo sem d□vida a minha auctoridade no 202, ella despediu sobre mim ao passar, como raio benefico, um sorriso que lhe liquescia mais os olhos liquidos, e murmurou:

--O Gran-Duque vem, com certeza?

--Oh com certeza, minha senhora, para o peixe!

--P'ra o peixe?...

Mas justamente, na antecamara, rompeu, em rufos e arcadas triumphaes, a marcha de Rakoczy. Era elle! Na Bibliotheca, o nosso retumbante mordomo annunciava:

--S. Alteza o Gran-Duque Casimiro!

Madame de Verghane, com um curto

suspiro d'emo□o, alteou o peito, como para lhe exp□ melhor a magnificencia eburnea. E o homem do _Boulevard_, o velho da Gran-Cruz, Ephraim, quasi me empurraram, investindo para a porta, na immensa sofreguid□ de Pessoa Real.

Precedido por Jacintho, o Gran-Duque surgiu. Era um possante homem, de barba em bico, j□grisalha, um pouco calvo. Durante um momento hesitou, com um balan□ lento sobre os p□ pequeninos, cal□dos de sapatos rasos, quasi sumidos sob as pantalonas muito largas. Depois, pesado e risonho, veio apertar a m□ □ senhoras que mergulhavam nos velludos e s□as, em mesuras de C□te. E immediatamente, batendo com carinhosa jovialidade no hombro de Jacintho:

--E o peixe?... Preparado pela receita que mandei, hein?

Um murmurio de Jacintho tranquillisou S. Alteza.

--Ainda bem, ainda bem! exclamou elle, no seu vozeir□ de commando. Que eu n□ jantei, absolutamente n□ jantei! □que se est□jantando deploravelmente em casa do Joseph. Mas porque se vai jantar ainda ao Joseph? Sempre que chego a Paris, pergunto: □Onde □que se janta agora?□ Em casa do Joseph!... Qual! n□ se janta! Hoje, por exemplo, gallinholas... Uma peste! N□ tem, n□ tem a no□o da gallinhola!

Os seus olhos azulados, d'um azul sujo, rebrilhavam, alargados pela indigna□o:

--Paris est□perdendo todas as suas superioridades. J□se n□ janta, em Paris!

Ent□, em redor, aquelles senhores

concordaram, desolados. O conde de Treves defendeu o Bignon, onde se conservavam nobres tradi□es. E o director do _Boulevard_, que se empurrava todo para S. Alteza, attribuia a decadencia da cozinha, em Fran□, □Republica, ao gosto democratico e torpe pelo barato.

--No Paillard, todavia...--come□u o Ephraim.

--No Paillard! gritou logo o Gran-Duque. Mas os Borgonhas s□ t□ maus! os Borgonhas s□ t□ maus!...

Deix□a pender os bra□s, os hombros, descor□ado. Depois, com o seu lento andar balan□do como o d'um velho piloto, atirando um pouco para traz as lapellas da casaca, foi saudar Madame d'Oriol, que toda ella faiscou, no sorriso, nos olhos, nas joias, em cada pr□a das suas s□as c□ de

salm□. Mas apenas a clara e macia creatura, batendo o leque como uma aza alegre, come□ra a chalrar, S. Alteza reparou no apparelho do Theatrophone, pousado sobre uma mesa entre fl□es, e chamou Jacintho:

--Em communica□o com o Alcazar?... O Theatrophone?

--Certamente, meu senhor.

Excellente! Muito chic! Elle fic□a com pena de n□ ouvir a Gilberte n'uma can□neta nova, as _Casquettes_. Onze e meia! Era justamente a essa hora que ella cantava, no ultimo acto da _Revista Electrica_...--Collou □ orelhas os dous □receptores□ do Theatrophone, e quedou embebido, com uma ruga s□ia na testa dura. De repente, n'um commando forte:

--□ella! Chut! Venham ouvir!... □ella! Venham todos! Princeza de Carman, para aqui! Todos! □ella! Chut...

Ent□, como Jacintho install□a prodigamente dois Theatrophones, cada um provido de doze fios, as senhoras, todos aquelles cavalheiros, se apressaram a acercar submissamente um receptor do ouvido, e a permanecer immoveis para saborear _Les Casquettes_. E no sal□ c□ de rosa murcha, na nave da Bibliotheca, onde se espalh□a um silencio augusto, s□eu fiquei desligado do Theatrophone, com as m□s nas algibeiras e ocioso.

No relogio monumental, que marcava a hora de todas as Capitaes e o movimento de todos os Planetas, o ponteiro rendilhado adormeceu. Sobre a mudez e a immobilidade pensativa d'aquelles dorsos, d'aquelles decotes, a Electricidade

refulgia com uma tristeza de sol regelado. E de cada orelha attenta, que a m□ tapava, pendia um fio negro, como uma tripa. Dornan, esbroado sobre a mesa, cerr□a as palpebras, n'uma medita□o de monge obeso. O historiador dos Duques d'Anjou, com o □receptor□ na ponta delicada dos dedos, erguendo o nariz agudo e triste, gravemente cumpria um dever palaciano. Madame d'Oriol sorria, toda languida, como se o fio lhe murmurasse do□ras. Para desentorpecer arrisquei um passo timido. Mas cahiu logo sobre mim um _chut_ severo do Gran-Duque! Recuei para entre as cortinas da janella, a abrigar a minha ociosidade. O Philologo da _Coura□_, distante da mesa, com o seu comprido fio esticado, mordia o bei□, n'um esfor□ de penetra□o. A beatitude de S. Alteza, enterrado n'uma vasta poltrona, era perfeita. Ao lado o collo de Madame Verghane arfava como uma onda de leite.

E o meu pobre Jacintho, n'uma applica□o conscienciosa, pendia sobre o Theatrophone t□ tristemente como sobre uma sepultura.

Ent□, ante aquelles seres de superior civilisa□o, sorvendo n'um silencio devoto as obscenidades que a Gilberte lhes gania, por debaixo do solo de Paris, atravez de fios mergulhados nos esgotos, cingidos aos canos das fezes,--pensei na minha aldeia adormecida. O crescente de lua, que, seguido d'uma estrellinha, corria entre nuvens sobre os telhados e as chamin□ negras dos Campos-Elyseos, tambem andava l□fugindo, mais lustrosa e mais d□e, por cima dos pinheiraes. As r□ coaxavam ao longe no Pego da Dona. A ermidinha de S. Joaquim branquejava no cabe□, nuasinha e candida...

Uma das senhoras murmurou:

--Mas, n□ □a Gilberte!...

E um dos homens:

--Parece um cornetim...

--Agora s□ palmas...

--N□, □o Paulin!

O Gran-Duque lan□u um _chut_ feroz... No pateo da nossa casa ladravam os c□s. D'al□ do ribeiro respondiam os c□s do Jo□ Saranda. Como me encontrei descendo por uma quelha, sob as ramadas, com o meu varapau ao hombro? E sentia, entre a s□a das cortinas, n'um fino ar macio, o cheiro das pinhas estalando nas lareiras, o calor dos curraes atravez das sebes altas, e o susurro dormente das levadas...

Despertei a um brado que n□ sahia nem dos eidos, nem das sombras. Era o Gran-Duque que se erguera, encolhia furiosamente os hombros:

--N□ se ouve nada!... S□guinchos! E um zumbido! Que massada!... Pois □uma belleza, a can□neta:

Oh les casquettes, Oh les casque-e-e-tes!...

Todos largaram os fios--proclamavam a Gilberte deliciosa. E o mordomo bemdito, abrindo largamente os dous batentes, annunciou:

--_Monseigneur est servi_!

Na mesa, que pelo esplendor das orchideas mereceu os louvores ruidosos de S. Alteza, fiquei entre o ethereo poeta Dornan e aquelle mo□ de pennugem loura

que balou□va como uma espiga ao vento. Depois de desdobrar o guardanapo, de o accomodar regaladamente sobre os joelhos, Dornan desenvencilhou da corrente do relogio uma enorme luneta para percorrer o _menu_--que approvou. E inclinando para mim a sua face de Apostolo obeso:

--Este Porto de 1834, aqui era casa do Jacintho, deve ser authentico... Hein?

Assegurei ao Mestre dos Rythmos que o □Porto□ envelhec□a nas adegas classicas do av□Gali□. Elle afastou, n'uma prepara□o methodica, os longos, densos fios do bigode que lhe cobriam a bocca grossa. Os escudeiros serviram um consomm□frio com trufas. E o mo□ c□ de milho, que espalh□a pela mesa o seu olhar azul e d□e, murmurou, com uma desconsola□o risonha:

--Que pena!... S falta aqui um general e um bispo!

Com effeito! Todas as Classes Dominantes comiam n'esse momento as trufas do meu Jacintho... Mas defronte Madame d'Oriol lan ra um riso mais cantado que um gorgeio. O Gran-Duque, n'uma silva de orchideas que orlava o seu talher, not a uma, sombriamente horrenda, semelhante a um lacrau esverdinhado, de azas lustrosas, gordo e tumido de veneno: e muito delicadamente offert a a fl monstruosa a Madame d'Oriol, que, com trinado riso, solemnemente, a collocou no seio. Collado uella carne macia, d'uma brancura de nata fina, o lacrau inch a, mais verde, com as azas frementes. Todos os olhos se accendiam, se cravavam no lindo peito, a que a fl disforme, de c venenosa, apimentava o sabor. Ella

reluzia, triumphava. Para ageitar melhor a orchidea os seus dedos alargaram o decote, aclararam bellezas, guiando aquellas curiosidades flammejantes que a despiam. A face vincada de Jacintho pendia para o prato vasio. E o alto lyrico do _Crepusculo Mystico_, passando a m□ pelas barbas, rosnou com desdem:

--Bella mulher... Mas ancas seccas, e aposto que n□ tem nadegas!

No emtanto o mo□ de loura pennugem volt□a □sua estranha m□oa. N□ possuirmos um general com a sua espada, e um bispo com seu baculo!...

--Para que, meu caro senhor?

Elle atirou um gesto suave em que todos os seus anneis faiscaram:

--Para uma bomba de dynamite... Temos aqui um explendido ramalhete de fl□es de Civilisac□, com um Gran-Duque no meio. Imagine uma bomba de dynamite, atirada da porta!... Que bello fim de ceia, n'um fim de seculo!

E como eu o considerava assombrado, elle, bebendo golos de Chateau-Yquem, declarou que hoje a unica emo□o, verdadeiramente fina, seria aniquillar a Civilisa□o. Nem a sciencia, nem as artes, nem o dinheiro, nem o amor, podiam j□dar um gosto intenso e real □ nossas almas saciadas. Todo o prazer que se extrah□a de _crear_ estava esgotado. S□restava, agora, o divino prazer de _destruir_!

Desenrolou ainda outras enormidades, com um riso claro nos olhos claros. Mas eu n□ attendia o gentil pedante, colhido por outro cuidado--reparando que em torno,

subitamente, todo o servi□ estac□a como no conto do Palacio Petrificado. E o prato agora devido era o peixe famoso da Dalmacia, o peixe de S. Alteza, o peixe inspirador da festa! Jacintho, nervoso, esmagava entre os dedos uma fl□. E todos os escudeiros sumidos!

Felizmente o Gran-Duque contava a historia d'uma ca□da, nas coutadas de Sarvan, em que uma senhora, mulher de um banqueiro, salt□a bruscamente do cavallo, n'um descampado, sem arvores. Elle e todos os ca□dores param--e a galante senhora, livida, com a amazona arrega□da, corre para traz d'uma pedra... Mas nunca soubemos em que se occupava a banqueira, n'esse descampado, agachada atraz da pedra--porque justamente o mordomo appareceu, relusente de suor, e balbuciou uma confidencia a Jacintho, que mordeu o bei□,

trespassado. O Gran-Duque emmudecera. Todos se entre-olhavam, n'uma anciedade alegre. Ent□ o meu Principe, com paciencia, com heroicidade, for□ndo pallidamente o sorriso:

--Meus amigos, ha uma desgra□...

Dornan pulou na cadeira:

--Fogo?

N□, n□ era fogo. F□a o elevador dos pratos, que inesperadamente, ao subir o peixe de S. Alteza, se desarranj□a, e n□ se movia, encalhado!

O Gran-Duque arremessou o guardanapo. Toda a sua polidez estalava como um esmalte mal posto:

--Essa □forte!... Pois um peixe que me deu

tanto trabalho! Para que estamos n□ aqui ent□ a cear? Que estupidez! E porque o n□ trouxeram □m□, simplesmente? Encalhado... Quero v□! Onde □a copa?

E, furiosamente, investiu para a copa, conduzido pelo mordomo que trope□va, vergava os hombros, ante esta esmagadora colera de Principe. Jacintho seguiu, como uma sombra, levado na rajada de S. Alteza. E eu n□ me contive, tambem me atirei para a copa, a contemplar o desastre, emquanto Dornan, batendo na c□a, clamava que se ceasse sem peixe!

O Gran-Duque l□estava, debru□do sobre o po□ escuro do elevador, onde mergulh□a uma vela que lhe avermelhava mais a face esbraseada. Espreitei, por sobre o seu hombro real. Em baixo, na treva, sobre uma larga prancha, o peixe precioso

alvejava, deitado na travessa, ainda fumegando, entre rodellas de lim□. Jacintho, branco como a gravata, torturava desesperadamente a mola complicada do ascensor. Depois foi o Gran-Duque que, com os pulsos cabelludos, atirou um empux□ tremendo aos cabos em que elle rolava. Debalde! O apparelho enrij□a n'uma inercia de bronze eterno.

S□as ro□garam □entrada da copa. Era Madame d'Oriol, e atraz Madame Verghane, com os olhos a faiscar, na curiosidade d'aquelle lance em que o Principe solt□a tanta paix□. Marizac, nosso intimo, surgiu tambem, risonho, propondo uma descida ao po□ com escadas. Depois foi o Psychologo, que se abeirou, psychologou, attribuindo inten□es sagazes ao peixe que assim se recusava. E a cada um o Gran-Duque, escarlate, mostrava com dedo tragico, no fundo da cova, o seu

peixe! Todos afundavam a face, murmuravam: □l□est□□ Todelle, na sua precipita□o, quasi se despenhou. O periquito descendente de Colygny batia as azas, ganindo:--□Que cheiro elle deita, que delicia!□ Na copa atulhada os decotes das senhoras ro□vam a farda dos lacaios. O velho caiado de p□d'arroz metteu o p□n'um balde de gelo, com um berro ferino. E o Historiador dos Duques d'Anjou movia por cima de todos o seu nariz bicudo e triste.

De repente, Todelle teve uma id□!

--□muito simples... □pescar o peixe!

O Gran-Duque bateu na c□a uma palmada triumphal. Est□claro! Pescar o peixe! E no gozo d'aquella facecia, t□ rara e t□ nova, toda a sua colera se sum□a, de novo se torn□a o Principe amavel, de magnifica

polidez, desejando que as senhoras se sentassem para assistir □pesca miraculosa! Elle mesmo seria o pescador! Nem se necessitava, para a divertida fa□nha, mais que uma bengala, uma guita e um gancho. Immediatamente Madame d'Oriol, excitada, offereceu um dos seus ganchos. Apinhados em volta d'ella, sentindo o seu perfume, o calor da sua pelle, todos exaltamos a amoravel dedica□o. E o Psychologo proclamou que nunca se pesc□a com t□ divino anzol!

Quando dois escudeiros estonteados voltaram, trazendo uma bengala e um cordel, j□o Gran-Duque, radiante, verg□a o gancho em anzol. Jacintho, com uma paciencia livida, erguia uma lampada sobre a escurid□ do po□ fundo. E os senhores mais graves, o Historiador, o director do _Boulevard_, o Conde de Treves, o homem de cabe□ □Van-Dick,

sorriam, amontoados □porta, n'um interesse reverente pela phantasia de S. Alteza. Madame de Treves, essa, examinava serenamente, com a sua nobre luneta, a installa□o da copa. S□Dornan n□ se erguera da mesa, com os punhos cerrados sobre a toalha, o gordo pesco□ encovado, no tedio sombrio de fera a quem arrancaram a posta.

No emtanto S. Alteza pescava com fervor! Mas debalde! O gancho, pouco agudo, sem presa, bamboleando na extremidade da guita frouxa, n□ fisgava.

--Oh Jacintho, erga essa luz! gritava elle, inchado e suado. Mais!... Agora! Agora! □na guelra! S□na guelra □que o gancho o p□e prender. Agora... Qual! Que diabo! N□ vae!

Tirou a face do po□, resfolgando e

affrontado. N□ era possivel! S□carpinteiros, com alavancas!... E todos, anciosamente, bradamos que se abandonasse o peixe!

O Principe, risonho, sacudindo as m□s, concordava que por fim □f□a mais divertido pescal-o do que com□-o!□ E o elegante bando refluiu sofregamente para a mesa, ao som d'uma valsa de Strauss, que os Tziganes arreme□ram em arcadas de languido ard□. S□Madame de Treves se demorou ainda, retendo o meu pobre Jacintho, para lhe assegurar quanto admirava o arranjo da sua copa... Oh perfeita! Que comprehens□ da vida, que fina intelligencia do conforto!

S. Alteza, encalmado pelo esfor□, esvasiou poderosamente dous copos de Chateau-Lagrange. Todos o acclamavam como um pescador genial. E os escudeiros

serviram o _Bar□ de Pauillac_, cordeiro das lezirias marinhas, que, preparado com ritos quasi sagrados, toma este grande nome sonoro e entra no Nobiliario de Fran□.

Eu comi com o appetite d'um heroe de Homero. Sobre o meu copo e o de Dornan o Champagne scintillou e jorrou ininterrompidamente como uma fonte de inverno. Quando se serviram ortolans gelados, que se derretiam na bocca, o divino poeta murmurou, para meu regalo, o seu soneto sublime a □Santa Clara□. E como, do outro lado, o mo□ de pennugem loura insistia pela destrui□o do velho mundo, tambem concordei, e, sorvendo o Champagne coalhado em sorvete, maldissemos o Seculo, a Civilisa□o, todos os orgulhos da Sciencia! Atrav□ das fl□es e das luzes, no emtanto, eu seguia as ondas arfantes do vasto peito de Madame

Verghane, que ria como uma bacchante. E nem me apiedava de Jacintho que, com a do□ra de S. Jacintho sobre o c□o, esperava o fim do seu martyrio e da sua festa.

Ella findou. Ainda recordo, □ tres horas da noite, o Gran-Duque na antecamara, muito vermelho, mal firme nos p□ pequeninos, sem acertar com as mangas da pelissa que Jacintho e eu lhe ajudamos a enfiar--convidando o meu amigo, n'uma effus□ carinhosa, a ir ca□r □ suas terras da Dalmacia...

--Devo ao meu Jacintho uma bella pesca, quero que elle me deva uma bella ca□da!

E emquanto o acompanhavamos, entre as alas dos escudeiros, pela vasta escada onde o mordomo o precedia erguendo um candelabro de tres lumes, S. Alteza repisava, pegajoso:

--Uma bella ca□da... E tambem vae Fernandes! Bom Fernandes, Z□Fernandes! Ceia superior, meu Jacintho! O _Bar□ de Pauillac_, divino!... Creio que o devemos nomear Duque... O Senhor Duque de Pauillac! Mais um bocado da perna do Senhor Duque de Pauillac. Ah! Ah!... N□ venham f□a! N□ se constipem!

E do fundo do coup□ ao rodar, ainda bradou:

--O peixe, Jacintho, desencalha o peixe! Excellente, ao almo□, frio, com m□ho verde!

Trepando can□damente os degraus, n'uma molleza de Champagne e somno em que os olhos se me cerravam, murmurei para o meu Principe:

--Foi divertido, Jacintho! Sumptuosa mulher, a Verghane! Grande pena, o elevador...

E Jacintho, n'um som cavo que era bocejo e rugido:

--Uma massada! E tudo falha!

* * * * *

Tres dias depois d'esta festa no 202 recebeu o meu Principe inesperadamente, de Portugal, uma nova consideravel. Sobre a sua quinta e solar de Tormes, por toda a serra, passou uma tormenta devastadora de vento, corisco e agua. Com as grossas chuvas, ou por outras causas que os peritos dirão (como exclamava na sua carta angustiada o procurador Silverio), um pedaço de monte, que se avançava em socalco sobre o valle da Carriça, desabou,

arrastando a velha egreja, uma egrejinha rustica do seculo XVI, onde jaziam sepultados os av□ de Jacintho desde os tempos de el-rei D. Manoel. Os ossos veneraveis d'esses Jacinthos jaziam agora soterrados sob um mont□ informe de terra e pedra. O Silverio j□come□ra com os mo□s da quinta a desatulhar dos □preciosos restos□. Mas esperava anciosamente as ordens de sua exc.^a...

Jacintho empallidec□a, impressionado. Esse velho solo serrano, t□ rijo e firme desde os Godos, que de repente ruia! Esses jazigos de paz piedosa, precipitados com fragor, na borrasca e na treva, para um negro fundo de valle! Essas ossadas, que todas conservavam um nome, uma data, uma historia, confundidas n'um lixo de ruina!

--Coisa estranha, coisa estranha!...

E toda a noite me interrogou □erca da serra e de Tormes, que eu conhecia desde pequeno, por que o velho solar, com a sua nobre alameda de faias seculares, se erguia a duas legoas da nossa casa, no antigo caminho de Gui□s □esta□o e ao rio. O caseiro de Tormes, o bom Melchior, era cunhado do nosso feitor da Roqueirinha:--e muitas vezes, depois da minha intimidade com Jacintho, eu entr□a no robusto casar□ de granito, e avali□a o gr□ espalhado pelas salas sonoras, e prov□a o vinho novo nas adegas immensas...

--E a egreja, Z□Fernandes?... Entraste na egreja?

--Nunca... Mas era pittoresca, com uma torresinha quadrada, toda negra, onde ha muitos annos vivia uma familia de

cegonhas... Terrivel transtorno para as cegonhas!

--Coisa estranha! murmurava ainda o meu Principe, agourado.

E telegraphou ao Silverio que desatulhasse o valle, recolhesse as ossadas, reedificasse a Egreja, e, para esta obra de piedade e reverencia, gastasse o dinheiro, sem contar, como a agua d'um rio largo.

V

No emtanto Jacintho, desesperado com tantos desastres humilhadores--as torneiras que dessoldavam, os elevadores que emperravam, o Vapor que se encolhia, a Electricidade que se sumia, decidiu valorosamente vencer as resistencias finaes da Materia e da For□ por novas e mais poderosas accumulac□s de Mechanismos. E n'essas semanas de Abril, emquanto as rosas desabrochavam, a nossa agitada casa, entre aquellas quietas casas dos Campos-Elyseos que pregui□vam ao sol, incessantemente tremeu, envolta n'um p□de cali□ e d'empreitada, com o bruto picar de pedra, o retininte martelar de ferro. Nos silenciosos corredores, onde me era d□e fumar antes do almo□ um pensativo cigarro, circulavam agora, desde

madrugada, ranchos d'operarios, de blusas brancas, assobiando o _Pet□-Bleu_, e intimidando os meus passos quando eu atravessava em fralda e chinellas para o banho ou para outros retiros. Apenas se varava com pericia algum andaime obstruindo as portas--logo se esbarrava com uma pilha de taboas, uma ceira de farramentas ou um balde enorme d'argamassa. E os peda□s de soalho levantado mostravam tristemente, como n'um cadaver aberto, todos os interiores do 202, a ossatura, os sensiveis nervos d'arame, os negros intestinos de ferro fundido.

Cada dia estacava deante do port□ alguma lenta carro□, d'onde os creados, em mangas de camisa, descarregavam caixotes de madeira, fardos de lona, que se despregavam e se descosiam n'uma sala asphaltada, ao fundo do jardim, por

traz da sebe de lilazes. E eu descia, reclamado pelo meu Principe, para admirar uma nova Machina que nos tornaria a vida mais facil, estabelecendo d'um modo mais seguro o nosso dominio sobre a Substancia. Durante os calores, que apertaram depois da Ascen□o, ensaiamos esperan□damente, para refrescar as aguas mineraes, a Soda-Water e os Medocs ligeiros, tres geleiras, que se amontoaram na copa successivamente desprestigiadas. Com os morangos novos appareceu um instrumentosinho astuto, para lhes arrancar os p□, delicadamente. Depois recebemos outro, prodigioso, de prata e crystal, para remexer phreneticamente as saladas; e, na primeira vez que o experimentei, todo o vinagre esparrinhou sobre os olhos do meu Principe, que fugiu aos uivos! Mas elle teimava... Nos actos mais elementares, para alliviar ou apressar o esfor□, se

soccorria Jacintho da Dynamica. E agora era por interven□o d'uma machina que abotoava as ceroulas.

E simultaneamente, ou em obediencia □sua Id□, ou governado pelo despotismo do habito, n□ cessava, ao lado da Mechanica accumulada, de accumular Erudi□o. Oh, a invas□ dos livros no 202! Solitarios, aos pares, em pacotes, dentro de caixas, franzinos, gordos e repletos de auctoridade, envoltos em plebeia capa amarella ou revestidos de marroquim e ouro, perpetuamente, torrencialmente, invadiam por todas as largas portas a Bibliotheca, onde se estiravam sobre o tapete, se repimpavam nas cadeiras macias, se enthronisavam em cima das mesas robustas, e sobretudo trepavam contra as janellas, em sofregas pilhas, como se, suffocados pela sua propria multid□, procurassem com ancia espa□ e

ar! Na erudita nave, onde apenas alguns vidros mais altos restavam descobertos, sem tapume de livros, perennemente se adensava um pensativo crepusculo de outono emquanto f□a Junho refulgia. A Bibliotheca transbord□a atrav□ de todo o 202! N□ se abria um armario sem que de dentro se despenhasse, desamparada, uma pilha de livros! N□ se franzia uma cortina sem que de traz surgisse, hirta, uma ruma de livros! E immensa foi a minha indigna□o quando uma manh□ correndo urgentemente, de m□s nas al□s, encontrei, vedada por uma tremenda collec□o de Estudos Sociaes, a porta do Water-Closet!

Mais amargamente por□ me lembro da noite historica em que, no meu quarto, moido e molle d'um passeio a Versalhes, com as palpebras poeirentas e meio adormecidas, tive de desalojar do meu leito, praguejando, um pavoroso

Diccionario de Industria em trinta e sete volumes! Senti ent□ a suprema fartura do livro. Ageitando, com murros, os travesseiros, maldisse a Imprensa, a Facundia humana... E j□me estir□a, adormecia, quando topei, quasi parti a preciosa rotula do joelho, contra a lombada d'um tomo que velhacamente se aninh□a entre a parede e os colch□s. Com furor e um berro empolguei, arremessei o tomo affrontoso--que entornou o jarro, inundou um tapete rico de Daghestan. E nem sei se depois adormeci--porque os meus p□, a que n□ sentia nem o pisar nem o rumor, como se um vento brando me levasse, continuaram a trope□r em livros no corredor apagado, depois na areia do jardim que o luar branqueava, depois na Avenida dos Campos-Elyseos, povoada e ruidosa como n'uma festa civica. E, oh portento! todas as casas aos lados eram construidas com livros. Nos ramos dos

castanheiros ramalhavam folhas de livros. E os homens, as finas damas, vestidos de papel impresso, com titulos nos dorsos, mostravam em vez de rosto um livro aberto, a que a brisa lenta virava docemente as folhas. Ao fundo, na Pra□ da Concordia, avistei uma escarpada montanha de livros, a que tentei trepar, arquejante, ora enterrando a perna em flacidas camadas de versos, ora batendo contra a lombada, dura como calhau, de tomos de Exegese e Critica. A t□ vastas alturas subi, para al□ da terra, para al□ das nuvens, que me encontrei, maravilhado, entre os astros. Elles rolavam serenamente, enormes e mudos, recobertos por espessas crostas de livros, d'onde surdia, aqui e al□, por alguma fenda, entre dois volumes mal juntos, um raiosinho de luz suffocada e anciada. E assim ascendi ao Paraiso. Decerto era o Paraiso--porque com meus olhos de mortal

argila avistei o Anci□ da Eternidade, aquelle que n□ tem Manh□nem Tarde. N'uma claridade que d'elle irradiava mais clara que todas as claridades, entre fundas estantes d'ouro abarrotadas de codices, sentado em vetustissimos folios, com os flocos das infinitas barbas espalhados por sobre resmas de folhetos, brochuras, gazetas e catalogos--o Altissimo lia. A fronte super-divina que concebera o Mundo pousava sobre a m□ super-forte que o Mundo cre□a--e o Creador lia e sorria. Ousei, arrepiado de sagrado horror, espreitar por cima do seu hombro coruscante. O livro era brochado, de tres francos... O Eterno lia Voltaire, n'uma edi□o barata, e sorria.

Uma porta faiscou e rangeu, como se alguem penetrasse no Paraiso. Pensei que um Santo novo cheg□a da Terra. Era Jacintho, com o charuto em braza, um

molho de cravos na lapella, sobra□ndo tres livros amarellos que a Princeza de Carman lhe emprest□a para l□!

* * * * *

N'uma d'essas activas semanas, por□, a minha atten□o subitamente se despegou d'este interessante Jacintho. Hospede do 202, conservava no 202 a minha mala e a minha roupa: e, acostado □bandeira do meu Principe, ainda occasionalmente comia do seu caldeir□ sumptuoso. Mas a minha alma, a minha embrutecida alma, e o meu corpo, o meu embrutecido corpo, habitavam ent□ na rua do Helder, n.º 16, quarto andar, porta □esquerda.

Descia eu uma tarde, n'uma leda paz de id□s e sensa□es, o Boulevard da Magdalena, quando avistei, deante da Esta□o dos Omnibus, rondando no

asphalto, n'um passo lento e felino, uma creatura secca, muito morena, quasi tisnada, com dous fundos olhos taciturnos e tristes, e uma matta de cabellos amarellados, toda crespa e rebelde, sob o chap□ velho de plumas negras. Parei, como colhido por um repux□ nas entranhas. A creatura passou--no seu magro rondar de gata negra, sobre um beiral de telhado, ao luar de Janeiro. Dous po□s fundos n□ luzem mais negra e taciturnamente do que luziam os seus olhos taciturnos e negros. N□ recordo (Deus louvado!) como rocei o seu vestido de s□a, lustroso e encebado nas pregas; nem como lhe rosnei uma s□pplica por entre os dentes que rangiam; nem como subimos ambos, morosamente e mais silenciosos que condemnnados, para um gabinete do Caf□Durand, safado e m□no. Deante do espelho, a creatura, com a lentid□ d'um rito triste, tirou o chap□ e a

romeira salpicada de vidrilhos. A s□a poida do corpete esgar□va nos cotovellos agudos. E os seus cabellos eram immensos, d'uma dureza e espessura de juba brava, em dous tons amarellos, uns mais dourados, outros mais crestados, como a c□ea de uma torta ao sahir quente do forno.

Com um riso tremulo, agarrei os seus dedos compridos e frios:

--E o nomesinho, hein?

Ella s□ia, quasi grave:

--Madame Colombe, 16, rua do Helder, quarto andar, porta □esquerda.

E eu (miseravel Z□Fernandes!) tambem me senti muito s□io, trespassado por uma emo□o grave, como se nos envolvesse,

n'aquella alc□a de Caf□ a magestade d'um Sacramento. □porta, empurrada levemente, o creado avan□u a face nedia. Ordenei uma lagosta, pato com piment□s, e Borgonha. E foi s□ente ao findarmos o pato que me ergui, amarfanhando convulsamente o guardanapo, e a tremer lhe beijei a bocca, todo a tremer, n'um beijo profundo e terrivel, em que deixei a alma, entre saliva e g□to de piment□! Depois, n'uma tipoia aberta, sob um bafo molle de leste e de trovoada, subimos a Avenida dos Campos-Elyseos. Em frente □grade do 202 murmurei, para a deslumbrar com o meu luxo:--□M□o alli, todo o anno!...□ E como ao mirar o Palacete, debru□da, ella ro□ra a matta fulva do pello crespo pela minha barba--berrei desesperadamente ao cocheiro; que galopasse para a rua do Helder, n.º 16, quarto andar, porta □esquerda!

Amei aquella creatura. Amei aquella creatura com Amor, com todos os Amores que est□ no Amor, o Amor divino, o Amor humano, o Amor bestial, como Santo Antonino amava a Virgem, como Romeu amava Julietta, como um bode ama uma cabra. Era estupida, era triste. Eu deliciosamente apagava a minha alegria na cinza da sua tristeza; e com ineffavel g□to afundava a minha raz□ na densidade da sua estupidez. Durante sete furiosas semanas perdi a consciencia da minha personalidade de Z□Fernandes--Fernandes de Noronha e Sande, de Gui□s! Ora se me affigurava ser um peda□ de c□a que se derretia, com horrenda delicia, n'um forno rubro e rugidor: ora me parecia ser uma faminta fogueira onde flammejava, estalava e se consumia um m□ho de galhos seccos. D'esses dias de sublime sordidez

s□conservo a impress□ d'uma alc□a forrada de cretones sujos, d'uma bata de l□c□ de lilaz com sotaches negros, de vagas garrafas de cerveja no marmore d'um lavatorio, e d'um corpo tisnado que rangia e tinha cabellos no peito. E tambem me resta a sensa□o de incessantemente e com arrobado deleite me despojar, arremessar para um rega□, que se cavava entre um ventre sumido e uns joelhos agudos, o meu relogio, os meus berloques, os meus anneis, os meus bot□s de punho de saphira, e as cento e noventa e sete libras em ouro que eu trouxera de Gui□s n'uma cinta de camur□. Do solido, decoroso, bem fornecido Z□Fernandes, s□restava uma carcassa errando atrav□ d'um sonho, com as gambias molles e a baba a escorrer.

Depois, uma tarde, trepando com a costumada gula a escada da rua do Helder, encontrei a porta fechada--e

arrancado da hombreira aquelle cart□ de _Madame Colombe_ que eu lia sempre t□ devotamente e que era a sua taboleta... Tudo no meu ser tremeu como se o ch□ de Paris tremesse! Aquella era a porta do Mundo que ante mim se fech□a! Para al□ estavam as gentes, as cidades, a vida, Deus e Ella. E eu fic□a s□inho, n'aquelle patamar do N□-ser, f□a da porta que se fech□a, unico ser f□a do Mundo! Rolei pelos degraus, com o fragor e a incoherencia d'uma pedra, at□ao cubiculo da porteira e do seu homem que jogavam as cartas em ditosa pachorra, como se t□ pavoroso abalo n□ tivesse desmantelado o Universo!

--Madame Colombe?

A barbuda comadre recolheu lentamente a vaza:

--Ja n□ mora... Abalou esta manh□ para outra terra, com outra porca!

Para outra terra! com outra porca!... Vasio, negramente vasio de todo o pensar, de todo o sentir, de todo o querer--boiei aos tombos, como um tonel vasio, na corrente a□dada do Boulevard, at□que encalhei n'um banco da Pra□ da Magdalena, onde tapei com as m□s, a que n□ sentia a febre, os olhos a que n□ sentia o pranto! Tarde, muito tarde, quando j□se cerravam com estrondo as cortinas de ferro das lojas, surdiu, d'entre todas estas confusas ruinas do meu ser, a eterna sobrevivente de todas as ruinas--a ideia de jantar. Penetrei no Durand, com os passos entorpecidos d'um resuscitado. E, n'uma recorda□o que m'escaldava a alma, encommendei a lagosta, o pato, o Borgonha! Mas ao alargar o collarinho, ensopado pelo ardor d'aquella tarde de Julho, entre a poeira da

Magdalena, pensei com desconf□to:--□Santissimo Nome de Deus! Que immensa s□e me fez esta desgra□!...□ De manso acenei ao mo□:--□Antes do Borgonha, uma garrafa de Champagne, com muito g□o, e um grande copo!...□ Creio que aquelle Champagne se engarraf□a no Ceu onde corre perennemente a fresca fonte da Consola□o, e que na garrafa bemdita que me coube penetr□a, antes d'arrolhada, um jorro largo d'essa fonte inneffavel. Jesus! que transcendente regalo, o d'aquelle nobre copo, embaciado, nevado, a espumar, a picar, n'um brilho d'ouro! E depois, garrafa de Borgonha! E depois, garrafa de Cognac! E depois Hortel□Pimenta granitada em g□o! E depois um desejo arquejante de espancar, com o meu rijo marmelleiro de Gui□s, a porca que fugira com outra porca! Dentro da tipoia fechada, que me transportou

n'um galope ao 202, n□ suffoquei este santo impulso, e com os meus punhos serranos atirei murros retumbantes contra as almofadas, onde _via_, furiosamente _via_ a matta immensa de pello amarello, em que a minha alma uma tarde se perdera, e tres mezes se debatera, e para sempre se emporcalh□a! Quando o fiacre estacou no 202 ainda eu espancava t□ desesperadamente a besta ingrata, que, aos berros do cocheiro, dous mo□s accudiram e me sustiveram, recebendo pelos hombros, sobre as nucas servis, os restos can□dos da minha colera.

Em cima, repelli a sollicitude do Grillo que tentava imp□ ao _si□ Z□Fernandes, a Z□Fernandes de Gui□s, a immensa indignidade d'um ch□de macella! E estirado no leito de D. Gali□, com as botas sobre o travesseiro, o chap□ alto sobre os olhos, ri, n'um doloroso riso, d'este Mundo

burlesco e sordido de Jacinthos e de Colombes! E de repente senti uma angustia horrenda. Era Ella! Era a Madame Colombe, que esfuzi□a da chamma da vela, e salt□a sobre o meu leito, e desaboto□a o meu collete, e arromb□a as minhas costellas, e toda ella, com as saias sujas, mergulh□a dentro do meu peito, e aboc□a o meu cora□o, e chupava a sorvos lentos, como na rua do Helder, o sangue do meu cora□o! Ent□, certo da Morte, ganindo pela tia Vicencia, pendi do leito para mergulhar na minha sepultura, que, atrav□ da nevoa final, eu distinguia sobre o tapete--redondinha, vidrada, de porcelana e com aza. E, sobre a minha sepultura, que t□ irreverentemente se assimilhava ao meu vaso, vomitei o Borgonha, vomitei o pato, vomitei a lagosta. Depois, n'um esfor□ ultra-humano, com um rugido, sentindo que, n□ s□ente toda a entranha, mas a alma se esvasiava toda, vomitei Madame

Colombe! Recahi sobre o leito de D. Gali□... Recarreguei o chap□ sobre os olhos para n□ sentir os raios do sol. Era um sol novo, um sol espiritual, que se erguia sobre a minha vida. E adormeci, como uma creancinha docemente embalada n'um ber□ de verga pelo Anjo da Guarda.

De manh□ lavei a pelle n'um banho profundo, perfumado com todos os aromas do 202, desde folhas de limonete da India at□essencia de jasmin de Fran□: e lavei a alma com uma rica carta da Tia Vicencia, em letra farta, contando da nossa casa, e da linda promessa das vinhas, e da compota de ginja que nunca lhe sah□a t□ fina, e da alegre fogueira do pateo em noite de S. Jo□, e da menininha muito gorda e cabelluda que vi□a do ceu para a minha afilhada Joanninha. Depois, □janella, bem limpo de alma e de corpo, n'uma quinzena de sedinha branca, tomando

ch□de Na□□ respirando os rosaes do jardim revividos pela chuva da madrugada, considerei, em divertido pasmo, que, durante sete semanas, me emporcalh□a, na rua do Helder, com um estardalho muito magro e muito tisnado! E conclui que padecera d'uma longa sez□, sez□ da carne, sez□ da imagina□o, apanhada n'um charco de Paris--n'esses charcos que se formam atrav□ da Cidade com as aguas mortas, os limos, os lixos, os tortulhos e os vermes d'uma Civilisa□o que apodrece.

* * * * *

Ent□, curado, todo o meu espirito, como uma agulha para o Norte, se virou logo para o meu complicado Principe, que, nas derradeiras semanas da minha infec□o sentimental, eu entrevira sempre descahido por cima de soph□, ou

vagueando atrav□ da Bibliotheca entre os seus trinta mil volumes, com arrastados bocejos de inercia e de vacuidade. Eu, na minha pressa indigna, s□lhe lan□va um distrahido--□que □isso?□ Elle, no seu moroso desalento, s□murmurava um s□co--□□calor!□

E, n'essa manh□da minha liberta□o, ao penetrar antes d'almo□ no seu quarto, no soph□o encontrei enterrado, com o _Figaro_ aberto sobre a barriga, a Agenda cahida sobre o tapete, toda a face envolta em sombra, e os p□ abandonados, n'uma soberana tristeza, ao pedicuro que lhe polia as unhas. Decerto o meu olhar reallumiado e repurificado, a brancura das minhas flanellas reproduzindo a quieta□o das minhas sensa□es, e a segura harmonia em que todo o meu ser visivelmente se movia, impressionaram o meu Principe--a quem a melancolia nunca embotava a

agudeza. Ergueu mollemente um bra molle:

--Ent esse capricho?

Derramei, sobre elle todo o fulgor d'um riso victorioso:

--Morto! E, como o Snr. de Malbrouck, morto e bem enterrado. Jaz! Ou antes, rola! Com effeito deve andar agora rolando por dentro do cano do esgoto!

Jacintho bocejou, murmurou:

--Este Z Fernandes de Noronha e Sande!...

E, no meu nome, no meu digno nome assim embrulhado n'um bocejo com desprendida ironia, se resumiu todo o interesse d'aquelle Principe pela suja tormenta em que se debatera o meu

cora□o! Mas n□ me melindrou esse consummado egoismo... Claramente percebia eu que o meu Jacintho atravessava uma densa nevoa de tedio, t□ densa, e elle t□ afundado na sua molle densidade, que as glorias ou os tormentos d'um camarada n□ o commoviam, como muito remotas, intangiveis, separadas da sua sensibilidade por immensas camadas de algod□. Pobre Principe da Gran-Ventura, tombado para o soph□de inercia, com os p□ no rega□ do pedicuro! Em que lodoso fastio cahira, depois de renovar t□ bravamente todo o recheio mechanico e erudito do 202, na sua lucta contra a For□ e a Materia!--E esse fastio n□ o escondeu mais do seu velho Z□Fernandes quando recome□u entre n□ a commun□ de vida e de alma a que eu t□ torpemente me arranc□a, uma tarde, deante da Esta□o dos Omnibus, no charco da Magdalena.

N□ eram certamente confiss□s enunciadas. O elegante e reservado Jacintho n□ torcia os bra□s, gemendo--□Oh vida maldita!□ Eram apenas express□s saciadas; um gesto de repellir com ranc□ a importunidade das coisas; por vezes uma immobilidade determinada, de protesto, no fundo d'um divan, d'onde se n□ desenterrava, como para um repouso que desejasse eterno; depois os bocejos, os □os bocejos com que sublinhava cada passo, continuado por fraqueza ou por dever inilludivel; e sobretudo aquelle murmurar que se torn□a perenne e natural--□Para que?□--□N□ vale a pena!□--□Que massada!...□

Uma noite no meu quarto, descal□ndo as botas, consultei o Grillo:

--Jacintho anda t□ mucho, t□ corcunda...

Que ser□ Grillo?

O venerando preto declarou com uma certeza immensa:

--S. Exc.^a soffre de fartura.

Era fartura! O meu Principe sentia abafadamente a fartura de Paris:--e na Cidade, na symbolica Cidade, f□a de cuja vida culta e forte (como elle outr'ora gritava, illuminado) o homem do seculo XIX nunca poderia saborear plenamente a □delicia de viver□, elle n□ encontrava agora f□ma de vida, espiritual ou social, que o interessasse, lhe valesse o esf□□ d'uma corrida curta n'uma tipoia facil. Pobre Jacintho! Um jornal velho, setenta vezes relido desde a Chronica at□aos Annuncios, com a tinta delida, as dobras ro□as, n□ enfastiaria mais o Solitario, que s□possuisse na sua Solid□ esse alimento

intellectual, do que o Parisianismo enfastiava o meu doce camarada! Se eu n'esse ver□ capciosamente o arrastava a um Caf□Concerto, ou ao festivo Pavilh□ d'Armenonville, o meu bom Jacintho, collado pesadamente □cadeira com um maravilhoso ramo de orchideas na casaca, as finas m□s abatidas sobre o cast□ da bengala, conservava toda a noite uma gravidade t□ estafada, que eu, compadecido, me erguia, o libertava, gozando a sua pressa em abalar, a sua fuga d'ave solta... Raramente (e ent□ com vehemente arranque como quem salta um fosso) descia a um dos seus Clubs, ao fundo dos Campos-Elyseos. N□ se occupara mais das suas Sociedades e Companhias, nem dos _Telephones de Constantinopla_, nem das _Religi□s Esotericas_, nem do _Bazar Espiritualista_, cujas cartas fechadas se amontoavam sobre a mesa d'ebano, d'onde o Grillo as

varria tristemente como o lixo d'uma vida finda. Tambem lentamente se despegava de todas as suas convivencias. As paginas da Agenda c□ de rosa murcha andavam desafogadas e brancas. E se ainda cedia a um passeio de Mail-coach, ou a um convite para algum Castello amigo dos arredores de Paris, era t□ arrastadamente, com um esfor□ t□ saturado ao enfiar o paletot leve, que me lembrava sempre um homem, depois d'um gordo jantar de provincia, a estalar, que, por pollidez ou em obediencia a um dogma, devesse ainda comer uma lampr□ de ovos!

Jazer, jazer em casa, na seguran□ das portas bem cerradas e bem defendidas contra toda a intrus□ do mundo, seria uma do□ra para o meu Principe se o seu proprio 202, com todo aquelle tremendo recheio de Civilisa□o, n□ lhe d□se uma sensa□o dolorosa de abafamento, de

atulhamento! Julho escaldava: e os brocados, as alcatifas, tantos moveis roli□s e f□os, todos os seus metaes e todos os seus livros, t□ espessamente o opprimiam, que escancarava sem cessar as janellas para prolongar o espa□, a claridade, a frescura. Mas era ent□ a poeira, suja e acre, rolada em bafos mornos, que o enfurecia:

--Oh, este p□da Cidade!

--Mas, oh Jacintho, por que n□ vamos para Fontainebleau, ou para Montmorency, ou...

--P'ra o campo? O que! P'ra o campo?!

E na sua face enrugada, atrav□ d'este berro, lampejava sempre tanta indigna□o, que eu curvava os hombros, humilde, no arrependimento de ter affrontosamente ultrajado o Principe que tanto amava.

Desventurado Principe! Com o seu dourado cigarro d'Yaka a fumegar, errava ent pelas salas, lenta e murchamente, como quem vaga em terra alheia sem affei es e sem occupa es. Esses desaffei ados e desoccupados passos monotonamente o traziam ao seu centro, ao gabinete verde, Bibliotheca d'ebano, onde accumulara Civilisa o nas maximas propor es para gozar nas maximas propor es a delicia de viver. Espalhava em t no um olhar farto. Nenhuma curiosidade ou interesse lhe sollicitavam as m s, enterradas nas algibeiras das pantalonas de s a, n'uma inercia de derrota. Annulado, bocejava com descor ada molleza. E nada mais instructivo e doloroso do que este supremo homem do seculo XIX, no meio de todos os apparelhos refor dores dos seus org s, e de todos os fios que disciplinavam ao seu servi as For s

Universaes, e dos seus trinta mil volumes repletos do saber dos seculos--estacando, com as m□s derrotadas no fundo das algibeiras, e exprimindo, na face e na indecis□ molle d'um bocejo, o embara□ de viver!

VI

Todas as tardes, cultivando uma d'essas intimidades que entre tudo o que can□ j□ais can□m, Jacintho, □ quatro horas, com regularidade devota, visitava Madame d'Oriol:--por que essa fl□ de Parisianismo permanecera em Paris, mesmo depois do Grand-Prix, a desbotar na calma e no cisco da Cidade. N'uma d'essas tardes, por□, o Telephone, anciosamente repicado, avisou Jacintho de que a sua d□e amiga jantava em Enghien com os Tr□es. (Esses senhores gozavam o seu ver□ □beira do lago, n'uma casa toda branca e vestida de rosinhas brancas que pertencia a Ephrain).

Era um domingo silencioso, ennevoado e macio, convidando □ voluptuosidades da melancolia. E eu (no interesse da minha alma) suggeri a Jacintho que subissemos

□Basilica do _Sacr□Coeur_, em construc□o nos altos de Montmartre.

--□uma secca, Z□Fernandes...

--Com mil demonios! Eu nunca vi a Basilica...

--Bem, bem! Vamos □Basilica, homem fatal de Noronha e Sande!

E por fim logo que come□mos a penetrar, para al□ de S. Vicente de Paula, em bairros estreitos e ingremes, d'uma quieta□o de provincia, com muros velhos fechando quintalejos rusticos, mulheres despenteadas cozendo □soleira das portas, carriolas desatreladas descan□ndo diante das tascas, gallinhas soltas picando o lixo, cueiros molhados seccando em canas--o meu fastidioso camarada sorriu □uella liberdade e singeleza das cousas.

A vittoria parou em frente □larga rua de escadarias que trepa, cortando viellasinhas campestres, at□□esplanada, onde, envolta em andaimes, se ergue a Basilica immensa. Em cada patamar barracas d'arraial devoto, forradas de panninho vermelho, transbordavam de Imagens, Bentinhos, Crucifixos, Cora□es de Jesus bordados a retroz, claros molhos de Rosarios. Pelos cantos, velhas agachadas resmungavam a Av□Maria. Dois padres desciam, tomando risonhamente uma pitada. Um sino lento tilintava na do□ra cinzenta da tarde. E Jacintho murmurou, com agrado:

--□curioso!

Mas a Basilica em cima n□ nos interessou, abafada em tapumes e andaimes, toda branca e s□ca, de pedra muito nova, ainda

sem alma. E Jacintho, por um impulso bem Jacinthico, caminhou gulosamente para a borda do terra□, a contemplar Paris. Sob o ceu cinzento, na planicie cinzenta, a Cidade jazia, toda cinzenta, como uma vasta e grossa camada de cali□ e telha. E, na sua immobilidade e na sua mudez, algum rolo de fumo, mais tenue e ralo que o fumear d'um escombro mal apagado, era todo o vestigio visivel da sua vida magnifica.

Ent□ chasqueei risonhamente o meu Principe. Ahi estava pois a Cidade, augusta crea□o da Humanidade! Eil-a ahi, bello Jacintho! Sobre a crosta cinzenta da Terra--uma camada de cali□, apenas mais cinzenta! No emtanto ainda momentos antes a deixaramos prodigiosamente viva, cheia d'um povo forte, com todos os seus poderosos org□s funccionando, abarrotada de riqueza, resplandecente de

sapiencia, na triumphal plenitude do seu orgulho, como Rainha do Mundo coroada de Gra□. E agora eu e o bello Jacintho trepavamos a uma collina, espreitavamos, escutavamos--e de toda a estridente e radiante Civilisa□o da Cidade n□ percebiamos nem um rumor nem um lampejo! E o 202, o soberbo 202, com os seus arames, os seus apparelhos, a pompa da sua Mechanica, os seus trinta mil livros? Sumido, esva□o na confus□ de telha e cinza! Para este esvaecimento pois da obra humana, mal ella se comtempla de cem metros de altura, arqueja o obreiro humano em t□ angustioso esfor□? Hein, Jacintho?... Onde est□ os teus Armazens servidos por tres mil caixeiros? E os Bancos em que retine o ouro universal? E as Bibliothecas atulhadas com o saber dos seculos? Tudo se fundiu n'uma nodoa parda que suja a Terra. Aos olhos piscos de um Z□Fernandes, logo que elle suba,

fumando o seu cigarro, a uma arredada collina--a sublime edifica□o dos Tempos n□ □mais que um silencioso monturo da espessura e da c□ do p□final. O que ser□ent□ aos olhos de Deus!

E ante estes clamores, lan□dos com affavel malicia para espica□r o meu Principe, elle murmurou, pensativo:

--Sim, □talvez tudo uma illus□... E a Cidade a maior illus□!

T□ facilmente victorioso redobrei de facundia. Certamente, meu Principe, uma Illus□! E a mais amarga, por que o Homem pensa ter na Cidade a base de toda a sua grandeza e s□n'ella tem a fonte de toda a sua miseria. V□ Jacintho! Na Cidade perdeu elle a for□ e belleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser resequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto,

de ossos molles como trapos, de nervos tremulos como arames, com cangalhas, com chin□, com dentaduras de chumbo, sem sangue, sem febra, sem vi□, torto, corcunda--esse ser em que Deus, espantado, mal p□e reconhecer o seu esbelto e rijo e nobre Ad□! Na Cidade findou a sua liberdade moral: cada manh□ella lhe imp□ uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependencia: pobre e subalterno, a sua vida □um constante sollicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; rico e superior como um Jacintho, a Sociedade logo o enreda em tradi□es, preceitos, etiquetas, ceremonias, praxes, ritos, servi□s mais disciplinares que os d'um carcere ou d'um quartel... A sua tranquillidade (bem t□ alto que Deus com elle recompensa os Santos) onde est□ meu Jacintho? Sumida para sempre, n'essa batalha desesperada pelo p□, ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo

g□o, ou pela fugidia rodella d'ouro! Alegria como a haver□na Cidade para esses milh□s de seres que tumultuam na arquejante occupa□o de _desejar_--e que, nunca fartando o desejo, incessantemente padecem de desillus□, desesperan□ ou derrota? Os sentimentos mais genuinamente humanos logo na Cidade se deshumanisam! V□ meu Jacintho! S□ como luzes que o aspero vento do viver social n□ deixa arder com serenidade e limpidez; e aqui abala e faz tremer; e al□ brutamente apaga; e adiante obriga a flammejar com desnaturada violencia. As amizades nunca passam d'allian□s que o interesse, na hora inquieta da defeza ou na hora sofrega do assalto, ata apressadamente com um cordel apressado, e que estalam ao menor embate da rivalidade ou do orgulho. E o Amor, na Cidade, meu gentil Jacintho? Considera esses vastos armazens com espelhos, onde a nobre carne d'Eva se

vende, tarifada ao arratel, como a de vacca! Contempla esse velho Deus do Hymeneu, que circula trazendo em vez do ondeante facho da Paix□ a apertada carteira do Dote! Espreita essa turba que foge dos largos caminhos assoalhados em que os Faunos amam as Nymphas na boa lei natural, e busca tristemente os recantos lobregos de Sodoma ou de Lesbos!... Mas o que a Cidade mais deteriora no homem □a Intelligencia, por que ou lh'a arregimenta dentro da banalidade ou lh'a empurra para a extravagancia. N'esta densa e pairante camada d'Id□s e Formulas que constitue a atmosphera mental das Cidades, o homem que a respira, n'ella envolto, s□pensa todos os pensamentos j□pensados, s□exprime todas as express□s j□exprimidas:--ou ent□, para se destacar na pardacente e chata Rotina e trepar ao fragil andaime da gloriola, inventa n'um gemente esfor□, inchando o

craneo, uma novidade disforme que espante e que detenha a multid□ como um mostrengo n'uma Feira. Todos, intelectualmente, s□ carneiros, trilhando o mesmo trilho, balando o mesmo balido, com o focinho pendido para a poeira onde pisam, em fila, as p□adas pisadas;--e alguns s□ macacos, saltando no topo de mastros vistosos, com esgares e cabriolas. Assim, meu Jacintho, na Cidade, n'esta crea□o t□ anti-natural onde o solo □de pau e feltro e alcatr□, e o carv□ tapa o ceu, e a gente vive acamada nos predios como o panninho nas lojas, e a claridade vem pelos canos, e as mentiras se murmuram atrav□ d'arames--o homem apparece como uma creatura anti-humana, sem belleza, sem for□, sem liberdade, sem riso, sem sentimento, e trazendo em si um espirito que □passivo como um escravo ou impudente como um histri□... E aqui tem o bello Jacintho o que □a bella Cidade!

E ante estas encanecidas e veneraveis invectivas, retumbadas pontualmente por todos os Moralistas bucolicos, desde Hesiodo, atravez dos seculos--o meu Principe vergou a nuca docil, como se ellas brotassem, inesperadas e frescas, d'uma Revela□o superior, n'aquelles cimos de Montmartre:

--Sim, com effeito, a Cidade... □talvez uma illus□ perversa!

Insisti logo, com abundancia, puchando os punhos, saboreando o meu facil philosophar. E se ao menos essa illus□ da Cidade tornasse feliz a totalidade dos s□es, que a manteem... Mas n□! S□uma estreita e reluzente casta goza na Cidade os gozos especiaes que ella cria. O resto, a escura, immensa plebe, s□n'ella soffre, e com soffrimentos especiaes que s□n'ella

existem! D'este terra□, junto a esta rica Basilica consagrada ao Cora□o que amou o Pobre e por elle sangrou, bem avistamos n□ o lobrego casario onde a plebe se curva sob esse antigo opprobrio de que nem Religi□s, nem Philosophias, nem Moraes, nem a sua propria for□ brutal a poder□ j□ais libertar! Ahi jaz, espalhada pela Cidade, como esterco vil que fecunda a Cidade. Os seculos rolam; e sempre immutaveis farrapos lhe cobrem o corpo, e sempre debaixo d'elles, atrav□ do longo dia, os homens labutar□ e as mulheres chorar□. E com este labor e este pranto dos pobres, meu Principe, se edifica a abundancia da Cidade! Eil-a agora coberta de moradas em que elles se n□ abrigam; armazenada de estofos, com que elles se n□ agasalham; abarrotada de alimentos, com que elles se n□ saciam! Para elles s□a neve, quando a neve c□, e entorpece e sepulta as creancinhas

aninhadas pelos bancos das pra□s ou sob os arcos das pontes de Paris... A neve c□, muda e branca na treva: as creancinhas gelam nos seus trapos: e a policia, em torno, ronda attenta para que n□ seja perturbado o t□ido somno d'aquelles que amam a neve, para patinar nos lagos do Bosque de Bolonha com pelli□s de tres mil francos. Mas qu□ meu Jacintho! a tua Civilisa□o reclama insaciavelmente regalos e pompas, que s□obter□ n'esta amarga desharmonia social, se o Capital d□ ao Trabalho, por cada arquejante esf□□, uma migalha ratinhada. Irremediavel □ pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe p□e! A sua esfalfada miseria □a condi□o do esplendor sereno da Cidade. Se nas suas tigellas fumegasse a justa ra□o de caldo--n□ poderia apparecer nas baixellas de prata a luxuosa por□o de _foie-gras_ e tubaras que s□ o orgulho da Civilisa□o. Ha andrajos em trapeiras--para

que as bellas Madamas d'Oriol, resplandecentes de s□as e rendas, subam, em doce ondula□o, a escadaria da Opera. Ha m□s regeladas que se estendem, e bei□s sumidos que agradecem o dom magnanimo d'um _sou_--para que os Ephrains tenham dez milh□s no Banco de Fran□, se aque□m □chamma rica da lenha aromatica, e surtam de collares de saphiras as suas concubinas, netas dos Duques d'Athenas. E um povo chora de fome, e da fome dos seus pequeninos--para que os Jacinthos, em janeiro, debiquem, bocejando, sobre pratos de Saxe, morangos gelados em Champagne e avivados d'um fio d'ether!

--E eu comi dos teus morangos, Jacintho! Miseraveis, tu e eu!

Elle murmurou, desolado:

--□horrivel, comemos d'esses morangos... E talvez por uma illus□!

Pensativamente deixou a borda do terra□, como se a presen□ da Cidade, estendida na planicie, fosse escandalosa. E caminhamos devagar, sob a molleza cinzenta da tarde, philosophando--considerando que para esta iniquidade n□ havia cura humana, trazida pelo esfor□ humano. Ah, os Ephrains, os Tr□es, os vorazes e sombrios tubar□s do mar humano, s□abandonar□ ou affrouxar□ a explora□o das Plebes, se uma influencia celeste, por milagre novo, mais alto que os milagres velhos, lhes converter as almas! O burguez triumpha, muito forte, todo endurecido no peccado--e contra elle s□ impotentes os prantos dos Humanitarios, os raciocinios dos Logicos, as bombas dos Anarchistas. Para amollecer t□ duro granito s□uma do□ra

divina. Eis pois esperan□ da terra novamente posta n'um Messias!... Um decerto desceu outrora dos grandes Ceus; e, para mostrar bem que mandado trazia, penetrou mansamente no mundo pela porta d'um curral. Mas a sua passagem entre os homens foi t□ curta! Um meigo serm□ n'uma montanha, ao fim d'uma tarde meiga; uma reprehens□ moderada aos Phariseus que ent□ redigiam o _Boulevard_; algumas vergastadas nos Ephrains vendilh□s; e logo, atrav□ da porta da morte, a fuga radiosa para o Paraiso! Esse adoravel filho de Deus teve demasiada pressa em recolher a casa de seu Pae! E os homens a quem elle incumbira a continua□o da sua obra, envolvidos logo pelas influencias dos Ephrains, dos Tr□es, da gente do _Boulevard_, bem depressa esqueceram a li□o da Montanha e do lago de Tiberiade--e eis que por seu turno

revestem a purpura, e s Bispos, e s Papas, e se alliam oppress, e reinam com ella, e edificam a dura o do seu Reino sobre a miseria dos sem-p e dos sem-lar! Assim tem de ser recome da a obra da Redemp o. Jesus, ou Guatama, ou Christna, ou outro d'esses filhos que Deus por vezes escolhe no seio d'uma Virgem, nos quietos vergeis da Asia, dever novamente descer terra de servid. Vir elle, o desejado? Porventura j algum grave rei d'Oriente despertou, e olhou a estrella, e tomou a myrrha nas suas m s reaes, e montou pensativamente sobre o seu dromedario? J por esses arredores da dura Cidade, de noute, emquanto Caiphaz e Magdalena ceam lagosta no Paillard, andou um Anjo, attento, n'um v lento, escolhendo um curral? J de longe, sem mo que os tanja, na gostosa pressa d'um divino encontro, vem trotando a vacca, trotando o

burrinho?

--Tu sabes, Jacintho?

N□, Jacintho n□ sabia--e queria accender o charuto. Forneci um phosphoro ao meu Principe. Ainda rondamos no terra□, espalhando pelo ar outras id□s solidas que no ar se desfaziam. Depois penetravamos na Basilica--quando um Sachrist□ nedio, de barrete de velludo, cerrou fortemente a porta, e um Padre passou, enterrando na algibeira, com um can□do gesto final e como para sempre, o seu velho Breviario.

--Estou com uma s□e, Jacintho... Foi esta tremenda Philosophia!

Descemos a escadaria, armada em arraial devoto. O meu pensativo camarada comprou uma imagem da Basilica. E saltavamos para a vittoria, quando alguem

gritou rijamente, n'uma surpreza:

--Eh Jacintho!

O meu Principe abriu os bra□s, tambem espantado:

--Eh Mauricio!

E, n'um alvoro□, atravessou a rua, para um caf□ onde, sob o toldo de riscadinho, um robusto homem, de barba em bico, remexia o seu absintho, com o chap□ de palha descahido na nuca, a quinzena solta sobre a camisa de s□a, sem gravata, como se descan□sse n'um banco, entre as sombras do seu jardim.

E ambos, apertando as m□s, se admiravam d'aquelle encontro, n'um domingo de ver□, sobre as alturas de Montmartre.

--Oh! eu estou aqui no meu bairro! exclamava alegremente Mauricio. Em familia, em chinellos... Ha tres mezes que subi para estes cimos da Verdade... Mas tu na Santa Colina, homem profano da planicie e das ruas d'Israel!

O meu Principe mostrou o seu Z□Fernandes:

--Com este amigo, em peregrina□o □Basilica... O meu amigo Fernandes Lorena... Mauricio de Mayolle, velho camarada.

Mr. de Mayolle (que, pela face larga e nariz nobremente grosso, lembrava Francisco de Valois, Rei de Fran□) ergueu o seu chapeu de palha. E empurrava uma cadeira, insistia que nos accommodassemos para um absintho ou para um bock.

--Toma um bock, Z□Fernandes! lembrou Jacintho. Tu estavas a ganir com s□e!

Corri lentamente a lingua sobre os bei□s, mais s□os que pergaminhos:

--Estou a guardar esta s□esinha para logo, para o jantar, com um vinhosinho gelado!

Mauricio saudou, com silenciosa admira□o, esta minha avisada malicia. E immediatamente, para o meu Principe:

--Ha tres annos que te n□ vejo, Jacintho... Como tem sido possivel, n'este Paris que □uma aldeola e que tu atravancas?

--A vida, Mauricio, a espalhada vida... Com effeito! Ha tres annos, desde a casa dos Lamotte-Orcel. Tu ainda visitas esse santuario?

Mauricio atirou um gesto desdenhoso e largo, que sacudia um mundo:

--Oh! Ha mais d'um anno que me separei d'essa bicharia heretica... Uma turba indisciplinada, meu Jacintho! Nenhuma fixidez, um dilletantismo estonteado, carencia completa e comica de toda a base experimental... Quando tu ias aos Lamotte-Orcel, e □Parola do 37, e □_Cerveja ideal_, o que reinava?...

Jacintho catou lentamente as suas recorda□es por entre os p□los do bigode:

--Eu sei!... Reinava Wagner e a Mithologia Eddica, e o Raganarock, e as Nornas... Muito Pre-Raphaelismo tambem, e Montagna, e Fra-Angelico... Em moral, o Renanismo.

Mauricio sacudia os hombros. Oh, tudo isso pertencia a um passado archaico, quasi lacustre! Quando Madame de Lamotte-Orcel remobil□a a sala com velludos Morris, grossas alcachofras sobre tons d'a□fr□, j□o Renanismo pass□a, t□ esquecido como o Cartesianismo...

--Tu ainda □ do tempo do culto do _Eu_?

O meu Principe suspirou risonhamente:

--Ainda o cultivei.

--Pois bem! Logo depois foi o Hartmanismo, o Inconsciente. Depois o Nietzismo, o Feudalismo espiritual... Depois grassou o Tolsto□mo, um furor immenso de renunciamento neo-cenobitico. Ainda me lembro d'um jantar em que appareceu um mostrengo d'um slavo, de guedelha sordida, que

atirava olhos medonhos para o decote da pobre condessa d'Arche, e que grunhia com o dedo espetado:--□Busquemos a luz, muito por baixo, no p□da terra!□--E □sobremeza bebemos □delicia da humildade e do trabalho servil, com aquelle Champagne Marceaux granitado que a Mathilde dava nos grandes dias em copos da f□ma do San-Gral! Depois veio Emersonismo... Mas a praga cruel foi Ibsenismo! Emfim, meu filho, uma Babel de Ethicas e Estheticas. Paris parecia demente. J□havia uns desgarrados que tendiam para o Luciferismo. E amiguinhas nossas, coitadas, iam descambando para o Phallismo, uma moxinifada mystico-brejeira, pr□ada por aquelle pobre La Carte que depois se fez Monge Branco, e que anda no Deserto... Um horror! E uma tarde, de repente, toda esta massa se precipita com ancia para o Ruskinismo!

Eu, agarrado □bengala, bem fincada no ch□, sentia como um vendaval que redemoinhava, me torcia o craneo! E at□Jacintho balbuciou, esgazeado:

--O Ruskinismo?

--Sim, o velho Ruskin,... John Ruskin!

O meu ditoso Principe comprehendeu:

--Ah, Ruskin!... _As sete lampadas da Architectura_, _A Cor□ de Oliveira Brava_... □o culto da Belleza.

--Sim! O culto da Belleza, confirmou Mauricio. Mas a esse tempo eu, enojado, j□descera de todas essas nuvens v□... Pisava um ch□ mais seguro, mais fertil.

Deu um sorvo lento ao absintho, cerrando

as palpebras. Jacintho esperava, com o seu fino nariz dilatado, como para respirar a Fl□ de Novidade que ia desabrochar:

--E ent□? ent□?...

Mas o outro murmurou, dispersamente, por entre reticencias em que se velava:

--Vim para Montmartre... Tenho aqui um amigo, um homem de genio, que percorreu toda a India... Viveu com os Toddas, esteve nos mosteiros de Garma-Khian e de Dashi-Lumbo, e estudou com Gegen-Chutu no retiro santo de Urga... Gegen-Chutu foi a decima-sexta encarna□o de Guatama, e era portanto um Boddi-sattva... Trabalhamos, procuramos... N□ s□ vis□s. Mas factos, experiencias bem antigas, que vem talvez desde os tempos de Christna...

Atrav□ d'estes nomes, que exhalavam um perfume triste de vetustos ritos, arred□a a cadeira. E de p□ deixando cair sobre a mesa, distrahidamente, para pagar o absintho, moedas de prata e moedas de cobre, murmurava com os olhos descan□dos em Jacintho, mas perdidos n'outra vis□:

--Por fim tudo se reduz ao supremo desenvolvimento da Vontade dentro da suprema pureza da Vida. □toda a sciencia e for□ dos grandes mestres Hindus... Mas a pureza absoluta da vida, eis a lucta, eis o obstaculo! N□ basta mesmo o Deserto, nem o bosque do mais velho templo no alto Thibet... Ainda assim, meu Jacintho, j□obtivemos resultados bem extranhos. Sabes as experiencias de Tyndall, com as chammas sensitivas... O pobre chimico, para demonstrar as vibra□es do som, tocou quasi □ portas da verdade isoterica.

Mas qu□ homem de sciencia, portanto homem d'estupidez, ficou □uem, entre as suas placas e as suas retortas! N□ f□os al□. Verific□os as _ondula□es da Vontade_! Deante de n□, pela expans□ da energia do meu companheiro, e em cadencia com o seu mandado, uma chamma, a tres metros, ondulou, rastejou, despediu linguas ardentes, lambeu uma alta parede, rugiu furiosa e negra, resplandeceu direita e silenciosa, e bruscamente abatida em cinza morreu!

E o extranho homem, com o chapeu para a nuca, ficou immovel, de bra□s abertos e os olhares esgazeados, como no renovado assombro e no transe d'aquelle prodigio. Depois, recahindo no seu modo facil e sereno, accendendo de vagar um cigarro:

--Uma d'estas manh□, Jacintho, appare□ no 202, para almo□r comtigo, e levo o meu

amigo. Elle s□come arr□, uma pouca de salada, e fructa. E conversamos... Tu tinhas um exemplar do _Sepher-Zerijah_ e outro do _Targum d'Onkelus_. Preciso folhear esses livros.

Apertou a m□ do meu Principe, saudou este assombrado Z□Fernandes, e serenamente seguiu pela quieta rua, com o chapeu de palha para a nuca, as m□s enterradas nas algibeiras, como um homem natural entre cousas naturaes.

--Oh Jacintho! Quem □este bruxo? Conta!... Quem □elle, santissimo nome de Deus?

Recostado na vittoria, ageitando o vinco das cal□s, o meu Principe contou, concisamente. Era um nobre e leal rapaz, muito rico, muito intelligente, da antiga casa soberana de Mayolle, descendente dos Duques de Septimania... E murmurou,

atrav□ do costumado bocejo:

--O desenvolvimento supremo da vontade!... Theosophia, Buddhismo isoterico... Aspira□es, decep□es... J□experimentei... Uma massada!

Atravessamos, callados, o rum□ de Paris, sob a molleza abafada do crepusculo de ver□, para jantar no Bosque, no Pavilh□ d'Armenonville, onde os Tziganes, avistando Jacintho, tocaram o _Hymno da Carta_ com paix□, com langor, n'uma cadencia de _czarda_ dolorosa e aspera.

E eu, desdobrando regaladamente o guardanapo:

--Pois venha agora para a minha rica s□e esse vinhosinho gelado! Grandemente o mere□, caramba, que superiormente philosophei!... E creio que estabeleci

definitivamente no espirito do Snr. D. Jacintho o salutar horror da cidade!

O meu Principe percorria, catando o bigode, a Lista-dos-Vinhos, em quanto o Copeiro, esperava com pensativa reverencia:

--Mande gelar duas garrafas de champagne St Marceaux... Mas antes, um Barsac velho, apenas refrescado... Agoa de Evian... N□, de Bussang! Bem, d'Evian e de Bussang! E, para come□r, um bock.

Depois, bocejando, desabotoando lentamente a sobrecasaca cinzenta:

--Pois estou com vontade de construir uma casa nos cimos de Montmartre, com um miradouro no alto, todo de vidro e ferro, para descan□r de tarde e dominar a Cidade...

VII

Julho findava com uma chuva refrescante e consoladora:--e eu pensava em realisar finalmente a minha romagem ás cidades da Europa, sempre retardada, atravez da primavera, pelas surprezas do Mundo e da Carne. Mas, de repente, Jacintho começou a rogar e a reclamar que o seu Z Fernandes o acompanhasse, todas as tardes, a casa de Madame d'Oriol! E eu comprehendi que o meu Principe (á maneira do divino Achilles, que, sob a tenda, e junto da branca, insipida e docil Briseis, nunca dispensava Patoclo) desejava ter, no retiro do Amor, a presença, o conforto e o soccorro da Amizade. Pobre Jacintho! Logo pela manhã combinava pelo telephone com Madame d'Oriol essa hora de quietação e doçura. E assim encontravamos sempre a superfina Dama prevenida e solitaria

n'aquella sala da rua de Lisbonne, onde Jacintho e eu mal cabiamos, suffocavamos na confus□, entre os cestos de fl□es, e os ouros rocalhados, e os monstros do Jap□, e a galante fragilidade dos Saxes, e as pelles de feras estiradas aos p□ de soph□ adormecedores, e os biombos de Aubusson formando alc□as favoraveis e languidas... Aninhada n'uma cadeira de bamb□ lacada de branco, entre almofadas aromatisadas de verbena da India, com um romance pousado no rega□, ella esperava o seu amigo, n'uma certa indolencia passiva e mansa que me lembrava sempre o Oriente e um Harem. Mas, pelas frescas sedinhas Pompadour, parecia tambem uma marquezinha de Versalhes can□da do grande seculo; ou ent□, com brocados sombrios e largos cintos cravejados, era como uma veneziana, preparada para um Doge. A minha intrus□, na intimidade d'aquellas

tardes, n□ a contrariava--antes lhe trazia um vassallo novo, com dous olhos novos para a contemplar. Eu era j□o seu _cher Fernandez_!

E apenas descerrava os labios avivados de vermelho, semelhantes a uma ferida fresca, e come□va a chalrar--logo nos envolvia o burburinho e a murmura□o de Paris. Ella s□sabia chalrar sobre a sua pessoa que era o resumo da sua Classe, e sobre a sua existencia que era o resumo do seu Paris:--e a sua existencia, desde casada, consistira em ornar com suprema sciencia o seu lindo corpo; entrar com perfei□o n'uma sala e irradiar; remexer em estofos e conferenciar pensativamente com o grande costureiro; rolar pelo Bois pousada na sua vittoria como uma imagem de c□a; decotar e branquear o collo; debicar uma perna de gallinhola em mezas de luxo; fender turbas ricas em

bailes espessos; adormecer com a vaidade esfalfada; percorrer de manh□ tomando chocolate, os □Echos□ e as □Festas□ do _Figaro_; e de vez em quando murmurar para o marido--□Ah, □ tu?...□ Al□ d'isso, ao lusco-fusco, n'um soph□ alguns certos suspiros, entre os bra□s d'alguem a quem era constante. Ao meu Principe, n'esse anno, pertencia o soph□ E todos estes deveres de Cidade e de Casta os cumpria sorrindo. Tanto sorrira, desde casada, que j□duas pr□as lhe vincavam os cantos dos bei□s, indelevelmente. Mas nem na alma, nem na pelle, mostrava outras maculas de fadiga. A sua Agenda de Visitas continha mil e tresentos nomes, todos do Nobiliario. Atrav□, por□, desta fulgurante sociabilidade arranj□a no cerebro (onde de certo penetr□a o p□d'arroz que desde o collegio acamava na testa) algumas Id□s Geraes. Em Politica era pelos Principes; e todos os outros □horrores□, a Republica, o

Socialismo, a Democracia que se n□ lava, os sacudia risonhamente, com um bater de leque. Na Semana Santa juntava □ rendas do chapeu a Cor□ amarga de espinhos--por serem esses, para a gente bem-nascida, dias de penitencia e d□. E, deante de todo o Livro ou de todo o Quadro, sentia a emo□o e formulava finamente o juizo, que no seu Mundo, e n'essa Semana, f□se elegante formular e sentir. Tinha trinta annos. Nunca se embara□ra nos tormentos d'uma paix□. Marcava, com rigida regularidade, todas as suas despezas n'um Livro de Contas encadernado em pellucia verde-mar. A sua religi□ int□a (e mais genuina do que a outra, que a levava todos os domingos □missa de S. Philippe du Roule) era a Ordem. No inverno, logo que na amavel cidade come□vam a morrer de frio, debaixo das pontes, creancinhas sem abrigo--ella preparava com commovido

cuidado os seus vestidos de patinagem. E preparava tambem os de Caridade--porque era boa, e concorria para Bazares, Concertos e Tombolas, quando fossem patrocinados pelas Duquezas do seu □rancho□. Depois, na primavera, muito methodicamente, regateando, vendia a uma adela os vestidos e as capas de inverno. Paris admirava n'ella uma suprema fl□ de Parisianismo.

Pois respirando esta macia e fina fl□ passamos n□ as tardes d'esse julho em quanto as outras fl□es pendiam e murchavam na calma e no p□ Mas, na intimidade do seu perfume, Jacintho n□ parecia encontrar esse contentamento d'alma, que entre tudo que can□ j□ais can□. Era j□com a paciente lentid□ com que se sobem todos os Calvarios, os mais bem tapetados, que elle subia a escadaria de

Madame d'Oriol, tã suave e orlada de tã frescas palmeiras. Quando a appetitosa creatura, com dedicação, para o entreter, desdobrava a sua vivacidade como um pavão desdobra a cauda, o meu pobre Principe puxava os pêlos do bigode murcho, na murcha postura de quem, por uma manhã de Maio, em quanto os melros cantam nas sebes, assiste, n'uma egreja negra, a um responso funebre por um Principe. E no beijo que elle chuchurreava sobre a mão da sua dôce amiga, para se despedir, havia sempre alacridade e allivio.

Mas ao outro dia, ao começar da tarde, depois de errar atravã da Bibliotheca e do Gabinete, puxando sem curiosidade a tira do telegrapho, atirando algum recado molle pelo telephone, espalhando o olhar desalentado sobre o saber immenso dos trinta mil livros, remexendo a collina dos

Jornaes e Revistas, terminava por me chamar, j□com a pregui□ triste da fa□nha a que se impellia:

--Vamos a casa de Madame d'Oriol, Z□Fernandes? Eu tinha marcadas para hoje seis ou sete coisas, mas n□ posso, □uma secca! Vamos a casa de Madame d'Oriol... Ao menos l□ □ vezes, ha um bocado de frescura e paz.

E foi n'uma d'essas tardes, em que o meu Principe assim procurava desesperadamente um □bocado de frescura e paz□, que encontramos, ao meio da escadaria suave, entre as palmeiras, o marido de Madame d'Oriol. Eu j□o conhecia--porque Jacintho m'o mostr□a uma noite, no Grand Caf□ ceiando com dan□rinas do _Moulin Rouge_. Era um mo□ gordalhufo, indolente, de uma brancura cr□a de toucinho, com uma calvice j□s□ia e

j□lustrosa, constantemente acariciada pelos seus gordos dedos carregados de anneis. N'essa tarde, por□, vinha vermelho, todo emocionado, cal□ndo as luvas com colera. Estacou diante de Jacintho--e sem mesmo lhe apertar a m□, atirando um gesto para o patamar:

--Visita l□acima? Vai achar a Joanna em pessima disposi□o... Tivemos uma scena, e tremenda.

Deu outro pux□ desesperado □luva c□ de palha, j□esga□da:

--Estamos separados, cada um vive como lhe appetece, □excellente! Mas em tudo ha medida e f□ma... Ella tem o meu nome, n□ posso consentir que em Paris, com conhecimento de todo o Paris, seja a amante do trintanario. Amantes na nossa roda, v□ Um lacaio, n□!... Se quer dormir

com os creados que emigre para o fundo da provincia, para a sua casa de Corbelle. E l□at□com os animaes!... Foi o que eu lhe disse! Ficou como uma fera.

Sacudiu ent□ a m□ do Jacintho que □era da sua roda□--rebolou pela escadaria florida e nobre. O meu Principe, immovel nos degraus, de face pendida, cofiava lentamente os fios pendidos do bigode. Depois, olhando para mim, como um s□ saturado de tedio e em quem nenhum tedio novo p□e caber:

--J□agora subamos, sim?

* * * * *

Parti ent□, com muita alegria, para a minha appetecida romagem □ Cidades da Europa.

Ia viajar!... Viajei. Trinta e quatro vezes, □pressa, bufando, com todo o sangue na face, desfiz e refiz a mala. Onze vezes passei o dia n'um wagon, envolto em poeirada e fumo, suffocado, a arquejar, a escorrer de suor, saltando em cada esta□o para sorver desesperadamente limonadas mornas que me escangalhavam a entranha. Quatorze vezes subi derreadamente, atraz de um creado, a escadaria desconhecida d'um Hotel; e espalhei o olhar incerto por um quarto desconhecido; e estranhei uma cama desconhecida, d'onde me erguia, estremunhado, para pedir em linguas desconhecidas um caf□com leite que me sabia a fava, um banho de tina que me cheirava a l□o. Oito vezes travei bulhas abominaveis na rua com cocheiros que me espoliavam. Perdi uma chapelleira, quinze len□s, tres ceroulas, e duas botas, uma branca, outra envernizada, ambas do

p□direito. Em mais de trinta mezas-redondas esperei tristonhamente que me chegasse o _boeuf-a-la-mode_, j□frio, com m□ho coalhado--e que o copeiro me trouxesse a garrafa de Bordeus que eu provava e repellia com desditosa carantonha. Percorri, na fresca penumbra dos granitos e dos marmores, com p□respeitoso e abafado, vinte e nove Cathedraes. Trilhei mollemente, com uma d□ surda na nuca, em quatorze muzeus, cento e quarenta salas revestidas at□aos tectos de Christos, heroes, santos, nymphas, princezas, batalhas, architecturas, verduras, nudezes, sombrias manchas de betume, tristezas das formas immoveis!... E o dia mais d□e foi quando em Veneza, onde chovia desabaladamente, encontrei um velho inglez de penca flammejante que habit□a o Porto, conhec□a o Ricardo, o Jos□Duarte, o Visconde do Bom Successo, e as Limas da

Boa Vista... Gastei seis mil francos. Tinha viajado.

Emfim, n'uma bemdita manh□d'outubro, na primeira friagem e nevoa d'outomno, avistei com enternecido alvoro□ as cortinas de seda ainda fechadas do meu 202! Affaguei o hombro do Porteiro. No patamar, onde encontrei o ar macio e tepido que deix□a em Floren□, apertei os ossos do Grillo excellente:

--E Jacintho?

O digno negro murmurou, d'entre os altos, reluzentes collarinhos:

--S. Exc.^a circula... Pesadote, fartote. Entrou tarde do baile da Duqueza de Loches. Era o contracto de casamento de Mademoiselle de Loches... Ainda tomou antes de se deitar um ch□gelado... E disse

a co□r a cabe□: □Eh! que massada! Eh! que massada!□

Depois do banho e do chocolate, □ dez horas, consolado e quentinho dentro do roup□ de velludo, rompi pelo quarto do meu Principe, de bra□s abertos e sedentos:

--Oh Jacintho!

--Oh viajante!...

Quando nos estreitamos, fartamente, eu recuei para lhe contemplar a face--e n'ella a alma. Encolhido n'uma quinzena de panno c□ de malva orlada de pelles de martha, com os pellos do bigode murchos, as suas duas rugas mais cavadas, uma molleza nos hombros largos, o meu amigo parecia j□vergado sob o pezo e a oppress□ e o terror do seu dia. Eu sorri, para que

elle sorrisse:

--Valente Jacintho... Ent□ como tens vivido?

Elle respondeu, muito serenamente:

--Como um morto.

Forcei uma gargalhada leve, como se o seu mal f□se leve:

--Aborrecidote, hein?

O meu Principe lan□u, n'um gesto t□ vencido, um _oh_ t□ cansado--que eu compadecido de novo o abracei, o estreitei, como para lhe communicar uma parte d'esta alegria solida e pura que recebi do meu Deus!

* * * * *

Desde essa manh□ Jacintho come□u a mostrar claramente, escancaradamente, ao seu Z□Fernandes, o t□io de que a existencia o saturava. O seu cuidado realmente e o seu esf□□ consistiram ent□ em sondar e formular esse t□io--na esperan□ de o vencer logo que lhe conhecesse bem a origem e a potencia. E o meu pobre Jacintho reproduziu a comedia pouco divertida d'um Melancolico que perpetuamente raciocina a sua Melancolia! N'esse raciocin□, elle partia sempre do facto irrecusavel e massi□--que a sua vida especial de Jacintho continha todos os interesses e todas as facilidades, possiveis no seculo XIX, n'uma vida de homem que n□ □um Genio, nem um Santo. Com effeito! Apezar do appetite embotado por doze annos de Champagnes e m□hos ricos elle conservava a sua rijeza de pinheiro bravo;

na luz da sua intelligencia n□ apparec□a nem tremor nem morr□; a boa terra de Portugal, e algumas Companhias macissas, pontualmente lhe forneciam a sua doce centena de contos; sempre activas e sempre fieis o cercavam as sympathias d'uma Cidade inconstante e chasqueadora; o 202 estourava de conf□tos; nenhuma amargura de cora□o o atormentava;--e todavia era um Triste. Porque?... E d'aqui saltava, com certeza fulgurante, □conclus□ de que a sua tristeza, esse cinzento burel em que a sua alma andava amortalhada, n□ provinham da sua individualidade de Jacintho--mas da Vida, do lamentavel, do desastroso facto de Viver! E assim o saudavel, intellectual, riquissimo, bem-acolhido Jacintho tomb□a no Pessimismo.

E um Pessimismo irritado! Porque (segundo affirmava) elle nascera para ser

t naturalmente optimista como um pardal ou um gato. E, at aos doze annos, emquanto f a um bicho superiormente amimado, com a sua pelle sempre bem coberta, o seu prato sempre bem cheio, nunca sentira fadiga, ou melancolia, ou contrariedade, ou pena--e as lagrimas eram para elle t incomprehensiveis que lhe pareciam viciosas. S quando cresc a, e da animalidade penetr a na humanidade, despont a n'elle esse fermento de tristeza, muito tempo indesenvolvido no tumulto das primeiras curiosidades, e que depois alastr a, o invadira todo, se lhe torn a consubstancial e como o sangue das suas veias. Soffrer portanto era inseparavel de Viver. Soffrimentos differentes nos destinos differentes da Vida. Na turba dos humanos a angustiada lucta pelo p, pelo tecto, pelo lume; n'uma casta, agitada por necessidades mais altas, a amargura das

desillus□s, o mal da imagina□o insatisfeita, o orgulho chocando contra obstaculo; n'elle, que tinha os bens todos e desejos nenhuns, era o t□io. Miseria do Corpo, tormento da Vontade, fastio da Intelligencia--eis a Vida! E agora aos trinta e tres annos a sua occupa□o era bocejar, correr com os dedos desalentados a face pendida para n'ella palpar e appetecer a caveira.

Foi ent□ que o meu Principe come□u a ler apaixonadamente, desde o _Ecclesiastes_ at□Schopenhauer, todos os lyricos e todos os theoricos do Pessimismo. N'estas leituras encontrava a reconfortante comprova□o de que o seu mal n□ era mesquinhamente □Jacinthico□--mas grandiosamente resultante d'uma Lei Universal. J□ha quatro mil annos, na remota Jerusal□, a Vida, mesmo nas suas delicias mais triumphaes, se resumia em

Illus□. J□o Rei incomparavel, de sapiencia divina, summo Vencedor, summo Edificador, se enfastiava, bocejava, entre os despojos das suas conquistas, e os marmores novos dos seus Templos, e as suas tres mil concubinas, e as Rainhas que subiam do fundo da Ethiopia para que elle as fecundasse e no seu ventre depoz□se um Deus! N□ ha nada novo sob o sol, e a eterna repeti□o das coisas □a eterna repeti□o dos males. Quanto mais se sabe mais se pena. E o justo como o perverso, nascidos do p□ em p□se tornam. Tudo tende ao p□ephemero, em Jerusal□ e em Paris! E elle, obscuro no 202, padecia por ser homem e por viver--como no seu throno d'ouro, entre os seus quatro le□s d'ouro, o filho magnifico de David.

N□ se separava ent□ do _Ecclesiastes_. E circulava por Paris trazendo dentro do coup□Salom□, como irm□ de d□, com

quem repetia o grito desolado que □a summa da verdade humana--_Vanitas Vanitatum_! Tudo □Vaidade! Outras vezes, logo de manh□o encontrava estendido no soph□ n'um roup□ de s□a, absorvendo Schopenhauer--emquanto o pedicuro, ajoelhado sobre o tapete, lhe polia com respeito e pericia as unhas dos p□. Ao lado pousava a chavena de Saxe, cheia d'esse caf□de Moka enviado por emires do Deserto, que n□ o contentava nunca, nem pela for□, nem pelo aroma. A espa□s pousava o livro no peito, resvalava um olhar compassivo para o pedicuro, como a procurar que d□ o torturaria--pois que a todo o viver corresponde um soffrer. Decerto o remexer assim, perpetuamente, em p□ alheios... E quando o pedicuro se erguia, Jacintho abria para elle um sorriso de confraternidade--com um □adeus, meu amigo□ que era □um adeus, meu irm□!□

Esse foi o periodo esplendido e soberbamente divertido do seu t□io. Jacintho encontr□a emfim na vida uma occupa□o grata--maldizer a Vida! E para que a pod□se maldizer em todas as suas f□mas, as mais ricas, as mais intellectuaes, as mais puras, sobrecarregou a sua vida propria de novo luxo, de interesses novos d'espirito, e at□de fervores humanitarios, e at□de curiosidades supernaturaes.

O 202, n'esse inverno, refulgiu de magnificencia. Foi ent□ que elle iniciou em Paris, repetindo Heliogabalo, os Festins de C□ contados na Historia Augusta: e offereceu □ suas amigas esse sublime jantar c□ de rosa, em que tudo era roseo, as paredes, os moveis, as luzes, as lou□s, os crystaes, os gelados, os Champagnes, e at□(por uma inven□o da Alta-Cozinha) os peixes, e as carnes, e os legumes, que os escudeiros serviam, empoados de

p□rosado, com libr□ da c□ da rosa, em quanto do tecto, d'um velario de seda rosada, cahiam petalas frescas de rosas... A Cidade, deslumbrada, clamou--□Bravo, Jacintho!□ E o meu Principe, ao rematar a festa fulgurante, plantou deante de mim as m□s nas ilhargas e gritou triumphalmente:--□Hein? Que massada!...□

Depois foi o Humanitarismo: e fundou um Hospicio no campo, entre jardins, para velhinhos desamparados, outro para crean□s debeis □beira do Mediterraneo. Depois com o major Dorchas, e Mayolle, e o Hind□ de Mayolle penetrou no Theosophismo: e montou tremendas experiencias para verificar a mysteriosa _exteriorisa□o da motilidade_. Depois, desesperadamente, ligou o 202 com os fios telegraphicos do _Times_, para que no seu gabinete, como n'um cora□o, palpitasse toda a vida Social da Europa.

E a cada um d'estes esfor□s da elegancia, do humanitarismo, da sociabilidade, e da intelligencia indagadora, voltava para mim, de bra□s alegres, com um grito victorioso:--□V□ tu, Z□Fernandes? Uma massada!□--Arrebatava ent□ o seu _Ecclesiastes_, o seu Schopenhauer, e, estendido no soph□ saboreava voluptuosamente a concordancia da Doutrina e da Experiencia. Possuia uma F□-o Pessimismo: era um apostolo rico e esfor□do: e tudo tentava, com sumptuosidade, para provar a verdade da sua F□ Muito gozou n'esse anno o meu desgra□do Principe!

No come□ do inverno, por□, notei com inquieta□o que Jacintho j□n□ folheava o _Ecclesiastes_, desleixava Schopenhauer. Nem festas, nem Theosophismos, nem os seus Hospicios, nem os fios do _Times_,

pareciam interessar agora o meu amigo, mesmo como demonstra□es gloriosas da sua Cren□. E a sua abominavel func□o de novo se limitou a bocejar, a passar os dedos molles sobre a face pendida palpando a caveira. Incessantemente alludia □morte como a uma liberta□o. Uma tarde mesmo, no melancolico crepusculo da Bibliotheca, antes de refulgirem as luzes, consideravelmente me aterrou, fallando n'um tom regelado de mortes rapidas, sem d□, pelo choque d'uma vasta pilha electrica ou pela violencia compassiva do acido cyanidrico. Diabo! O Pessimismo, que apparecera na Intelligencia do meu Principe como um conceito elegante--atac□a bruscamente a Vontade!

Todo o seu movimento ent□ foi o d'um boi inconsciente que marcha sob a canga e o aguilh□. J□n□ esperava da Vida

contentamento--nem mesmo se lastimava que ella lhe trouxesse t□io ou pena. □Tudo □indifferente, Z□Fernandes!□ E t□ indifferentemente sahiria □sua janella para receber uma Cor□ Imperial offerecida por um Povo--como se estenderia n'uma poltrona r□a para emmudecer e jazer. Sendo tudo inutil, e n□ conduzindo sen□ a maior desillus□, que podia importar a mais rutilante actividade ou a mais desgostada inercia? O seu gesto constante, que me irritava, era encolher os hombros. Perante duas ideias, dois caminhos, dois pratos, encolhia os hombros! Que importava?... E no minimo acto, raspar um phosphoro ou desdobrar um Jornal, punha uma morosidade t□ desconsolada que todo elle parecia ligado, desde os dedos at□□alma, pelas voltas apertadas d'uma corda que se n□ via e que o travava.

* * * * *

Muito desagradavelmente me recordo do dia dos seus annos, a 10 de Janeiro. C□o, de manh□ receb□a, com uma carta de Madame de Tr□es, um a□fate de camelias, azaleas, orchideas e lyrios do valle. E foi este mimo que lhe recordou a data consideravel. Soprou sobre as petalas o fumo do cigarro e murmurou com um riso de lento escarneo:

--Ent□, ha trinta e quatro annos que eu ando n'esta massada?

E como eu propunha que telephonassemos aos amigos para beberem no 202 o Champagne do □Natalicio□--elle recusou, com o nariz enojado. Oh! N□! Que horrivel s□ca!... E bradou mesmo para o Grillo:

--Eu hoje n□ estou em Paris para ninguem. Abalei para o campo, abalei para

Marselha... Morri!

E a sua ironia n cessou at ao almo perante os bilhetes, os telegrammas, as cartas, que subiam, se arredondavam em collina sobre a meza d'ebano, como um preito da Cidade. Outras fl es que vieram, em vistosos cestos, com vistosos la s, foram por elle comparadas que se dep sobre uma tumba. E apenas se interessou um momento pelo presente de Ephraim, uma engenhosa meza, que se abaixava at ao tapete ou se alteava at ao tecto--para que, senhor Deus meu?

Depois do almo , como chovia sombriamente, n arredamos do 202, com os p estendidos ao lume, em pregui so silencio. Eu termin a por adormecer beatificamente. Acordei aos passos a dados do Grillo... Jacintho, enterrado na poltrona, com umas tesouras, recortava um

papel! E nunca eu me compadeci d'aquelle amigo, que can□ra a mocidade a accumular todas as no□es formuladas desde Aristoteles e a juntar todos os inventos realisados desde Tharamenes, como n'essa tarde de festa, em que elle, cercado de Civilisa□o nas maximas propor□es para gozar nas maximas propor□es a delicia de viver, se encontrava reduzido, junto ao seu lar, a recortar papeis com uma tesoura!

O Grillo trazia um presente do Gran-Duque--uma caixa de prata, forrada de cedro, e cheia d'um ch□precioso, colhido, fl□ a fl□, nas veigas de Kiang-Sou por m□s puras de virgens, e conduzido atrav□ da Asia, em caravanas, com a venera□o d'uma reliquia. Ent□, para despertar o nosso torp□, lembrei que tomassemos o divino ch□-occupa□o bem harmonica com a tarde triste, a chuva

grossa alagando os vidros, e a clara chamma bailando no fog□. Jacintho accedeu--e um escudeiro acercou logo a meza de Ephraim para que n□ lhe estreassemos os servi□s destros. Mas o meu Principe, depois de a altear, para meu espanto, at□aos crystaes do lustre, n□ conseguiu, apezar de uma suada e desesperada batalha com as molas, que a meza regressasse a uma altura humana e cazeira. E o escudeiro de novo a levou, levantada como um andaime, chimerica, unicamente aproveitavel para o gigante Adamastor. Depois veio a caixa do ch□entre chaleiras, lampadas, coadores, filtros, todo um fausto de alfaias de prata, que communicavam a essa occupa□o, t□ simples e d□e em caza de minha tia, _fazer ch□, a magestade d'um rito. Prevenido pelo meu camarada da sublimidade d'aquelle ch□de Kiang-Sou, ergui a chavena aos labios com reverencia. Era

uma infusã descorada que sabia a malva e a formiga. Jacintho provou, cuspiu, blasphemou... Nã tomamos chã

Ao cabo d'outro pensativo silencio, murmurei, com os olhos perdidos no lume:

--E as obras de Tormes? A egreja... Jã haver egreja nova?

Jacintho retomãa o papel e a thesoura:

--Nã sei... Nã tornei a receber carta do Silverio... Nem imagino onde param os ossos... Que lugubre historia!

Depois chegou a hora das luzes e do jantar. Eu encommendãa pelo Grillo ao nosso magistral cozinheiro uma larga travessa d'arroz dãe, com as iniciaes de Jacintho e a data ditosa em canella, ãmoda amavel da nossa meiga terra. E o meu

Principe □meza, percorrendo a lamina de marfim onde no 202 se inscreviam os pratos a lapis vermelho, louvou com ferv□ a ideia patriarchal:

--Arr□ d□e! Est□escripto com dois _ss_, mas n□ tem d□vida... Excellente lembran□! Ha que tempos n□ c□o arr□ d□e!... Desde a morte da av□

Mas quando o arr□ d□e appareceu triumphalmente, que vex□e! Era um prato monumental, de grande arte! O arr□, massi□, moldado em f□ma de pyramide do Egypto, emergia d'uma calda de cereja, e desapparecia sob os fructos seccos que o revestiam at□ao cimo, onde se equilibrava uma cor□ de Conde feita de chocolate e gomos de tangerina gelada! E as iniciaes, a data, t□ lindas e graves na canella ingenua, vinham tra□das nas bordas da travessa com violetas pralinadas!

Repellimos, n'um mudo horror, o prato acanalhado. E Jacintho, erguendo o copo de Champagne, murmurou como n'um funeral pag□:

--_Ad Manes_, aos nossos mortos!

Recolhemos □Bibliotheca, a tomar o caf□no conchego e alegria do lume. F□a, o vento bramava como n'um □mo serrano: e as vidra□s tremiam, alagadas, sob as bategas da chuva irada. Que dolorosa noite para os dez mil pobres que em Paris erram sem p□ e sem lar! Na minha aldeia, entre c□ro e valle, talvez assim rugisse a tormenta. Mas ahi cada pobre, sob o abrigo da sua telha v□ com a sua panella atestada de couves, se agacha no seu mant□ ao calor da lareira. E para os que n□ tenham lenha ou couve, l□est□o Jo□ das Quintas, ou a tia Vicencia, ou o abbade, que conhecem todos os pobres pelos seus nomes, e com

elles contam, como sendo dos seus, quando o carro vae ao matto e a fornada entra no f□no. Ah Portugal pequenino, que ainda □ d□e aos pequeninos!

Suspirei, Jacintho pregui□va. E terminamos por remexer languidamente os jornaes que o mordomo trouxera, n'um monte facundo, sobre uma salva de prata--jornaes de Paris, jornaes de Londres, Semanarios, Magazines, Revistas, Illustra□es... Jacintho desdobrava, arremessava: das Revistas espreitava o summario, logo farto; □ Illustra□es rasgava as folhas com o dedo indifferente, bocejando por cima das gravuras. Depois, mais estirado para o lume:

--□uma s□ca... N□ ha que l□.

E de repente, revoltado contra este fastio oppressor que o escravisava, saltou da

poltrona com um arranque de quem despeda algemas, e ficou erecto, dardejando em torno um olhar imperativo e duro, como se intimasse aquelle seu 202, t abarrotado de Civilisa o, a que por um momento sequer fornecesse sua alma um interesse vivo, sua vida um fugitivo g to! Mas o 202 permaneceu insensivel: nem uma luz, para o animar, avivou o seu brilho mudo: s as vidra s tremeram sob o embate mais rude de agua e vento.

Ent o meu Principe, succumbido, arrastou os passos at ao seu gabinete, come u a percorrer todos os apparelhos completadores e facilitadores da Vida--o seu Telegrapho, o seu Telephone, o seu Phonographo, o seu Radiometro, o seu Graphophono, o seu Microphono, a sua Machina d'Escrever, a sua Machina de Contar, a sua Imprensa Electrica, a outra Magnetica, todos os seus utensilios, todos

os seus tubos, todos os seus fios... Assim um Supplicante percorre altares d'onde espera soccorro. E toda a sua sumptuosa Mechanica se conservou rigida, reluzindo frigidamente, sem que uma roda girasse, nem uma lamina vibrasse, para entreter o seu Senhor.

S□o relogio monumental, que marcava a hora de todas as capitaes e o curso de todos os planetas, se compadeceu, batendo a meia-noite, annunciando ao meu amigo que mais um Dia partira levando o seu p□o--diminuindo esse sombrio p□o da Vida, sob que elle gemia, vergado. O Principe da Gran-Ventura, ent□, decidiu recolher para a cama--com um livro... E durante um momento, estacou no meio da Bibliotheca, considerando os seus setenta mil volumes estabelecidos com pompa e magestade como Doutores n'um Concilio--depois as pilhas

tumultuarias dos livros novos que esperavam pelos cantos, sobre o tapete, o repouso e a consagra□o das estantes d'ebano. Torcendo mollemente o bigode caminhou por fim para a regi□ dos Historiadores: espreitou seculos, farejou ra□s: pareceu attrahido pelo explendor do Imperio Byzantino: penetrou na Revolu□o Franceza d'onde se arredou desencantado: e palpou com m□ indeliberada toda a vasta Grecia desde a crea□o de Athenas at□a aniquila□o de Corintho. Mas bruscamente virou para a fila dos Poetas, que reluziam em marroquins claros, mostrando, sobre a lombada, em ouro, nos titulos fortes ou languidos, o interior das suas almas. N□ appeteceu nenhuma d'essas seis mil almas--e recuou, desconsolado, at□aos Biologos... T□ massi□ e cerrada era a estante de Biologia que o meu pobre Jacintho estarreceu, como ante uma cidadella inaccessivel! Rolou a escada--e,

fugindo, trepou, at□□ alturas da Astronomia: destacou astros, recollocou mundos: todo um Systema Solar desabou com fragor. Aturdido, desceu, come□u a procurar por sobre as rimas das obras novas, ainda brochadas, nas suas roupas leves de combate. Apanhava, folheava, arremessava: para desentulhar um volume, demolia uma torre de doutrinas: saltava por cima dos Problemas, pisava as Religi□s: e relanceando uma linha, esgravatando al□ n'um indice, todos interrogava, de todos se desinteressava, rolando quasi de rastos, nas grossas vagas de tomos que rolavam, sem se poder deter, na ancia de encontrar um Livro! Parou ent□ no meio da immensa nave, de cocoras, sem coragem, contemplando aquelles muros todos forrados, aquelle ch□ todo alastrado, os seus setenta mil volumes--e, sem lhes provar a substancia, j□absolutamente saciado, abarrotado,

nauseado pela opress□ da sua abundancia. Findou por voltar ao mont□ de jornaes amarrotados, ergueu melancholicamente um velho _Diario de Noticias_, e com elle debaixo do bra□ subiu ao seu quarto, para dormir, para esquecer.

VIII

Ao fim d'esse inverno escuro e pessimista, uma manh□que eu pregui□va na cama, sentindo atrav□ da vidra□ cheia de sol ainda pallido um bafo de Primavera ainda timido--Jacintho assomou □porta do meu quarto, revestido de flanellas leves, d'uma alvura de a□cena. Parou lentamente □beira dos colx□s, e, com gravidade, como se annunciasse o seu casamento ou a sua morte, deixou desabar sobre mim esta declara□o formidavel:

--Z□Fernandes, vou partir para Tormes.

O pulo com que me sentei abalou o rijo leito de pau preto do velho D. Gali□:

--Para Tormes? Oh Jacintho, quem assassinaste?...

Deleitado com a minha emo□o, o Principe da Gran Ventura tirou da algibeira uma carta, e encetou estas linhas, j□decerto relidas, fundamente estudadas:

--□Illmo e exc.^{mo} snr.--Tenho grande satisfa□o em communicar a v. exc.^a que por toda esta semana devem ficar promptas as obras da capella...□

--□do Silverio? exclamei.

--□do Silverio. □...as obras da capella nova. Os venerandos restos dos excelsos av□ de v. exc.^a, senhores de todo o meu respeito, podem pois ser em breve trasladados da egreja de S. Jos□ onde t□ estado depositados por bondade do nosso Abbade, que muito se recommenda a v. exc.^a... Submisso, aguardo as prestantes ordens de v. exc.^a a respeito d'esta

magestosa e afflictiva ceremonia...□

Atirei os bra□s, comprehendendo:

--Ah! bem! Queres ir assistir □traslada□o...

Jacintho sumiu a carta no bolso.

--Pois n□ te parece, Z□Fernandes? N□ □por causa dos outros av□, que s□ ossos vagos, e que eu n□ conheci. □por causa do av□Gali□... Tambem n□ o conheci. Mas este 202 est□cheio d'elle; tu est□ deitado na cama d'elle; eu ainda uso o relogio d'elle. N□ posso abandonar ao Silverio e aos caseiros o cuidado de o installarem no seu jazigo novo. Ha aqui um escrupulo de decencia, de elegancia moral... Emfim, decidi. Apertei os punhos na cabe□, e gritei--_vou a Tormes_! E vou!... E tu vens!

Eu enfiara as chinellas, apertava os cord□s

do roup□:

--Mas tu sabes, meu bom Jacintho, que a casa de Tormes est□inhabitavel...

Elle cravou em mim os olhos aterrados.

--Medonha, hein?

--Medonha, medonha, n□... □uma bella casa, de bella pedra. Mas os caseiros, que l□vivem ha trinta annos, dormem em catres, comem o caldo □lareira, e usam as salas para seccar o milho. Creio que os unicos moveis de Tormes, se bem recordo, s□ um armario, e uma espinetta de char□, c□a, j□sem teclas.

O meu pobre Principe suspirou, com um gesto rendido em que se abandonava ao Destino:

--Acabou!... _Alea jact est!_ E como s□partimos para abril, ha tempo de pintar, d'assoalhar, d'envidra□r... Mando d'aqui de Paris tapetes e camas... Um estofador de Lisboa vae depois forrar e disfar□r algum buraco... Levamos livros, uma machina para fabricar gelo... E □mesmo uma occasi□ de p□ emfim n'uma das minhas casas de Portugal alguma decencia e ordem. Pois n□ achas? E ent□ essa! Uma casa que data de 1410... Ainda existia o Imperio Byzantino!

Eu espalhava, com o pincel, sobre a face, flocos lentos de sab□. O meu Principe accendeu muito pensativamente um cigarro; e n□ se arredou do toucador, considerando o meu preparo com uma atten□o triste que me incommodava. Por fim, como se remoesse uma senten□ minha, para lhe reter bem a moral e o succo:

--Ent□, definitivamente, Z□Fernandes, entendes que □um dever, um absoluto dever, ir eu a Tormes?

Afastei do espelho a cara ensaboada para encarar com divertido espanto o meu Principe:

--Oh Jacintho! foi em ti, s□em ti que nasceu a ideia d'esse dever! E honra te seja, menino... N□cedas a ninguem essa honra!

Elle atirou o cigarro--e, com as m□s enterradas nas algibeiras das pantalonas, vagou pelo quarto, topando nas cadeiras, embicando contra os postes torneados do velho leito de D. Gali□, n'um balan□ vago, como barco j□desamarrado do seu seguro ancoradouro, e sem rumo no mar incerto. Depois encalhou sobre a mesa onde eu conservava enfileirada, por grada□es de

sentimentos, desde o dagarreotypo do pap□at□□photographia do _Carocho_ perdigueiro, a galeria da minha Familia.

E nunca o meu Principe (que eu contemplava esticando os suspensorios) me pareceu t□ corcovado, t□ minguado, como gasto por uma lima que desde muito o andasse fundamente limando. Assim viera findar, desfeita em Civilisa□o, n'aquelle super-requintado magricellas sem musculo e sem energia, a ra□ fortissima dos Jacinthos! Esses guedelhudos Jacinth□s, que nas suas altas terras de Tormes, de volta de bater o moiro no Salado ou o castelhano em Valverde, nem mesmo despiam as fuscas armaduras para lavrar as suas chans e amarrar a vide ao olmo, edificando o Reino com a lan□ e com a enxada, ambas t□ rudes e rijas! E agora, alli estava aquelle ultimo Jacintho, um Jacinthiculo, com a

macia pelle embebida em aromas, a curta alma enrodilhada em Philosophias, travado e suspirando baixinho na miuda indecis□ de viver.

--Oh Z□Fernandes, quem □esta lavradeirona t□ rechonchuda?

Estendi o pesco□ para a Photographia que elle erguera d'entre a minha galeria, no seu honroso caixilho de pellucia escarlate:

--Mais respeito, Snr. D. Jacintho... Um pouco mais de respeito, cavalheiro!... □minha prima Joanninha, de Sandofim, da Casa da Fl□ da Malva.

--Fl□ da Malva, murmurou o meu Principe. □a casa do Condestavel, de Nun'alvares.

--Fl□ da Rosa, homem! A casa do Condestavel era na Fl□ da Rosa, no

Alemtejo... Essa tua ignorancia trapalhona das coisas de Portugal!

O meu Principe deixou escorregar mollemente a photographia da minha prima d'entre os dedos molles--que levou face, no seu gesto horrendo de palpar atravez da face a caveira. Depois, de repente, com um soberbo esfor, em que se endireitou e cresceu:

--Bem! _Alea jacta est!_ Partamos pois para as serras!... E agora nem reflex, nem descan!... obra! E a caminho!

Atirou a m ao fecho dourado da porta como se fosse o negro loquete que abre os Destinos--e no corredor gritou pelo Grillo, com uma larga e a dada voz que eu nunca lhe conhecera, e me lembrou a d'um Chefe ordenando, n'alvorada, que se levante o Acampamento, e que a Hoste marche, com

pend□s e bagagens...

Logo n'essa manh□(com uma actividade em que eu reconheci a pressa enjoada de quem bebe oleo-de-ricino), escreveu ao Silverio mandando caiar, assoalhar, envidra□r o casar□. E depois do almo□ appareceu na Bibliotheca, chamado violentamente pelo telephone, para combinar a remessa de mobilias e confortos, o director da _Companhia Universal de Transportes_.

Era um homem que parecia o cartaz da sua Companhia, apertado n'um jaquet□ de xadrezinho escuro, com polainas de jornada sobre botas brancas, uma sacola de marroquim a tiracolo, e na botoeira uma roseta multicor resumindo as suas condecora□es exoticas de Madagascar, de Nicaragua, da Persia, outras ainda, que provavam a universalidade dos seus

servi□s. Apenas Jacintho mencionou □Tormes, no Douro...□--elle logo, atravez d'um sorriso superior, estendeu o bra□, detendo outros esclarecimentos, na sua intimidade minuciosa com essas regi□s.

--Tormes... Perfeitamente! Perfeitamente!

Sobre o joelho, na carteira, escrevinhou uma fugidia nota--emquanto eu considerava, assombrado, a vastid□ do seu saber Chorographico, assim familiar com os recantos d'uma serra de Portugal e com todos os seus velhos solares. J□elle atir□a a carteira para o bolso... E □n□, seus caros senhores, n□ tinhamos sen□ a encaixotar as roupas, as mobilias, as preciosidades! Elle mandaria as suas carro□s buscar os caixotes, a que poria, em grossa letra, com grossa tinta, o endere□...□

--Tormes, perfeitamente! Linha

Norte-Hespanha-Medina-Salamanca... Perfeitamente! Tormes... Muito pittoresco! E antigo, historico! Perfeitamente, perfeitamente!

Desengon□u a cabe□ n'uma venia profundissima--e sahiu da Bibliotheca, com passos que devoravam leguas, annunciavam a presteza dos seus Transportes.

--V□tu, murmurou Jacintho muito serio. Que promptid□, que facilidade!... Em Portugal era uma tragedia. N□ ha sen□ Paris!

Come□u ent□ no 202 o collossal encaixotamento de todos os confortos necessarios ao meu Principe para um mez de serra aspera--camas de penna, banheiras de nickel, lampadas Carcel, divans profundos, cortinas para vedar as

gretas rudes, tapetes para amaciar os soalhos broncos. Os sot□s, onde se arrecadavam os pesados trastes do av□Gali□, foram esvasiados--porque o casar□ medieval de 1410 comportava os trem□ romanticos de 1830. De todos os armazens de Paris chegavam cada manh□fardos, caixas, temerosos embrulhos que os emmaladores desfaziam, atulhando os corredores de montes de palha e de papel pardo, onde os nossos passos a□dados se enrodilhavam. O cozinheiro, esbaforido, organisava a remessa de fornalhas, geleiras, bocaes de trufas, latas de conservas, bojudas garrafas de aguas mineraes. Jacintho, lembrando as trovoadas da serra, comprou um immenso p□a-raios. Desde o amanhecer, nos pateos, no jardim, se martellava, se pregava, com vasto fragor, como na construc□o d'uma cidade. E o desfilar das bagagens, atrav□

do port□, lembrava uma pagina de Herodoto contando a marcha dos Persas.

Das janellas, Jacintho com o bra□ estendido, saboreava aquella actividade e aquella disciplina:

--V□tu, Z□Fernandes, que facilidade!... Sahimos do 202, chegamos □serra, encontramos o 202. N□ ha sen□ Paris!

Recome□ra a amar a Cidade, o meu Principe, emquanto preparava o seu Exodo. Depois de ter, toda a manh□ apressado os encaixotadores, descortinado confortos novos para o abandonado solar, telephonado gordas listas de encommendas a cada loja de Paris--era com delicia que se vestia, se perfumava, se floria, se enterrava na vittoria ou saltava para a almofada do phaeton, e corria ao Bosque, e saudava a

barba talmudica do Ephraim, e os band furiosamente negros da Verghane, e o Psychologo de fiacre, e a condessa de Tr es na sua nova caleche de oito-molas fornecida pelas opera es conjunctas da Bolsa e da alc a. Depois arrebanhava amigos para jantares de surpreza no Voisin ou no Bignon, onde desdobrava o guardanapo com a impaciencia d'uma fome alegre, vigiando fervorosamente que os Bordeus estivessem bem aquecidos e os Champagnes bem granitados. E no theatro das _Nouveaut _, no _Palais Royal_, nos _Buffos_, ria, batendo na c a, com encanecidas facecias d'encanecidas far s, antiquissimos tregeitos d'antiquissimos actores, com que j rira na sua infancia, antes da guerra, sob o segundo Napole !

De novo, em duas semanas, se abarrotaram as paginas da sua Agenda. A

magnificencia do seu trage, como imperador Frederico II de Suabia, deslumbrou, no baile mascarado da Princesa de Cravon-Rogan (onde tambem fui, de □mo□ de forcado□.) E na _Associa□o para o Desenvolvimento das Religi□s Esotericas_ discursou e batalhou bravamente pela construc□o d'um Templo Budhista em Montmartre!

Com espanto meu recome□u tambem a conversar, como nos tempos de Esc□a, da □famosa Civilisa□o nas suas maximas propor□es.□ Mandou encaixotar o seu velho telescopio para o usar em Tormes. Receei mesmo que no seu espirito germinasse a id□ de crear, no cimo da serra, uma Cidade com todos os seus org□s. Pelo menos n□ consentia o meu Jacintho que essas semanas da silvestre Tormes interrompessem a illimitada accumula□o das no□es--porque uma

manh□ rompeu pelo meu quarto, desolado, gritando que entre tantos confortos e f□mas de Civilisa□o esqueceramos os livros! Assim era--e que vexame para a nossa Intellectualidade! Mas que livros escolher entre os facundos milhares sob que vergava o 202? O meu Principe decidiu logo dedicar os seus dias serranos ao estudo da Historia Natural--e n□ mesmos, immediatamente, deitamos para o fundo d'um vasto caixote novo, como lastro, os vinte e cinco tomos de Plinio. Despejamos depois para dentro, □ bra□das, Geologia, Mineralogia, Botanica... Espalhamos por cima uma camada aeria de Astronomia. E, para fixar bem no caixote estas Sciencias oscillantes, entalamos em redor cunhas de Metaphysica.

Mas quando a derradeira caixa, pregada e cintada de ferro, sahiu do port□ do 202 na

derradeira carro□ da _Companhia dos Transportes_, toda esta anima□o de Jacintho se abateu como a efervescencia n'um copo de Champagne. Era em meados j□tepidos de Mar□. E de novo os seus desagradaveis bocejos atroaram o 202, e todos os soph□ rangeram sob o peso do corpo que elle lhe atirava para cima, mortalmente vencido pela fartura e pelo tedio, n'um desejo de repouso eterno, bem envolto de solid□ e silencio. Desesperei. O que! Aturaria eu ainda aquelle Principe palpando amargamente a caveira, e, quando o crepusculo entristecia a Bibliotheca, alludindo, n'um tom rouco, □do□ra das mortes rapidas pela violencia misericordiosa do acido cyanhidrico? Ah n□, caramba! E uma tarde em que o encontrei estirado sobre um divan, de bra□s em cruz, como se fosse a sua estatua de marmore sobre o seu jazigo de granito, positivamente o abanei com furor,

berrando:

--Accorda, homem! Vamos para Tormes! O casar□ deve estar prompto, a reluzir, a abarrotar de cousas! Os ossos de teus av□ pedem repouso, em cova sua!... A caminho, a enterrar esses mortos, e a vivermos n□, os vivos!... Irra! S□ cinco de Abril!... □o bom tempo da serra!

O meu Principe resurgiu lentamente da inercia de pedra:

--O Silverio n□ me escreveu, nunca me escreveu... Mas, com effeito, deve estar tudo preparado... J□l□temos certamente creados, o cosinheiro de Lisboa... Eu s□levo o Grillo, e o Anatole que envernisa bem o cal□do, e tem geito como pedicuro... Hoje □Domingo.

Atirou os p□ para o tapete, com heroismo:

--Bem, partimos no Sabbado!... Avisa tu o Silverio!

Come□u ent□ o laborioso e pensativo estudo dos Horarios--e o dedo magro de Jacintho, por sobre o mappa, avan□ndo e recuando entre Paris e Tormes. Para escolher o □sal□□ que deviamos habitar durante a temida jornada, duas vezes percorremos o deposito da Esta□o d'Orleans, atolados em lama, atraz do Chefe do Trafico que entontecia. O meu Principe recusava este sal□ por causa da c□ tristonha dos estofos; depois recusava aquelle por causa da mesquinhez afflictiva do Water-Closet! Uma das suas inquieta□es era o banho, nas manh□ que passariamos rolando. Suggeri uma banheira de borracha. Jacintho, indeciso, suspirava... Mas nada o aterrou como o trasbordo em Medina del Campo, de

noite, nas trevas da Velha Castella. Debalde a Companhia do Norte de Hespanha e a de Salamanca, por cartas, por telegrammas, socegaram o meu camarada, affirmando que, quando elle chegasse no comboio de Irun dentro do seu sal□, j□outro sal□ ligado ao comboio de Portugal esperaria, bem aquecido, bem allumiado, com uma ceia que lhe offertava um dos Directores, D. Esteban Castillo, ruidoso e rubicundo conviva do 202! Jacintho corr□ os dedos anciosos pela face:--□E os saccos, as pelles, os livros, quem os transportaria do sal□ de Irun para o sal□ de Salamanca?□ Eu berrava, desesperado, que os carregadores de Medina eram os mais rapidos, os mais destros de toda a Europa! Elle murmurava:--□Pois sim, mas em Hespanha, de noite!...□ A noite, longe da Cidade, sem telephone, sem luz electrica, sem postos de policia, parecia ao meu Principe

povoada de surprezas e assaltos. S□acalmou depois de verificar no Observatorio Astronomico, sob a garantia do sabio professor Bertrand, que a noite da nossa jornada era de lua cheia!

Emfim, na sexta-feira, findou a tremenda organisa□o d'aquella viagem historica! O sabbado predestinado amanheceu com generoso sol, de affagadora do□ra. E eu acabava de guardar na mala, embrulhadas em papel pardo, as photographias das creaturinhas suaves que, n'esses vinte e sete mezes de Paris, me tinham chamado □_mon petit chou! mon rat cheri!_□--quando Jacintho rompeu pelo quarto, com um soberbo ramo de orchideas na sobrecasaca, pallido e todo nervoso.

--Vamos ao Bosque, por despedida?

Fomos--□grande despedida! E que encanto! At□nas almofadas e molas da vittoria senti logo uma elasticidade mais emballadora. Depois, pela Avenida do Bosque, quasi me pezava n□ ficar sempiternamente rolando, ao trote rimado das eguas perfeitas, no rebrilho rico de metaes e vernizes, sobre aquelle macadam mais alisado que marmore, entre t□ bem regadas fl□es e relvas de t□ tentadora frescura, cruzando uma Humanidade fina, de elegancia bem acabada, que almo□ra o seu chocolate em porcellanas de Sevres ou de Minton, sahira d'entre s□as e tapetes de tres mil francos, e respirava a belleza de Abril com vagar, requinte e pensamentos ligeiros! O Bosque resplandecia n'uma harmonia de verde, azul e ouro. Nenhuma cova ou terra solta desalisava as polidas alleas que a Arte tra□u e enroscou na espessura--nenhum esgalho desgrenhado desmanchava as

ondula□es macias da folhagem que o Estado esc□a e lava. O piar das aves apenas se elevava para espalhar uma gra□ leve de vida alada;--e mais natural parecia, entre o arvoredo sociavel, o ranger das sellas novas, onde pousavam, com balan□ esbelto, as amazonas espartilhadas pelo grande Redfern. Em frente ao Pavilh□ de Armenonville cruzamos Madame de Tr□es, que nos envolveu ambos na caricia do seu sorriso, mais avivado □uella hora pelo vermelh□ ainda humido. Logo atraz a barba talmudica de Ephraim negrejou, fresca tambem da brilhantine da manh□ no alto d'um phaeton tilintante. Outros amigos de Jacintho circulavam nas Acacias--e as m□s que lhe acenavam, lentas e affaveis, cal□vam luvas frescas c□ de palha, c□ de perola, c□ de lilaz. Todelle relampejou rente de n□ sobre uma grande bycicleta. Dornan, alastrado n'uma cadeira de ferro,

sob um espinheiro em fl□, mamava o seu immenso charuto, como perdido na busca de rimas sensuaes e nedias. Adeante foi o Psychologo, que nos n□ avistou, conversando com um requebro melancolico para dentro d'um coup□que rescendia a alcova, e a que um cocheiro obeso imprimia dignidade e decencia. E rolavamos ainda, quando o Duque de Marizac, a cavallo, ergueu a bengala, estacou a nossa vittoria para perguntar a Jacintho se apparecia □noite nos □quadros vivos□ dos Verghanes. O meu Principe rosnou um--□n□, parto para o sul...□--que mal lhe passou d'entre os bigodes murchos... E Marizac lamentou--porque era uma festa estupenda. Quadros vivos da Historia Sagrada e da Historia Romana!... Madame Verghane, de Magdalena, de bra□s n□s, peitos n□s, pernas n□as, limpando com os cabellos os p□ do Christo!--O Christo, um latag□ soberbo,

parente dos Tr□es, empregado no Ministerio da Guerra, gemendo, derreado, sob uma cruz de papel□! Havia tambem Lucrecia na cama, e Tarquinio ao lado, de punhal, a puxar os len□es! E depois ceia, em mezas soltas, todos nos seus trajes historicos. Elle j□estava aparceirado com Madame de Malbe, que era Agrippina! Quadro portentoso esse--Agrippina morta, quando Nero a vem contemplar e lhe estuda as f□mas, admirando umas, desdenhando outras como imperfeitas. Mas, por polidez, fic□a combinado que Nero admiraria sem reserva todas as f□mas de Madame de Malbe... Emfim collossal, e estupendamente instructivo!

Acenamos um longo adeus □uelle alegre Marizac. E recolhemos sem que Jacintho emergisse do silencio enrugado em que se abysm□a, com os bra□s rigidamente cruzados, como remoendo pensamentos

decisivos e fortes. Depois, em frente ao Arco de Triumpho, moveu a cabe□, murmurou:

--□muito grave, deixar a Europa!

* * * * *

Emfim, partimos! Sob a do□ra do crepusculo que se enubl□a deixamos o 202. O Grillo e o Anatole seguiam n'um fiacre atulhado de livros, de estojos, de paletots, de impermeaveis, de travesseiras, de agoas mineraes, de saccos de couro, de rolos de mantas: e mais atraz um omnibus rangia sob a carga de vinte e tres malas. Na Esta□o, Jacintho ainda comprou todos os Jornaes, todas as Illustra□es, Horarios, mais livros, e um saca-rolhas de f□ma complicada e hostil. Guiados pelo Chefe do Trafico, pelo Secretario da Companhia, occupamos

copiosamente o nosso sal□. Eu puz o meu bonet de s□a, calcei as minhas chinellas. Um silvo varou a noite. Paris lampejou, fugiu n'um derradeiro clar□ de janellas... Para o sorver, Jacintho ainda se arremessou □portinhola. Mas rolavamos j□na treva da Provincia. O meu Principe ent□ recahiu nas almofadas:

--Que aventura, Z□Fernandes!

At□Chartres, em silencio, folheamos as Illustra□es. Em Orleans, o guarda veio arranjar respeitosamente as nossas camas. Derreado com aquelles quatorze mezes de Civilisa□o adormeci--e s□acordei em Bordeus quando Grillo, zeloso, nos trouxe o nosso chocolate. F□a, uma chuva miudinha pingava mollemente d'um espesso ceu de algod□ sujo. Jacintho n□ se deit□a, desconfiado da aspereza e da humidade dos len□es. E, mettido n'um

roup□ de flanella branco, com a face arripiada e estremunhada, ensopando um bolo no chocolate, rosnava sombriamente:

--Este horror!... E agora com chuva!

Em Biarritz, ambos observamos com uma certeza indolente:

--□Biarritz.

Depois Jacintho, que espreitava pela janella embaciada, reconheceu o lento caminhar pernalto, o nariz bicudo e triste, do Historiador Danjon. Era elle, o facundo homem, vestido de xadrezinho, ao lado d'uma dama roli□ que levava pela trella uma cadellinha felpuda. Jacintho baixou a vidra□ violentamente, berrou pelo Historiador, na ancia de communicar ainda, atrav□ d'elle, com a Cidade, com o 202!... Mas o comboio mergulh□a na chuva

e nevoa.

Sobre a ponte do Bidassoa, antevendo o termo da vida facil, os abrolhos da Incivilisa□o, Jacintho suspirou com desalento:

--Agora adeus, come□ a Hespanha!...

Indignado, eu, que j□saboreava o generoso ar da terra bemdita, saltei para diante do meu Principe, e n'um saracoteio de tremendo salero, castanholando os dedos, entoei uma □petenera□ condigna:

A la puerta de mi casa Ay Soledad, Soleda... □.. □.. □

Elle estendeu os bra□s, supplicante:

--Z□Fernandes, tem piedade do enfermo e do triste!

--_Irun_! _Irun_!...

N'essa Irun almo□mos com succulencia--por que sobre n□ velava, como Deusa omnipresente, a Companhia do Norte. Depois □el jefe d'Aduana, el jefe d'Estacion□, preciosamente nos installaram n'outro sal□, novo, com setins c□ d'azeitona, mas t□ pequeno que uma rica por□o dos nossos confortos em mantas, livros, saccos e impermeaveis, passou para o compartimento do _Sleeping_ onde se repoltreavam o Grillo e o Anatole, ambos de bonets escocezes, e fumando gordos charutos.--_Buen viaje_! _Gracias_! _Servidores_!--E entramos silvando nos Pyreneos.

Sob a influencia da chuva embaciadora, d'aquellas serras sempre eguaes, que se desenrolavam, arripiadas, diluidas na

nevoa, resvalei a uma somnolencia d□e;--e, quando descerrava as palpebras, encontrava Jacintho a um canto, esquecido do livro fechado nos joelhos, sobre que cruz□a os magros dedos, considerando valles e montes com a melancolia de quem penetra nas terras do seu desterro! Um momento veio em que, arremessando o livro, enterrando mais o chap□ molle, se ergueu com tanta decis□, que receei detivesse o comboio para saltar □estrada, correr atravez das Vascongadas e da Navarra, para traz, para o 202! Sacudi o meu torp□, exclamei:--□oh menino!... □ N□! O pobre amigo ia apenas continuar o seu tedio para outro canto, enterrado n'outra almofada, com outro livro fechado. E □maneira que a escurid□ da tarde crescia, e com ella a borrasca de vento e agoa, uma inquieta□o mais aterrada se apoderava do meu Principe, assim desgarrado da Civilisa□o, arrastado para a

Natureza que j□o cercava de brutalidade agreste. N□ cessou ent□ de me interrogar sobre Tormes:

--As noites s□ horriveis, hein, Z□Fernandes? Tudo negro, enorme solid□... E medico?... Ha medico?

Subitamente o comboio estacou. Mais grossa e ruidosa a chuva fustigou as vidra□s. Era um descampado, todo em treva, onde rolava e lufava um grande vento solto. A machina apitava, com angustia. Uma lanterna lampejou, correndo. Jacintho batia o p□--□□medonho! □medonho!□... Entreabri a portinhola. Da claridade incerta das vidra□s surdiam cabe□s esticadas, assustadas.--□_Que hay_? _Que hay_?□--A uma rajada, que me alagou, recuei:--e esperamos durante lentos, calados minutos, esfregando desesperadamente os vidros embaciados

para sondar a escurid□. De repente o comboio recome□u a rolar, muito sereno.

Em breve appareceram as luzinhas mortas d'uma esta□o abarracada. Um conductor, com o casac□ de oleado todo a escorrer, trepou ao sal□:--e por elle soubemos, emquanto carimbava apressadamente os bilhetes, que o trem, muito atrazado, talvez n□ alcan□sse em Medina o comboio de Salamanca!

--Mas ent□?...

O casaco de oleado escorreg□a pela portinhola, fundido na noite, deixando um cheiro de humidade e azeite. E n□ encetamos um novo tormento... Se o trem de Salamanca tivesse abalado? O sal□, tomado at□Medina, desengatava em Medina:--e eis os nossos preciosos corpos, com as nossas preciosas almas,

despejados em Medina, para cima da lama, entre vinte e trez malas, n'uma rude confusão hespanhola, sob a tormenta de ventania e d'agua!

--Oh, Z. Fernandes, uma noite em Medina!

Ao meu Principe apparecia como desventura suprema essa noite em Medina, n'uma _fonda_ sordida, fedendo a alho, com gordas filas de percevejos atravez dos lençes d'estopa encardida!... Não cessei então de fitar, n'um desassocego, os ponteiros do relogio:--emquanto Jacintho, pela vidraça escancarada, todo fustigado da chuva clamorosa, furava a negrura, na esperança de avistar as luzes de Medina e um comboio paciente fumegando... Depois recahia no divan, limpava os bigodes e os olhos, maldizia a Hespanha. O trem arquejava, rompendo o vasto vento da planura desolada. E a cada

apito era um alvoro□. Medina?... N□! Algum sumido apeadeiro, onde o trem se atardava, esfalfado, resfolgando, emquanto dormentes figuras encarapu□das, embrulhadas em mantas, rondavam sob o telheiro do barrac□, que as lanternas ba□s tornavam mais soturno. Jacintho esmurrava o joelho:--□Mas por que p□a este infame comboio? N□ ha trafico, n□ ha gente! Oh esta Hespanha!...□ A sineta badalava, moribunda. De novo fendiamos a noite e a borrasca.

Resignadamente comecei a percorrer um _Jornal do Commercio_, antigo, trazido de Paris. Jacintho esmagava o espesso tapete do sal□ com passadas rancorosas, rosnando como uma fera. E ainda assim se escoou, □ gottas, uma hora cheia de eternidade.--Um silvo, outro silvo!... Luzes mais fortes, longe, palpitaram na neblina. As rodas trilharam, com rijos solavancos,

os encontros de carris. Emfim, Medina!... Um muro sujo de barrac alvejou--e bruscamente, portinhola aberta com violencia, apparece um cavalheiro barbudo, de capa hespanhola, gritando pelo snr. D. Jacintho!... Depressa! depressa! que parte o comboio de Salamanca!

--Que no hay un momento, caballeros! Que no hay un momento!

Agarro estonteadamente o meu paletot, o _Jornal do Commercio_. Saltamos com ancia:--e, pela plataforma, por sobre os trilhos, atrav de charcos, tropeando em fardos, empurrados pelo vento, pelo homem da capa hespanhola, enfiamos outra portinhola, que se fechou com um estalo tremendo... Ambos arquejavamos. Era um sal forrado de um panno verde que comia a luz escassa. E eu estendia o

bra□, para receber dos carregadores a□dados as nossas malas, os nossos livros, as nossas mantas--quando, em silencio, sem um apito, o trem despegou e rolou. Ambos nos atiramos □ vidra□s, em brados furiosos:

--Pare! As nossas malas, as nossas mantas!... P'ra aqui!... Oh Grillo! Oh Grillo!

Uma immensa rajada levou os nossos brados. Era de novo o descampado tenebroso, sob a chuva despenhada. Jacintho ergueu os punhos, n'um furor que o engasgava:

--Oh! Que servi□! Oh que canalhas!... S□em Hespanha!... E agora? As malas perdidas!... Nem uma camisa, nem uma escova!

Calmei o meu desgra□do amigo:

--Escuta! eu entrevi dous carregadores arrebanhando as nossas cousas... Decerto o Grillo fiscalisou. Mas na pressa, naturalmente, atirou com tudo para o seu compartimento... Foi um erro n trazer o Grillo comnosco, no sal... At podiamos jogar a manilha!

De resto a sollicitude da Companhia, Deusa omnipresente, velava sobre o nosso conforto--pois que porta do lavatorio branquejava o cesto da nossa ceia, mostrando na tampa um bilhete de D. Esteban com estas doces palavras a lapis--_D. Jacintho y su egregio amigo, que les d gusto_! Farejei um aroma de perdiz. E alguma tranquillidade nos penetrou no cora o sentindo tambem as nossas malas sob a tutella da Deusa omnipresente.

--Tens fome Jacintho?

--N□. Tenho horror, furor, rancor!... E tenho somno.

Com effeito! depois de t□ desencontradas emo□es s□appeteciamos as camas que esperavam, macias e abertas. Quando cahi sobre a travesseira, sem gravata, em ceroulas, j□o meu Principe, que n□ se despira, apenas embrulh□a os p□ no _meu_ paletot, nosso unico agasalho, resonava com magestade.

Depois, muito tarde e muito longe, percebi junto do meu catre, na claridadezinha da manh□ coada pelas cortinas verdes, uma fardeta, um bonet, que murmuravam baixinho com immensa do□ra:

--V. exc.^as n□ t□m nada a declarar?... N□

ha malinhas de m□?...

Era a minha terra! Murmurei baixinho com immensa ternura:

--N□ temos aqui nada... Pergunte v. exc.^a pelo Grillo... Ahi atraz, n'um compartimento... Elle tem as chaves, tem tudo... □o Grillo.

A fardeta desappareceu, sem rumor, como sombra benefica. E eu readormeci com o pensamento em Gui□s, onde a tia Vicencia, atarefada, de len□ branco cruzado no peito, de certo j□preparava o leit□.

Acordei envolto n'um largo e doce silencio. Era uma Esta□o muito socegada, muito varrida, com rosinhas brancas trepando pelas paredes--e outras rosas em moitas, n'um jardim, onde um tanquesinho

abafado de limos dormia sob duas mimosas em fl□ que rescendiam. Um mo□ pallido, de paletot c□ de mel, vergando a bengalinha contra o ch□, contemplava pensativamente o comboio. Agachada rente □grade da horta, uma velha, diante da sua cesta de ovos, contava moedas de cobre no rega□. Sobre o telhado seccavam aboboras. Por cima rebrilhava o profundo, rico e macio azul de que meus olhos andavam agoados.

Sacudi violentamente Jacintho:

--Acorda, homem, que est□ na tua terra!

Elle desembrulhou os p□ do meu paletot, cofiou o bigode, e veio sem pressa, □vidra□ que eu abrira, conhecer a sua terra.

--Ent□ □Portugal, hein?... Cheira bem.

--Est claro que cheira bem, animal!

A sineta tilintou languidamente. E o comboio deslisou, com descan, como se passeasse para seu regalo sobre as duas fitas d'a, assobiando e gozando a belleza da terra e do ceu.

O meu Principe alargava os bra s, desolado:

--E nem uma camisa, nem uma escova, nem uma gotta d'agoa de Colonia!... Entro em Portugal, immundo!

--Na Regoa ha uma demora, temos tempo de chamar o Grillo, rehaver os nossos confortos... Olha para o rio!

Rolavamos na vertente d'uma serra, sobre penhascos que desabavam at largos

socalcos cultivados de vinhedo. Em baixo, n'uma esplanada, branquejava uma casa nobre, de opulento repouso, com a capellinha muito caiada entre um laranjal maduro. Pelo rio, onde a agoa turva e tarda nem se quebrava contra as rochas, descia, com a vela cheia, um barco lento carregado de pipas. Para al□, outros socalcos, d'um verde pallido de rezeda, com oliveiras apoucadas pela amplid□ dos montes, subiam at□outras penedias que se embebiam, todas brancas e assoalhadas, na fina abundancia do azul. Jacintho acariciava os pellos corredios do bigode:

--O Douro, hein?... □interessante, tem grandeza. Mas agora □que eu estou com uma fome, Z□Fernandes!

Tambem eu! Destapamos o cesto de D. Esteban d'onde surdiu um bodo grandioso, de presunto, anho, perdizes,

outras viandas frias que o ouro de duas nobres garrafas d'Amontillado, al□ de duas garrafas de Rioja, aqueciam com um calor de sol Andaluz. Durante o presunto, Jacintho lamentou contrictamente o seu erro. Ter deixado Tormes, um solar historico, assim abandonado e vasio! Que delicia, por aquella manh□t□ lustrosa e tepida, subir □serra, encontrar a sua casa bem apetrechada, bem civilisada... Para o animar, lembrei que com as obras do Silverio, tantos caixotes de Civilisa□o remettidos de Paris, Tormes estaria confortavel mesmo para Epicuro. Oh! mas Jacintho entendia um palacio perfeito, um 202 no deserto!... E, assim discorrendo, atacamos as perdizes. Eu desarrolhava uma garrafa de Amontillado--quando o comboio, muito sorrateiramente, penetrou n'uma Esta□o. Era a Regoa. E o meu Principe pousou logo a faca para chamar o Grillo, reclamar as malas que traziam o

aceio dos nossos corpos.

--Espera, Jacintho! Temos muito tempo, O comboio p□a aqui uma hora... Come com tranquillidade. N□ escangalhemos este almocinho com arruma□es de maletas... O Grillo n□ tarda a apparecer.

E corri mesmo a cortina, porque de f□a um padre muito alto, com uma ponta de cigarro collada ao bei□, par□a a espreitar indiscretamente o nosso festim. Mas quando acabamos as perdizes, e Jacintho confiadamente desembrulhava um queijo manchego, sem que Grillo ou Anatole comparecessem, eu, inquieto, corri □portinhola para apressar esses servos tardios... E n'esse instante o comboio, largando, deslisou com o mesmo silencio sorrateiro. Para o meu Principe foi um desgosto:

--Ahi ficamos outra vez sem um pente, sem uma escova... E eu que queria mudar de camisa! Por culpa tua, Z□Fernandes!

--□espantoso!... Demora sempre uma eternidade. Hoje chega e abala! Paciencia, Jacintho. Em duas horas estamos na Esta□o de Tormes... Tambem n□ valia a pena mudar de camisa para subir □serra! Em casa tomamos um banho, antes de jantar... J□deve estar installada a banheira.

Ambos nos consolamos com copinhos d'uma divina aguardente Chinchon. Depois, estendidos nos soph□, saboreando os dois charutos que nos restavam, com as vidra□s abertas ao ar adoravel, conversamos de Tormes. Na esta□o certamente estaria o Silverio, com os cavallos...

--Que tempo leva a subir?

Uma hora. Depois de lavados sobrava tempo para um demorado passeio pelas terras com o caseiro, o excellente Melchior, para que o Senhor de Tormes, solemnemente, tomasse posse do seu Senhorio. E □noite o primeiro brodio da serra, com os piteus vernaculos do velho Portugal!

Jacintho sorria, seduzido:

--Vamos a ver que cozinheiro me arranjou esse Silverio. Eu recommendei que fosse um soberbo cozinheiro portuguez, classico. Mas que soubesse trufar um per□, afogar um bife em molho de moella, estas cousas simples da cozinha de Fran□!... O peor □n□ te demorares, seguires logo para Gui□s...

--Ah, menino, annos da tia Vicencia no

sabbado... Dia sagrado! Mas volto. Em duas semanas estou em Tormes, para fazermos uma larga Bucolica. E, est□claro, para assistir □traslada□o.

Jacintho estendera o bra□:

--Que casar□ □aquelle, al□ no outeiro, com a torre?

Eu n□ sabia. Algum solar de fidalgote do Douro... Tormes era n'esse feitio atarracado e massi□. Casa de seculos e para seculos--mas sem torre.

--E logo se v□ da esta□o, Tormes?...

--N□! Muito no alto, n'uma prega da serra, entre arvoredo.

No meu Principe j□evidentemente nasc□a uma curiosidade pela sua rude casa

ancestral. Mirava o relogio, impaciente. Ainda trinta minutos! Depois, sorvendo o ar e a luz, murmurava, no primeiro encanto de iniciado:

--Que do□ra, que paz...

--Trez horas e meia, estamos a chegar, Jacintho!

Guardei o meu velho _Jornal do Commercio_ dentro do bolso do paletot, que deitei sobre o bra□;--e ambos em p□ □ janellas, esperamos com alvoro□ a pequenina Esta□o de Tormes, termo ditoso das nossas prova□es. Ella appareceu emfim, clara e simples, □beira do rio, entre rochas, com os seus vistosos girasoes enchendo um jardimsinho breve, as duas altas figueiras assombreando o pateo, e por traz a serra coberta de velho e denso arvoredo... Logo na plataforma

avistei com gosto a immensa barriga, as bochechas menineiras do chefe da Esta□o, o louro Pimenta, meu condiscipulo em Rhetorica, no Lyceu de Braga. Os cavallos decerto esperavam, □sombra, sob as figueiras.

Mal o trem parou ambos saltamos alegremente. A bojuda massa do Pimenta rebolou para mim com amizade:

--Viva o amigo Z□Fernandes!

--Oh bello Piment□!...

Apresentei o senhor de Tormes. E immediatamente:

--Ouve l□ Pimentinha... N□ est□ahi o Silverio?

--N□... O Silverio ha quasi dois mezes que

partiu para Castello de Vide, v□ a m□ que apanhou uma cornada d'um boi!

Atirei a Jacintho um olhar inquieto:

--Ora essa! E o Melchior, o caseiro?... Pois n□ est□ ahi os cavallos para subirmos □quinta?

O digno chefe ergueu com surpreza as sobrancelhas c□ de milho:

--N□!... Nem Melchior, nem cavallos... O Melchior... Ha que tempos eu n□ vejo o Melchior!

O carregador badalou lentamente a sineta para o comboio rolar. Ent□, n□ avistando em torno, na lisa e despovoada Esta□o, nem creados nem malas, o meu Principe e eu lan□mos o mesmo grito de angustia:

--E o Grillo? as bagagens?...

Corremos pela beira do comboio, berrando com desespero:

--Grillo!... Oh Grillo!... Anatole!... Oh Grillo!

Na esperan□ que elle e o Anatole viessem mortalmente adormecidos, trepavamos aos estribos, atirando a cabe□ para dentro dos compartimentos, espavorindo a gente quieta com o mesmo berro que retumbava:--□Grillo, est□ ahi, Grillo?□--J□d'uma terceira-classe, onde uma viola repenicava, um jocoso gania, tro□ndo:--□N□ ha por ahi um grillo? Andam por ahi uns senhores a pedir um grillo!□--E nem Anatole, nem Grillo!

A sineta tilintou.

--Oh Pimentinha, espera, homem, n deixes largar o comboio!... As nossas bagagens, homem!

E, afflicto, empurrei o enorme chefe para o forg de carga, a pesquizar, descortinar as nossas vinte e trez malas! Apenas encontramos barris, cestos de vime, latas de azeite, um bah amarrado com cordas... Jacintho mordia os bei s, livido. E o Pimentinha, esgazeado:

--Oh filhos, eu n posso atrazar o comboio!...

A sineta repicou... E com um bello fumo claro o comboio desappareceu por detraz das fragas altas. Tudo em torno pareceu mais calado e deserto. Alli ficavamos pois baldeados, perdidos na serra, sem Grillo, sem procurador, sem caseiro, sem cavallos, sem malas! Eu conservava o

paletot alvadio, d'onde surdia o _Jornal do Commercio_. Jacintho, uma bengala. Eram todos os nossos bens!

O Piment arregalava para n os olhinhos papudos e compadecidos. Contei ent uelle amigo o atarantado trasf o em Medina sob a borrasca, o Grillo desgarrado, encalhado com as vinte e trez malas, ou rolando talvez para Madrid sem nos deixar um len...

--Eu n tenho um len!... Tenho este _Jornal do Commercio_. toda a minha roupa branca.

--Grande arrelia, caramba! murmurava o Pimenta, impressionado. E agora?

--Agora, exclamei, trepar, para a quinta, pata... A n ser que se arranjassem ahi uns burros.

Ent□ o carregador lembrou que perto, no casal da Giesta, ainda pertencente a Tormes, o caseiro, seu compadre, tinha uma boa egua e um jumento... E o prestante homem enfiou n'uma carreira para a Giesta--emquanto o meu Principe e eu cahiamos para cima d'um banco, arquejantes e succumbidos, como naufragos. O vasto Pimentinha, com as m□s nas algibeiras, n□ cessava de nos contemplar, de murmurar:--□□de arrelia□.--O rio defronte descia, pregui□so e como adormentado sob a calma j□pesada de maio, abra□ndo, sem um sussurro, uma larga ilhota de pedra que rebrilhava. Para al□ a serra crescia em corcovas doces, com uma funda prega onde se aninhava, bem junta e esquecida do mundo, uma villasinha clara. O espa□ immenso repousava n'um immenso silencio. N'aquellas solid□s de monte e

penedia os pardaes, revoando no telhado, pareciam aves consideraveis. E a massa rotunda e rubicunda do Pimentinha dominava, atulhava a regi□.

--Est□tudo arranjado, meu senhor! V□ ahi os bichos!... S□o que n□ calhou foi um selimsinho para a jumenta!

Era o carregador, digno homem, que voltava da Giesta, sacudindo na m□ duas esporas desirmanadas e ferrugentas. E n□ tardaram a apparecer no corrego, para nos levarem a Tormes, uma egua ru□, um jumento com albarda, um rapaz e um podengo. Apertamos a m□ suada e amiga do Pimentinha. Eu cedi a egua ao senhor de Tormes. E come□mos a trepar o caminho, que n□ se alis□a nem se desbrav□a desde os tempos em que o trilhavam, com rudes sapat□s ferrados, cortando de rio a monte, os Jacinthos do

seculo XIV! Logo depois de atravessarmos uma tremula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Principe, com o olho de dono subitamente agu□do, notou a robustez e a fartura das oliveiras...--E em breve os nossos males esqueceram ante a incomparavel belleza d'aquella serra bemdita!

Com que brilho e inspira□o copiosa a compozera o divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e t□ ricamente as dotou, n'este seu Portugal bem-amado! A grandeza egualava a gra□. Para os valles, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, t□ copados e redondos, d'um verde t□ m□o que eram como um musgo macio onde appetecia cahir e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramadas estendiam o seu toldo amavel, a que o esvoa□r leve dos passaros sacudia a

fragrancia. Atravez dos muros seculares, que sustem as terras liados pelas heras, rompiam grossas raizes colleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torr□, de cada fenda, brotavam fl□es silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a solida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avan□vam como pr□s de galeras enfeitadas: e, d'entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para l□galg□a, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe seme□a nas telhas. Por toda a parte a agua sussurrante, a agua fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, d'entre as patas da egua e do burro; grossos ribeiros a□dados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e

faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta □beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficamente, □espera dos homens e dos gados... Todo um cabe□ por vezes era uma ce□a, onde um vasto carvalho ancestral, solitario, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjaes rescendentes. Caminhos de lages soltas circumdavam fartos prados com carneiros e vaccas retou□ndo:--ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, n'uma penumbra de repouso e frescura. Trepavamos ent□ alguma ruasinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esga□va, fugindo do lar pela telha v□ o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheiraes, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e n'alma

espalhava alegria e for□. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

Jacintho adiante, na sua egua ru□, murmurava:

--Que belleza!

E eu atraz, no burro de Sancho, murmurava:

--Que belleza!

Frescos ramos ro□vam os nossos hombros com familiaridade e carinho. Por traz das sebes, carregadas d'amoras, as macieiras estendidas offereciam as suas ma□s verdes, porque as n□ tinham maduras. Todos os vidros d'uma casa velha, com a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando n□ passamos.

Muito tempo um melro nos seguia, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irm melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sempre comtigo fiquemos, serra t acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bemdita entre as serras!

Assim, vagarosamente e maravilhados, chegamos uella avenida de faias, que sempre me encant a pela sua fidalga gravidade. Atirando uma vergastada ao burro e egua, o nosso rapaz, com o seu podengo sobre os calcanhares, gritou:--Aqui que est os, meus amos! E ao fundo das faias, com effeito, apparecia o port da quinta de Tormes, com o seu braz de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia. Dentro j os c s ladravam com furor. E quando Jacintho, na sua suada egua, e eu atraz, no burro de Sancho, transpozemos o limiar

solarengo, desceu para n□, do alto do alpendre, pela escadaria de pedra gasta, um homem nedio, rapado como um padre, sem collete, sem jaleca, acalmando os c□s que se encarni□vam contra o meu Principe. Era o Melchior, o caseiro... Apenas me reconheceu, toda a bocca se lhe escancarou n'um riso hospitaleiro, a que faltavam dentes. Mas apenas eu lhe revelei, d'aquelle cavalheiro de bigodes louros que descia da egua esfregando os quadris, o senhor de Tormes--o bom Melchior recuou, colhido de espanto e terror como diante d'uma avantesma.

--Ora essa!... Santissimo nome de Deus! Pois ent□...

E, entre o rosnar dos c□s, n'um bracejar desolado, balbuciou uma historia que por seu turno apavorava Jacintho, como se o negro muro do casar□ pendesse para

desabar. O Melchior n□ esperava s. ex.^a! Ninguem esperava s. ex.^a!... (Elle dizia _sua incellencia_)... O snr. Silverio estava para Castello de Vide desde mar□, com a m□, que apanh□a uma cornada na virilha. E de certo houvera engano, cartas perdidas... Porque o snr. Silverio s□contava com s. exc.^a em setembro, para a vindima! Na casa as obras seguiam devagarinho, devagarinho... O telhado, no sul, ainda continuava sem telhas; muitas vidra□s esperavam, ainda sem vidros; e, para ficar, Virgem Santa, nem uma cama arranjada!...

Jacintho cruzou os bra□s n'uma colera tumultuosa que o suffocava. Por fim, com um berro:

--Mas os caixotes? Os caixotes, mandados de Paris, em fevereiro, ha quatro mezes?...

O desgra□do Melchior arregalava os olhos miudos, que se embaciavam de lagrimas. Os caixotes?! Nada cheg□a, nada apparecera!... E na sua perturba□o mirava pelas arcadas do pateo, palpava na algibeira das pantalonas. Os caixotes?... N□, n□ tinha os caixotes!

--E agora, Z□Fernandes?

Encolhi os hombros:

--Agora, meu filho, s□vires commigo para Gui□s... Mas s□ duas horas fartas a cavallo. E n□ temos cavallos! O melhor □v□ o casar□, comer a boa gallinha que o nosso amigo Melchior nos assa no espeto, dormir n'uma enxerga, e □anha cedo, antes do calor, trotar para cima, para a tia Vicencia.

Jacintho replicou, com uma decis□ furiosa:

--□anh□troto, mas para baixo, para a esta□o!... E depois, para Lisboa!

E subiu a gasta escadaria do seu solar com amargura e rancor. Em cima uma larga varanda acompanhava a fachada do casar□, sob um alpendre de negras vigas, toda ornada, por entre os pilares de granito, com caixas de pau onde floriam cravos. Colhi um cravo amarello---e penetrei atraz de Jacintho nas salas nobres, que elle contemplava com um murmurio de horror. Eram enormes, d'uma sonoridade de casa capitular, com os grossos muros ennegrecidos pelo tempo e o abandono, e regeladas, desoladamente n□as, conservando apenas aos cantos algum monte de canastras ou alguma enxada entre paus. Nos tectos remotos, de carvalho apainelado, luziam atrav□ dos rasg□s manchas de c□. As janellas, sem vidra□s, conservavam essas macissas

portadas, com fechos para as trancas, que, quando se cerram, espalham a treva. Sob os nossos passos, aqui e al□, uma taboa p□re rangia e cedia.

--Inhabitavel! rugia Jacintho surdamente. Um horror! Uma infamia!...

Mas depois, n'outras salas, o soalho alternava com remendos de taboas novas. Os mesmos remendos claros mosqueavam os velhissimos tectos de rico carvalho sombrio. As paredes repelliam pela alvura cr□a da cal fresca. E o sol mal atravessava as vidra□s--embaciadas e gordurentas da massa e das m□s dos vidraceiros.

Penetramos emfim na ultima, a mais vasta, rasgada por seis janellas, mobilada com um armario e com uma enxerga parda e curta estirada a um canto: e junto d'ella paramos, e sobre ella depuzemos

tristemente o que nos restava de vinte e trez malas--o meu paletot alvadio, a bengala de Jacintho, e o _Jornal do Commercio_ que nos era commum. Atrav□ das janellas escancaradas, sem vidra□s, o grande ar da serra entrava e circulava como n'um eirado, com um cheiro fresco d'horta regada. Mas o que avistavamos, da beira da enxerga, era um pinheiral cobrindo um cabe□ e descendo pelo pendor suave, □maneira d'uma hoste em marcha, com pinheiros na frente, destacados, direitos, emplumados de negro; mais longe as serras d'al□ rio, d'uma fina e macia c□ de violeta; depois a brancura do c□, todo liso, sem uma nuvem, d'uma magestade divina. E l□debaixo, dos valles, subia, desgarrada e melancolica, uma voz de pegureiro cantando.

Jacintho caminhou lentamente para o poial d'uma janella, onde cahiu esbarrondado

pelo desastre, sem resistencia ante aquelle brusco desapparecimento de toda a Civilisa□o! Eu palpava a enxerga, dura e regelada como um granito de inverno. E pensando nos luxuosos colch□s de pennas e molas, t□ prodigamente encaixotados no 202, desafoguei tambem a minha indigna□o:

--Mas os caixotes, caramba?... Como se perdem assim trinta e tantos caixotes enormes?...

Jacintho saccudiu amargamente os hombros:

--Encalhados, por ahi, algures, n'um barrac□!... Em Medina, talvez, n'essa horrenda Medina. Indifferen□ das Companhias, inercia do Silverio... Emfim a Peninsula, a barbarie!

Vim ajoelhar sobre o outro poial, alongando os olhos consolados por c□ e monte:

--□uma belleza!

O meu principe, depois de um silencio grave, murmurou, com a face encostada □m□:

--□uma lindeza... E que paz!

Sob a janella vicejava fartamente uma horta, com repolho, feijoal, talh□s de alface, gordas folhas de abobora rastejando. Uma eira, velha e mal alisada, dominava o valle, d'onde j□subia tenuemente a nevoa d'algum fundo ribeiro. Toda a esquina do casar□ d'esse lado se encravava em laranjal. E d'uma fontinha rustica, meio afogada em rosas tremedeiras, corria um longo e rutilante fio

d'agua.

--Estou com appetite desesperado d'aquella agoa! declarou Jacintho, muito s□io.

--Tambem eu... Des□mos ao quintal, hein? E passamos pela cosinha, a saber do frango.

Voltamos □varanda. O meu Principe, mais conciliado com o destino inclemente, colheu um cravo amarello. E por outra porta baixa, de rigissimas hombreiras, mergulhamos n'uma sala, alastrada de cali□, sem tecto, coberta apenas de grossas vigas, d'onde s'ergueu uma revoada de pardaes.

--Olha para este horror! murmurava Jacintho arripiado.

E descemos por uma lobrega escada de castello, tenteando depois um corredor tenebroso de lages asperas, atravancado por profundas arcas, capazes de guardar todo o gr□ d'uma provincia. Ao fundo a cozinha, immensa, era uma massa de f□mas negras, madeira negra, pedra negra, densas negruras de felugem secular. E n'este negrume refulgia a um canto, sobre o ch□ de terra negra, a fogueira vermelha, lambendo tachos e panellas de ferro, despedindo uma fumarada que fugia pela grade aberta no muro, depois por entre a folhagem dos limoeiros. Na enorme lareira, onde se aqueciam e assavam as suas grossas pe□s de porco e boi os Jacinthos medievaes, agora desaproveitada pela frugalidade dos caseiros, negrejava um poeirento mont□ de cestas e ferramentas; e a claridade toda entrava por uma porta de castanho, escancarada sobre um

quintalejo rustico em que se misturavam couves lombardas e junquilhos formosos. Em roda do lume um bando alvoro□do de mulheres depennava frangos, remexia as ca□rolas, picava a cebola, com um fervor afogueado e palreiro. Todas emmudeceram quando apparecemos--e d'entre ellas o pobre Melchior, estonteado, com o sangue a espirrar na nedia face d'abbade, correu para n□, jurando □que o jantarinho de suas Incellencias n□ demorava um credo□...

--E a respeito de camas, oh amigo Melchior?

O digno homem ciciou uma desculpa encolhida □sobre enxergasinhas no ch□...□

--□o que basta! acudi eu, para o consolar. Por uma noite, com len□es frescos...

--Ah, l□pelos len□esinhos respondo eu!... Mas um desgosto assim, meu senhor! A gente apanhada sem um colx□sinho de l□ sem um lombosinho de vacca... Que eu j□pensei, at□lembrei □minha comadre, V. Inc.^{as} podiam ir dormir aos _Ninhos_, a casa do Silverio. Tinham l□camas de ferro, lavatorios... Elle sempre □uma legoasita e mau caminho...

Jacintho, bondoso, accudiu:

--N□, tudo se arranja, Melchior. Por uma noite!... At□g□to mais de dormir em Tormes, na minha casa da serra!

Sahimos ao terreiro, retalho de horta fechado por grossas rochas encabelladas de verdura, entestando com os socalcos da serra onde lourejava o centeio. O meu principe bebeu da agua nevada e lusidia da fonte, regaladamente, com os bei□s na

bica; appeteceu a alface rechonchuda e crespa; e atirou pulos aos ramos altos d'uma copada cerejeira, toda carregada de cereja. Depois, costeando o velho lagar, a que um bando de pombas branqueava o telhado, deslis□os at□ao carreiro, cortado no costado do monte. E andando, pensativamente, o meu Principe pasmava para os milheiraes, para os vetustos carvalhos plantados por vetustos Jacinthos, para os casebres espalhados sobre os cabe□s □orla negra dos pinheiraes.

De novo penetramos na avenida de faias e transpozemos o port□ senhorial entre o latir dos c□s, mais mansos, farejando um dono. Jacintho reconheceu □certa nobreza□ na frontaria do seu lar. Mas sobretudo lhe agradava a longa alameda, assim direita e larga, como tra□da para n'ella se desenrolar uma cavalgada de

Senhores com plumas e pagens. Depois, de cima da varanda, reparando na telha nova da capella, louvou o Silverio, □esse rala□□, por cuidar ao menos da morada do Bom-Deus.

--E esta varanda tambem □agradavel, murmurou elle mergulhando a face no aroma dos cravos. Precisa grandes poltronas, grandes divans de verga...

Dentro, na □nossa sala□, ambos nos sentamos nos poiaes da janella, contemplando o doce socego crepuscular que lentamente se estabelecia sobre valle e monte. No alto tremeluzia uma estrellinha, a Venus diamantina, languida annunciadora da noite e dos seus contentamentos. Jacintho nunca consider□a demoradamente aquella estrella, de amorosa refulgencia, que perpetua no nosso C□ catholico a memoria

da Deusa incomparavel:--nem assistira j□ais, com a alma attenta, ao magestoso adormecer da Natureza. E este ennegrecimento dos montes que se embu□m em sombra; os arvoredos emmudecendo, can□dos de susurrar; o rebrilho dos casaes mansamente apagado; o cobertor de nevoa, sob que se acama e agasalha a frialdade dos valles; um toque somnolento de sino que rola pelas quebradas; o segredado cochichar das aguas e das relvas escuras--eram para elle como inicia□es. D'aquella janella, aberta sobre as serras, entrevia uma outra vida, que n□ anda s□ente cheia do Homem e do tumulto da sua obra. E senti o meu amigo suspirar como quem emfim descan□.

D'este enlevo nos arrancou o Melchior com o doce aviso do □jantarinho de suas Incellencias□. Era n'outra sala, mais n□a, mais abandonada:--e ahi logo □porta o

meu super-civilisado Principe estacou, estarrecido pelo desconforto, escassez e rudeza das coisas. Na mesa, encostada ao muro denegrido, sulcado pelo fumo das candeias, sobre uma toalha de estopa, duas velas de s□o em casti□es de lata alumiavam grossos pratos de lou□ amarella, ladeados por colheres de estanho e por garfos de ferro. Os copos, d'um vidro espesso, conservavam a sombra roxa do vinho que n'elles pass□a em fartos annos de fartas vindimas. A malga de barro, atestada de azeitonas pretas, contentaria Diogenes. Espetado na c□ea d'um immenso p□ reluzia um immenso facalh□. E na cadeira senhoreal reservada ao meu Principe, derradeira alfaia dos velhos Jacinthos, de hirto espaldar de couro, com a madeira ro□a de caruncho, a clina fugia em melenas pelos rasg□s do assento poido.

Uma formidavel mo□, de enormes peitos que lhe tremiam dentro das ramagens do len□ cruzado, ainda suada e esbrazeada do calor da lareira, entrou esmagando o soalho, com uma terrina a fumegar. E o Melchior, que seguia erguendo a infusa do vinho, esperava que suas Incellencias lhe perdoassem porque falt□a tempo para o caldinho apurar... Jacintho occupou a s□e ancestral--e, durante momentos (de esgazeada anciedade para o caseiro excellente) esfregou energicamente, com a ponta da toalha, o garfo negro, a fusca colh□ de estanho. Depois, desconfiado, provou o caldo, que era de gallinha e rescendia. Provou--e levantou para mim, seu camarada de miserias, uns olhos que brilharam, surprehendidos. Tornou a sorver uma colherada mais cheia, mais considerada. E sorriu, com espanto:--□Est□bom!□

Estava precioso: tinha figado e tinha moela: o seu perfume enternecia: tres vezes, fervorosamente, ataquei aquelle caldo.

--Tambem l□volto! exclamava Jacintho com uma convic□o immensa. □que estou com uma fome... Santo Deus! Ha annos que n□ sinto esta fome.

Foi elle que rapou avaramente a sopeira. E j□espreitava a porta, esperando a portadora dos piteus, a rija mo□ de peitos trementes, que emfim surgiu, mais esbrazeada, abalando o sobrado--e pousou sobre a mesa uma travessa a trasbordar de arroz com favas. Que desconsolo! Jacintho, em Paris, sempre abomin□a favas!... Tentou todavia uma garfada timida--e de novo aquelles seus olhos, que o pessimismo ennovo□a, luziram, procurando os meus. Outra larga

garfada, concentrada, com uma lentid□ de frade que se regala. Depois um brado:

--Optimo!... Ah, d'estas favas, sim! Oh que fava! Que delicia!

E por esta santa gula louvava a serra, a arte perfeita das mulheres palreiras que em baixo remexiam as panellas, o Melchior que presidia ao brodio...

--D'este arroz com fava nem em Paris, Melchior amigo!

O homem optimo sorria, inteiramente desannuviado:

--Pois □c□a comidinha dos mo□s da quinta! E cada pratada, que at□suas Incellencias se riam... Mas agora, aqui, o Snr. D. Jacintho, tambem vae engordar e enrijar!

O bom caseiro sinceramente cria que, perdido n'esses remotos Parizes, o Senhor de Tormes, longe da fartura de Tormes, padecia fome e mingava... E o meu Principe, na verdade, parecia saciar uma velhissima fome e uma longa saudade da abundancia, rompendo assim, a cada travessa, em louvores mais copiosos. Diante do louro frango assado no espeto e da salada que elle appetecera na horta, agora temperada com um azeite da serra digno dos labios de Plat□, terminou por bradar:--□□divino!□ Mas nada o enthusiasmava como o vinho de Tormes, cahindo d'alto, da bojuda infusa verde--um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo. Mirando, □vela de s□o, o copo grosso que elle orlava de leve espuma rosea, o meu Principe, com um resplend□ d'optimismo na face, citou Virgilio:

--_Quo te carmina dicam, Rethica_? Quem dignamente te cantar vinho amavel d'estas serras?

Eu, que n gosto que me avantagem em saber classico, espanejei logo tambem o meu Virgilio, louvando as do ras da vida rural:

--_Hanc olim veteres vitam coluere Sabini_... Assim viveram os velhos Sabinos. Assim Romolo e Remo... Assim cresceu a valente Etruria. Assim Roma se tornou a maravilha do mundo!

E immovel, com a m agarrada infusa, o Melchior arregalava para n os olhos em infinito assombro e religiosa reverencia.

* * * * *

Ah! Jantamos deliciosissimamente, sob os auspicios do Melchior--que ainda depois, pr□ido e tutelar, nos forneceu o tabaco. E, como ante n□ se alongava uma noite de monte, voltamos para as janellas desvidra□das, na sala immensa, a contemplar o sumptuoso c□ de ver□. Philosoph□os ent□ com pachorra e facundia.

Na Cidade (como notou Jacintho) nunca se olham, nem lembram os astros--por causa dos candieiros de gaz ou dos globos de electricidade que os offuscam. Por isso (como eu notei) nunca se entra n'essa communh□ com o Universo que □a unica gloria e unica consola□o da Vida. Mas na serra, sem predios disformes de seis andares, sem a fumara□ que tapa Deus, sem os cuidados que como peda□s de chumbo puxam a alma para o p□rasteiro--um Jacintho, um Z□Fernandes,

livres, bem jantados, fumando nos poiaes d'uma janella, olham para os astros e os astros olham para elles. Uns, certamente, com olhos de sublime immobilidade ou de subllime indifferen□. Mas outros curiosamente, anciosamente, com uma luz que acena, uma luz que chama, como se tentassem, de t□ longe, revelar os seus segredos, ou de t□ longe comprehender os nossos...

--Oh Jacintho, que estrella □esta, aqui, t□ viva, sobre o beiral do telhado?

--N□ sei... E aquella, Z□Fernandes, al□, por cima do pinheiral?

--N□ sei.

N□ sabiamos. Eu, por causa da espessa crosta de ignorancia com que sahi do ventre de Coimbra, minha M□ espiritual.

Elle, porque na sua Bibliotheca possuia trezentos e oito tratados sobre Astronomia, e o Saber, assim accumulado, f□ma um monte que nunca se transp□ nem se desbasta. Mas que nos importava que aquelle astro al□ se chamasse Syrius e aquelle outro Aldebaran? Que lhes importava a elles que um de n□ fosse Jacintho, outro Z□ Elles t□ immensos, n□ t□ pequeninos, somos a obra da mesma Vontade. E todos, Uranos ou Lorenas de Noronha e Sande, constituimos modos diversos d'um S□ unico, e as nossas diversidades esparsas sommam na mesma compacta Unidade. Molleculas do mesmo Todo, governadas pela mesma Lei, rolando para o mesmo Fim... Do astro ao homem, do homem □fl□ do trevo, da fl□ do trevo ao mar sonoro--tudo □o mesmo Corpo, onde circula, como um sangue, o mesmo Deus. E nenhum fremito de vida, por menor, passa n'uma fibra d'esse

sublime Corpo, que se n repercuta em todas, at mais humildes, at que parecem inertes e invitaes. Quando um Sol que n avisto, nunca avistarei, morre de inani o nas profundidades, esse esguio galho de limoeiro, em baixo na horta, sente um secreto arrepio de morte:--e, quando eu bato uma patada no soalho de Tormes, al o monstruoso Saturno estremece, e esse estremecimento percorre o inteiro Universo! Jacintho abateu rijamente a m no rebordo da janella. Eu gritei:

--Acredita!... O sol tremeu.

E depois (como eu notei) deviamos considerar que, sobre cada um d'esses gr s de p luminoso, existia uma crea o, que incessantemente nasce, perece, renasce. N'este instante, outros Jacinthos, outros Z Fernandes, sentados janellas

d'outras Tormes, contemplam o c□ nocturno, e n'elle um pequenininho ponto de luz, que □a nossa possante Terra por n□ tanto sublimada. N□ ter□ todos esta nossa f□ma, bem fragil, bem desconfortavel, e (a n□ ser no Apollo do Vaticano, na Venus de Milo e talvez na Princeza, de Carman) singularmente feia e burlesca. Mas, horrendos ou de ineffavel belleza; collossaes e d'uma carne mais dura que o granito, ou leves como gazes e ondulando na luz, todos elles s□ s□es pensantes e teem consciencia da Vida--porque decerto cada Mundo possue o seu Descartes, ou j□o nosso Descartes os percorreu a todos com o seu Methodo, a sua escura capa, a sua agudeza elegante, formulando a unica certeza talvez certa, o grande _Penso logo existo_. Portanto todos n□, Habitantes dos Mundos, □ janellas dos nossos casar□s, al□ nos Saturnos, ou aqui na nossa Terricula, constantemente perfazemos um acto

sacrosanto que nos penetra e nos funde--que □sentirmos no Pensamento o nucleo commum das nossas modalidades, e portanto realisarmos um momento, dentro da Consciencia, a Unidade do Universo!--Hein, Jacintho?...

O meu amigo rosnou:

--Talvez... Estou a cahir com somno.

--Tambem eu. □Remontamos muito, Exmo Snr.!□ como dizia o Pestaninha em Coimbra. Mas nada mais bello, e mais v□, que uma cavaqueira, no alto das serras, a olhar para as estrellas!... Tu sempre vaes amanh□

--Com certeza, Z□Fernandes! Com a certeza de Descartes. □Penso _logo fujo_!□ Como queres tu, n'este pardieiro, sem uma cama, sem uma poltrona, sem um livro?...

Nem s□de arroz com fava vive o Homem! Mas demoro em Lisboa, para conversar com o Cesimbra, o meu Administrador. E tambem □espera que estas obras acabem, os caixotes surjam, e eu possa voltar decentemente, com roupa lavada, para a traslada□o...

--□verdade, os ossos...

--Mas resta ainda o Grillo... Que animal! Por onde andar□esse perdido?

Ent□, passeando lentamente na sala enorme, onde a vela de s□o j□derretida no casti□l de lata era como um lume de cigarro n'um descampado, medit□os na sorte do Grillo. O estimado negro ou f□a despejado nas lamas de Medina, com as vinte e sete malas, aos gritos--ou, regaladamente adormecido, rol□a com o Anatole no comboio para Madrid. Mas

ambos os casos appareciam ao meu Principe como irremediavelmente destruidores do seu conforto...

--N□, escuta, Jacintho... Se o Grillo encalhou em Medina, dormiu na Fonda, catou os percevejos, e esta madrugada correu para Tormes. Quando □anh□desceres □Esta□o, □ quatro horas, encontras o teu precioso homem, com as tuas preciosas malas, mettido n'esse comboio que te leva ao Porto e □Capital...

Jacintho saccudiu os bra□s como quem se debate nas malhas d'uma rede:

--E se seguiu para Madrid?

--Ent□, por esta semana, c□apparece em Tormes, onde encontra ordem para regressar a Lisboa e reentrar no teu sequito... Resta o interessante caso das

minhas bagagens. Se □anh□encontrares na Esta□o o Grillo, separa a minha mala negra, e o sacco de lona, e a chapelleira. O Grillo conhece. E pede ao Pimenta, ao gordalhufo, que me avise para Gui□s. Se o Grillo aportar Tormes, esfogueteado de Madrid, com toda essa malaria, deixa as minhas cousas aqui, ao Melchior... Eu □anh□fallo ao Melchior.

Jacintho sacudiu furiosamente o collarinho:

--Mas como posso eu partir para Lisboa, □anh□ com esta camisa de dous dias, que j□me faz uma comich□ horrenda? E sem um len□... Nem ao menos uma escova de dentes!

Fertil em id□s, estendi as m□s, n'um bello gesto tutelar:

--Tudo se arranja, meu Jacintho, tudo se

arranja! Eu, largando d'aqui cedo, pelas seis horas, chego a Gui□s □ dez, ainda sem calor. E, mesmo antes do almo□ e da cavaqueira com a tia Vicencia, immediatamente te mando por um mo□ um sacco de roupa branca. As minhas camisas e as minhas ceroulas talvez te estejam largas. Mas um mendigo como tu n□ tem direito a elegancias e a roupas bem cortadas. O mo□, n'um bom trote, entra aqui □ duas horas; tens tempo de mudar antes de desceres para a Esta□o... Posso metter na mala uma escova de dentes.

--Oh Z□Fernandes! Ent□ mette tambem uma esponja... E um frasco d'agoa de colonia!

--Agoa d'alfazema, excellente, feita pela tia Vicencia...

O meu Principe suspirou, impressionado

com a sua miseria esqualida, e esta dadiva de roupas:

--Bem, ent vamos dormir, que estou esfalfado de emo es e d'astros...

Justamente Melchior entreabria a pesada porta, com timidez, a avisar que estavam preparadinhas as camas de suas Incellencias. E seguindo o bom caseiro, que erguia uma candeia, que avistamos n, o meu Principe e eu, ainda ha pouco irmanados com os astros? Em duas saletas, que uma abertura em arco, lobrego arco de pedra, separava--duas enxergas sobre o soalho. Junto cabeceira da mais larga, que pertencia ao senhor de Tormes, um casti l de lat sobre um alqueire; aos p, como lavatorio, um alguidar vidrado em cima duma tripe. Para mim, serrano d'aquellas serras, nem alguidar nem alqueire.

Lentamente, com o p□ o meu super-civilisado amigo palpou a enxerga. E decerto lhe sentiu uma dureza intransigente, porque ficou pendido sobre ella, a correr desoladamente os dedos pela face desmaiada.

--E o peior n□ □ainda a enxerga, murmurou emfim com um suspiro. □que n□ tenho camisa de dormir, nem chinelas!... E n□ me posso deitar de camisa engommada.

Por inspira□o minha reccorremos ao Melchior. De novo, esse benemerito providenciou, trazendo a Jacintho, para elle desafogar os p□, uns tamancos--e para embrulhar o corpo uma camisa da comadre, enorme, de estopa, □pera como uma estamenha de penitente, com folhos mais crespos e duros do que lavores de

madeira. Para consolar o meu Principe lembrei que Plat□ quando compunha o _Banquete_, Vasco da Gama quando dobrava o Cabo, n□ dormiam em melhores catres! As enxergas rijas fazem as almas fortes, oh Jacintho!... E □s□vestido de estamenha que se penetra no Paraiso.

--Tens tu, volveu o meu amigo seccamente, alguma coisa que eu leia? N□ posso adormecer sem um livro.

Eu? Um livro? Possuia apenas o velho numero do _Jornal do Commercio_, que escap□a □dispers□ dos nossos bens. Rasguei a copiosa folha pelo meio, partilhei com Jacintho fraternalmente. Elle tomou a sua metade, que era a dos annuncios... E quem n□ viu ent□ Jacintho, senhor de Tormes, aca□pado □borda da enxerga, rente da vela de s□o que se derretia no alqueire, com os p□

encafuados nos s□os, perdido dentro das □peras pregas e dos rijos folhos da camisa serrana, percorrendo n'um peda□ velho de Gazeta, pensativamente, as partidas dos Paquetes--n□ p□e saber o que □uma intensa e veridica imagem do Desalento.

Recolhido □minha alcova espartana, desabotoava o collete, n'um delicioso cansa□, quando o meu Principe ainda me reclamou:

--Z□Fernandes...

--Dize.

--Manda tambem no sacco um abotoador de botas.

Estirado commodamente na rija enxerga murmurei, como sempre murmuro ao penetrar no Somno, que □um primo da

Morte, □Deus seja louvado!□ Depois tomei a metade do _Jornal do Commercio_ que me pertencia.

--Z□Fernandes...

--Que □

--Tambem podias metter no sacco p□ dos dentes... E uma lima das unhas... E um romance!

J□a meia Gazeta me escapava das m□s dormentes. Mas da sua alcova, depois de soprar a vela, Jacintho murmurou entre um bocejo:

--Z□Fernandes...

--Hein?

--Escreve para Lisboa, para o Hotel

Bragan□... Os len□es ao menos s□ frescos, cheiram bem, a sadio!

IX

Cedo, de madrugada, sem rumor, para n□ despertar o meu Jacintho, que, com as m□s cruzadas sobre o peito, dormia beatificamente na sua enxerga de granito--parti para Gui□s.

Ao cabo d'uma semana, recolhendo uma manh□para o almo□, encontrei no corredor as minhas malas t□ desejadas, que um mo□ do casal da Giesta trouxera n'um carro com □recados do Snr. Pimentinha□. O meu pensamento pulou para o meu Principe. E lancei pelo telegrapho, para Lisboa, para o Hotel Bragan□, este brado alegre:--□Est□ l□ Sei recuperaste Grillo e Civilisa□o! Hurrah! Abra□!□--S□depois de sete dias, occupados n'uma delicada apanha de aspargos com que outr'ora civilis□a a horta da tia Vicencia, notei o silencio de

Jacintho. N'um bilhete postal renovei, desenvolvi o grito amigo:--□Est□ l□ S□ os prazeres da Baixa que assim te tornam desattento e mudo? Eu, todo aspargos! Responde, quando chegas? Tempo delicioso! 23° □sombra. E os ossos?...□--Veio depois a devota romaria da Senhora da Roqueirinha. Durante a lua nova andei n'um c□te de matto, na minha terra das Corcas. A tia Vicencia vomitou, com uma indigest□ de murcellas. E o silencio do meu Principe era ingrato e ferrenho.

Emfim uma tarde, voltando da Flor da Malva, de casa da minha prima Joanninha, parei em Sandofim, na venda do Manoel Rico, para beber de certo vinho branco que a minha alma conhece--e sempre pede.

Defronte, □porta do ferrador, o Severo,

sobrinho do Melchior de Tormes e o mais fino alveitar da serra, picava tabaco, escarranchado n'um banco. Mandei encher outro quartilho: elle acariciou o pesco□ da minha egua que j□salv□a d'um esfriamento: e, como eu indagasse do nosso Melchior, o Severo contou que na v□pera jant□a com elle em Tormes, e se abeir□a tambem do fidalgo...

--Ora essa! Ent□ o snr. D. Jacintho est□em Tormes?

O meu espanto divertiu o Severo:

--Ent□ v. exc.^a... Pois em Tormes □que elle est□ ha mais de cinco semanas, sem arredar! E parece que fica para a vindima, e vai l□uma grandeza!

Santissimo nome de Deus! Ao outro dia, domingo, depois da missa e sem me

assustar com a calma que carregava, trotei alvoro□damente para Tormes. Ao latir dos rafeiros, quando transpuz o portal solarengo, a comadre do Melchior accudio dos lados do curral, com um alguidar de lavagem encostado □cintura.--Ent□ o snr. D. Jacintho?... O snr. D. Jacintho andava l□para baixo, com o Silverio e com o Melchior, nos campos de Freixomil...

--E o Snr. Grillo, o preto?

--Ha bocadinho tambem o enxerguei no pomar, com o francez, a apanhar lim□s doces...

Todas as janellas do solar rebrilhavam, com vidra□s novas, bem polidas. A um canto do p□eo notei baldes de cal e tijellas de tintas. Uma escada de pedreiro descan□ra durante o Dia Santo arrimada contra o telhado. E, rente ao muro da

capella, dois gatos dormiam sobre monts de palha desempacotada de caixotes consideraveis.

--Bem, pensei eu. Eis a Civilisação!

Recolhi a egua, galguei a escada. Na varanda, sobre uma pilha de ripas, reluzia n'um raio de sol uma banheira de zinco. Dentro encontrei todos os soalhos remendados, esfregados a carqueja. As paredes, muito caiadas e nuas, refrigeravam como as d'um convento. Um quarto, a que me levaram tres portas escancaradas com franqueza serrana, era certamente o de Jacintho: a roupa pendia de cabides de pau: o leito de ferro, com coberta de fustão, encolhia timidamente a sua rigidez virginal a um canto, entre o muro e a banquinha onde um castiçal de latão resplandecia sobre um volume do _D. Quichote_; no lavatorio pintado de

amarello, imitando bamb□, apenas cabia o jarro, a bacia, um naco gordo de sab□; e uma prateleirinha bastava ao esmerado alinho da escova, da thesoura, do pente, do espelhinho de feira, e do frasquinho de agua de alfazema que eu mand□a de Gui□s. As tres janellas, sem cortinas, contemplavam a belleza da serra, respirando um delicado e macio ar, que se perfumava nas resinas dos pinheiraes, depois nas roseiras da horta. Em frente, no corredor, outro quarto repetia a mesma simplicidade. Certamente a previdencia do meu Principe o destin□a ao seu Z□Fernandes. Pendurei logo dentro, no cabide, o meu guarda-p□de lustrina.

Mas na sala immensa, onde tanto philosoph□amos considerando as estrellas, Jacintho arranj□a um centro de repouso e d'estudo--e desenrol□a essa □grandeza□ que impressionava o Severo. As cadeiras

de verga da Madeira, amplas e de bra□s, offereciam o conforto de almofadinhas de chita. Sobre a mesa enorme de pau branco, carpinteirada em Tormes, admirei um candieiro de metal de tres bicos, um tinteiro de frade armado de pennas de pato, um vaso de capella transbordando de cravos. Entre duas janellas uma commoda antiga, embutida, com ferragens lavradas, recebera sobre o seu marmore rosado o devoto peso d'um Presepio, onde Reis Magos, pastores de surr□s vistosos, cordeiros d'esguedelhada l□ se apressavam atravez d'alcantis para o Menino, que na sua lapinha lhes abria os bra□s, coroado por uma enorme Cor□ Real. Uma estante de madeira enchia outro peda□ de parede, entre dois retratos negros com caixilhos negros; sobre uma das suas prateleiras repousavam duas espingardas; nas outras esperavam, espalhados, como os primeiros Doutores

nas bancadas d'um concilio, alguns nobres livros, um Plutarcho, um Virgilio, a Odyssea, o Manual de Epictecto, as Chronicas de Froissart. Depois, em fila decorosa, cadeiras de palhinha, muito novas, muito envernisadas. E a um canto um m□lho de varapaus.

Tudo resplandecia de asseio e ordem. As portadas das janellas, cerradas, abrigavam do sol que batia aquelle lado de Tormes, escaldando os peitoris de pedra. Do soalho, burrifado de agua, subia, na suavisada penumbra, uma frescura. Os cravos rescendiam. Nem dos campos, nem da casa, se elevava um rumor. Tormes dormia no esplendor da manh□ santa. E, penetrado por aquella consoladora quieta□o de convento rural, terminei por me estender n'uma cadeira de verga, junto da mesa, abrir languidamente um tomo de Virgilio, e

murmurar, appropriando o doce verso que encontr□a:

Fortunate Jacinthe! Hic, inter arva nota Et fontes sacros, frigus captabis opacum...

Afortunado Jacintho, na verdade! Agora, entre campos que s□ teus e aguas que te s□ sagradas, colhes emfim a sombra e a paz!

Li ainda outros versos. E, na fadiga das duas horas de egua e calor desde Gui□s, irreverentemente adormecia sobre o divino Bucoliasta--quando me despertou um berro amigo! Era o meu Principe. E muito decididamente, depois de me soltar do seu rijo abra□, o comparei a uma planta estiolada, emmurchecida na escurid□, entre tapetes e s□as, que, levada para vento e sol, profusamente regada, reverdece, desabrocha e honra a Natureza! Jacintho j□n□ corcovava. Sobre a

sua arrefecida pallidez de super-civilisado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalh□a um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilisava soberbamente. Dos olhos, que na Cidade andavam sempre t□ crepusculares e desviados do Mundo, saltava agora um brilho de meio-dia, resoluto e largo, contente em se embeber na belleza das coisas. At□o bigode se lhe encresp□a. E j□n□ deslisava a m□ desencantada sobre a face,--mas batia com ella triumphalmente na c□a. Que sei? Era um Jacintho novissimo. E quasi me assustava, por eu ter de aprender e penetrar, n'este novo Principe, os modos e as id□s novas.

--Caramba, Jacintho, mas ent□...?

Elle encolheu jovialmente os hombros realargados. E s□me soube contar,

trilhando soberanamente com os sapatos brancos e cobertos de p□o soalho remendado, que, ao acordar em Tormes, depois de se lavar n'uma dorna, e d'enfiar a minha roupa branca, se sentira de repente como _desannuviado_, _desenvencilhado_! Almo□ra uma pratada de ovos com chouri□, sublime. Passe□a por toda aquella magnificencia da serra com pensamentos ligeiros de liberdade e de paz. Mand□a ao Porto comprar uma cama, uns cabides... E alli estava...

--Para todo o ver□?

--N□! Mas um mez... Dois mezes! Emquanto houver chouri□s, e a agoa da fonte, bebida pela telha ou n'uma folha de couve, me souber t□ divinamente!

Cahi sobre a cadeira de verga, e contemplei, arregalado, quasi esgazeado,

o meu Principe! Elle enrolava n'uma mortalha tabaco picado, tabaco grosso, guardado n'uma malga vidrada. E exclamava:

--Ando ahi pelas terras desde o romper d'alva! Pesquei j□hoje quatro trutas, magnificas... L□em baixo, no Naves, um riachote que se atira pelo valle da Seranda... Temos logo ao jantar essas trutas!

Mas eu, avido pela historia d'aquella ressurrei□o:

--Ent□, n□ estiveste em Lisboa?... Eu telegraphei...

--Qual telegrapho! Qual Lisboa! Estive l□em cima, ao p□da fonte da Lira, □sombra d'uma grande arvore, _sub tegmine_ n□ sei qu□ a l□ esse ador□el Virgilio... E

tambem a arranjar o meu palacio! Que te parece, Z□Fernandes? Em tres semanas, tudo soalhado, envidra□do, caiado, encadeirado!... Trabalhou a freguezia inteira! At□eu pintei, com uma immensa brocha. Viste o comedoiro?

--N□.

--Ent□ vem admirar a belleza na simplicidade, barbaro!

Era a mesma onde n□ tanto exaltaramos o arroz com favas--mas muito esfregada, muito caiada, com um rodap□bezuntado d'azul estridente onde logo adivinhei a obra do meu Principe. Uma toalha de linho de Guimar□s cobria a mesa, com as franjas ro□ndo o soalho. No fundo dos pratos de lou□ forte reluzia um gallo amarello. Era o mesmo gallo e a mesma lou□ em que na nossa casa, em Gui□s, se servem os feij□s

dos cavadores...

Mas no p□eo os c□s latiram. E Jacintho correu □varanda, com uma ligeireza curiosa que me deleitou. Ah, bem definitivamente se esfrangalh□a aquella rede de malha que se n□ percebia e que outr'ora o travava!--N'esse momento appareceu o Grillo, de quinzena de linho, segurando em cada m□ uma garrafa de vinho branco. Todo se alegrou □em v□ na quinta o si□Fernandes□. Mas a sua veneranda face j□n□ resplandecia, como em Paris, com um t□ sereno e ditoso brilho de ebano. At□me pareceu que corcovava... Quando o interroguei sobre aquella mudan□, estendeu duvidosamente o bei□ grosso:

--O menino gosta, eu ent□ tambem g□to... Que o ar aqui □muito bom, si□Fernandes, o ar □muito bom!

Depois, mais baixo, envolvendo n'um gesto desolado a lou□ de Barcellos, as facas de cabo d'osso, as prateleiras de pinho como n'um refeitorio de Franciscanos:

--Mas muita magreza, si□Fernandes, muita magreza!

Jacintho voltava com um ma□ de jornaes cintados:

--Era o carteiro. J□v□ que n□ amuei inteiramente com a Civilisa□o. Eis a Imprensa!... Mas nada de _Figaro_, ou da horrenda _Dois-Mundos_! Jornaes de Agricultura! Para aprender como se produzem as risonhas messes, e sob que signo se casa a vinha ao olmo, e que cuidados necessita a abelha provida... _Quid faciat laetas segetes_... De resto

para esta nobre educa□o, j□me bastavam as _Georgicas_, que tu ignoras!

Eu ri:

--Alto l□ _Nos quoque gens sumus et nostrum Virgilium sabemus_!

Mas o meu novissimo amigo, debru□do da janella, batia as palmas--como Cat□ para chamar os servos, na Roma simples. E gritava:

--Anna Vaqueira! Um copo d'agoa, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, immensamente divertido:

--Oh Jacintho! E as aguas carbonatadas? e as phosphatadas? e as esterilisadas? e as sodicas?...

O meu Principe atirou os hombros com um desdem soberbo. E acclamou a appari□o d'um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da agoa refulgente, que uma bella mo□ trazia n'um prato. Eu admirei sobretudo a mo□... Que olhos, d'um negro t□ liquido e serio! No andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que gra□ de Nympha latina!

E apenas pela porta desapparecera a explendida appari□o:

--Oh Jacintho, eu d'aqui a um instante tambem quero agua! E se compete a esta rapariga trazer as cousas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma cousa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Principe sorria, com sinceridade:

--N□! n□ nos illudamos, Z□Fernandes, nem fa□mos Arcadia. □uma bella mo□, mas uma bruta... N□ ha alli mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais belleza do que n'uma linda vacca tourina. Merece o seu nome de Anna Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim s□e rija; e ella cumpre. O marido todavia n□ parece contente, porque a desanca. Tambem □um bello bruto... N□, meu filho, a serra □maravilhosa e muito grato lhe estou... Mas temos aqui a f□ea em toda a sua animalidade e o macho em todo o seu egoismo... S□ por□ verdadeiros, genuinamente verdadeiros! E esta verdade, Z□Fernandes, □para mim um repouso.

Lentamente, gozando a frescura, o silencio, a liberdade do vasto casar□, retrocedemos □sala que Jacintho

j□denomin□a a _Livraria_. E, de repente, ao avistar n'um canto uma caixa com a tampa meio despregada, quasi me engasguei, na furiosa curiosidade que me assaltou:

--E os caixotes? Oh Jacintho?... Toda aquella immensa caixotaria que n□ mandamos, abarrotada de Civilisa□o? Soubeste? Appareceram?

O meu Principe parou, bateu alegremente na c□a:

--Sublime! Tu ainda te lembras d'aquelle homemsinho, de sacco a tiracollo, que n□ admiramos tanto pela sua sagacidade, o seu saber geographico?... Lembras? Apenas fallei em Tormes, gritou que conhecia, rabiscou uma nota... Nem era necessario mais! □Oh! Tormes, perfeitamente, muito antigo, muito

curioso! Pois mandou tudo para Alba-de-Tormes, em Hespanha! Est tudo em Hespanha!

Cocei o queixo, desconsolado:

--Ora, ora... Um homem t esperto, t expedito, que fazia tanta honra ao Progresso! Tudo para Hespanha!... E mandaste vir?

--N! Talvez mais tarde... Agora, Z Fernandes, estou saboreando esta delicia de me erguer pela manh e de ter s uma escova para alisar o cabello.

Considerei, cheio de recorda es, o meu amigo:

--Tinhas umas nove...

--Nove? Tinha vinte! Talvez trinta! E era

uma atrapalha□o, n□ me bastavam!... Nunca em Paris andei bem penteado. Assim com os meus setenta mil volumes: eram tantos que nunca li nenhum. Assim com as minhas occupa□es: tanto me sobrecarregavam, que nunca fui util!

* * * * *

De tarde, depois da calma, fomos vaguear pelos caminhos colleantes d'aquella quinta rica, que, atrav□ de duas legoas, ondula por valle e monte. N□ m'encontr□a mais com Jacintho em meio da Natureza, desde o remoto dia d'entremez em que elle tanto soffrera no sociavel e policiado bosque de Montmorency. Ah, mas agora, com que seguran□ e idyllico amor elle se movia atrav□ d'essa Natureza, d'onde and□a tantos annos desviado por theoria e por habito! J□n□ arreceiava a humidade mortal das relvas; nem repellia como

impertinente o ro□r das ramagens; nem o silencio dos altos o inquietava como um despovoamento do Universo. Era com delicias, com um consolado sentimento de estabilidade recuperada, que enterrava os grossos sapatos nas terras molles, como no seu elemento natural e paterno: sem raz□, deixava os trilhos faceis, para se embrenhar atrav□ de arbustos emaranhados, e receber na face a caricia das folhas tenras; sobre os outeiros, parava, immovel, retendo os meus gestos e quasi o meu halito, para se embeber de silencio e de paz: e duas vezes o surprehendi attento e sorrindo □beira d'um regatinho palreiro, como se lhe escutasse a confidencia...

Depois philosophava, sem descontinuar, com o enthusiasmo d'um convertido, avido de converter:

--Como a intelligencia aqui se liberta, hein? E como tudo □animado d'uma vida forte e profunda!... Dizes tu agora, Z□Fernandes, que n□ ha aqui pensamento...

--Eu?! Eu n□ digo nada, Jacintho...

--Pois □uma maneira de reflectir muito estreita e muito grosseira...

--Ora essa! Mas eu...

--N□, n□ percebes. A vida n□ se limita a pensar, meu caro doutor...

--Que n□ sou!

--A vida □essencialmente Vontade e Movimento: e n'aquelle peda□ de terra, plantado de milho, vae todo um mundo de impulsos, de for□s que se revelam, e que

attingem a sua expressão suprema, que é a Fórma. Não, essa tua philosophia está ainda extremamente grosseira...

--Irra! mas eu não...

--E depois, menino, que inesgotavel, que miraculosa diversidade de fórmas... E todas bellas!

Agarrava o meu pobre braço, exigia que eu reparasse com reverencia. Na Natureza nunca eu descobriria um contorno feio ou repetido! Nunca duas folhas d'hera, que, na verdura ou recorte, se assemelhassem! Na Cidade, pelo contrario, cada casa repete servilmente a outra casa; todas as faces reproduzem a mesma indifferença ou a mesma inquietação; as idéas teem todas o mesmo valor, o mesmo cunho, a mesma fórma, como as libras; e até o que ha mais pessoal e intimo, a Illusão, é em todos

identica, e todos a respiram, e todos se perdem n'ella como no mesmo nevoeiro... A _mesmice_--eis o horror das Cidades!

--Mas aqui! Olha para aquelle castanheiro. Ha tres semanas que cada manh□o vejo, e sempre me parece outro... A sombra, o sol, o vento, as nuvens, a chuva, incessantemente lhe comp□m uma express□ diversa e nova, sempre interessante. Nunca a sua frequenta□o me poderia fartar...

Eu murmurei:

--□pena que n□ converse!

O meu Principe recuou, com olhares chammejantes, d'Apostolo:

--Como que n□ converse? Mas □justamente um conversador sublime! Est□claro, n□

tem ditos, nem parola theorias, _ore rotundo_. Mas nunca eu passo junto d'elle que n□ me suggira um pensamento ou me n□ desvende uma verdade... Ainda hoje quando eu voltava de pescar as trutas... Parei: e logo elle me fez sentir como toda a sua vida de vegetal □isenta de trabalho, da anciedade, do esfor□ que a vida humana imp□; n□ tem de se preoccupar com o sustento, nem com o vestido, nem com o abrigo; filho querido de Deus, Deus o nutre, sem que elle se mova ou se inquiete... E □esta seguran□ que lhe d□tanta gra□ e tanta magestade. Pois n□ achas?

Eu sorria, concordava. Tudo isto era de certo rebuscado e especioso. Mas que importavam as requintadas metaphoras, e essa metaphysica mal madura, colhida □pressa nos ramos d'um castanheiro? Sob toda aquella ideologia transparecia uma

excellente realidade--a reconcilia□o do meu Principe com a Vida. Segura estava a sua Resurrei□o depois de tantos annos de cova, da cova molle em que jazera, enfaixado como uma mumia nas faixas do Pessimismo!

E o que esse Principe, n'esta tarde me esfalfou! Farejava, com uma curiosidade insaciavel, todos os recantos da serra! Galgava os cabe□s correndo, como na esperan□ de descobrir l□do alto os esplendores nunca contemplados d'um Mundo inedito. E o seu tormento era n□ conhecer os nomes das arvores, da mais rasteira planta brotando das fendas d'um socalco... Constantemente me folheava como a um Diccionario Botanico.

--Fiz toda a sorte de cursos, passei pelos professores mais illustres da Europa, tenho trinta mil volumes, e n□ sei se

aquelle senhor al□ □um amieiro ou um sobreiro...

--□um azinheiro, Jacintho.

J□a tarde cahia quando recolhemos muito lentamente. E toda essa adoravel paz do c□, realmente celestial, e dos campos, onde cada folhinha conservava uma quieta□o contemplativa, na luz docemente desmaiada, pousando sobre as cousas com um liso e leve affago, penetrava t□ profundamente Jacintho, que eu o senti, no silencio em que cahiramos, suspirar de puro allivio.

Depois, muito gravemente:

--Tu dizes que na natureza n□ ha pensamento...

--Outra vez! Olha que massada! Eu...

--Mas □por estar n'ella supprimido o pensamento que lhe est□poupado o soffrimento! N□, desgra□dos, n□ podemos supprimir o pensamento, mas certamente o podemos disciplinar e impedir que elle se estonteie e se esfalfe, como na fornalha das cidades, ideando gozos que nunca se realisam, aspirando a certezas que nunca se attingem!... E □o que aconselham estas collinas e estas arvores □nossa alma, que vela e se agita:--que viva na paz d'um sonho vago e nada appete□, nada tema, contra nada se insurja, e deixe o Mundo rolar, n□ esperando d'elle sen□ um rumor de harmonia, que a emballe e lhe favore□ o dormir dentro da m□ de Deus. Hein, n□ te parece, Z□Fernandes?

--Talvez. Mas □necessario ent□ viver n'um mosteiro, com o temperamento de S. Bruno, ou ter cento e quarenta contos de

renda e o desplante de certos Jacinthos... E tambem me parece que andamos leguas. Estou derreado. E que fome!

--Tanto melhor, para as trutas, e para o cabrito assado que nos espera...

--Bravo! Quem te cosinha?

--Uma afilhada do Melchior. Mulher sublime! Has de ver a canja! Has de ver a cabidella! Ella □horrenda, quasi an□ com os olhos tortos, um verde e outro preto. Mas que paladar! Que genio!

Com effeito! Horacio dedicaria uma ode □uelle cabrito assado n'um espeto de cerejeira. E com as trutas, e o vinho Melchior, e a cabidella, em que a sublime an□de olhos tortos puzera inspira□es que n□ s□ da terra, e aquella do□ra da noite de Junho, que pelas janellas abertas nos

envolveu no seu velludo negro, t□ molle e t□ consolado fiquei, que, na sala onde nos esperava o caf□ cahi n'uma cadeira de verga, na mais larga, e de melhores almofadas, e atirei um berro de pura delicia.

Depois, com uma recorda□o, limpando o caf□do pello dos bigodes:

--□Jacintho, e quando n□ andavamos por Paris com o Pessimismo □ costas, a gemer que tudo era illus□ e d□?

O meu Principe, que o cabrito torn□a ainda mais alegre, trilhava a grandes passadas o soalho, enrolando o cigarro:

--Oh! que engenhosa besta, esse Schopenhauer! E maior besta eu, que o sorvia, e que me desolava com sinceridade! E todavia,--continuava elle,

remexendo a chavena--o Pessimismo □uma theoria bem consoladora para os que soffrem, porque desindividualisa o soffrimento, alarga-o at□o tornar uma lei universal, a lei propria da Vida; portanto lhe tira o caracter pungente d'uma injusti□ especial, commettida contra o soffredor por um Destino inimigo e faccioso! Realmente o nosso mal sobretudo nos amarga quando contemplamos ou imaginamos o bem do nosso visinho:--porque nos sentimos escolhidos e destacados para a infelicidade, podendo, como elle, ter nascido para a Fortuna. Quem se queixaria de ser c□o--se toda a humanidade coxeasse? E quaes n□ seriam os urros, e a furiosa revolta do homem envolto na neve e friagem e borrasca d'um inverno especial, organisado nos ceus para o envolver a elle unicamente--em quanto em redor, toda a Humanidade se movesse na luminosa

benignidade d'uma Primavera?

--Com effeito, murmurei eu, esse sujeito teria immensa raz□ para urrar...

--E depois, clamava ainda o meu amigo, o Pessimismo □excellente para os Inertes, por que lhes attenua o desgracioso delicto da Inercia. Se toda a meta □um monte de Dor, onde a alma vae esbarrar, para que marchar para a meta, atravez dos embara□s do mundo? E de resto todos os Lyricos e Theoricos do Pessimismo, desde Salom□ at□o maligno Schopenhauer, lan□m o seu cantico ou a sua doutrina para disfar□r a humilha□o das suas miserias, subordinando-as todas a uma vasta lei de Vida, uma lei Cosmica, e ornando assim com a aureola de uma origem quasi divina as suas miudas desgra□zinhas de temperamento ou de Sorte. O bom Schopenhauer form□la todo o seu

schopenhauerismo, quando um philosopho sem editor, e um professor sem discipulos; e soffre horrendamente de terrores e manias; e esconde o seu dinheiro debaixo do sobrado; e redige as suas contas em grego nos perpetuos lamentos da desconfian; e vive nas adegas com o medo de incendios; e viaja com um copo de lata na algibeira para n beber em vidro que bei s de leproso tivessem contaminado!... Ent Schopenhauer sombriamente Schopenhauerista. Mas apenas penetra na celebridade, e os seus miseraveis nervos se acalmam, e o cerca uma paz amavel, n ha ent, em todo Francfort, burguez mais optimista, de face mais jocunda, e gozando mais regradamente os bens da intelligencia e da Vida!... E o outro, o Israelita, o muito pedantesco rei de Jerusalem! quando descobre esse sublime Rhetorico que o mundo Illus e Vaidade?

Aos setenta e cinco annos, quando o Poder lhe escapa das m□s tremulas, e o seu serralho de trezentas concubinas se lhe torna ridiculamente superfluo. Ent□ rompem os pomposos queixumes! Tudo □vaidade e afflic□o de espirito! nada existe estavel sob o sol! Com effeito, meu bom Salom□, tudo passa--principalmente o poder de usar trezentas concubinas! Mas que se restitua a esse velho sult□ asiatico, besuntado de Litteratura, a sua virilidade,--e onde se sumir□o lamento do Ecclesiastes? Ent□ voltar□ em segunda e triumphal edi□o, o extase do _Livro dos Cantares_!...

Assim discursava o meu amigo no nocturno silencio de Tormes. Creio que ainda estabeleceu sobre o Pessimismo outras coisas joviaes, profundas ou elegantes;--mas eu adormecera, beatificamente envolto em Optimismo e

do□ra.

Em breve por□, me fez pular, escancarar as palpebras molles, uma rija, larga, sadia e genuina risada. Era Jacintho, estirado n'uma cadeira, que lia o D. Quixote... Oh bem aventurado Principe! Conserv□a elle o agudo poder de arrancar theorias a uma espiga de milho ainda verde, e por uma clemencia de Deus, que fizera reflorir o tronco secco, recuper□a o dom divino de rir, com as facecias de Sancho!

Aproveitando a minha companhia, as duas semanas de bucolica occiosidade que eu lhe concedera, o meu Jacintho preparou ent□ a ceremonia t□ falada, t□ meditada, a traslada□o dos ossos dos velhos Jacinthos--dos □respeitaveis ossos□ como murmurava, cumprimentando, o bom Silverio, o procurador, n'essa manh□de sexta feira, em que almo□va comnosco,

mettido n'um espantoso jaquet□ de velludilho amarello debruado de seda azul! A ceremonia, de resto, reclamava muita singeleza por serem t□ incertos, quasi impessoaes, aquelles restos, que n□ estabeleceriamos na Capellinha do valle da Carri□, na Capellinha toda nova, toda nua e toda fria, ainda sem alma e sem calor de Deus.

--Por que emfim v. ex.^a comprehende,--explicava o Silverio passando o guardanapo por sobre a larga face suada e por sobre as immensas barbas negras, como as d'um turco--, n'aquella mixordia... Oh! pe□ desculpa a v. ex.^a! N'aquella confus□, quando tudo desabou, n□ pud□os mais conhecer a quem pertenciam os ossos. Nem sequer, fallando verdade, n□ sabiamos bem que dignos av□ de v. ex.^a jaziam na capella velha, assim t□ antigos, com os letreiros

apagados, senhores de todo o nosso respeito, certamente, mas, se v. ex.^a me permitte, senhores j□muito desfeitos... Depois veio o desastre, a mixordia. E aqui est□o que decidi, depois de pensar. Mandei arranjar tantos caix□s de chumbo, quantas as caveiras que se apanharam l□em baixo na Carri□, entre o lixo e o pedregulho. Havia sete caveiras e meia. Quero dizer, sete caveiras e uma caveirinha pequenina. Mettemos cada caveira em seu caix□. Depois... Que quer v. ex.^a? N□ havia outro meio! E aqui o Snr. Fernandes dir□se n□ acha que procedemos com habilidade. A cada caveira juntamos uma certa por□o d'ossos, uma por□o rasoavel... N□ havia outro meio... Nem todos os ossos se acharam. Canellas, por exemplo, faltavam! E □bem possivel que as costellas d'um d'aquelles senhores ficasse com a cabe□ d'outro... Mas quem podia saber? S□Deus. Emfim

fizemos o que a prud□cia mandava... Depois, no dia de Juizo, cada um d'estes fidalgos apresentar□os ossos que lhe pertencerem.

Lan□va estas cousas macabras e tremendas, penetrado de respeito, quasi com magestade, espetando, ora em mim, ora no meu Principe, os olhinhos agudos e relusentes como vidrilhos.

Eu approvei o pittoresco homem:

--Perfeitamente! Andou perfeitamente, amigo Silverio. S□ t□ vagos, t□ anonymos, todos esses av□! S□faz pena, grande pena, que se tresmalhassem os restos do av□Gali□.

--N□ estava c□ accudiu Jacintho. Vim a Tormes expressamente por causa do av□Gali□, e por fim o seu jazigo nunca foi

aqui, na Capellinha da Carri□... Felizmente!

O Silverio saccudia gravemente a calva trigueira:

--Nunca tivemos o ex.^{mo} sr. Gali□. Ha cem annos, Snr. Fernandes, ha cem annos que se n□ depositava na capella velha corpo de cavalheiro c□da casa.

--Onde estar□ent□?...

O meu Principe encolheu os hombros. Por esse Reino... Na egrejinha, no cemiterio d'alguma das freguezias numerosas, onde elle possuia terras. Casa t□espalhada!

--Bem! conclui. Ent□, como se trata d'ossadas vagas, sem nome, sem data, convem uma ceremoniasinha muito simples, muito sobria.

--Quietinha, quietinha! murmurou o Silverio, dando um forte sorvo assobiado ao caf□

E foi quietinha, d'uma rustica e doce singeleza, a ceremonia d'aquelles altos senhores. Cedo, por uma manh□ levemente enevoada, os oito caix□s pequeninos, cobertos d'um velludo vermelho mais de festa que de funeral, com molhos de rosas espalhados, contendo cada um o seu montesinho d'ossos incertos, sahiram aos hombros dos coveiros de Tormes e dos mo□s da quinta, da Egreja de S. Jos□ cujo sino leve tangia, na enevoada do□ra da manh□--quanto fina e levemente!--como pia um passarinho triste. Adiante, um airoso mo□ de sobrepelis, erguia com zelo a velha cruz prateada; abrigando o pesco□ sob um immenso len□ de rap□ de quadrados

azues, o velho e corcovado sacrist segurava pensativamente a caldeirinha d'agoa benta; e o bom abbade de S. Jos com os dedos entre o breviario fechado, movia os labios, n'uma lenta, murmurosa resa, que ia, pelo doce ar, espalhando mais do ra. Logo atraz do ultimo cofre, o mais pequenino, o da caveirinha pequena, Jacintho caminhava; e eu, a estalar dentro d'um fato preto de Jacintho, tirado pressa d'uma das malas de Paris quando, de manh j tarde para mandar a Gui s, me lembrei que toda a minha roupa era de cores festivaes e pastoris.

Depois marchava o Silverio, solemnissimo, com um immenso peitilho, onde as barbas immensas se alastravam, negrissimas. De casaca, com o grosso bei descahido, descahido todo elle por aquella melancolia de enterro que se juntava melancolia da serra, o Grillo enfiava no

bra□ a sua coroa, enorme, de rosas e d'heras. Por fim seguia o Melchior, entre um rancho de mulheres, que, sumidas na sombra dos len□s pretos, desfiando longos rosarios, rosnavam surdas av□marias, atravez d'espa□dos suspiros, t□ doridos como se inconsoladamente lhes doesse a perda d'aquelles Jacinthos. Assim, pelas varzeas entrecorridas de regueiros, lenta nos recostos dos mattos, escorregando mais rapida, pelos corregos pedregosos, seguia a prociss□, sempre com a cruz adiante, alta e prateada, rebrilhando por vezes n'um breve raiosinho de sol que, vagarosamente, surdia da nevoa desfeita. Ramos baixos de lod□ ou de salgueiro passavam uma derradeira caricia sobre o velludo dos caix□s.

Um regato por vezes nos acompanhava, com discreto fulgir entre as relvas, sussurrando e como resando tambem,

alegremente: e nos quintalinhos umbrosos, □nossa passagem, os gallos, de cima das pilhas de matto, faziam soar o seu clarim festivo. Depois, adiante da fonte da Lira, como o caminho se alongava, e desejassemos poupar o nosso velho abbade, cortamos atravez d'uma seara, j□alta, quasi madura, toda entremeada de papoulas, O sol radiou: sob a brisa larga, que lev□a a nevoa, toda a messe ondulou n'uma lenta vaga dourada, em que se balou□vam os esquifes; e, como enorme papoula, a mais vermelha, rutilava o guarda sol de panninho logo aberto pelo sacrist□ para abrigar o abbade.

Jacintho tocou no meu cotovello:

--Que lindos vamos! Ora v□tu a Natureza... N'um simples enterrar d'ossos, quanta gra□ e quanta belleza!

Na Capellinha, nova, dominando o valle da Carri□, solitaria e muito nua, no meio d'um adro, ainda mal alisado, sem uma verdura de relva, uma frescura d'arbusto, dous mo□s seguravam □porta molhos de tochas, que o Silverio distribuiu, a passos graves, com cortezias, solemnissimo. Dentro as curtas chammas, mal luziam, mal derramavam a sua amarellid□ triste, esbatidas na relusente brancura dos muros estucados, na jovial claridade que cahia das altas vidra□s bem polidas. Em torno dos esquifes, pousados sobre bancos, que pesados velludilhos recobriam, o abbade murmurava um suave latim, emquanto ao fundo as mulheres, sumidas na sombra dos seus negros len□s, gemiam _amens_ agudos, abafavam um respeitoso solu□. Depois, tomando levemente o hyssope, ainda o bom abbade aspergiu, para uma derradeira purifica□o, os incertos ossos

dos incertos Jacinthos. E todos desfilamos por diante do meu Principe, timidamente encostado □umbreira, com o Silverio ao lado esmagando contra o peitilho as barbas immensas, a face descahida, cerradas as palpebras como contendo lagrimas.

No adro, o meu Principe accendeu regaladamente um cigarro pedido ao Melchior:

--E ent□, Z□Fernandes, que te pareceu a ceremoniasinha?

--Muito campestre, muito suave, muito risonha... Uma delicia.

Mas o Abbade, que se desvestira na Sachristia, appareceu, j□com o seu grande casaco de lustrina, e seu velho chapeu desabado, trazidos pelo mo□ da

Residencia, n'um sacco de chita. Jacintho, immediatamente lhe agradeceu tantos cuidados, a affavel hospitalidade que offerecera aos ossos, durante a construc□o da Capellinha nova. E o suave velho, todo branquinho, de faces ainda menineiras e coradas, com um claro sorriso de dentes sadios, louvava Jacintho, que assim viera de t□ longe, em t□ longa jornada, para cumprir aquelle dever de bom neto.

--S□ av□ muito remotos, e agora t□ confusos! murmurava Jacintho sorrindo.

--Pois mais merito ainda o de v. ex.^a. Respeitar um av□morto, bem □corrente... Mas respeitar os ossos d'um quinto av□ d'um setimo av□

--Sobretudo, Snr. Abbade, quando d'elles nada se sabe, e naturalmente nada fizeram.

O velho sacudiu risonhamente o dedo gordo:

--Ora quem sabe, quem sabe! Talvez fossem excellentes! E por fim, quem muito se demora no mundo, como eu, termina por se convencer que no mundo n□ ha cousa ou ser inutil. Ainda hontem eu lia n'um jornal do Porto, que por fim, segundo se descobriu, s□ as minhocas que estrumam e lavram a terra, antes de chegar o lavrador e os bois com o arado. At□as minhocas s□ uteis. N□ ha nada inutil... Eu tinha l□na residencia uma por□o de cardos a um canto da horta, que me affligiam. Pois reflecti e terminei por me regalar com elles em xarope. Os av□ de v. ex.^a por c□andaram, por c□trabalharam, por c□padeceram. Quer dizer: por c□serviram. E, em todo o caso, que lhes rezemos um Padre-Nosso por alma n□ lhes

p□e fazer sen□ bem, a elles e a n□.

E assim, docemente philosophando, paramos n'um souto de carvalheiras, onde esperava a velhissima egoa do Abbade, por que o santo homem agora, depois do rheumatismo do ultimo inverno, j□n□ affrontava rijamente como antes os trilhos duros da serra. Para elle montar, filialmente Jacintho segurou o estribo. E emquanto a egoa se empurrava pelo corrego acima, quasi tapada sob o immenso guarda sol vermelho em que se abrigava o velho, n□ recolhemos a casa mettendo pela serra da Lombinha, atravez dos milhos, e depressa, porque eu estalava, aperreado, dentro da roupa preta do meu Principe.

--Est□ pois accommodados estes senhores, Z□Fernandes! S□resta rezar por elles o Padre-Nosso, que recommenda o

abbade... S□ente, eu n□ sei, j□n□ me lembro do Padre-Nosso.

--N□ te afflijas, Jacintho: pe□ □tia Vicencia que reze por mim e por ti. □sempre a tia Vicencia que reza os meus Padre-Nossos.

Durante essas semanas que preguicei em Tormes, eu assisti, com internecido interesse, a uma consideravel evolu□o de Jacintho nas suas rela□es com a Natureza. D'aquelle periodo sentimental de contempla□o, em que colhia theorias nos ramos de qualquer cerejeira, e edificava Systemas sobre o espumar das levadas, o meu Principe lentamente passava para o desejo da Ac□o... E d'uma ac□o directa e material, em que a sua m□, emfim restituida a uma func□o superior, revolvesse o torr□.

Depois de tanto _commentar_, o meu

Principe, evidentemente, aspirava a _crear_.

Uma tardinha, ao anoitecer, sentados no pomar, no rebordo do tanque, em quanto o Manoel hortel apanhava laranjas no alto d'uma escada arrimada a uma alta laranjeira, Jacintho observou, mais para si do que para mim:

-- curioso... Nunca plantei uma arvore!

--Pois um dos tres grandes actos, sem os quaes segundo diz n sei que Philosopho, nunca se foi um verdadeiro homem... Fazer um filho, plantar uma arvore, escrever um livro. Tens de te apressar, para ser um homem. possivel que talvez nunca prestasses um servi a uma arvore, como se presta a um semelhante!

--Sim... Em Paris, quando era pequeno,

regava os lilazes. E no ver□ □um bello servi□! Mas nunca semeei.

E como o Manoel descia da escada, o meu Principe, que nunca acredit□a inteiramente--pobre homem!--no meu saber agricola, immediatamente reclamou o parecer d'aquella auctoridade:

--Oh Manoel, ou□ l□ o que □que se poderia agora semear?

Como cesto das laranjas enfiado no bra□, o Manoel exclamou, atravez d'um lento riso, entre respeitoso e divertido:

--Semear, patr□? Agora □antes colher... Olhe que j□se anda a limpar a eirasinha para a debulha, meu patr□.

--Pois sim... Mas sem ser milho nem cevada... Ent□ alli no pomar, rente do

muro velho, n□ se podia plantar uma fila de pecegueiros?

O riso do Manoel crescia.

--Isso sim, meu senhor! Isso □l□para os Santos ou para o Natal. Agora s□a couvinha na horta, a beldroega, os espinafres, algum feij□sinho em terra muito fresca...

O meu Principe sacudiu com brando gesto estes legumes rasteiros.

--Bem, boa noite, Manoel. Essas laranjas s□ da tal laranjeira que diz o Melchior, muito doces, muito finas? Ent□ leve para os seus pequenos. Leve muitas para os pequenos.

N□! o empenho era crear a arvore. Pela arvore contemplada na serra em sua verdadeira magestade, na beneficencia da sua sombra, na frescura emballadora do

seu rumorejar, na gra□ e santidade dos ninhos que a povoam, come□ra talvez, lentamente, o seu amor novo da Terra. E agora sonhava uma Tormes toda coberta d'arvores, cujos fructos e verduras, e sombras, e rumorejos suaves, e abrigados ninhos, fossem a obra e o cuidado das suas m□s paternaes.

No silencio grave do crepusculo, que descia, murmurou ainda:

--Oh Z□Fernandes; quaes s□ as arvores que crescem mais depressa?

--Eh, meu Jacintho... A arvore que cresce mais depressa □o eucalypto, o feiissimo e ridiculo eucalypto. Em seis annos tens ahi Tormes coberta de eucalyptos...

--Tudo t□ lento, Z□Fernandes...

Porque o seu sonho, que eu comprehendia, seria plantar caro□s que subissem em fortes troncos, se alargassem em verdes ramarias, antes de elle voltar ao 202, no come□ do inverno...

--Um carvalho!... Trinta annos, antes que seja bello! Desan□o! □bom para Deus, que pode esperar... _Patiens quia aeternus_. Trinta annos! D'aqui a trinta annos, arvores s□para me cobrirem a sepultura!

--J□□um ganho. E depois para teus filhos, Jacintho...

--Filhos! onde os tenho eu?

--□o mesmo processo dos castanheiros. Semeia. N□ faltam por ahi terras agradaveis... Em nove mezes tens uma planta feita. E quanto mais tenrinhas, e mais pequeninas, mais essas plantas

encantam.

Elle murmurou, crusando as m□s sobre o joelho:

--Tudo leva tanto tempo!...

E □borda do tanque nos quedamos, calados, na fresca do□ra do anoitecer, entre o cheiro avivado das madresilvas do muro, olhando o crescente da lua, que surdia dos telhados de Tormes.

E decerto esta pressa de se tornar entre a Natureza n□ mais um sonhador, mas um creador, arremessou vivamente o seu interesse para os gados! Repetidamente, nos nossos passeios atravez da quinta, elle lhe notava a solid□.

--Faltam aqui animaes, Z□Fernandes!

Imaginava eu, que elle appetecia em Tormes o ornato elegante de veados e pav□s. Mas um domingo, costeando o largo campo da Ribeirinha, sempre escasso d'agoas, agora mais resequido por ver□ de tanta seccura, o meu Principe parou a considerar os tres carneiros do caseiro, que retou□vam com penuria uma relvagem pobre.

E, de repente, como magoado:

--Justamente! Aqui est□o espa□ para um bello prado, um immenso prado, muito verde, muito farto, com rebanhos de carneiros brancos, gordissimos como bolas de algod□ pousadas na relva!... Era lindo, hein? □facil, n□ □verdade, Z□Fernandes?

--Sim... Trazes a agoa para o prado. Agoas n□ faltam, na serra.

E o meu principe encadeando logo n'esta inspirada idea outra, mais rica e vasta, lembrou quanta belleza daria a Tormes encher esses prados, esses verdes ferregiaes, de manadas de vaccas, formosas vaccas inglezas, bem nedias e bem luzidias. Hein? Uma belleza. Para abrigar esses gados ricos, construiria curraes perfeitos, d'uma architectura leve e util, toda em ferro e vidro, fundamente varridos pelo ar, largamente lavados pela agoa... Hein? Que formosura! Depois, com todas essas vaccas, e o leite jorrando, nada mais facil e mais divertido, e at mais moral, que a installação d'uma queijeira, fresca moda Hollandeza, toda branca e reluzente, de azulejos e de marmore, para fabricar os Camemberts, os Bries... os Coulommiers... Para a casa, que conforto! E para toda a serra, que actividade!

--Pois n□ te parece, Z□Fernandes?

--Com certeza. Tu tens, em abundancia, os quatro Elementos: o ar, a agoa, a terra, e o dinheiro. Com estes quatro elementos, facilmente se faz uma grande lavoura. Quanto mais uma queijeira!

--Pois n□ □verdade? E at□como negocio! Est□claro, para mim o lucro □o deleite moral do trabalho, o emprego fecundo do dia... Mas uma queijaria, assim perfeita, rende. Rende prodigiosamente. E educa o paladar, incita a installa□es eguaes, implanta talvez no paiz uma industria nova e rica! Ora com essa installa□o, perfeita, quanto me poder□custar cada queijo?

Fechei um olho, calculando:

--Eu te digo.... Cada queijo, um d'esses queijinhos redondos, como o Camembert

ou o Raba□l, p□e vir a custar-te, a ti Jacintho queijeiro, entre duzentos e cincoenta e trezentos mil r□s.

O meu Principe recuou, com dous olhos alegres espantados para mim.

--Como trezentos mil r□s?

--Ponhamos duzentos... Tem a certeza! Com todos esses prados, e os encanamentos d'agoa e a configura□o da serra alterada, e as vaccas inglezas, e os edificios de porcellana e vidro, e as maquinas, a extravagancia, e a patuscada bucolica, cada queijo te custa, a ti productor, duzentos mil r□s. Mas com certeza o vendes no Porto por um tost□. P□ cincoenta r□s para a caixa, rotulos, transporte, commiss□, etc. Tens apenas, em cada queijo uma perda de cento e noventa e nove mil oitocentos e cincoenta

r□s!

O meu Principe n□ desanimou.

--Perfeitamente! Fa□ um d'esses espantosos queijos por semana, ao sabbado, para o comermos n□ ambos ao domingo!

E tanta energia lhe communicava o seu novo Optimismo, t□ anciosamente aspirava a crear, que logo, arrastando o Silverio e o Melchior por cabe□s e barrancos, largou a percorrer a quinta toda, para determinar onde cresceriam, ao seu mando inspirado, os verdes prados, e se ergueriam, rebrilhantes no sol de Tormes, os curraes elegantes. Com a esplendida seguran□ dos seus cento e nove contos de renda, n□ surgia difficuldade, risonhamente murmurada pelo Melchior, ou exclamada, com respeitoso pasmo, pelo Silverio, que

elle n□ afastasse brandamente, com geito leve, como um galho de roseira brava atravessado n'uma vereda.

Aquellas rochas, al□, empecendo? Que se arrancassem! Um valle importuno dividia dous campos? Que se atulhasse! O Silverio suspirava, enxugando sobre a escura calva um suor quasi d'angustia. Pobre Silverio! Rijamente sacudido na doce pachorra da sua administra□o, calculando despezas que se affiguravam sobrehumanas □sua parcimonia serrana, for□do a arquejar, sem descan□, sob soalheiras de Junho, o desgra□do retom□a na Serra o geito que Jacintho deix□a em Paris,--e era elle que corria pelas longas barbas tenebrosas os dedos desalentados... Emfim uma tarde desabafou comigo, a um canto da varanda, em quanto Jacintho, na livraria, escrevia a um seu amigo de Hollanda, o conde

Rylant, Mordomo M□ da Corte, pedindo desenhos, e planos, e or□mentos d'uma queijeira perfeita.

--Pois, Snr. Fernandes, se toda esta grandeza vae por diante, sempre lhe digo que o Snr. D. Jacintho enterra aqui na serra dezenas de contos... Dezenas de contos!

E como eu alludia □fortuna do meu Principe, a quem todas essas obras t□ vastas, que alterariam o antiquissimo rosto da serra, n□ custavam mais que a outros o concerto d'um socalco,--o bom Silverio atirou os longos bra□s para as coxas gordas, ainda mais desolado:

--Pois por isso mesmo, Snr. Fernandes! Se o Snr. D. Jacintho n□ tivesse a dinheirama, recuava. Assim, □z□ z□, para deante; e eu n□ o censuro pela ideia. Lograsse eu a renda de S. Ex.ª, que me atirava tambem

a uma lavoura de capricho. Mas n aqui, Snr. Fernandes, n'estas serranias, entre alcantis. Pois um senhor que possue aquella linda propriedade de Montem, nos campos do Mondego, onde at podia plantar jardins de desbancar os do Palacio de Crystal do Porto! E a Velleira? O Snr. Fernandes n conhece a Velleira, l para os lados de Penafiel? Isso um condado! E uma terra ch boa terra, toda junta, alli em volta da casa, com uma torre. Um regalo, Snr. Fernandes. Mas sobretudo Montem! L que eram prados e manadas de vaccas inglezas, e queijeira e horta rica, de fartar, e ahi trinta per s na capoeira...

--Ent que quer, Silverio? O Jacintho gosta da serra. E depois este o solar da familia, e aqui come ram no seculo XIV os Jacinthos...

O pobre Silverio, no seu desespero,

esquecia o respeito devido □secular nobreza da casa.

--Ora! at□ficam mal ao Snr. Fernandes essas ideias, n'este seculo da liberdade... Pois estamos l□em tempos de se fallar em fidalguias, agora que por toda a parte anda tudo em Republica? Leia o _Seculo_, Snr. Fernandes! leia o _Seculo_, e ver□ E depois eu sempre quero v□ o Snr. D. Jacintho, aqui no inverno, com o nevoeiro a subir do rio logo pela manh□ e a friagem a trespassar os ossos, e ventanias que atiram carvalheiras de raizes ao ar, e chuvas e chuvas que se desfaz a serra!... Olhe, at□mesmo por amor da saude o Snr. D. Jacintho, que □fraquinho e acostumado □cidade, necessita sahir da serra. Em Montem□, em Montem□ □que s. ex.^a estava bem. E o Snr. Fernandes, t□ amigo d'elle e assim com tanta influencia, devia teimar, e berrar, at□que o levasse para

Montem□.

Mas, infelizmente para a quieta□o do Silverio, Jacintho lan□ra raizes, e rijas, e amorosas raizes na sua rude serra. Era realmente como se o tivessem plantado d'estaca n'aquelle antiquissimo ch□, d'onde brot□a a sua ra□, e o antiquissimo humus refluisse e o penetrasse todo, e o andasse transformando n'um Jacintho rural, quasi vegetal, t□ do ch□, e preso ao ch□, como as arvores que elle tanto amava.

E depois o que o prendia □serra era o ter n'ella encontrado o que na Cidade, apesar da sua sociabilidade, n□ encontr□a nunca,--dias t□ cheios, t□ deliciosamente occupados, d'um t□ saboroso interesse, que sempre penetrava n'elles, como n'uma festa ou n'uma gloria.

Logo de manh□ □ seis horas, eu, no meu

quarto, mexendo ainda regaladamente o meu corpo nos colch□s de fresco folhelho, sentia os seus rijos sapat□s pelo corredor, e o seu cantarolar, desafinado, mas ditoso como o d'um melro. Em poucos instantes escancarava com fragor a minha porta, j□de chapeu desabado, j□de bengal□ de cerejeira, disposto com reservado fervor para os trilhos conhecidos da serra. E era sempre a mesma nova, quasi orgulhosa:

--Dormi hoje deliciosamente, Z□Fernandes. T□ bem, com uma tal serenidade, que come□ a acreditar que sou um justo! Um dia lindo! Quando abri a janella, □ cinco horas, quasi gritei de puro gosto!

Na sua pressa, nem me deixava demorar na frescura da banheira; e quando eu repetia a risca mal come□da do cabello, aquelle antigo homem das trinta e nove

escovas, protestava contra esse desbarato effeminado d'um tempo devido aos fortes gozos da terra.

Mas quando, depois de acariciar os rafeiros no pateo, desembocavamos da alameda de platanos, e deante de n□ se dividiam matutinamente, mais brancos entre o verde matutino, os caminhos colleantes da quinta, toda a sua pressa findava, e penetrava na Natureza, com a reverente lentid□ de quem penetra n'um Templo. E repetidamente sustentava ser □contrario □Esthetica, □Philosophia e □Religi□, andar depressa atrav□ dos campos.□ De resto, com aquella subtil sensibilidade bucolica que n'elle se desenvolvera, e incessantemente se afinava, qualquer breve belleza, do ar ou da terra, lhe bastava para um longo encanto. Ditosamente poderia elle entreter toda uma manh□ caminhar por entre um

pinheiral, de tronco a tronco, callado, embebido no silencio, na frescura, no resinoso aroma, empurrando com o p□as agulhas e as pinhas seccas. Qualquer agua corrente o retinha, enternecido n'aquella servi□l actividade, que se apressa, cantando, para o torr□ que tem s□e, e n'elle se some, e se perde. E recordo ainda quando me reteve meio domingo, depois da Missa, no cabe□, junto a um velho curral desmantellado, sob uma grande arvore,--s□por que em torno havia quieta□o, doce aragem, um fino piar d'ave na ramaria, um murmurio de regato entre canas verdes, e por sobre a s□e, ao lado, um perfume, muito fino e muito fresco, de flores escondidas.

Depois, quando eu, velho familiar das serras, me n□ abandonava aos mesmos extasis que a elle lhe enchiam a alma ainda novi□--o meu Principe rugia, com a

indigna□o d'um poeta que descobre um mercieiro bocejando sobre Shakspeare ou Musset. Eu ria.

--Meu filho, olha que eu n□ passo d'um pequeno proprietario. Para mim n□ se trata de saber se a terra □_linda_, mas se a terra □_boa_. Olha o que diz a Biblia! □Trabalhar□ a quinta com o suor do teu rosto!□ E n□ diz □contemplar□ a quinta com o enlevo da tua imagina□o!□

--Pod□a! exclamava o meu Principe. Um livro escripto por Judeos, por asperos semitas, sempre com o turvo olho posto no lucro! Rep□a, homem, para aquelle bocadinho de valle, e consegue n□ pensar, por um momento, nos trinta mil reis que elle rende! Ver□ que pela sua belleza e gra□ elle te d□mais contentamento □alma que os trinta mil reis ao corpo. E na vida s□a alma importa.

Recolhendo ao casar□, j□o encontravamos com as janellas meio cerradas, os soalhos borrifados para aquellas quentes restias de sol de junho, que depois do almo□ docemente nos retinham na livraria, pregui□ndo.

Mas realmente a alegre actividade do meu Principe n□ cessava, nem amollecia, sob o peso da s□ta. A essa hora, em quanto pelo arvoredo mudo os mais agitados pardaes dormiam, e o sol mesmo parecia repousar, immovel na rutilancia da sua luz, Jacintho com o espirito acordado,--□ido de sempre gosar, agora que reconquist□a essa faculdade,--tomava com delicia o _seu livro_. Por que o dono de trinta mil volumes era agora, na sua casa de Tormes, depois de resuscitado, o homem que s□tem um livro. Essa mesma Natureza, que o deslig□a das ligaduras amortalhadoras

do tedio, e lhe grit□a o seu bello _Ambula_, caminha!--tambem certamente lhe grit□a _et lege_, e l□ E libertado emfim do envolucro suffocante da sua Bibliotheca immensa, o meu ditoso amigo comprehendia emfim a incomparavel delicia de _l□ um livro_. Quando eu correra a Tormes, (depois das revela□es do Severo na venda do Torto,) elle findava o D. Quichote, e ainda eu lhe escut□a as derradeiras risadas com as cousas deliciosas, e de certo profundas, que o gordo Sancho lhe murmurava, escarranchado no seu burro. Mas agora o meu Principe mergulh□a na _Odyssea_,--e todo elle vivia no espanto e no deslumbramento de assim ter encontrado no meio do caminho da sua vida, o velho errante, o velho Homero!

--Oh Z□Fernandes, como succedeu que eu chegasse a esta edade sem ter lido

Homero?...

--Outras leituras, mais urgentes... O _Figaro_, George Ohnet...

--Tu leste a _Illiada_?

--Menino, sinceramente me gabo de nunca ter lido a _Illiada_.

Os olhos do meu Principe fuzilavam.

--Tu sabes o que fez Alcibiades, uma tarde, no Portico, a um sophista, um desavergonhado d'um sophista, que se gabava de n□ ter lido a _Illiada_?

--N□.

--Ergueu a m□ e atirou-lhe uma bofetada tremenda.

--Para l□ Alcibiades! Olha que eu li a _Odyssea_!

Oh! mas de certo eu a l□a, corridamente, com a alma desattenta! E insistia em me iniciar, elle, e me conduzir, atrav□ do Livro sem egual. Eu ria. E rindo, pesado do almo□, terminava por consentir, e me estirava no canap□de verga. Elle, deante da mesa, direito na cadeira, abria o livro gravemente, pontificalmente, como um missal, e come□va n'uma lenta ode sentida. Aquelle grande mar da _Odyssea_,--resplandecente e sonoro, sempre azul, todo azul, sob o v□ branco das gaivotas, rolando, e mansamente quebrando sobre a areia fina ou contra as rochas de marmore das Ilhas divinas,--exhalava logo uma frescura salina, bem vinda e consoladora n'aquella calma de Junho, em que a serra se entorpecia. Depois as estupendas manhas

do subtil Ulysses e os seus perigos sobrehumanos, tantas lamurias sublimes, e um anceio t espalhado da Patria perdida, e toda aquella intriga, em que embrulhava os Heroes, lograva as Deusas, illudia o Fado, tinham um delicioso sab ali, nos campos de Tormes, onde nunca se necessitava de subtileza ou de engenho, e a Vida se desenrolava com a seguran immutavel com que cada manh sempre o Sol egual nascia, e sempre centeios e milhos, regados por agoas eguaes, seguramente medravam, espigavam, amadureciam... Emballado pela recita o grave e monotona do meu Principe, eu cerrava as palpebras docemente. Em breve um vasto tumulto, por terra e ceu, me alvoro va... E eram os rugidos de Polyphemo, ou a grita dos companheiros d'Ulysses roubando as vaccas de Apollo. Com os olhos logo esbugalhados para Jacintho, eu murmurava: _Sublime!_ E

sempre, n'esse momento o engenhoso Ulysses, de carapu vermelho e o longo remo ao hombro, surprehendia com a sua facundia a clemencia dos Principes, ou reclamava presentes devidos ao Hospede, ou surripiava astutamente algum favor aos Deuses. E Tormes dormia, no esplendor de Junho. Novamente, eu cerrava as palpebras consoladas, sob a caricia ineffavel do largo dizer homerico... E meio adormecido, encantado, incessantemente avistava, longe, na divina Hellade, entre o mar muito azul e o ceu muito azul, a branca vela, hesitante, procurando Ithaca...

Depois da s ta o meu Principe de novo se soltava para os campos. E a essa hora, sempre mais activa, voltava com ardor aos seus planos, a essas culturas de luxo e elegantes officinas que cobririam a serra de magnificencias ruraes. Agora andava todo no esplendido appetite d'uma horta

que elle concebera, immensa horta ajardinada, em que todos os legumes, classicos ou exoticos, cresceriam, soberbamente, em vistosos talh□s, fechados por sebes de rosas, de cravos, de alfaz□a, de dhalias. A agoa das regas desceria por lindos corr□os de lou□ esmaltada. Nas ruas, a sombra cahiria de densas latadas de moscatel, pousando em esteios revestidos d'azulejo. E o meu Principe desenh□a o plano d'esta espantosa horta, a lapiz vermelho, n'um papel immenso, que o Melchior e o Silverio, consultados, longamente contemplaram,--um co□ndo risonhamente a nuca, o outro com os bra□s duramente crusados, e o sobr□ho tragico.

Mas este plano, o da queijaria, o da capoeira, e outro, sumptuoso, d'um pombal t□ povoado que todo o ceu de Tormes □ tardes se tornaria branco e todo

fremente d'azas--n□ sahiam das nossas gostosas palestras, ou dos papeis em que Jacintho os debuxava, e que se amontoavam sobre a meza, platonicos, immoveis, entre o tinteiro de lat□ e o vaso com fl□es.

Nem enxadada fendera terra, nem alavanca desloc□a pedra, nem serra serr□a madeira, para encetar estas maravilhas. Contra a resistencia rebolada e escorregadia do Melchior, contra a respeitosa inercia do Silverio se quedavam, encalhados, os planos do meu Principe, como galeras vistosas em rochas ou em l□o.

N□ convinha bolir em nada, (clamava o Silverio) antes das colheitas e da vindima! E depois, (acrescentava o Melchior com um sorriso de grande promessa) □para boas obras mez de Janeiro□ porque

l□ensina o dictado:

Em Janeiro--mette obreiro Mez meante--que n□ ante.

E, de resto, o goso de conceber as suas obras e de indicar, estendendo a bengala por cima de valle e monte, os sitios privilegiados que ellas aformosearíam, bastava por ora ao meu Principe, ainda mais imaginativo que operante. E, em quanto meditava estas transforma□es da terra, muito progressivamente e com um amavel esfor□, se ia familiarisando com os homens simples que a trabalhavam. Na sua chegada a Tormes, o meu Principe soffria d'uma estranha timidez diante dos caseiros, dos jornaleiros, e at□de qualquer rapazinho que passasse, tangendo uma vacca para o pasto. Nunca elle ent□ se demoraria a conversar com os mo□s, quando □borda d'um caminho ou n'um

campo em monda elles se endireitavam de chapeu na m□, n'um respeito de velha vassalagem. De certo o empecia a pregui□, e talvez ainda o pudico recato de transpor toda a immensa distancia que se alargava desde a sua complicada super-civilisa□o at□□rude simplicidade d'aquellas almas naturaes:--mas sobretudo o retinha o medo de mostrar a sua ignorancia da lavoura e da terra, ou de parecer talvez desdenhoso de occupa□es e de interesses, que para os outros eram supremos e quasi religiosos. Remia ent□ esta reserva com uma profus□ de sorrisos, de doces acenos, tirando tambem o chapeu em cortezias profundas, com uma tal emphase de polidez que eu por vezes receava que elle murmurasse aos jornaleiros: □Tenha v. ex.^a muito boas tardes;... Creado de v. ex.^a!□

Mas agora, depois d'aquellas semanas de

serra, e de j□saber (com um saber ainda fragil,) a epocha das sementeiras e das ceifas, e que as arvores de fructa se semeiam no inverno, j□se aprazia em parar junto dos trabalhadores, contemplar descan□damente o trabalho, dizer cousas affaveis e vagas.

--Ent□, isso vae andando?... Ora ainda bem!... Este bocado de torr□ aqui □rico... O talude ali adeante est□precisando concerto...

E cada um d'estes t□ simples dizeres lhe era doce, como se por meio d'elles penetrasse mais fundamente na intimidade da terra, e consolidasse a sua encarna□o em □homem do campo,□ deixando de ser uma mera sombra circulando entre realidades. J□por isso n□ crusava no caminho o mocinho atraz das vaccas, que n□ o detivesse, o n□ interrogasse: □Para

onde vaes tu? De quem □o gado? Como te chamas?□ E, contente comsigo, sempre gabava gratamente o desembara□ do rapaz, ou a esperteza dos seus olhos. Outra satisfa□o do meu Principe era conhecer os nomes de todos os campos, as nascentes d'agua, e as delimita□es da sua quinta.

--V□ acol□ para al□ do ribeiro, o pinheiral. J□n□ □meu, □dos Albuquerques.

E com a perenne alegria de Jacintho as noites da serra, no vasto casar□, eram faceis e curtas. O meu Principe era ent□ uma alma que se simplificava:--e qualquer pequenino goso lhe bastava, desde que n'elle entrasse paz ou do□ra. Com verdadeira delicia ficava, depois do caf□ estendido n'uma cadeira, sentindo atravez das janellas abertas, a nocturna tranquillidade da serra, sob a mudez

estrellada do ceu.

As historias, muito simples e muito caseiras, que eu lhe contava, de Gui□s, do abbade, da tia Vicencia, dos nossos parentes da Fl□ da Malva, t□ sinceramente o interessavam que eu encet□a, para seu regalo, a chronica completa de Gui□s, com todos os namoricos, e as fa□nhas de for□s, e as desaven□s por causa de servid□s ou d'aguas. Tambem por vezes nos enfronhavamos, com afferro n'uma partida de gam□, sobre um bello taboleiro de pau preto, com pedras de velho marfim, que nos empresta□ o Silverio. Mas nada de certo o encantava tanto como atravessar as casas, p□ante p□ at□uma saleta que dava para o pomar, e ahi ficar encostado □janella, sem luz, n'um enlevado socego, a escutar longamente, languidamente, os rouxinoes que cantavam no laranjal.

X

N'uma dessas manhã--justamente na vespera do meu regresso a Guiães--, o tempo, que andava pela serra tão alegre, n'um inalterado riso de luz rutilante, todo vestido d'azul e ouro, fazendo poeira pelos caminhos, e alegrando toda a natureza, desde os passaros atéos regatos, subitamente, com uma d'aquellas mudanças que tornam o seu temperamento tão semelhante ao do homem, appareceu triste, carrancudo, todo embrulhado no seu manto cinzento, com uma tristeza tão pesada e contagiosa que toda a serra entristeceu. E não houve mais passaro que cantasse, e os arroios fugiram para debaixo das hervas com um lento murmurio de choro.

Quando Jacintho entrou no meu quarto, não

resisti □malicia de o aterrar:

--Sudoeste! gralhas a grasnar por todos esses soutos... Temos muita agua, Snr. D. Jacintho! Talvez duas semanas d'agua! E agora □se vae saber quem □aqui o fino amador da Natureza, com esta chuva pegada, com vendaval, com a serra toda a escorrer!

O meu Principe caminhou para a janella com as m□s nas algibeiras:

--Com effeito! Est□carregado. J□mandei abrir uma das malas de Paris e tirar um casac□ impermeavel... N□ importa! Fica o arvoredo mais verde. E □bom que eu conhe□ Tormes nos seus habitos d'inverno.

Mas como o Melchior lhe affian□ra que a □chuvinha s□viria para a tarde□, Jacintho decidiu ir antes d'almo□ □Corujeira, onde

o Silverio o esperava para decidirem da sorte d'uns castanheiros, muito velhos, muito pittorescos, inteiramente interessantes, mas j□roidos, e amea□ndo desabar. E, confiando nas previs□s do Melchior, partimos sem que Jacintho se vestisse □prova d'agoa. N□ andaramos por□ meio caminho, quando, depois d'um arrepio nas arvores, um negrume carregou, e, bruscamente, desabou sobre n□ uma grossa chuva obliqua, vergastada pelo vento, que nos deixou estonteados, agarrando os chapeus, enrodilhados na borrasca. Chamados por uma grande voz, que se esgani□va no vento, avistamos n'um campo mais alto, □beira d'um alpendre, o Silverio, debaixo d'um guarda-chuva vermelho, que acenava, nos indicava o trilho mais curto para aquelle abrigo. E para l□rompemos, com a chuva a escorrer na cara, patinhando na lama, contorcidos, cambaleantes, atordoados no vendaval,

que n'um instante alag□a os campos, inch□a os ribeiros, esboroava a terra dos socalcos, lan□ra n'um desespero todo o arvoredo, torn□a a serra negra, bravamente agreste, hostil, inhabitavel.

Quando emfim, debaixo do vasto guarda-chuva com que o Silverio nos esperava □beira do campo, corremos para o alpendre, nos refugiamos n'aquelle abrigo inesperado, a escorrer, a arquejar, o meu Principe, enxugando a face, enxugando o pesco□, murmurou, desfallecido:

--Apre! que ferocidade!

Parecia espantado d'aquella brusca, violenta colera d'uma serra t□ amavel e accolhedora, que em dous mezes, inalteradamente, s□lhe offerecera do□ra e sombra, e suaves ceus, e quietas

ramagens, e murmurios discretos de ribeirinhos mansos.

--Santo Deus! Vem muitas vezes assim, estas borrascas?

Immediatamente o Silverio aterrou o meu Principe:

--Isto agora s brincadeiras de ver, meu senhor! Mas ha de V. Ex.ª v no inverno, se V. Ex.ª se aguentar por c Ent cada temporal, que at parece que os montes estremecem!

E contou como f a tambem apanhado, quando ia para a Corujeira. Felizmente, logo pela manh quando sentiu o ar carrancudo e as folhinhas dos choupos a tremer, se acautel a com o chapeu de chuva e cal ra as suas grandes botas.

--Ainda estive para me abrigar em casa do Esgueira, que □um caseiro de c□ Aquella casa, ali abaixo, onde est□a figueira... Mas a mulher tem estado doente, j□ha dias... E como p□e ser obra que se pegue, bexigas ou coisa que o valha, pensei comigo: Nada, o seguro morreu de velho! Metti para o alpendre... E n□ pass□a um credo quando lobriguei a V. Ex.ª... Coisa assim!... E o Snr. D. Jacintho □voltar para casa, e mudar-se, que temos um dia e uma noite d'agoa.

Mas, justamente, a chuva come□ra a cahir perpendicular, d'um ceu ainda negro, onde o vento se cal□a; e para al□ do rio e dos montes havia uma claridade, como entre cortinas de pano cinzento que se descerram.

Jacintho repousava. Eu n□ cess□a de me sacudir, de bater os p□ encharcados, que

me arrefeciam. E o bom Silverio, passando a m□ pensativa sobre o negrume das suas barbas, reflectia, emendava os seus prognosticos:

--Pois, n□ senhor... Ainda est□! Nunca pensei. □que tornejou o vento.

O alpendre que nos cobria assentava sobre duas paredes em angulo, de pedra solta, restos d'algum casebre desmantelado, e sobre um esteio fazendo cunhal. N'esse momento s□abrigava madeira, um cuculo de cestos vasios, e um carro de bois, onde o meu Principe se sent□a, enrolando um cigarro confortador. A chuva desabava, copiosa, em longos fios reluzentes. E todos tres nos callavamos, n'aquella contempla□o inerte e sem pensamento, em que uma chuva grossa e serena sempre immobilisa e retem olhos e almas.

--□Snr. Silverio, murmurou lentamente o meu Principe, que □que o senhor esteve ahi a dizer de bexigas?

O procurador voltou a face surprehendido:

--Eu, Exmo Snr.?... Ah sim! a mulher do Esgueira! □que p□e ser, p□e ser... N□ imagine V. Ex.ª que faltam por c□doen□s. O ar □bom. N□ digo que n□! Arsinho s□, agoasinha leve. Mas □ vezes, se V. Ex.ª me d□licen□, vae por ahi muita maleita.

--Mas n□ ha medico, n□ ha botica?

O Silverio teve o riso superior de quem habita regi□s civilisadas e bem providas...

--Ent□ n□ havia d'haver? Pois ha um boticario, em Gui□s, l□quasi ao p□da casa aqui do nosso amigo. E homem

entendido... o Firmino, hein, Snr. Fernandes? Homem capaz. Medico □o Dr. Avelino, d'aqui a legoa e meia, nas Bolsas. Mas j□V. Ex.ª v□ esta gentinha □pobre!... Tomaram elles para p□, quanto mais para remedios!

E de novo se estabeleceu um silencio, sob o alpendre, onde penetrava a friagem crescente da serra encharcada. Para al□ do rio, a promettedora claridade n□ se alarg□a entre as duas espessas cortinas pardacentas. No campo, em declive deante de n□, ia um longo correr de ribeiros barrentos. Eu termin□a por me sentar na ponta d'um madeiro, enervado, j□com a fome agu□da pela manh□agreste. E Jacintho, na borda do carro, com os p□ no ar, cofiava os bigodes humidos, palpava a face, onde, com espanto meu, reapparecera a sombra, a sombra triste dos dias passados, a sombra do 202!

E, ent□, surdiu por traz da parede do alpendre um rapasito, muito rotinho, muito magrinho, com uma carita miuda, toda amarella sob a porcaria, e onde dous grandes olhos pretos se arregalavam para n□, com vago pasmo e vago medo. Silverio immediatamente o conheceu.

--Como vae a tua m□? Escusas de te chegar para c□ deixa-te estar ahi. Eu ou□ bem. Como vae a tua m□?

N□ percebi o que os pobres beicitos descorados murmuraram. Mas Jacinto, interessado:

--Que diz elle? Deixe vir o rapaz! Quem □a tua m□?

Foi o Silverio que informou respeitosamente:

--□a tal mulher que est□doente, a mulher do Esgueira, ali do casal da figueira. E ainda tem outro abaixo d'este... Filharada n□ lhe falta.

--Mas este pequeno tambem parece doente!--exclamou Jacintho. Coitadito, t□ amarello!... Tu tambem est□ doente?

O rapasinho emmudecera, chupando o dedo, com os tristes olhos pasmados. E o Silverio sorria, com bondade:

--Nada! este □s□sinho... Coitado, □assim amarellado e enfezadito, por que... Que quer V. Ex.ª? Mal comido! muita miseria... Quando ha o bocadito de p□ □para todo o rancho. Fomesinha, fomesinha!

Jacintho pulou bruscamente da borda do

carro.

--Fome? Ent elle tem fome? Ha aqui gente com fome?

Os seus olhos rebrilhavam, n'um espanto commovido, em que pediam, ora a mim, ora ao Silverio, a confirma o d'esta miseria insuspeitada. E fui eu que esclareci o meu Principe:

--Homem! est claro que ha fome! Tu imaginavas talvez que o Paraiso se tinha perpetuado aqui nas serras, sem trabalho e sem miseria... Em toda a parte ha pobres, at na Australia, nas minas d'ouro. Onde ha trabalho ha proletariado, seja em Paris, seja no Douro...

O meu Principe, teve um gesto d'afflicta impaciencia:

--Eu n□ quero saber o que ha no Douro. O que eu pergunto □se aqui, em Tormes, na minha propriedade, dentro d'estes campos que s□ meus, ha gente que trabalhe para mim, e que tenha fome... Se ha creancinhas, como esta, esfomeadas? □o que eu quero saber.

O Silverio sorria, respeitosamente, ante aquella candida ignorancia das realidades da Serra:

--Pois est□bem de v□, meu senhor, que ha para ahi caseiros que s□ muito pobres. Quasi todos... □uma miseria, que se n□ fosse algum soccorro que se lhes d□ nem eu sei!... Este Esgueira, com o rancho de filhos que tem, □uma desgra□... Havia V. Ex.ª de v□ as casitas em que elles vivem... S□ chiqueiros. A do Esgueira, acol□..

--Vamos v□-a! atalhou Jacintho com uma decis□ exaltada.

E sahiu logo do alpendre, sem attender □chuva, que ainda cahia, mais leve e mais rala. Mas ent□ Silverio alargou os bra□s deante d'elle, com anciedade, como para o salvar d'um precipicio.

--N□! V. Ex.ª l□na casa do Esgueira □que n□ entra! N□ se sabe o que a mulher tem, e cautella e caldo de gallinha...

Jacintho n□ se alterou na sua polidez paciente:

--Obrigado pelo seu cuidado, Silverio... Abra o seu chapeu de chuva, e □ante!

Ent□ o Procurador vergou os hombros, e, como S. Ex.ª mandava, abriu com estrondo o immenso p□a-agoas, abrigou

respeitosamente Jacintho, atrav□ do campo encharcado. Eu segui, pensando na esmola sumptuosa que o bom Deus mandava □uelle pobre casal por um remoto senhor das Cidades! Atraz vinha o pequenito perdido n'um immenso pasmo.

Como todos os casebres da serra, o do Esgueira era de grossa pedra solta, sem reboco, com um vago telhado, de telha musgosa e negra, um postigo no alto, e a rude porta que servia para o ar, para a luz, para o fumo, e para a gente. E em redor, a Natureza e o Trabalho tinham, atrav□ d'annos, accumulado ali trepadeiras e fl□es silvestres, e cantinhos d'horta, e sebes cheirosas, e velhos bancos roidos de musgo, e panellas com terra onde crescia salsa, e regueiros cantantes, e videiras enforcadas nos olmos, e sombras e charcos espelhados, que tornavam deliciosa, para uma Ecloga, aquella

morada da Fome, da Doen□e da Tristeza.

Cautelosamente, com a ponteira do guarda-chuva, Silverio empurrou a porta, chamando:

--Eh! tia Maria... Ol□rapariga!

E na fenda entreaberta appareceu uma mo□, muito alta, escura e suja, com uns tristes olhos pisados, que se espantaram para n□, serenamente.

--Ent□ como vae a tua m□?--Abre l□a porta, que est□ aqui estes senhores...

Ella abriu, lentamente, e ia murmurando n'uma voz dolente e arrastada mas sem queixume, que um vago, resignado sorriso acompanhava:

--Ora, coitada! como ha de ir? Malzinha...

malzinha.

E dentro, n'um gemido que subia como do ch□, d'entre abafos, amodorrado e lento, a m□ repetiu a desconsolada queixa:

--Ai! para aqui estou, e malzinha, malzinha!...

O Silverio, sem passar da porta, com o guarda-chuva em riste, meio aberto, como um escudo contra a infec□o, lan□u uma consola□o vaga:

--N□ ha de ser nada, tia Maria!... Isso foi friagem! N□ foi sen□ friagem!

E, sobre o hombro de Jacintho, encolhido:

--J□V. Ex.ª v□.. Muita miseria! At□lhe chove l□dentro.

E, no peda□ de ch□ que viam, ch□ de terra batida, uma mancha humida reluzia, da chuva pingada de uma telha r□a. A parede, coberta de fuligem, das longas fumara□s da lareira, era t□ negra como o ch□. E aquella penumbra suja parecia atulhada, n'uma desordem escura, de trapos, de cacos, de restos de coisas, onde s□mostravam f□ma comprehensivel uma arca de pau negro, e por cima, pendurado d'um prego, entre uma serra e uma candeia, um grosso saiote escarlate.

Ent□ Jacintho, muito embara□do, murmurou abstrahidamente:

--Est□bem, est□bem...

E largou pelo campo para o lado do alpendre como se fugisse, emquanto o Silverio decerto revelava □rapariga, a presen□ augusta do □fidalgo□, por que a

sentimos, da porta, levantar a voz dolorida:

--Ai! Nosso Senhor lhe d muito boa sorte! Nosso Senhor o acompanhe!

Quando o Silverio, com as grandes passadas das suas grandes botas, nos colheu, no meio do campo, Jacintho par a, olhava para mim, com os dedos tremulos a torturar o bigode, e murmurava:

-- horrivel, Z Fernandes, horrivel.

Ao lado, o vozeir do Silverio trovejou:

--Que queres tu outra vez, rapaz? Vae para a tua m , creatura!

Era o pequeno rotinho, esfaimadinho, que se prendia a n , n'um immenso pasmo das nossas pessoas, e com a confusa esperan ,

talvez, que d'ellas, como de Deuses encontrados n'um caminho, lhe viesse affago ou proveito. E Jacintho, para quem elle mais especialmente arregalava os olhos tristes, e que aquella miseria, e a sua muda humildade, embara□vam, acanhavam horrivelmente, s□soube sorrir, murmurar o seu vago: □Est□bem, est□bem...□ Fui eu que dei ao pequenito um tost□, para o fartar, o despegar dos nossos passos. Mas como elle, com o seu tost□ bem agarrado, nos seguia ainda, como no sulco da nossa magnificencia, o Silverio teve de o espantar, como a um passaro, batendo as m□s, e de lhe gritar:

--J□para casa! E leve esse dinheiro □m□. Roda, roda!...

--E n□ vamos almo□r, lembrei eu olhando o relogio. O dia ainda vae estar lindo.

Sobre o rio, com effeito, reluzia um peda□ d'azul lavado e lustroso; e a grossa camada de nuvens j□se ia enrolando sob a lenta varredela do vento, que as levava, despejadas e r□as, para um canto escuso do ceu.

Ent□ recolhemos lentamente para casa, por uma vereda ingreme, que ensin□a o Silverio, e onde um leve enchurro vinha ainda, saltando e chalrando. De cada ramo tocado, rechuvia uma chuva leve. Toda a verdura, que bebera largamente, reluzia consolada.

Bruscamente, ao sahirmos da vereda para um caminho mais largo, entre um socalco e um renque de vinha, Jacintho parou, tirando lentamente a cigarreira:

--Pois, Silverio, eu n□ quero mais estas horriveis miserias na quinta.

O Procurador deu um geito aos hombros, com um vago _eh_! _eh_! d'obediencia e d□vida.

--Antes de tudo, continuava Jacintho, mande j□hoje chamar esse Dr. Avelino para aquella pobre mulher... E os remedios que os v□ buscar logo a Gui□s. E recommenda□o ao medico para voltar □anh□ e em cada dia; at□que ella melhore... Escute! E quero, Melchior, que lhe leve dinheiro, para os caldos, para a dieta, uns dez, ou quinze mil r□s... Bastar□

O Procurador n□ conteve um riso respeitoso. Quinze mil r□s! Uns tost□s bastavam... Nem era bom acostumar assim, a tanta franqueza, aquella gente. Depois todos queriam, todos pedinchavam...

--Mas □que todos h□-de ter, disse Jacintho simplesmente.

--V. Ex.ª manda, murmurou o Silverio.

Encolhera os hombros, parado no caminho, no espanto d'aquellas extravagancias. Eu tive de o apressar, impaciente:

--Vamos conversando e andando! □meio dia! Estou com uma fome de lobo!

Caminhamos, com o Silverio no meio, pensativo, a fronte enrugada sob a vasta aba do chapeu, a barba immensa espalhada pelo peito, e a barraca exorbitante do guarda-chuva vermelho enrolada debaixo do bra□. E Jacintho, puxando nervosamente o bigode, arriscava outras id□s bemfazejas, cautelosamente, no seu indominavel medo

do Silverio:

--E as casas tambem... Aquella casa um covil!... Gostava de abrigar melhor aquella pobre gente... E naturalmente, as dos outros caseiros s pocilgas eguaes... Era necessario uma reforma! Construir casas novas a todos os rendeiros da quinta...

--A todos?...--O Silverio gaguejava,--emudeceu.

E Jacintho balbuciava aterrado:

--A todos... Emfim, quero dizer... Quantos ser elles?

Silverio atirou um gesto enorme:

--S vinte e coisas... Vinte e tres! se bem lembro. Upa! Upa! Vinte e sete...

Ent□ Jacintho emmudeceu tambem, como reconhecendo a vastid□ do numero. Mas desejou saber, por quanto ficaria cada casa!... Oh! uma casa simples, mas limpa, confortavel, como a que tinha a irm□do Melchior, ao p□do lagar. Silverio estacou de novo. Uma casa como a da Ermelinda? Queria Sua Ex.ª saber? E alijou a cifra, muito d'alto, como uma pedra immensa, para esmagar Jacintho:

--Duzentos mil r□s, Exmo Senhor! E □para mais que n□ para menos!

Eu ria da tragica amea□ do excellente homem. E Jacintho, muito docemente, para conciliar o Silverio:

--Bem, meu amigo... Eram uns seis contos de r□s! Digamos dez, por que eu queria dar a todos alguma mobilia e alguma roupa.

Ent□ o Silverio teve um brado de terror:

--Mas ent□, Exmo Senhor, □uma revolu□o!

E como n□, irresistivelmente, riamos dos seus olhos esgazeados de horror, dos seus immensos bra□s abertos para traz, como se visse o mundo desabar,--o bom Silverio encavacou:

--Ah! V. Ex.^{as} riem? Casas para todos, mobilias, pratas, bragal, dez contos de r□s! Ent□ tambem eu rio! Ah! ah! ah! Ora viva a bella chala□!... Est□b□ a risota!

E subitamente, n'uma profunda mesura, como declinando toda a responsabilidade n'aquelle disparate magnifico:

--Emfim, V. Ex.ª □quem manda!

--Est□mandado, Silverio. E tambem quero saber as rendas que paga essa gente, os contractos que existem, para os melhorar. Ha muito que melhorar. Venha voss□almo□r comnosco. E conversamos.

T□ saturado d'espanto estava o Silverio, que nem recebeu mais espanto com essa □melhoria de rendas□. Agradeceu o convite, penhorado. Mas pedia licen□ a Sua Ex.ª para passar primeiramente pelo lagar, para ver os carpinteiros que andavam a concertar a trave do rio. Era um instante, e estava em seguida □ ordens de S. Ex.ª.

Metteu a corta matto, saltando um cancello. E n□ seguimos, com passos que eram ligeiros, pela hora do almo□ que se retard□a, pello azul alegre que reapparecia, e por toda aquella justi□ feita

□pobresa da serra.

--N□ perdeste hoje o teu dia, Jacintho, disse eu, batendo, com uma ternura que n□ disfarcei, no hombro do meu amigo.

--Que miseria, Z□Fernandes! Eu nem sonhava... Haver por ahi, □vista da minha casa, outras casas, onde crean□s teem fome! □horrivel...

Estavamos entrando na alameda. Um raio de sol, sahindo d'entre duas grossas, algodoadas nuvens, passou sobre uma esquina do casar□, ao fundo, uma viva tira d'ouro. O clarim dos gallos soava claro e alto. E um doce vento, que se erguera, punha nas folhas lavadas e luzidias um fremito alegre e doce.

--Sabes o que eu estava pensando, Jacintho?... Que te aconteceu aquella lenda

de Santo Ambrosio... N□, n□ era Santo Ambrosio... N□ me lembra o santo... Nem era ainda santo... apenas um cavalleiro peccador, que se enamor□a d'uma mulher, puzera toda a sua alma n'essa mulher, s□por a avistar a distancia na rua. Depois, uma tarde que a seguia, enlevado, ella entrou n'um portal de egreja, e ahi, de repente, ergueu o veu, entreabriu o vestido, e mostrou ao pobre cavalleiro o seio roido por uma chaga! Tu, tambem andavas namorado da serra, sem a conhecer, s□pela sua belleza de ver□. E a serra, hoje, z□! de repente, descobre a sua grande ulcera... □talvez a tua prepara□o para S. Jacintho.

Elle parou, pensativo, com os dedos nas cavas do collete:

---□verdade! Vi a chaga! Mas emfim, esta, louvado seja Deus, □das que eu posso

curar!

N□ desilludi o meu Principe. E ambos subimos alegremente a escadaria do casar□.

XI

No dia que seguiu estas largas caridades recolhi a Gui□s. E, desde ent□, tantas vezes trotei por aquellas tres legoas entre a nossa e a velha alameda dos Jacinthos, que a minha egoa, quando a desviava d'essa estrada familiar, conduzindo a uma cavallari□ familiar, (onde ella privava com o garrano do Melchior) relinchava de pura saudade. At□a tia Vicencia se mostrava vagamente ciumenta d'aquella Tormes, para onde eu sempre corria, d'aquelle Principe de quem incessantemente celebrava o rejuvenescimento, a caridade, os piteus, e as chimeras agricolas. J□um dia com um gr□ de sal e ironia,--o unico que cabia n'um cora□o todo cheio d'innocencia,--ella me dissera, movendo com mais vivacidade as agulhas da sua meia:

--Olha que te podes gabar! At□me tens feito curiosidade de conhecer esse Jacintho... Traze c□essa maravilha, menino!

Eu rira:

--Socegue, tia Vicencia, que o trarei agora, para o dia dos meus annos, a jantar... Damos uma festa, haver□um bailarico no pateo, e vem ahi toda essa senhorama dos arredores. Talvez at□se arranje uma noiva para o Jacintho.

Eu, com effeito, j□convid□a o meu Principe para este □natalicio□. E de resto convinha que o senhor de Tormes conhecesse todos aquelles senhores das boas casas da serra... Sobretudo, como eu lhe dizia rindo, convinha que elle conhecesse algumas mulheres, algumas d'aquellas fortes raparigas dos solares serranos, por

que Tormes tinha uma solid muito monastica; e o homem, sem um pouco do Eterno Feminino, facilmente se enrudece e ganha uma casca aspera como a das arvores, na solid.

--E esta Tormes, Jacintho, esta tua reconcilia o com a Natureza, e o renunciamento mentiras da Civilisa o uma linda historia... Mas, caramba, faltam mulheres!

Elle concordava, rindo, languidamente estendido na cadeira de vime:

--Com effeito, ha aqui falta de mulher, com M. grande. Mas essas senhoras ahi das casas dos arredores... N sei, estou pensando que se devem parecer com legumes. Sans, nutritivas, excellentes para a panella--mas, emfim, legumes. As mulheres que os poetas comparam

Flores s sempre as mulheres das C tes, das Capitaes, quaes, invariavelmente, desde Hesiodo e de Horacio, se rendem os poetas... E evidentemente n ha perfume, nem gra , nem elegancia, nem requinte, n'uma cenoura ou n'uma couve... N devem ser interessantes as senhoras da minha serra.

--Eu te digo... A tua visinha mais chegada, a filha do D. Theotonio, com effeito, salvo o respeito que se deve casa illustre dos Barbedos, um mostrengo! A irm dos Albergarias, da quinta da Loja, tambem n tentaria nem mesmo o precisado Santo Ant . Sobretudo se se despisse, por que um espinafre infernal! Essa realmente legume, e n dos nutritivos.

--Tu o disseste: espinafre!

--Temos tambem a D. Beatriz Velloso...

Essa □bonita... Mas, menino, que horrivelmente bem fallante! Falla como as heroinas do Camillo. Tu nunca leste o Camillo... E depois, um tom de voz que te n□ sei descrever, o tom com que se falla em D. Maria, em pe□s de sentimento. Tu tambem nunca viste o Theatro de D. Maria... Emfim, um horror! E perguntas pavorosas. □V. Ex.ª. Snr. Doutor, n□ se delicia com Lamartine?□ J□me disse esta, a indecente!

--E tu?

--Eu! Arregalei os olhos... □Oh Lamartine!□. Mas, coitada, □uma excellente rapariga! Agora, por outro lado, temos as Roj□s, as filhas de Jo□ Roj□, duas flores, muito frescas, muito alegres, com um cheiro e um brilho a sadio, e muito simples... A tia Vicencia morre por ellas. Depois ha a mulher do Dr. Alypio,

que □uma belleza. Oh! uma creatura esplendida! Mas, emfim, □a mulher do Dr. Alypio, e tu renunciaste aos deveres da Civilisa□o... Al□ disso, mulher muito s□ia, toda absorvida nos seus dous pequenos, que parecem dous anjinhos de Murillo... E quem mais? J□agora, quero completar a lista do pessoal feminino. Temos a Mello Rebello, de Sandofim, muito engra□da, com cabello lindo... Borda na perfei□o, faz doces como uma freira do antigo Regimen... Havia tambem uma Julia Lobo, muito linda, mas morreu... Agora n□ me lembro mais. Mas falta a fl□ da Serra, que □a minha prima Joanninha, da Fl□ da Malva! Essa □uma perfei□o de rapariga.

--E tu, primo Z□ como tens tu resistido?

--Somos como irm□s, creados de pequeninos, mais acostumados e familiares que tu e eu... A familiaridade

esbate os sexos. A m□ d'ella era a unica irm□da tia Vicencia, e morreu muito nova. A Joanninha, quasi desde o ber□ que se creou em nossa casa, em Gui□s. O pae □bom homem, o tio Adri□. Erudito, antiquario, colleccionador... Collecciona toda a sorte de cousas exquisitas, campainhas, esporas, sinetes, fivellas... Tem uma collec□o curiosa. Elle ha muito que deseja vir a Tormes, para te visitar... Mas, coitado, soffre da bexiga, n□ p□e montar a cavallo. E a estrada da Fl□ da Malva aqui □impossivel para carruagens...

O meu Principe espregui□ra longamente os bra□s:

--N□, est□claro! eu □que hei-de visitar teu tio, e a tia Vicencia... Desejo conhecer os meus visinhos. Mas mais tarde, quando socegar. Agora ando todo occupado com o meu povo.

E com effeito! Jacintho era agora como um Rei fundador d'um Reino, e grande edificador. Por todo o seu dominio de Tormes andavam obras, para o renovamento das casas dos rendeiros, umas que se concertavam, outras mais velhas, que se derrubavam para se reconstruirem com uma larguesa commoda. Pelos caminhos constantemente chiavam carros, carregados de pedra, ou de madeiras cortadas nos pinheiraes.

Na taberna do Pedro, □entrada da freguezia, ia um desusado movimento, de pedreiros e carpinteiros contractados para as obras;--e o Pedro, com as mangas arrega□das, por traz do balc□, n□ cessava de encher os decilitros com uma vasta enfusa.

Jacintho, que tinha agora dous cavallos,

todas as manh□ cedo percorria as obras, com amor. Eu, inquieto, sentia outra vez, latejar e irromper no meu Principe o seu velho, maniaco furor d'accumular Civilisa□o! O plano primitivo das obras era incessantemente alargado, aperfei□ado. Nas janellas, que deviam ter apenas portadas, segundo o secular costume da serra, decidira p□ vidra□s, apezar do mestre d'obras lhe dizer honradamente, que depois d'habitadas um mez, n□ haveria casa com um s□vidro. Para substituir as traves classicas queria estucar os tectos;--e eu via bem claramente que elle se continha, se retesava dentro do Bom-senso, para n□ dotar cada casa com campainhas electricas. Nem sequer me espantei, quando elle uma manh□me declarou que a porcaria da gente do campo provinha de elles n□ terem onde commodamente se lavar, pelo que andava pensando em dotar cada casa com uma

banheira. Desciamos n'esse momento, com os cavallos □redea, por uma azinhaga precipitada e escabrosa; um vento leve ramalhava nas arvores, um regato saltava ruidosamente entre as pedras. Eu n□ me espantei--mas realmente me pareceu que as pedras, o arroio, as ramagens e o vento, se riam alegremente do meu Principe. E al□ d'estes confortos, a que o Jo□, mestre d'obras, com os olhos loucamente arregalados chamava □as grandezas□, Jacintho meditava o bem das almas. J□encommend□a ao seu architecto, em Paris, o plano perfeito d'uma escola, que elle queria erguer, n'aquelle campo da Carri□, junto □capellinha que abrigava □os ossos□. Pouco a pouco, ahi crearia tambem uma bibliotheca, com livros d'estampas, para entreter, aos domingos, os homens a quem j□n□ era possivel ensinar a l□. Eu vergava os hombros, pensando:--□Ahi vem a terrivel accumula□o das No□es! Eis o

livro invadindo a Serra! Mas outras id□s de Jacintho eram tocantes,--e eu mesmo me enthusiasmei, e excitei o enthusiasmo da tia Vicencia com o seu plano d'uma Creche, onde elle esperava ter manh□ muito divertidas vendo as creancinhas a gatinhar, a correr tropegamente atraz d'uma bola. De resto, o nosso boticario de Gui□s estava j□apalavrado para estabelecer uma pequena pharmacia em Tormes, sob a direc□o do seu praticante, um afilhado da tia Vicencia, que tinha publicado um artigo sobre as festas populares do Douro no _Almanach de Lembran□s_. E j□f□a offerecido o partido medico de Tormes, com ordenado de 600$000 r□s.

--N□ te falta sen□ um Theatro! dizia eu, rindo.

--Um theatro n□. Mas tenho a id□ d'uma

sala, com projec□es de lanterna magica, para ensinar a esta pobre gente as cidades d'esse mundo, e as cousas d'Africa, e um bocado de Historia.

E tambem me ensoberbeci com esta innova□o!--E quando a contei ao tio Adri□, o digno antiquario bateu, apezar do seu rheumatismo, uma palmada tremenda na c□a. □Sim, senhor! Bella id□! Assim se podia ensinar □uella gente illetrada, vivamente, por imagens, a Historia Santa, a Historia Romana, at□a Historia de Portugal!...□ E voltado para a prima Joanninha, o tio Adri□ declarou Jacintho um □homem de cora□o!□

E realmente pela Serra crescia a popularidade do meu Principe. N'aquelle, □guarde-o Deus, meu senhor!□ com que as mulheres ao passar o saudavam, se voltavam para o v□ ainda, havia uma

seriedade d'ora□o, o bem sincero desejo de que Deus o guardasse sempre. As crean□s a quem elle distribuia tost□s, farejavam de longe a sua passagem,--e era em torno d'elle um escuro formigueiro de caritas trigueiras e sujas, com grandes olhos arregalados, que se ainda tinham pasmo, j□n□ tinham medo. Como o cavallo de Jacintho uma tarde se chap□a, ao desembocar da alameda, n'umas grossas pedras que ahi deformavam a estrada, logo ao outro dia um bando d'homens, sem que Jacintho o ordenasse, veio por dedica□o ensaibrar e alisar aquelle peda□ perigoso de caminho, aterrados com o risco que correra o bom senhor. J□pela serra se espalhava esse nome de □bom senhor□. Os mais edosos da freguezia n□o encontravam sem exclamarem, uns com gravidade, outros com grandes risos desdentados:--_Este □o nosso bemfeitor_! Por vezes, alguma velha corria do fundo

do eido, ou vinha □porta do casebre, ao avistal-o no caminho, para gritar, com grandes gestos dos bra□s magros: □Ai que Deus o cubra de ben□os! Que Deus o cubra de ben□os!□

Aos domingos, o padre Jos□Maria, (bom amigo meu e grande ca□dor) vinha de Sandofim, na sua egoa ru□, a Tormes, para celebrar a missa na Capellinha. Jacintho assistia ao officio na sua tribuna, como os Jacinthos d'outras eras, para que aquelles simples o n□ suppuzessem estranho a Deus. Quasi sempre ent□ elle recebia presentes, que as filhas dos caseiros, ou os pequenos, vinham muito corados, trazer-lhe □varanda, e eram vasos de manjaric□, ou um grosso ramalhete de cravos, e por vezes um gordo pato. Havia ent□ uma distribui□o de cavacas e merengues de Gui□s, □ raparigas e □ crean□s,--e, no pateo, para os homens

circulavam as infusas de vinho branco. O Silverio j sustentava com espanto, e redobrado respeito, que o Snr. D. Jacintho em breve disporia de mais votos nas elei es que o Dr. Alypio. E eu proprio me impressionei, quando o Melchior me contou que o Jo Torrado, um velho singular d'aquelles sitios, de grandes barbas brancas, hervanario, vagamente alveitar, um pouco adivinho, morador mysterioso d'uma cova no alto da serra, a todos affirmava que aquelle bom senhor era El-Rei D. Sebasti , que volt a!

XII

Assim chegou Setembro, e com elle o meu natalicio, que era a 3 e n'um Domingo. Toda essa semana a passa eu em Guis, nos preparos da vindima,--e de manhã cedo, n'esse Domingo illustre, me fui debruçar da varanda do quarto do saudoso tio Affonso, vigiando a estrada, por onde devia apparecer o meu Principe, que emfim visitava a casa do seu Z Fernandes. A tia Vicencia, desde a madrugada, andava atarefada pela cosinha e pela copa, porque, desejando mostrar ao meu Principe o pessoal da serra, convidara para jantar algumas familias amigas, dos arredores, as que tinham carruagens ou carroes, e podiam, pelas estradas mal seguras, recolher tarde, depois d'um bailarico campestre, no pateo, jenfeitado para esse effeito de

lanternas chinezas. Mas logo □ dez horas me desesperei, ao receber, por um mo□ da Fl□ da Malva, uma carta da prima Joanninha, em que dizia □a pena de n□ poder vir porque o Pap□estava desde a vespera com um leicen□, e ella n□ o queria abandonar.□ Corri indignado □cosinha, onde a tia Vicencia presidia a um violento bater de gemas d'ovos dentro d'uma immensa terrina.

--A Joanninha n□ vem! Sempre assim! Diz que o pae tem um leicen□... Aquelle tio Adri□ escolhe sempre os grandes dias para ter leicen□s, ou para ter a pontada...

A boa face redondinha e corada da tia Vicencia enterneceu-se.

--Coitado! ser□em sitio que n□ se pudesse sentar na carruagem! Coitado! Olha, se lhe escreveres, dize-lhe que ponha um

emplastrosinho de folhas d'alecrim. □com que teu tio se dava bem.

Eu gritei simplesmente para o mo□, que dava de beber ao burro no pateo:

--Dize □Snr.^a D. Joanninha que sentimos muito... Que talvez eu l□appare□ □anh□

E voltei □janella, impaciente, por que o relogio do corredor, muito atrazado, j□cant□a a meia hora depois das dez e o Principe tardava para o almo□. Mas, mal eu me cheg□a □varanda, appareceu justamente na volta da estrada Jacintho, de grande chapeu de palha, no seu cavallo, seguido do Grillo que, tambem de chapeu de palha, e abrigado sob um immenso guarda-sol verde, se escarranchava no albard□ da velha egoa do Melchior. Atraz, um mo□ com uma maleta □cabe□. E eu, na alegria de avistar emfim o meu Principe

trotando para a minha casa d'aldeia, no dia dos meus trinta e seis annos, pensava n'outro natalicio, no d'elle, em Paris, no 202, quando, entre todos os esplendores da Civiliza□o, n□ bebemos tristemente _ad manes_, aos nossos mortos!

--_Salv□! gritei da varanda. _Salv□ domine Jacinthi_!

E entoei, para o accolher, n'um alegre tarantantan, o hymno da carta!

--Isto por aqui tambem □lindo!--gritou elle de baixo. E o teu palacio tem um soberbo ar... Por onde □a porta?

Mas eu j□me precipitava para o pateo--onde Jacintho, apeando, contou alegremente os tormentos do Grillo, que nunca mont□a a cavallo, e n□ cess□a de berrar ante os perigos d'aquella aventura.

E o digno preto, offegante, lustroso de suor, e livido sob o esplendor da sua negrura, exclamava, apontando com a m tremula para a pobre egoa, que solta, de cabe pensativa, parecia de pedra, sobre as patas mais immoveis que marcos:

--Pois se o si Fernandes visse! Uma fera, que nunca veiu quieta. Sempre para a esquerda, sempre para a direita, p aqui, p al ! S para me sacudir! S para me sacudir!

E n resistiu. Com a ponta do guarda-sol atirou uma pontoada vingativa contra a egoa, sobre o albard .

Subindo a escadaria ligeira, penetrando no alegre corredor, com a sua janella ao fundo engrinaldada de rosinhas, Jacintho louvava grandemente a nossa casa, que o

repousava das rijas muralhas, das grossas portas feudaes de Tormes. E no seu quarto agradeceu os cuidados maternaes da tia Vicencia, que enchera de flores os dois vasos da China sobre a commoda, e adorn□a a cama com uma das nossas colxas da India mais ricas, c□ de canario, com grandes aves d'ouro. Eu sorria, enternecido. Ent□ estreitamos os ossos n'um grande abra□, pelo natalicio... □Trinta e oito, hein, Z□Fernandes?□--□Trinta e quatro, animal!□ E o meu Principe abrindo a mala, sobria maleta de philosopho, offereceu os □nobres presentes, que s□ devidos□, como diz sempre o astuto Ulysses na Odyssea. Era um alfinete de gravata, com uma saphira, uma cigarreira de aro fosco, adornada de um florido ramo de macieira em delicado esmalte, e uma faca para livros de velho lavor Chinez. Eu protestava contra a prodigalidade.

--□tudo das malas de Paris... Mandei-as abrir hontem □noite. E tomei a liberdade de trazer esta lembran□ □tua tia Vicencia. N□ vale nada... □s□por ter pertencido □princeza de Lamballe.

Era uma caldeirinha d'agoa benta, em prata lavrada, d'um gosto florido e quasi galante.

--A tia Vicencia n□ sabe quem □a princeza de Lamballe, mas ficar□encantada! E □uma garantia, por que ella suspeita da tua religi□, como homem de Paris, da terra das impiedades... E agora, lavar, escovar, e ao almo□!

A tia Vicencia pareceu toda surprehendida, e logo encantada com o meu camarada, que ella suppuzera realmente um Principe, arrogante, escarpado e difficil. Quando elle lhe

offereceu a caldeirinha, com um delicado pedido □para se lembrar d'elle nas suas ora□es□, duas largas rosas, mais roseas e frescas que as rosas que enchiam a mesa, cobriram as faces redondas da boa senhora, que nunca recebera t□ piedoso presente, com t□ linda palavra. Mas o que sobretudo a captivou foi o tremendo appetite de Jacintho, a enthusiasmada convic□o com que elle, accumulando no prato montes de cabidella, depois altas serras d'arroz de forno, depois bifes de numerosa cebolada, exaltava a nossa cosinha, jurava nunca ter provado nada t□ sublime. Ella resplandecia:

--At□faz gosto, at□faz gosto!... Ora mais uma d'estas batatinhas recheadas...

--Com certesa, minha senhora! at□duas! As minhas ra□es, em mesas d'estas, t□ perfeitas, s□ sempre as de Gargantua.

--N□ cites Rabelais, que a tia Vicencia n□ conhece os auctores profanos! exclamava eu, tambem radiante. E prova esse vinho branco c□da nossa lavra, e louva Deus que amadurece tal uva.

E o almo□ foi muito alegre, muito intimo, muito conversado, sobre as obras de Jacintho em Tormes, e a sua Creche, que enlevava a tia Vicencia, e as esperan□s da vindima, e a minha prima Joanninha, que tinha o pap□doente, e o pessimo estado dos caminhos. Mas o enternecimento maior foi quando, ao servir o caf□ o creado poz ao lado de Jacintho um pires com um pau de canella, o seu estranho e costumado pau de canella. N□ o esquecera a tia Vicencia! Ali tinha o seu pausinho de canella!--Queria que elle, em Gui□s, continuasse os seus habitos como em Tormes... E aquelle pau de canella foi o

symbolo de adop□o do meu Principe como novo sobrinho da tia Vicencia.

Ella em breve recolheu □cosinha, aos preparativos do banquete. N□ fumamos um pregui□so charuto no jardim, ao p□do repuxo, sob a recolhida sombra do cedro. Depois, inexoravelmente, como proprietario, mostrei ao meu Principe a propriedade toda, com desapiedada minuciosidade, sem lhe perdoar uma leira, um regueiro, uma arvore, um p□de vinha. S□quando a sua face come□u a opar e a empallidecer, de can□□, e que do entendimento totalmente atordoado s□lhe escorria um vago--□muito bonito! bella terra!□--□que voltei os passos para casa, tornejando ainda n'uma volta larga para lhe mostrar o lagar, uma planta□o d'espargos, e o sitio onde existira a ruina d'um velho castro romano. Ao penetrarmos de novo, pelo jardim, na

fresca sala, ainda o empurrei, como uma rez, para a livraria do meu bom tio Affonso, para lhe mostrar as preciosidades, uma magnifica chronica de D. Jo□ I por Fern□ Lopes, a primeira edi□o do _Imperador Clarimundo_, uma _Henriada_, com a assignatura de Voltaire, foraes d'El-Rei D. Manoel, e outras maravilhas. Elle respirava fechando o derradeiro pergaminho, quando eu o arrastei □adega, para que admirasse a famosa pipa, que tinha, em relevo, na madeira do tampo, as complicadas armas dos Sandes. Eram quatro horas. O meu Principe tinha o ar esgaseado e livido. Cravando n'elle os olhos inexoraveis, olhos em que eu mesmo sentia reluzir a ferocidade, declarei □que iriamos agora v□ a tulha. □ Mas ent□, com as m□s nos rins, elle murmurou, humildemente, n'um murmurio de crean□:

--N□ se me dava de me sentar um poucochinho!

Tive ent□ piedade, abri as garras, deixei que elle se arrastasse, atraz de mim, para o seu quarto, onde freneticamente descal□u as botas, se atirou para um fresco canap□forrado de ganga, murmurando n'um abatimento profundo:--□Bella propriedade!□

Consenti generosamente que elle adormecesse,--e eu mesmo desci a verificar se a Gertrudes dispusera bem as escovas, as toalhas de renda, no quarto onde os convidados, em breve, ao chegar, lavariam as m□s, escovariam a poeira da estrada. E justamente, uma caleche rodava no pateo, a velha caleche do D. Theotonio, com a parelha ru□. Espreitando da janella descobri, com prazer, que chegava s□ de gravata branca, sob o guarda-p□ sem a

horrendissima filha. Corri alegremente ao quarto da tia Vicencia, que, ajudada pela Catharina, abrochava □pressa as suas pulseiras ricas de topazios.

--Tia Vicencia! chegou o D. Theotonio! Felizmente vem sem a filha... N□ se demore, os outros n□ tardam. O Manoel que esteja bem penteado, de gravata bem teza!... Vamos a v□ como corre a festa!

XIII

Ai de mim! a festa no meu anniversario n□ se passou com brilho, nem com alegria!

Quando o meu Principe entrou na sala, com uma elegancia, (onde eu senti as malas de Paris, abertas na vespera)--uma rosa branca no jaquet□ preto, collete branco lavrado e trespassado, copiosa gravata de s□a branca, tufando, e presa por uma perola negra,--j□todos os convidados estavam na sala,--o D. Theotonio, o Ricardo Velloso, o Dr. Alypio, o gordo Mello Rebello, de Sandofim, os dois manos Albergarias, da quinta da Loja--; todos de p□ n'um pellot□ cerrado. Em torno do soph□onde a tia Vicencia se install□a, um magotesinho de cadeiras reunira as senhoras,--a Beatriz Velloso, de cassa branca sobre s□a, que a tornava

mais aeria e magra, com a sua trunfa immensa de cabello ri□do; as duas Roj□s, (com a tia Adelaide Roj□) vermelhinhas como camoezas, ambas de branco; e a mulher do Dr. Alypio, de preto, esplendida como uma Venus Rustica... E foi na sala, como se realmente entrasse um Principe, d'esses paizes do Norte onde os Principes s□ magnificos, muito distantes dos homens, e aterram as gentes. Um silencio, como se o tecto de carvalho descesse, nos esmagava: e todos os olhos se enristaram contra o meu desgra□do Jacintho, como n'uma ca□da hind□, quando □orla da floresta surge o Tigre Real. Debalde,--nas confusas, apressadas apresenta□es, com que eu o levava atravez da sala,--os seus apertos de m□, os sorrisos, o vago murmurio, □da sua honra, do seu prazer□ foram repassados de sympathia, de simplicidade. Todos os cavalheiros permaneciam reservados,

observando o Principe, que subira □serra: e as senhoras mais se aconchegavam □sombra da tia Vicencia, como ovelhas □volta do pastor, quando na altura assoma o lobo. Eu, j□inquieto, lancei o D. Theotonio, o mais ornamental d'aquelles cavalheiros.

--O Snr. D. Theotonio foi muito amavel em vir, Jacintho. Raras vezes sae da sua linda casa da Abrujeira.

O digno D. Theotonio sorriu, cofiando os espessos bigodes brancos, de velho brigadeiro:

--V. Ex.ª chegou directamente de Vienna?

N□! Jacintho viera directamente de Paris, com o amigo Z□Fernandes. D. Theotonio insistiu:

--Mas certamente visita muitas vezes Vienna...

Jacintho sorria surprehendido:

--Vienna, porque?... N□. Ha mais de quinze annos que n□ vou a Vienna.

O fidalgo murmurou um lento _ah_! e ficou calado, de palpebras baixas, como revolvendo analyses profundas, com as m□s cruzadas sob as abas da longa sobrecasaca azul.

Eu ent□, vigilante, lancei o Dr. Alypio:

--O nosso Doutor, meu caro Jacintho, □o mais poderoso influente de todo o districto.

O Doutor curvou a cabe□ bem feita, com

um bello cabello preto, admiravelmente alisado e lustroso. Mas a tia Vicencia, que se erguera do sof chamava o meu Principe, porque o Manoel annunci a o jantar, mudamente, mostrando apenas, porta da sala, a sua corpulenta pessoa,--inteiri do e vermelho.

mesa, onde os pudins, as travessas de doce d'ovos, os antigos vinhos da Madeira e do Porto, nas suas pesadas garrafas de cristal lapidado, fundiam com felicidade os seus tons ricos e quentes, Jacintho ficou entre a tia Vicencia e uma das Roj s, a Luizinha, sua afilhada, que, por costume velho, quando jantava em Gui s, sempre se collocava sombra da sua b madrinha. E a s a, que era de gallinha com macarr , foi comida n'um t largo e pesado silencio que eu, na ancia de o quebrar, exclamei, ao acaso, sem pensar que me achava em Gui s depois de tanto tempo e em minha

pr□ria casa:

--Deliciosa, esta sopa!

Jacintho echoou:

--Divina!!

Mas como todos os convidados certamente estranharam este meu brado, e a excessiva admira□o de Jacintho, o silencio, carregado de cerimonia, mais se carregou de embara□. Felizmente a tia Vicencia, com aquelle seu bom sorriso, observou que Jacintho parecia gostar da comida portugueza... E eu, sempre no intuito d'animar a conversa, nem deixei que o meu Principe confirmasse o seu amor da cosinha vernacula, e gritei:

--Como gostar! Mas □que delira!... Pudera! Tanto tempo em Paris, privado dos piteus

lusitanos...

E como, ditosamente, me lembr□a o prato de arroz doce preparado na occasi□ do natalicio de Jacintho, pelo cosinheiro do 202, contei a historia, profusamente, exaggerando, affirmando que esse arroz doce continha _foie gras_, e que sobre a sua ornamentada pyramide fluctuava a bandeira tricolor, por cima do busto do conde de Chambord! Mas o arroz doce de Paris, assim estragado t□ longe da Serra, n□ interess□a ninguem. Puxou apenas alguns sorrisos de polida condescendencia, quando eu, alternadamente, me voltava para um cavalheiro, para uma senhora, insistindo, exclamando:--Extraordinario, hein?

D. Theotonio observou, mysteriosamente, que o □cosinheiro sabia para quem cosinhava.□ E a bella mulher do Dr. Alypio

ousou murmurar, corando:

--Havia de ser bonito prato, e talvez n□ fosse mau!

Eu, sempre na ancia de espiritualisar o banquete, de produzir conversa□o, ataquei com desabrida alegria a Snr.^a D. Luiza, por ella assim defender a profana□o do nosso grande acepipe nacional! Mas, pobre de mim! t□ excessiva e ruidosamente interpellei a formosa senhora, que ella se enconchou, emmudeceu, toda corada, e mais formosa assim. E outro silencio se abatia sobre a mesa, como uma nevoa, quando a tia Vicencia, providencial, se desculpou para com Jacintho de n□ ter peixe! Mas qu□ ali na Serra era impossivel, ainda a peso d'ouro, ter peixe, a n□ ser a pescada salgada, ou o bacalhau. O excellente Roj□, com aquelle seu modo, t□ suave que cada

syllaba para correr mais docemente parecia lubrificada com oleos santos, lembrou que o Snr. D. Jacintho possuia uma larga facha do rio Douro com privilegio para a pesca do savel. Jacintho n□ sabia, nem imaginava que houvesse saveis... O Dr. Alypio n□ se admirava por que essas pescas tinham sido vendidas ao Cunha brasileiro, ha vinte annos, na mocidade do Snr. D. Jacintho. E hoje, segundo o D. Theotonio, n□ valiam dois mil r□s. Se j□n□ ha saveis!... E a proposito das antigas pescas do Douro se ia formando, em torno da mesa, entre os homens mais visinhos, lentas cavaqueirinhas ruraes, que as senhoras aproveitavam para cochichar, no desabafo d'aquelle silencio cerimonioso, que viera pesando cada vez mais desde a s□a at□os frangos guisados. Receoso de que essa orla de murmurios lentos, sem brilho e sem alegria, se estabelecesse de novo, me abalancei

(para animar), a interpellar Jacintho, recordando a famosa aventura do peixe da Dalmacia encalhado no ascensor.

--Isso foi uma das melhores historias que nos succederam em Paris! O Jacintho, por causa d'um peixe muito raro, que lhe mand□a o Gr□-Duque Casimiro, dava uma magnifica ceia, a que o Gr□-Duque... o Gr□-Duque Casimiro, o irm□ do Imperador...

Todos os olhos se desviaram para o meu Jacintho, que se servia de ervilhas:--e o Mello Rebello quasi se engasgou, n'um sorvo precipitado ao copo, para contemplar no meu amigo algum reflexo do Gr□-Duque. E eu contei, com profus□, o peixe encalhado, o Gr□-Duque pescando, o anzol feito com um gancho da Princeza de Carman, o duque de Marizac, cahindo quasi no po□ do elevador... Mas n□ se

produziu um unico riso, e a atten□o mesma era dada com esfor□, por cortezia. Debalde eu arremessava aquelles nomes magnificos de principes e princezas, misturados a cousas picarescas... Nenhum dos meus convidados comprehendia o maquinismo do elevador, um prato encalhado n'um po□ negro... Perante o gancho da princeza as Albergarias baixaram os olhos. E a minha deliciosa historia morreu n'uma reticencia, ainda mais regelada pela exclama□o innocente da tia Vicencia:

--Oh! filho, que cousas!

Mas, como Jacintho se enfronh□a de repente n'uma larga conversa com a Luizinha Roj□, que ria, toda luminosa e palradora,--todos, como libertados do peso cerimonioso da sua presen□ augusta, se lan□ram nas conversinhas discretas, a

que o champagne, agora, depois do assado, dava mais viveza. Eram os soturnos murmurios, em torno da mesa, que definitivamente se perpetuavam. Foi ent□ que desisti de animar o jantar. Mergulhei com a bella mulher do Doutor Alypio na grande quest□ social d'esse tempo em Gui□s, o casamento da D. Amelia Noronha com o feitor! E eu defendia a D. Amelia, os direitos do amor, quando se alargou um silencio,--e era Jacintho, que se debru□va, de copo na m□.

--Velho amigo Z□Fernandes, □tua! Muitos e bons, e sempre em companhia de tua tia e minha senhora, a quem pe□ para saudar.

Todos os copos, onde a espuma morria sobre um fundo de champagne, se ergueram n'um largo rumor de amisade, e boa visinhan□. Eu acenei ao Manoel, vivamente, para encher os copos; e logo,

tambem de p atirando para traz a sobrecasaca:

--Meus senhores, pe uma grande saude para o meu velho amigo Jacintho, que pela primeira vez honra esta casa fraternal... Que digo eu? que pela primeira vez honra com a sua presen a sua querida patria! E que por c fique, pelas serras, muitos annos, todos bons. tua, meu velho!

Outro rumor correu pela mesa, mas ceremonioso e sereno. A nossa oratoria, positivamente, n incendi a as imagina es! A tia Vicencia fez tilintar o seu copo, quasi vasio, com o de Jacintho, que tocou no copo da sua visinha, a Luizinha Roj , toda resplandecente, e mais vermelha que uma peonia. Depois foi um encadeamento de saudes, com os copos quasi vasios, entre todos os convidados, sem esquecer o tio Adri , e o Abbade,

ambos ausentes, ambos com furunculos. E a tia Vicencia espalhava aquelle olhar, que prep□a o erguer, o arrastar de cadeiras,--quando D. Theotonio, erguendo o seu copo de vinho do Porto, com a outra m□ apoiada □mesa, meio erguido, chamou Jacintho, e n'uma voz respeitosa, quasi cava:

--Esta □toda particular, e entre n□... Brindo o ausente!

Esvasiou o copo, como em religi□, pontificando. Jacintho bebeu assombrado, sem comprehender. As cadeiras arrastavam,--eu dei o bra□ □tia Albergaria.

E s□comprehendi, na sala, quando o Dr. Alypio, com a sua chavena de caf□e o charuto fumegante, me disse, n'um d'aquelles seus olhares finos, que lhe valiam a alcunha de _Dr.

Agudo_:--□Espero que ao menos, c□por Gui□s, n□ se erga de novo a forca!...□ E o mesmo fino olhar me indicava o D. Theotonio, que arrast□a Jacintho para entre as cortinas d'uma janella, e discorria, com um ar de f□e de mysterio. Era o miguelismo, por Deus! O bom D. Theotonio considerava Jacintho como um hereditario, ferrenho, miguelista,--e na sua inesperada vinda ao seu solar de Tormes, entrevia uma miss□ politica, o come□ d'uma propaganda energica, e o primeiro passo para uma tentativa de Restaura□o. E na reserva d'aquelles cavalheiros, ante o meu Principe, eu senti ent□ a suspeita liberal, o receio d'uma influencia rica, nova, nas Elei□es proximas, e a nascente irrita□o contra as velhas ideias, representadas n'aquelle mo□, t□ rico, de civilisa□o t□ superior. Quasi entornei o caf□ na alegre surpreza d'aquella sandice. E retive o Mello Rebello, que repunha a

chavena vasia na bandeja, fitei, com um pouco de riso, o _Dr. Agudo_.

--Ent□, francamente, os amigos imaginam que o Jacintho veio para Tormes trabalhar no miguelismo?

Muito serio, Mello Rebello chegou o seu grosso bigode □minha orelha:

--At□corre, como certo, que o Principe D. Miguel est□com elle em Tormes!

E como eu os considerava esgazeado, o Dr. Alypio--t□ agudo!--confirmou:

--□o que corre... Disfar□do em creado!

Em creado? Oh! santo Deus! Era o Baptista! Justamente, Ricardo Velloso veio, puxando do seu cigarrinho, para o accender no meu charuto. E o bom Rebello logo invocou o

seu testemunho.--Pois n□ corria, que o filho de D. Miguel estava em Tormes, escondido?...

--Disfar□do em lacaio, confirmou logo o digno Rebello.

Accendeu o cigarro, soprou o fumo, e erguendo muito as sobrancelhas meditativas:

--Se assim □ l□me parece desplante... Que eu n□ desgostava de o v□. Dizem que □bonito mo□, bem apessoado. Mas emfim, meu tio Jo□ Vaz Rebello foi partido □ postas, a machado, nas pris□s d'Almeida... E se recome□m essas quest□s, mau, mau! Ora o seu amigo...

Emmudeceu. Jacintho, que se libert□a do velho D. Theotonio, e ainda conservava um resto de riso, d'assombro divertido, vinha

para mim, desabafar:

--Extraordinario! Vejo que, aqui, na serra, ainda se conservam, sem uma ruga, as velhas e boas ideias...

Immediatamente, sem se conter, Mello Rebello acudiu:

--□conforme o que V. Ex.ª chama _boas ideas_.

E eu agora, furioso com aquella disparatada inven□o, que cercava d'hostilidade o meu pobre Jacintho, estragava aquella amavel noite d'annos, intervim, vivamente:

--Tu jogas o voltarete, Jacintho? N□ jogas... Ent□ vamos arranjar duas mesas... O D. Theotonio ha de querer cartas.

E arrastei Jacintho para as senhoras, que de novo se aninhavam □sombra da tia Vicencia, estabelecida no seu canto do sof□ Todas se callavam, parecia encolherem-se ante a appari□o do meu Principe, como pombas avistando o abutre. E deixei o temido homem affirmando □mulher do Dr. Alypio (um pouco desgarrada do bando das aves timidas) que lhe dera grande prazer aquella occasi□ de conhecer as suas visinhas de Tormes... Ella abrira nervosamente o leque, sorria, e nunca de certo Jacintho admir□a na Cidade uma bocca mais vermelha, dentinhos mais rutilantes. Mas depois d'organisar a mesa do voltarete, tive de abancar, eu, para substituir o Manoel Albergaria, que era dispeptico, se declar□a □affrontado□, e desejava respirar um momento na varanda. Todos aquelles cavalheiros, de resto, se queixavam de calor. Mandei abrir

as janellas que davam sobre as mimosas do pateo. O Velloso, ao baralhar, parava, bufando, como opprimido:

--Est□abafado... Ainda temos trovoada!

E o Dr. Alypio, inquieto, por que tinha uma hora d'estrada at□casa, e uma das egoas da caleche era escabriada, correu □janella, espreitar o ceu, que ennegrecera, morno e pesado.

--Com effeito, vae cahir agoa.

As hastes das mimosas ramalhavam, arripiadas: e o ar que agitava as cortinas era intermittente, estonteado. De certo na sala, entre as senhoras, surgira a mesma inquieta□o, porque a tia Albergaria appareceu, avisando o mano Jorge.

Era prudente pensar em partir, a noite

amea□va... E o Dr. Alypio, puxando o relogio, propoz que, levantada aquella remissa, se preparasse a marcha. Justamente o Albergaria recolhia da varanda desaffrontado, alliviado com um calice de genebra: e rotomou as suas cartas, annunciando tambem que vinha ahi uma trovoada valente.

Voltando □sala, encontrei Jacintho muito alegre entre as senhoras, que se familiarisaram, escutando cheias de riso e gosto, a historia da sua chegada a Tormes, sem malas, sem creados, t□ desprovido que dormira com a camisa da caseira! Mas a minha pobre noite d'annos findava, desorganisada. A tia Albergaria rondava de janella em janella, assustada com a volta □Roqueirinha, espreitando a treva abafada. Cal□ndo lentamente as luvas, a bella mulher do Dr. Alypio perguntava se ainda havia a remissa. E a tia Vicencia

apressa o chá que o Manoel seguido pela Gertrudes, com a bandeja de bolos, já começava a servir as senhoras. Jacintho, de pé offerecendo chavenas, gracejava:

--Então tanta pressa, tanto medo, por causa d'uma trovoadinha?

Ellas replicavam, familiarizadas, n'uma crescente sympathia pelo meu Principe:

--Ora o senhor falla bem, porque fica debaixo de telhas...

--Sempre o queriamos vêr... se fosse agora para Tormes, com esta noite cerrada!

O voltarete findava nas duas mesas: e aquelles cavalheiros, das janellas, gritavam ordens para o pateo negro, onde as carroagens esperavam atreladas:

--Desce a cabe□ da victoria, □Diogo!

--Accende o lampe□, Pedro! Sempre ajuda a luz das lanternas.

A creada Quiteria chegava □porta com os bra□s carregados de chales, de mantilhas de renda. Como uma das Albergarias ia no assento de deante na victoria, eu corri a buscar o meu casaco de borracha, para ella se abrigar se a chuva viesse. E s□o D. Theotonio, que tinha at□casa apenas meia legoa de estrada boa, se n□ apressava, filado outra vez no meu Principe, que levava para os cantos mais solitarios, em conversas profundas, que o seu dedo solemne, espetado, sublinhava gravemente. Mas a tia Albergaria gritou que j□chovia;--e ent□ foi uma pressa das senhoras, que beijocavam vivamente a tia Vicencia, em quanto os homens, na ante-camara, enfiavam a□dadamente os

palet□.

Jacintho e eu descemos ao pateo para acompanhar aquella debandada,--e uma a uma, a traquitana do Dr. Alypio, a victoria das Albergarias, a velha e immensa caleche dos Vellosos, rolaram sob a noite, entre os nossos desejos de boa jornada. Por fim D. Theotonio cal□u as luvas pretas e entrou para a sua caleche, dizendo a Jacintho:

--Pois, primo e amigo, Deus permitta que, do nosso encontro, e do mais que se passar, algum bem resulte a esta terra!

Subindo a escada, o meu Principe desabafou:

--Este Theotonio □extraordinario! Sabes o que descobri por fim?... Que me toma por um miguelista, e imagina que eu vim para

Tormes preparar a restaura□o de D. Miguel?!

--E tu?

--Eu fiquei t□ espantado, que nem o desilludi!

--Pois sabe mais, meu pobre amigo. Todos pensam o mesmo, est□ desconfiados, e receiam v□ de novo erguidas as f□cas em Gui□s! E corre que tu tens o Principe D. Miguel escondido em Tormes, disfar□do em creado. E sabes quem elle □ o Baptista!

--Isso □sublime! murmurou Jacintho, com uns grandes olhos abertos.

Na sala, a tia Vicencia nos esperava desconsolada, entre todas as luzes, que ardiam ainda no silencio e paz do ser□ debandado:

--Ora uma cousa assim! Nem quererem ficar para tomar um copinho de gelea, um calice de vinho do Porto!

--Esteve tudo muito desanimado, tia Vicencia! exclamei desafogando o meu tedio. Todo esse mulherio emmudeceu; os amigos com um ar desconfiado...

Jacintho protestou, muito divertido, muito sincero:

N□! pelo contrario. Gostei immenso. Excellente gente! E t□ simples... Todas estas raparigas me pareceram optimas. E t□ frescas, t□ alegres! Vou ter aqui bons amigos, quando verificarem que n□ sou miguelista.

Ent□ contamos □tia Vicencia a prodigiosa historia de D. Miguel escondido em

Tormes... Ella ria! Que cousa! E mau seria...

--Mas o Snr. Jacintho, n□ □

--Eu, minha senhora, sou socialista...

Acudi, explicando □tia Vicencia, que socialista era ser pelos pobres. A doce senhora considerava esse partido o melhor, o verdadeiro:

--O meu Affonso, que Deus haja, era liberal... Meu pae, tambem e at□amigo do Duque da Terceira...

Mas um rude trov□ rolou, atroou a noite negra:--e uma batega d'agoa cantou nos vidros, e nas pedras da varanda.

--Santa Barbara! gritou a tia Vicencia! Ai aquella pobre gente!... At□estou com

cuidado... As Roj□s, que v□ na victoria!

E correu para o quarto, na sua pressa de accender as duas velas costumadas no oratorio, ainda antes de ir guardar as pratas, e resar o ter□, com a Gertrudes.

XIV

Ao outro dia, depois d'almo□, eu e Jacintho montamos a cavallo para um grande passeio at□□Fl□ da Malva, a saber de meu tio Adri□, e do seu furunculo. E sentia uma curiosidade interessada, e at□inquieta, de testemunhar a impress□ que daria ao meu Principe aquella nossa prima Joanninha, que era o orgulho da nossa casa. J□n'essa manh□ andando todos no jardim a escolher uma bella rosa ch□para a botoeira do meu Principe, a tia Vicencia celebr□a com tanto fervor a belleza, a gra□, a caridade, e a do□ra da sua sobrinha toda-amada, que eu protestei:

--Oh! tia Vicencia, olhe que esses elogios todos competem apenas □Virgem Maria! A tia Vicencia est□a cahir em peccado de idolatria! O Jacintho depois vae encontrar

uma creatura apenas humana, e tem um desapontamento tremendo!

E agora, trotando pela facil estrada de Sandofim, lembrava-me aquella manhã no 202, em que Jacintho encontrára o retrato d'ella no meu quarto, e lhe chamára uma _lavradeira_. Com effeito, era grande e forte a Joanninha. Mas a photographia datava do seu tempo de viço rustico, quando ella era apenas uma bella forte e s□planta da serra. Agora entrava nos vinte e cinco, e j□pensava, e sentia,--e a alma que n'ella se formára, afinára, amaciára, e espiritualisava o seu esplendor rubicundo.

A manhã com o ceu todo purificado pela trovoada da vespera, e as terras reverdecidas e lavadas pelos chuviscos ligeiros, offerecia uma doçura luminosa, fina, fresca, que tornava doce, como diz o velho Euripedes ou o velho Sophocles,

mover o corpo, e deixar a alma pregui□r, sem pressa nem cuidados. A estrada n□ tinha sombra, mas o sol batia muito de leve, e ro□va-nos com uma caricia quasi alada. O valle parecia a Jacintho, que nunca ali pass□a, uma pintura da Escola Franceza do seculo XVIII, t□ graciosamente n'elle ondulavam as terras verdes, e com tanta paz e frescura corria o risonho Serp□, e t□ affaveis e promettedores de fartura e contentamento alvejavam os casaes nas verduras tenras! Os nossos cavallos caminhavam n'um passo pensativo, gosando tambem a paz da manh□adoravel. E n□ sei, nunca soube, que plantasinhas silvestres e escondidas espalhavam um delicado aroma, que eu tantas vezes sentira, n'aquelle caminho, ao come□r o outomno.

--Que delicioso dia! murmurou Jacintho. Este caminho para a Fl□ da Malva □o

caminho do ceu... Oh Z□Fernandes, de que □este cheirinho t□ doce, t□ bom?

Eu sorri, com certo pensamento:

--N□ sei... □talvez j□o cheiro do ceu!

Depois, parando o cavallo, apontei com o chicote para o valle:

--Olha, acol□ onde est□aquella fila d'olmos, e ha o riacho, j□s□ terras do tio Adri□. Tem alli um pomar, que d□os p□egos mais deliciosos de Portugal... Hei de pedir □prima Joanninha que te mande um cesto d'elles. E o d□e que ella faz com esses p□egos, menino, □alguma cousa de celeste. Tambem lhe hei de pedir que te mande o d□e.

Elle ria:

--Ser explorar de mais a prima Joanninha. E eu (por que?) recordei e atirei ao meu Principe estes dous versos d'uma ballada cavalheiresca, composta em Coimbra pelo meu pobre amigo Procopio:

--Manda-lhe um servo querido, Bem hajas dona formosa! E que lhe entregue um annel E com um annel uma rosa.

Jacintho rio alegremente:

--Z Fernandes, seria excessivo, s por causa de meia duzia de p egos, e d'um boi de d e.

Assim riamos, quando appareceu, volta da estrada, o longo muro da quinta dos Vellosos, e depois a capellinha de S. Jos de Sandofim. E immediatamente piquei para o largo, para a taverna do T to, por causa d'aquelle vinhinho branco,

que sempre, quando por ali a levo, a minha alma me pede. O meu Principe reprovou, indignado:

--Oh! Z□Fernandes, pois tu, a esta hora, depois d'almo□, vaes beber vinho branco?

--□um costumesinho antigo... Aqui □taverninha do T□to... um decilitrosinho... A almasinha assim m'o pede.

E paramos; eu gritei pelo Manoel, que appareceu, rebolando a sua grossa pansa, sobre as pernas tortas, com a infusa verde, e um copo.

--Dous copos, T□to amigo. Que aqui este cavalheiro tambem aprecia.

Depois d'um pallido protesto, o meu Principe tambem quiz, mirou o limpido e dourado vinho ao sol, provou, e esvasiou o

copo, com delicia, e um estalinho de alto apre□.

--Delicioso vinho!... Hei de querer d'este vinho em Tormes... □perfeito.

--Hein? Fresquinho, leve, aromatico, alegrador, todo alma!... Encha l□outra vez os copos, amigo T□to. Este cavalheiro aqui □o Snr. D. Jacintho, o fidalgo de Tormes.

Ent□, de traz da umbreira da taverna, uma grande voz bradou, cavamente, solemnemente:

--Bemdito seja o pae dos Pobres!

E um extranho velho, de longos cabellos brancos, barbas brancas, que lhe comiam a face c□ de tijolo, assomou no v□ da porta, apoiado a um bord□, com uma caixa de lata a tiracolo, e cravou em Jacintho dous

olhinhos d'um brilho negro, que faiscavam. Era o tio Jo□ Torrado, o propheta da Serra... Logo lhe estendi a m□, que elle apertou, sem despegar de Jacintho os olhos, que se dilatavam mais negros. Mandei vir outro copo, apresentei Jacintho, que c□□a, embara□do.

--Pois aqui o tem, o senhor de Tormes, que fez por ahi todo esse bem □pobreza.

O velho atirou para elle bruscamente o bra□, que sahia cabelludo e quasi negro, d'uma manga muito curta.

--A m□!

E quando Jacintho lh'a deu, depois de arrancar vivamente a luva, Jo□ Torrado longamente lh'a reteve com um sacudir lento e pensativo, murmurando:

--M□ real, m□ de dar, m□ que vem de cima, m□ j□rara!

Depois tomou o copo, que lhe offerecia o T□to, bebeu com immensa lentid□, limpou as barbas, deu um geito □correia que lhe prendia a caixa de lata, e batendo com a ponta do cajado no ch□:

--Pois louvado seja nosso Senhor Jesus Christo, que por aqui me trouxe, que n□ o meu dia, e vi um homem!

Eu ent□ debrucei-me para elle, mais em confidencia:

--Mas, □tio Jo□, ou□ c□ Sempre □certo voc□dizer por ahi, pelos sitios, que El-Rei D. Sebasti□ volt□a?

O pittoresco velho apoiou as duas m□s sobre o cajado, o queixo d'espalhada

barba sobre as m□s, e murmurava, sem nos olhar, como seguindo a percuss□ dos seus pensamentos:

--Talvez voltasse, talvez n□ voltasse... N□ se sabe quem vae, nem quem vem. A gente v□os corpos, mas n□ v□as almas que est□ dentro. Ha corpos d'agora com almas d'outr'ora. Corpo □vestido, alma □pessoa... Na feira da Roqueirinha quem sabe com quantos reis antigos se topa, quando se anda aos encontr□s entre os vaqueiros... Em ruim corpo se esconde bom senhor!

E como elle find□a n'um murmurio, eu, atirando um olhar a Jacintho, e para gosarmos aquelles estranhos, pittorescos modos de vidente, insisti:

--Mas, □tio Jo□, voc□realmente, em sua consciencia, pensa que El-Rei D. Sebasti□ n□ morreu na batalha?

O velho ergueu para mim a face, que se enrug□a n'uma desconfian□:

--Essas cousas s□ muito antigas. E n□ calham bem aqui □porta do T□to. O vinho era bom, e V. S.^a tem pressa, meu menino! A fl□ da Fl□ da Malva l□tem o paesinho doente... Mas o mal j□vae pela serra abaixo com a incha□o □ costas. D□gosto v□ quem d□gosto aos tristes. Por cima de Tormes ha uma estrella clara. E □trotar, trotar, que o dia est□lindo!

Com a magra m□ lan□u um gesto para que seguissemos. E j□passavamos o cruzeiro quando o seu brado ardente, de novo revoou, com solemnidade cava:

--Bemdito seja o Pae dos Pobres.

Direito, no meio da estrada, erguia o

cajado como dirigindo as acclama□es d'um povo. E Jacintho pasmava de que ainda houvesse no reino um Sebastianista.

--Todos o somos ainda em Portugal, Jacintho! Na serra ou na cidade cada um espera o seu D. Sebasti□. At□a loteria da Misericordia □uma forma do Sebastianismo. Eu todas as manh□, mesmo sem ser de nevoeiro, espreito, a v□ se chega o meu. Ou antes a minha, por que eu espero uma D. Sebastiana... E tu, felizardo?

--Eu? Uma D. Sebastiana? Estou muito velho, Z□Fernandes... Sou o ultimo Jacintho; Jacintho ponto final... Que casa □aquella com os dous torre□s?

--A Fl□ da Malva.

Jacintho tirou o relogio:

--S tres horas. Gastamos hora e meia... Mas foi um bello passeio, e instructivo. lindo este sitio.

Sobre um outeirinho, afastada da estrada por arvoredo, que um muro cerrava, e dominando, a Fl da Malva voltava para Oriente e para o Sol a sua longa fachada com os dous torres quadrados, onde as janellas, de varanda, eram emolduradas em azulejos. O grande port de ferro, ladeado por dous bancos de pedra, ficava ao fundo do terreirinho, onde um immenso castanheiro derramava verdura e sombra. Sentado sobre as fortes raizes descarnadas da grande arvore, um pequeno esperava segurando um burro pela arreata.

--Est por ahi o Manoel da Porta?

--Ainda agora subio pela alameda.

--Bem: empurra l□o port□.

E subimos, por uma curta avenida de velhas arvores, at□outro terreiro, com um alpendre, uma casa de mo□s, toda coberta d'heras, e uma casota de c□, d'onde saltou, com um rumor de corrente arrastada, um molosso, o Trit□, que eu logo soceguei fazendo-lhe reconhecer o seu velho amigo Z□Fernandes. E o Manoel da Porta correu da fonte, onde enchia um grande balde, para nos segurar os cavallos.

--Como est□o tio Adri□?

Surdo, o excellente Manoel sorrio, deleitado:

--E ent□ vossa excellencia, bem? A Snr.^a D. Joanninha ainda agora andava no laranjal com o pequeno da Josepha.

Seguimos por ruasinhas bem areadas, orladas d'alfazema e buxo alto, em quanto eu contava ao meu Principe que aquelle pequenito da Josepha era um afilhadinho da prima Joanna, e agora o seu encanto e o seu cuidado todo.

--Esta minha santa prima, apesar de solteira, tem ahi pela freguezia uma verdadeira filharada. E n□ □s□dar-lhes roupas e presentes, e ajudar as m□s. Mas at□os lava, e os penteia, e lhes trata as tosses. Nunca a encontro sem alguma creancita ao collo... Agora anda na paix□ d'este Jos□inho.

Mas quando chegamos ao laranjal, □beira da larga rua da quinta que levava ao tanque, debalde procurei, e me embrenhei, e at□gritei:--Eh, prima Joanninha!...

--Talvez esteja l□para baixo, para o tanque...

Descemos a rua, entre arvores, que a cobriam com as densas ramas encruzadas. Uma fresca, limpida agoa de rega corria e luzia n'um caneiro de pedra. Entre os troncos, as roseiras bravas ainda tinham uma frescura de ver□. E o pequeno campo, que se avistava para al□, rebrilhava com do□ra, todo amarello e branco, dos malmequeres e bot□s d'ouro.

O tanque, redondo, f□a esvasiado para se lavar, e agora de novo o repuxo o ia enchendo d'uma agoa muito clara, ainda baixa, onde os peixes vermelhos se agitavam na alegria de recuperarem o seu pequeno oceano. Sobre um dos bancos de pedra que circumdavam o tanque pousava um cesto cheio de dhalias cortadas. E um

mo□, que sobre uma escada podava as camelias, vira a Snr.^a D. Joanna seguir para o lado da parreira.

Marchamos para a parreira, ainda toda carregada de uva preta. Duas mulheres, longe, ensaboavam n'um lavadoiro, na sombra de grandes nogueiras. Gritei:--Eh l□ Voc□ viram por ahi a Snr.^a D. Joanna? Uma das mo□s esgani□u a voz, que se perdeu no vasto ar luminoso e doce.

--Bem: vamos a casa! N□ podemos farejar assim, toda a tarde.

--□uma bella quinta, murmurava o meu Principe encantado.

--Magnifica! E bem tratada... O tio Adri□ tem um feitor excellente... N□ □o teu Melchior. Observa, aprende, lavrador! Olha aquelle cebolinho!

Passamos pela horta, uma horta ajardinada, como a sonh□a o meu Principe, com os seus talh□s debruados d'alfazema, e madresilva enroscada nos pilares de pedra, que faziam ruasinhas frescas toldadas de parra densa. E d□os volta □capella, onde crescia aos dous lados da porta uma roseira ch□ com uma rosa unica, muito aberta, e uma moita de baunilha, onde Jacintho apanhou um raminho para cheirar. Depois entramos no terra□ em frente da casa, com a sua balaustrada de pedra, toda enrodilhada de jasmineiros amarellos. A porta envidra□da estava aberta: e subimos pela escadaria de pedra, no immenso silencio em que toda a Fl□ da Malva repousava, at□□ante-camara, d'altos tectos apainelados, com longos bancos de pau, onde desmaiavam na sua velha pintura as complicadas armas dos Cerqueiras. Empurrei a porta d'uma outra

sala, que tinha as janellas da varanda abertas, cada uma com a gaiola d'um canario.

--□curioso!--exclamou Jacintho. Parece o meu Presepio... E as minhas cadeiras.

E com effeito. Sobre uma commoda antiga, com bronzes antigos, pousava um presepio semelhante ao da livraria de Jacintho. E as cadeiras de couro lavrado tinham, como as que elle descobrira no sot□, umas armas sob um chap□ de Cardeal.

--Oh senhores! exclamei. N□ haver□um creado?

Bati as m□s, fortemente. E o mesmo doce silencio permaneceu, muito largo, todo luminoso e arejado pelo macio ar da quinta, apenas cortado pelo saltitar dos

canarios nos poleiros das gaiolas.

--□o Palacio da Bella adormecida no bosque! murmurou Jacintho, quasi indignado. D□um berro!

--N□, caramba! Vou l□dentro!

Mas, □porta, que de repente se abrio, appareceu minha prima Joanninha, c□ada do passeio e do vivo ar, com um vestido claro um pouco aberto no pesco□, que fundia mais docemente, n'uma larga claridade, o explendor branco da sua pelle, e o louro ondeado dos seus bellos cabellos,--lindamente risonha, na surpreza que alargava os seus largos, luminosos olhos negros, e trazendo ao collo uma creancinha, gorda e c□ de rosa, apenas coberta com uma camisinha, de grandes la□s azues.

E foi assim que Jacintho, n'essa tarde de Septembro, na Fl□ da Malva, vio aquella com quem casou em Maio, na capellinha d'azulejos, quando o grande p□de roseira se cobrira todo de rosas.

XV

E agora, entre roseiras que rebentam, e vinhas que se vindimam, j□cinco annos passaram sobre Tormes e a Serra. O meu Principe j□n□ □o ultimo Jacintho, Jacintho ponto final--por que n'aquelle solar que decahira, correm agora, com soberba vida, uma gorda e vermelha Theresinha, minha afilhada, e um Jacinthinho, senhor muito da minha amisade. E, pae de familia, principi□a a fazer-se monotono, pela perfei□o da belleza moral, aquelle homem t□ pittoresco pela inquieta□o philosophica, e pelos variados tormentos da phantasia insaciada. Quando elle agora, bom sabedor das cousas da lavoura, percorria comigo a quinta, em solidas palestras agricolas, prudentes e sem chimeras--eu quasi lamentava esse outro Jacintho que colhia uma theoria em cada ramo d'arvore,

e riscando o ar com a bengala, planeava queijeiras de cristal e porcellana, para fabricar queijinhos que custariam duzentos mil r□s cada um!

Tambem a paternidade lhe despert□a a responsabilidade. Jacintho possuia agora um caderno de contas, ainda pequeno, rabiscado a lapis, com falhas, e papeluchos soltos entremeados, mas onde as suas despezas, as suas rendas se alinhavam, como duas hostes disciplinadas. Visit□a j□as suas propriedades de Montem□, da Beira; e concertava, mobilava as velhas casas d'essas propriedades para que os seus filhos, mais tarde, crescidos, encontrassem □ninhos feitos□. Mas onde eu reconheci que definitivamente um perfeito e ditoso equilibrio se estabelecera na alma do meu Principe, foi quando elle, j□sabido d'aquelle primeiro e ardente fanatismo da

Simplicidade--entreabrio a porta de Tormes □Civilisa□o. Dous mezes antes de nascer a Theresinha, uma tarde, entrou pela avenida de platanos uma chiante e longa fila de carros, requisitados por toda a freguesia, e acuculados de caixotes. Eram os famosos caixotes, por tanto tempo encalhados em Alba de Tormes, e que chegavam, para despejar a Cidade sobre a Serra. Eu pensei:--Mau! o meu pobre Jacintho teve uma recahida! Mas os confortos mais complicados, que continha aquella caixotaria temerosa, foram, com surpreza minha, desviados para os sot□s immensos, para o p□da inutilidade: e o velho solar apenas se regalou com alguns tapetes sobre os seus soalhos, cortinas pelas janellas desabrigadas, e fundas poltronas, fundos sof□, para que os repousos, por que elle suspir□a, fossem mais lentos e suaves. Attribui esta modera□o a minha prima Joanninha, que

amava Tormes na sua nudez rude. Ella jurou que assim o ordenã a o seu Jacintho. Mas, decorridas semanas, tremi. Apparecera, vindo de Lisboa, um contra-mestre, com operarios, e mais caixotes, para installar um telephone!

--Um telephone, em Tormes, Jacintho?

O meu Principe explicou, com humildade:

--Para casa de meu sogro!... Bem vê.

--Era rasoavel e carinhoso. O telephone porã, subtilmente, mudamente, estendeu outro longo fio, para Valverde. E Jacintho, alargando os braços, quasi supplicante:

--Para casa do medico. Comprehendes...

Era prudente. Mas, certa manhã em Guiães, accordei aos berros da tia Vicencia! Um

homem chega, mysterioso, com outros homens, trazendo arame, para installar na nossa casa o novo invento. Soceguei a tia Vicencia, jurando que essa machina nem fazia barulho, nem trazia doenças, nem attrahia as trovoadas. Mas corri a Tormes. Jacintho sorrio, encolhendo os hombros:

--Que queres? Em Guiás estão o boticario, estão o carniceiro... E, depois, está tu!

Era fraternal. Todavia pensei: Estamos perdidos! Dentro d'um mez temos a pobre Joanna a apertar o vestido por meio d'uma machina! Pois não! o Progresso, que, á intimação de Jacintho, subira a Tormes a estabelecer aquella sua maravilha, pensando talvez que conquistára mais um reino para desfear, desceu, silenciosamente, desilludido, e não avistamos mais sobre a serra a sua hirta sombra cá de ferro e de fuligem. Então

comprehendi que, verdadeiramente, na alma de Jacintho se estabelecera o equilibrio da vida, e com elle a Gran-Ventura, de que tanto tempo elle f□a o principe sem Principado. E uma tarde, no pomar, encontrando o nosso velho Grillo, agora reconciliado com a serra, desde que a serra lhe dera meninos para trazer □ cavalleiras, observei ao digno preto, que lia o seu _Figaro_, armado de immensos oculos redondos:

--Pois, Grillo, agora realmente bem podemos dizer que o Snr. D. Jacintho est□firme.

O Grillo arredou os oculos para a testa, e levantando para o ar os cinco dedos em curva como petalas d'uma tulipa:

--S. ex.^a brotou!

Profundo sempre o digno preto! Sim! Aquelle resequido galho de Cidade, plantado na serra, peg□a, chup□a o humus do torr□ herdado, cre□a seiva, afund□a raizes, engross□a de tronco, atir□a ramos, rebent□a em fl□es, forte, sereno, ditoso, benefico, nobre, dando fructos, derramando sombra. E abrigados pela grande arvore, e por ella nutridos, cem casaes em redor a bemdiziam.

XVI

Muitas vezes Jacintho, durante esses annos, fall□a com prazer n'um regresso de dous, tres mezes, ao 202, para mostrar Paris □prima Joanninha. E eu seria o companheiro fiel, para archivar os espantos da minha serrana ante a Cidade! Depois conveio em esperar que o Jacinthinho completasse dous annos, para poder jornadear sem desconforto, e apontando j□com o seu dedo para as cousas da Civilisa□o. Mas, quando elle, em Outubro, fez esses dous annos desejados, a prima Joanninha sentiu uma pregui□ immensa, quasi aterrada, do comboio, do estridor da Cidade, do 202, e dos seus esplendores. □Estamos aqui t□ bem! est□um tempo t□ lindo!□ murmurava, deitando os bra□s, sempre deslumbrada, ao rijo pesco□ do seu Jacintho. Elle desistia

logo de Paris, encantado. □Vamos para Abril, quando os castanheiros dos Campos-Elyseos estiverem em fl□!□ Mas em Abril vieram aquelles cansa□s que immobilisavam a prima Joanninha no divan, ditosa, risonha, com umas pintas na pelle, e o roup□ mais solto. Por todo um longo anno estava desfeita a alegre aventura. Eu andava ent□ soffrendo de desoccupa□o. As chuvas de Mar□ promettiam uma farta colheita. Uma certa Anna Vaqueira, c□ada e bem feita, viuva, que surtia as necessidades do meu cora□o, partira com o irm□ para o Brazil, onde elle dirigia uma venda. Desde o inverno, sentia tambem no corpo como um come□ de ferrugem, que o emperrava, e, certamente, algures, na minha alma, nascera uma pontinha de bolor. Depois a minha egoa morreu... Parti eu para Paris.

Logo em Hendaya, apenas pisei a doce

terra de Fran□, o meu pensamento, como pombo a um velho pombal, voou ao 202,--talvez por eu v□ um enorme cartaz em que uma mulher nua, com fl□es bacchanticas nas tran□s, se estorcia, segurando n'uma das m□s uma garrafa espumante, e brandindo na outra, para o annunciar ao Mundo, um novo modelo de saca-rolhas. E oh surpresa! eis que, logo adeante, na esta□o quieta e clara de Saint Jean-de-Luz, um mo□ esbelto, de perfeita elegancia, entra vivamente no meu compartimento, e, depois de me encarar, grita:

--Eh, Fernandes!

Marizac! O duque de Marizac! Era j□o 202... Com que reconhecimento lhe sacudi a m□ fina, por elle me ter reconhecido! E, atirando para o canto do vagon um palet□ um masso de jornaes, que o escudeiro lhe

passa, o bom Marizac exclamava na mesma surpreza alegre:

--E Jacintho?

Contei Tormes, a serra, o seu primeiro amor pela Natureza, o seu outro grande amor por minha prima, e os dous filhos, que elle trazia escarranchados no pescoço.

--Ah que canalha! exclamou Marizac com os olhos espetados em mim! é capaz de ser feliz!

--Espantosamente, loucamente... Qual! não ha adverbios...

--Indecentemente--murmurou Marizac muito serio. Que canalha!

Eu então desejei saber do nosso rancho familiar do 202. Elle encolheu os hombros,

accendendo a cigarette:

--Todo esse mundo circula...

--Madame d'Oriol?

--Contin□a.

--Os Tr□es? o Ephraim?

--Continuam, todos tres.

Lan□u um gesto languido.

--Durante cinco annos, em Paris, tudo contin□a... As mulheres com um pouco mais de p□ d'arroz, e a pelle um pouco mais molle, e melada. Os homens com um tanto mais de dispepsia. E tudo segue. Tivemos os Anarchistas. A princeza de Carman abalou com um acrobata do Circo de Inverno... E--e voil□

--Dornan?

--Contin□a... N□ o encontrei mais desde o 202. Mas vejo □ vezes o nome d'elle, no _Boulevard_, com versos preciosos, obscenidades muito apuradas, muito subtis.

--E o Psychologo?... Ora, como se chamava elle?...

--Contin□a tambem. Sempre com as feminices a tres francos e cincoenta... Duquezas em camisa, almas n□as... Cousas que se vendem bem!

Mas quando eu, encantado, ia indagar de Todelle, do Gr□-Duque, o comboio entrou na esta□o de Biarritz:--e rapidamente, apanhando o paletot e os jornaes, depois de me apertar a m□, o delicioso Marizac

saltou pela portinhola, que o seu creado abrira, gritando:

--At□Paris!... Sempre rue Cambori.

Ent□, no compartimento solitario, bocejei, com uma estranha sensa□o de monotonia, de saciedade, como cercado j□de gentes muito vistas, murmurando historias muito sabidas, e cousas muito ditas, atravez de sorrisos estafados. Dos dous lados do comboio era a longa planicie monotona, sem variedade, muito miudamente cultivada, muito miudamente retalhada, d'um verde de rezeda, verde cinzento e apagado, onde nenhum lampejo, nem tom alegre de fl□, nem acidente do solo, desmanchavam a mediocridade discreta e ordeira. Pallidos choupos, em renques pautados e finos, bordavam canaesinhos muito direitos e claros. Os casaes, todos da mesma c□ pardacenta, mal se elevavam

do solo, mal se destacavam da verdura desbotada, como encolhidos na sua mediocridade e cautella. E o ceu, por cima, liso, sem uma nuvem, com um sol desc□ado, parecia um vasto espelho muito lavado a grande agoa, at□que de todo se lhe safasse o esmalte e o brilho. Adormeci n'uma doce insipidez.

Com que linda manh□de Maio entrei em Paris! T□ fresca e fina, e j□macia, que, apesar de cansado, mergulhei com repugnancia no profundo, sombrio leito do Grand-Hotel, todo fechado de espessos velludos, grossos cord□s, pesadas borlas, como um palanque de gala. N'essa profunda cova de pennas sonhei que em Tormes se construira uma torre Eiffel e que em volta d'ella as senhoras da Serra, as mais respeitaveis, a propria tia Albergaria, dan□vam, n□as, agitando no ar saca-rolhas immensos. Com as commo□es d'este

pesadello, e depois o banho, e o desemmalar da mala, j□se acercavam as duas horas quando emfim emergi do grande port□, pisei, ao cabo de cinco annos, o Boulevard. E immediatamente me pareceu que todos esses cinco annos eu ali permanecera □porta do Grand-Hotel, t□ estafadamente conhecido me era aquelle estridente rolar da cidade, e as magras arvores, e as grossas taboletas, e os immensos chapeus emplumados sobre tran□s pintadas d'amarello, e as empertigadas sobrecasacas com grossas rosetas da legi□ d'honra, e os garotos, em voz rouca e baixa, offerecendo baralhos de cartas obscenas, caixas de phosphoros obscenas... Santo Deus! pensei, ha que annos eu estou em Paris! Comprei ent□, n'um kiosque, um jornal, a Voz de Paris, para que elle me contasse, durante o almo□, as novas da Cidade. A mesa do kiosque desapparecia, alastrada de

jornaes illustrados:--e em todos se repetia a mesma mulher, sempre n□a, ou meia despida, ora mostrando as costellas magras, de gata faminta, ora voltando para o Leitor duas tremendas nadegas... Eu outra vez murmurei:--Santo Deus! No caf□da Paz, o creado livido, e com um resto de p□de arroz sobre a sua lividez, aconselhou ao meu appetite, por ser t□ tarde, um lingoado frito e uma costelleta.

--E que vinho, snr. Conde?

--Chablis, snr. Duque!

Elle sorrio □minha deliciosa pilheria,--e eu abri, contente, a Voz de Paris. Na primeira columna, atravez d'uma prosa muito retorcida, toda em brilhos de joia barata, entrevi uma Princesa n□a, e um Capit□ de Drag□s, que solu□va. Saltei a outras columnas, onde se contavam feitos de

cocottes de nomes sonoros. Na outra pagina escriptores eloquentes celebravam vinhos digestivos e tonicos. Depois eram os crimes do costume.--N□ ha nada de novo! Puz de parte a Voz de Paris,--e ent□ foi, entre mim e o lingoado, uma lucta pavorosa. O miseravel, que se frigira rancorosamente contra mim, n□ consentia que eu descollasse da sua espinha uma febra escassa. Todo elle se ressequira n'uma sola impenetravel e tostada, onde a faca vergava, impotente e tremula. Gritei pelo m□o livido, o qual, com faca mais rija, fincando no soalho os sapatos de fivella, arrancou emfim □uelle malvado duas tirinhas, finas e curtas como palitos, que engoli juntas, e me esfomearam. D'uma garfada findei a costelleta. E paguei quinze francos com um bom luiz d'ouro. No tr□o, que o mo□ me deu, com a polidez requintada d'uma civilisa□o muito diffundida, havia dous francos falsos. E por

aquella d□e tarde de Maio sahi para tomar no terra□ um caf□c□ de chap□ c□o, que sabia a fava.

Com o charuto acceso contemplei o Boulevard, □uella hora em toda a pressa e estridor da sua grossa sociabilidade. A densa torrente dos omnibus, calhambeques, carro□s, parelhas de luxo, rolava vivamente, como toda uma escura humanidade formigando entre patas e rodas, n'uma pressa inquieta. Aquelle movimento continuado e rude bem depressa entonteceu este espirito, por cinco annos affeito □quieta□o das serras immutaveis. Tentava ent□, puerilmente, repousar n'alguma forma immovel, omnibus parado, fiacre que estac□a, n'um brusco escorregar da pileca: mas logo algum dorso apressado se encafuava pela portinhola da tipoia, ou um cacho de figuras escuras trepava sofregamente para

o omnibus:--e, rapido, recome□va o rolar retumbante. Immoveis, de certo, estavam os altos predios hirtos, ribas de pedra e cal, que continham, disciplinavam, aquella torrente offegante. Mas da rua aos telhados, em cada varanda, por toda a fachada, eram taboletas encimando taboletas, que outras taboletas apertavam:--e mais me can□va o perceber a tenaz incessancia do trabalho latente, a devorante canceira do lucro, arquejante por traz das frontarias decorosas e mudas. Ent□, emquanto fumava o meu charuto, extranhamente se apossaram de mim os sentimentos que Jacintho outr'ora experiment□a no meio da Natureza, e que tanto me divertiam. Ali, □porta do caf□ entre a indifferen□ e a pressa da Cidade, tambem eu senti, como elle no campo, a vaga tristeza da minha fragilidade e da minha solid□. Bem certamente estava ali como perdido n'um mundo, que me n□ era

fraternal. Quem me conhecia? Quem se interessaria por Z□Fernandes? Se eu sentisse fome, e o confessasse, ninguem me daria metade do seu p□. Por mais afflictamente que a minha face revelasse uma angustia, ninguem na sua pressa pararia para me consolar. De que me serviriam tambem as excellencias d'alma, que s□na alma florescem? Se eu fosse um santo, aquella turba n□ se importaria com a minha santidade; e se eu abrisse os bra□s e gritasse, ali no Boulevard--□□homens, meus irm□s!□ os homens, mais ferozes que o l□o ante o Pobresinho d'Assis, ririam e passariam indifferentes. Dous impulsos unicos, correspondendo a duas func□es unicas, parecia estarem vivos n'aquella multid□,--o lucro e o g□o. Isolada entre elles, e ao contagio ambiente da sua influencia, em breve a minha alma se contrahiria, se tornaria n'um duro calhau de Egoismo. Do ser que eu trouxera da

Serra s□restaria em pouco tempo esse calhau, e n'elle, vivos, os dous appetites da Cidade,--encher a bolsa, saciar a carne! E pouco a pouco as mesmas exagera□es de Jacintho perante a Natureza me invadiam perante a Cidade. Aquelle Boulevard re□mava para mim um bafo mortal, extrahido dos seus milh□s de microbios. De cada porta me parecia sahir um ardil para me roubar. Em cada face, avistada □portinhola d'um fiacre, suspeitava um bandido em manobra. Todas as mulheres me pareciam caiadas como sepulchros, tendo s□podrid□ por dentro. E considerava d'uma melancolia funambulesca as f□mas de toda aquella Multid□, a sua pressa aspera e v□ a affecta□o das attitudes, as immensas plumas das chapeletas, as express□s posti□s e falsas, a pompa dos peitos alteados, o dorso redondo dos velhos olhando as imagens obscenas das vitrines.

Ah! tudo isto era pueril, quasi comico da minha parte, mas □o que eu sentia no Boulevard, pensando na necessidade de remergulhar na Serra, para que ao seu puro ar se me despegasse a crosta da Cidade, e eu resurgisse humano, e Z□Fernandico!

Ent□, para dissipar aquelle pesadume de solid□, paguei o caf□e parti, lentamente, a visitar o 202. Ao passar na Magdalena, deante da esta□o dos omnibus, pensei:--Que ser□feito de Madame Colombe? E, oh miseria! pelo meu miseravel ser subiu uma curta e quente baforada de desejo bruto por aquella besta suja e magra! Era o charco onde eu me envenenara, e que me envolvia nas emana□es subtis do seu veneno. Depois, ao dobrar da rue Royale para a Pra□ da Concordia, topei com um robusto e possante homem, que estacou, ergueu o

bra□, ergueu o vozeir□, n'um modo de commando:

--Eh, Fernandes!

O Gr□-Duque! O bello Gr□-Duque, de jaquet□ alvadio e chapeu tyrolez c□ de mel! Apertei com gratid□ reverente a m□ do Principe, que me reconhecera.

--E Jacintho? Em Paris?...

Contei Tormes, a serra, o rejuvenescimento do nosso amigo entre a Natureza, a minha d□e prima, e os bravos pequenos, que elle trazia □ cavalleiras. O Gr□-Duque encolheu os hombros, desolado:

--Oh l□ l□ l□... Peuh! Casado, na aldeia, com filharada... Homem perdido! Ora n□ ha!... E um rapaz util! que nos divertia, e

tinha gosto! Aquelle jantar c□ de rosa foi uma festa linda... N□ se fez, n□ se tornou a fazer nada t□ brilhante em Paris... E Madame d'Oriol... Ainda ha dias a vi no Palacio de Gelo... Potavel, mulher ainda muito potavel... N□ □todavia o meu genero... Adocicada, leitosa, pommadada, neve □la vanille!... Ora esse Jacintho!...

--E Vossa Alteza, em Paris com demora?

O formidavel homem baixou a face, franzida e confidencial:

--Nenhuma. Paris n□ se aguenta... Est□estragado, positivamente estragado... Nem se come! Agora □o Ernest, da Pra□ Gaillon, o Ernest, que era maitre-d'hotel do Maire... J□l□comeu? Um horror. Tudo □o Ernest, agora! Onde se come? No Ernest. Qual! Ainda esta manh□l□almocei... Um horror! Uma salada Chambord... palhada,

indecentemente palhada! N□ tem, n□ tem a no□o da salada! Paris foi! Theatros, uma estopada. Mulheres, hui! Lambidas todas. N□ ha nada! Ainda assim, n'um dos theatritos de Montmartre, na Roulotte, est□uma revista, que se v□ _Para c□as mulheres_!--engra□da, bem despida... A Celestine tem uma cantiga, meia sentimental, meia porca, o _Amor no Water-Closet_, que diverte, tem topete... Onde est□ Fernandes?

--No Grand-Hotel, meu senhor.

--Que barraca!... E o seu Rei sempre bom?

Curvei a cabe□:

--Sua Magestade, bem.

--Estimo! Pois, Fernandes, tive prazer... Esse Jacintho □que me desola! V□v□ a

Revista... Boas pernas, a Celestine... E tem gra□o tal _Amor no Water-Closet_.

Um rijissimo aperto de m□,--e S. Alteza subiu pesadamente para a victoria, ainda com um aceno amavel, que me penhorou... Excellente homem, este Gr□-Duque! Mais reconciliado com Paris, atravessei para os Campos-Elyseos. Em toda a sua nobre e formosa larguesa, toda verde, com os castanheiros em fl□, corriam, subindo, descendo, velocipedes. Parei a contemplar aquella fealdade nova, estes innumeraveis espinha□s arqueados, e gambias magras, agitando-se desesperadamente sobre duas rodas. Velhos gordos, de cacha□ escarlate, pedalavam, gordamente. Galfarros esguios, de tibias descarnadas, fugiam n'uma linha esfusiada. E as mulheres, muito pintadas, de bolero curto, cal□es bufantes, giravam, mais rapidamente

ainda, no prazer equivoco da carreira, escarranchadas em hastes de ferro. E a cada instante outras medonhas machinas passavam, victorias e phaetons a vapor, com uma complica□o de tubos e caldeiras, torneiras e chamin□, rolando n'uma trepida□o estridente e pesada, espalhando um grosso fedor de petroleo. Segui para o 202, pensando no que diria um grego do tempo de Phidias, se visse esta nova belleza e gra□ do caminhar humano!...

No 202, o porteiro, o velho Vian, quando me reconheceu, mostrou uma alegria enternecedora. N□ se fartou de saber do casamento de Jacintho, e d'aquelles queridos meninos. E era para elle uma felicidade que eu apparecesse, justamente quando tudo se and□a limpando para a entrada da primavera. Quando penetrei na amada casa senti mais vivamente a minha solid□. N□ restava em toda ella nem um

dos costumados aspectos que fizessem reviver a velha camaradagem com o meu Principe. Logo na ante-camara grandes lonas cobriam as tapessarias heroicas, e egual lona parda escondia os estofos das cadeiras e dos muros, e as largas estantes d'ebano da Bibliotheca, onde os trinta mil volumes, nobremente enfileirados como Doutores n'um Concilio, pareciam separados do mundo por aquelle panno que sobre elles descera depois de finda a comedia da sua for□ e da sua auctoridade. No gabinete de Jacintho, de sobre a mesa d'escripta, desapparecera aquella confus□ de instrumentosinhos, de que eu perdera j□a mem□ia: e s□a Mechanica sumptuosa, por sobre peanhas e pedestaes, recentemente espanejada, reluzia, com as suas engrenagens, tubos, rodas, rigidezes de metaes, n'uma frieza inerte, na inactividade definitiva das cousas desusadas, como j□dispostas n'um Museu,

para exemplificar a instrumenta□o caduca d'um mundo passado. Tentei mover o telephone, que se n□ moveu; a mola da electricidade n□ accendeu nenhum lume: todas as for□s universaes tinham abandonado o servi□ do 202, como servos despedidos. E ent□, passeando atravez das salas, realmente me pareceu que percorria um museu d'antiguidades; e que mais tarde outros homens, com uma comprehens□ mais pura e exacta da Vida e da Felicidade, percorreriam como eu, longas salas, atulhadas com os instrumentos da Super-Civilisa□o, e, como eu, encolheriam desdenhosamente os hombros ante a grande Illus□ que find□a, agora para sempre inutil, arrumada como um lixo historico, guardada debaixo de lona.

Quando sahi do 202 tomei um fiacre, subi ao Bosque de Bolonha. E apenas rol□a

momentos pela avenida das Acacias, no silencio decoroso, unicamente cortado pelo tilintar dos freios e pelas rodas vagarosas esmagando a areia, comecei a reconhecer as velhas figuras, sempre com o mesmo sorriso, o mesmo p□d'arroz; as mesmas palpebras amortecidas, os mesmos olhos farejantes, a mesma immobilidade de c□a! O romancista da _Coura□_ passou n'uma victoria, fixou em mim o monoculo defumado, mas permaneceu indifferente. Os band□ negros de Madame Verghane, tapando-lhe as orelhas, pareciam ainda mais furiosamente negros entre a harmonia de todo o branco que a vestia, chap□, plumas, fl□es, rendas e corpete, onde o seu peito immenso se empolava como uma onda. No passeio, sob as Acacias, espapado em duas cadeiras, o director do _Boulevard_ mamava o resto do seu charuto. E n'um grande landeau,

Madame de Tr□es continuava o seu sorriso de ha cinco annos, com duas pregasinhas mais molles aos cantos dos labios seccos.

Abalei para o Grand-Hotel, bocejando,--como outr'ora Jacintho. E findei o meu dia de Paris, no Theatro das Variedades, estonteado com uma comedia muito fina, muito acclamada, toda faiscante do mais vivo parisianismo, em que todo o enredo se enrodilhava □volta d'uma Cama, onde alternadamente se espojavam mulheres em camisa, sujeitos gordos em ceroulas, um coronel com papas de linha□ nas nadegas, cosinheiras de meias de s□a bordadas, e ainda mais gente, ruidosa e saltitante, a esfusiar de cio e de pilheria. Tomei um ch□melancolico no Julien, no meio de um aspero e lugubre namoro de prostitutas, fariscando a preza. Em duas d'ellas, de pelle oleosa e cobreada, olhos obliquos, cabellos duros e negros como

clinas, senti o Oriente, a sua provoca□o felina... Interroguei o creado, um medonho ser, d'uma obesidade balofa e livida, d'eunuco. O monstro explicou n'uma voz roufenha e surda:

--Mulheres de Madagascar... Foram importadas quando a Fran□ occupou a ilha!

Arrastei ent□ por Paris dias d'immenso tedio. Ao longo do Boulevard revi nas vitrines todo o luxo, que j□me enfart□a havia cinco annos, sem uma gra□ nova, uma curta frescura de inven□o. Nas livrarias, sem descobrir um livro, folheava centenas de volumes amarellos, onde, de cada pagina que ao acaso abria, se exhalava om cheiro m□no d'alcova e de p□ d'arroz, entre linhas trabalhadas com effeminado arrebique, como rendas de camisas. Ao jantar, em qualquer restaurante, encontrava, ornando e

disfar□ndo as carnes ou as aves, o mesmo m□ho, de c□es e sabores de pomada, que j□de manh□ n'outro restaurante, espelhado e dourejado, me enjo□a no peixe e nos legumes. Paguei por grossos pre□s garrafas do nosso adstringente e rustico vinho de Torres, ennobrecido com o titulo de Ch□eau isto, Ch□eau aquillo, e p□posti□ no gargalo. □noite, nos theatros, encontrava a Cama, a costumada cama, como centro e unico fim da vida, attrahindo, mais fortemente que o monturo attrahe os moscardos, todo um enxame de gentes, estonteadas, frementes d'erotismo, zumbindo chacotas senis. Esta sordidez da Planicie me levou a procurar melhor aragem d'espirito nas alturas da Collina, em Montmartre; e ahi, no meio d'uma multid□ elegante de Senhoras, de Duquezas, de Generaes, de todo o alto pessoal da Cidade, eu recebia, do alto do palco, grossos jorros de obscenidades,

que faziam estremecer de goso as orelhas cabelludas de gordos banqueiros, e arfar com delicia os corpetes de Worms e de Doucet, sobre os peitos postiços das nobres damas. E recolhia enjoado com tanto relento d'Alcova, vagamente dispeptico com os mãchos de pomada do jantar, e sobre tudo descontente comigo, por me não divertir, não comprehender a Cidade, e errar atravez d'ella e da sua Civilisação Superior, com a reserva ridicula d'um Censor, d'um Catão austero. Oh senhores!--pensava,--pois eu não me divertirei nesta deliciosa Cidade? Entrar comigo o bolor da velhice?

Passei as pontes, que separam em Paris o Temporal do Espiritual, mergulhei no meu doce Bairro Latino, evoquei, deante de certos café, a memoria da minha Nini; e, como outr'ora, pregui samente, subi as escadas da Sorbonne. N'um amphitheatro,

onde sentira um grosso susurro, um homem magro, com uma testa muito branca e larga, como talhada para alojar pensamentos altos e puros, ensinava, falando das instituições da Cidade Antiga. Mas, mal eu entrava, o seu dizer elegante e limpido foi suffocado por gritos, urros, patadas, um tumulto rancoroso de tropa bestial, que sahia da mocidade apinhada nos bancos, a mocidade das Escolas, Primavera sagrada, em que eu fui a flor murcha. O Professor parou, espalhando em redor um olhar frio, e remexendo as suas notas. Quando o grosso grunhido se moderou em susurro desconfiado, elle recomeçou com alta serenidade. Todas as suas ideias eram frias e substanciaes, expressas n'uma lingoa pura e forte; mas, immediatamente, rompe uma furiosa rajada de apitos, uivos, relinchos, cacarejos de gallo, por entre magras mãos, que se estendiam levantadas para

estrangular as ideias. Ao meu lado um velho, encolhido na alta gola d'um macfrelane de xadrezes, contemplava o tumulto com melancolia, pingando endefluxado. Perguntei ao velho:

--Que querem elles? embirra o com o professor... politica?

O velho abanou a cabe , espirrando:

--N ... sempre assim, agora, em todos os cursos... N querem ideias... Creio que queriam can netas. o amor da porcaria e da tro .

Ent , indignado, berrei:

--Silencio, brutos!

E eis que um abortosinho de rapaz, amarellado e sebento, de longas melenas,

umas enormes lunetas rebrilhantes, se arrebita, me fita, e me berra:

--_Sale Maure_!

Ergui o meu grosso punho serrano,--e o desgra□do, n'uma confus□ de melenas, com sangue por toda a face, alluio, como um mont□ de trapos molles, ganindo desesperadamente, em quanto o furac□ de uivos e cacarejos, guinchos e silvos, envolvia o Professor, que cruz□a os bra□s, esperando, com uma serenidade simples.

Desde esse momento decidi abandonar a fastidiosa Cidade; e o unico dia alegre e divertido que n'ella passei foi o derradeiro, comprando para os meus queridinhos de Tormes brinquedos consideraveis, tremendamente complicados pela Civilisa□o,--vapores de a□ e cobre, providos de caldeiras para

viajar em tanques; le□s de pelle veridica rugindo pavorosamente, bonecas vestidas pela Laferri□e, com phonographo no ventre...

Finalmente abalei uma tarde, depois de lan□r da minha janella, sobre o Boulevard, as minhas despedidas □Cidade:

--Pois adeusinho, at□nunca mais! Na lama do teu vicio e na poeira da tua vaidade, outra vez, n□ me pilhas! O que tens de bom, que □o teu genio, elegante e claro, l□o receberei na Serra pelo correio. Adeusinho!

Na tarde do seguinte Domingo, debru□do da janella do comboio, que vagarosamente deslisava pela borda do rio lento, n'um silencio todo feito d'azul e sol, avistei, na plata-forma da quieta esta□o da minha aldeia, os Senhores de

Tormes, com a minha afilhada Thereza, muito vermelha, arregalando os seus soberbos olhos, e o bravo Jacinthinho, que empunhava uma bandeira branca. O alvoro□ ditoso com que abracei e beijei aquella tribu bem amada conviria perfeitamente a quem voltasse vivo d'uma guerra distante, na Tartaria. Na alegria de recuperar a Serra, at□beijoquei o chefe Pimentinha, que a estalar d'obesidade se a□dava gritando ao carregador todo o cuidado com as minhas malas.

Jacintho, magnifico, de grande chap□ serrano e jaqueta, de novo me abra□u:

--E esse Paris?

--Medonho!

Abri depois os bra□s para o bravo Jacintinho.

--Ent□ para que □essa bandeira, meu cavalleiro?

--□a bandeira do Castello! declarou elle, com uma bella seriedade nos seus grandes olhos.

A m□ ria. Desde essa manh□ logo que soubera da chegada do Ti-Z□ appareceu de bandeira, feita pelo Grillo, e n□ a larg□a mais; com ella almo□ra, com ella descera de Tormes!

--Bravo! E, prima Joanninha, olhe que est□magnifica! Eu, tambem, venho d'aquellas pelles meladas de Paris... Mas acho-a triumphal! E o tio Adri□, e a tia Vicencia?

--Tudo optimo! gritou Jacintho. A serra, Deos louvado, prospera. E agora, para

cima! Tu hoje ficas em Tormes. Para contar da Civilisação.

No largo por traz da estação, debaixo dos eucalyptos, que revi com gosto, esperavam os tres cavallos, e dous bellos burros brancos, um com cadeirinha para a Thereza, outro com um cesto de verga, para metter dentro o heroico Jacinthinho, um e outro servidos á estribeira por um creado. Eu ajudava a prima Joanninha a montar, quando o carregador appareceu com um masso de jornaes e papeis, que eu esquecera na carruagem. Era uma papelada, de que me surtira na Estação d'Orleans, toda recheada de mulheres nuas, de historietas sujas, de parisianismo, d'erotismo. Jacintho, que as reconhecera, gritou rindo:

--Deita isso fóra!

E eu atirei, para um mont□ de lixo, ao canto do Pateo, aquelle putrido rebotalho da Civilisa□o. E montei. Mas ao dobrar para o caminho empinado da serra, ainda me voltei, para gritar adeus ao Pimenta, de quem me esquecera. O digno chefe, debru□do sobre o monturo, apanhava, sacudia, recolhia com amor aquellas bellas estampas, que chegavam de Paris, contavam as delicias de Paris, derramavam atravez do mundo a seduc□o de Paris.

Em fila come□mos a subir para a Serra. A tarde ado□va o seu esplendor d'estio. Uma aragem trazia, como offertados, perfumes das fl□es silvestres. As ramagens moviam, com um aceno de doce acolhimento, as suas folhas vivas e relusentes. Toda a passarinhada cantava, n'um alvoro□ de alegria e de louvor. As agoas correntes, saltantes, lusidias, despediam um brilho

mais vivo, n'uma pressa mais animada. Vidra□s distantes de casas amaveis, flammejavam com um fulgor d'ouro. A serra toda se offertava, na sua belleza eterna e verdadeira. E, sempre adiante da nossa fila, por entre a verdura, fluctuava no ar a bandeira branca, que o Jacinthinho n□ largava, de dentro do seu cesto, com a haste bem segura na m□. Era _a bandeira do Castello_, affirm□a elle.

E na verdade me parecia que, por aquelles caminhos, atravez da natureza campestre e mansa,--o meu Principe, atrigueirado nas soalheiras e nos ventos da serra, a minha prima Joanninha, t□ doce e risonha m□, os dois primeiros representantes da sua aben□ada tribu, e eu--, t□ longe de amarguradas illus□s e de falsas delicias, trilhando um solo eterno, e de eterna solidez, com a alma contente, e Deus contente de n□, serenamente e

seguramente subiamos--para o Castello da Gran-Ventura!

Fim

ADVERTENCIA

Desde a pagina 241, at□o final, as provas d'este livro n□ foram revistas pelo auctor, arrebatado pela morte antes de haver dado a esta parte da sua escripta aquella ultima dem□, em que habitualmente elle punha a diligencia mais perseverante e mais admiravelmente lucida.

Aquelle dos seus amigos e companheiro de letras, a quem foi confiado o trabalho delicado e piedoso de tocar no manuscripto posthumo de E□ de Queiroz, ao concluir o desempenho de tal miss□, beija com o mais enternecido e saudoso respeito a m□, para todo sempre immobilisada, que tra□u estas paginas encantadoras; e faz votos por que a revis□ de que se incumbiu n□ deslustre muito grosseiramente a immortal aureola com

que ficar resplandecendo na litteratura portugueza este livro, em que o espirito do grande escriptor parece exhalar-se da vida n'um terno suspiro de dor, de paz, e de puro amor á terra da sua patria.

24 de abril de 1901.

LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irm□

96--CLERIGOS--98

Bazillio Telles

O problema agricola $600 Estudos historicos e economicos $600

_No pr□o_:

Introduc□o ao problema do trabalho nacional.

Abel Botelho

O bar□ de Lavos $800 O livro d'Alda $800 Sem remedio... $500

_No pr□o_:

Amanh□

Jos□Caldas

Humildes $400 Os Jesuitas; a sua influencia na actual sociedade portugueza; meio de a conjurar _no pr□o_

Sylvio Romero

Martins Penna $400

Rebello da Silva

Mocidade de D. Jo□V. 1$500

Andrade Corvo

Um anno na c□te 1$500

Antonio C. Louzada

Rua escura $500 Na consciencia $500

Dumas

Jorge ou o capit□ dos piratas $500 Tres mosqueteiros, 2 volumes 1$000

Lermina

Filho do Monte Christo, 2 volumes 1$000

Eugenio Sue

Mysterios de Paris, 3 volumes cart. 2$000

Zola

Nan□ $500 Historia da lavadeira Gervasia, 2 vols 1$000 O Capit□ Burle $500 Ventre de Paris, 2 vols 1$000

Arnaldo Gama

Caldeira de Pero Botelho $500 Honra ou loucura $500 Filho do Baldaia $600

Bruno

O Brazil mental $800 Notas do exilio

$500

* * * * *

Historia da Prostitui□o 1$800

Camillo Castello Branco

Maria da Fonte $500 Livro de consola□o $500 D. Luiz de Portugal $300 Brazileira de Prazins $500 Eusebio Macario $500 Volcoens da lama $500 Carta de guia de casados $300

Grainha

Jesuitas $600

Tolstoi

A Sonata de Kreutzer $400

End of the Project Gutenberg EBook of A Cidade e as Serras, by E□ Queir□

www.mybebook.com

Imagination.makes.creation